

SAÚDE MENTAL

nas etapas da vida



EDITORA

MOVIMENTO

LUIZ CIULLA

INTRODUÇÃO

No século da sociedade tecnológica, quando angústias, depressões e reações anti-sociais tomam um vulto alarmante, manifestou-se entre humanistas a preocupação de investigar as causas dos conflitos psíquicos e a intenção de combatê-los.

O sopro libertário que perpassa pelos povos, conseqüência das facilidades de comunicação, da elevação do nível cultural e do anseio, sentido como direito, de uma vida melhor, deslocou o centro do interesse universal para o homem. Brotaram humanismos calcados na valorização da pessoa humana, em todas as potencialidades e capacidades. A dignificação dos homens fez com que se olhassem, paradoxalmente, ora de modo mais benévolo, ora de modo mais malévolos, porém gerou um indiscutível movimento de solidariedade humana. Não me refiro à esfera da política internacional que continua em estágio paranóide, ofensivo.

Entidades oficiais e privadas têm cogitado do bem-estar geral, através de programas e atividades de luta contra a fome, a doença e a ignorância. Médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, enfermeiras, religiosos e líderes naturais da comunidade e, mais recentemente, ecologistas fazem esforços para proteger o homem da desorganização econômico-social reinante. Sucede que as freqüentes conquistas nos campos da ciência e da técnica exigem novos e rápidos ajustamentos. Hoje, mais do que nunca, a preparação para a vida deve ser iniciada muito cedo, no berço. Consistirá num conhecimento mais profundo dos mecanismos e dinamismos psicológicos do ser humano, num critério de aprendizagem semelhante ao que se vem adotando com relação ao corpo.

E o que temos feito em dois mil anos de civilização cristã? Instrução intelectual, moral, cívica e religiosa, ora formal, ora informal. Não se pensou na educação emocional, indispensável ao equilíbrio da personalidade. Quando Jean Jacques Rousseau teve a coragem de desafiar o racionalismo de seu tempo e conferir especial importância ao sentimento, foi ridicularizado. Mas os educadores ficaram tocados e, abandonando velhos moldes de ensino que atendiam apenas convenções sociais estranhas, de adestramento, assumiram atitude de respeito aos delicados sentimentos da criança.

Uma pessoa inteligente, culta, trabalhadora, responsável, sociável e prestigiada será considerada madura e privilegiada, porém não recebeu instrução afetiva formal e sua felicidade dependerá, no entanto, da harmonia interior que advém de equilíbrio emocional. E este é adquirido no meio familiar. Sofrerá influência da sociedade que o impregna de cultura de massa, despejada aos borbotões, através das diversas vias de comunicação, e irá integrar novos conhecimentos e necessidades arditamente sugeridos. Há quem condene a atual massificação, dizendo que os Órgãos de informação não dispõem de uma cúpula diretiva de

especialistas, mas é inegável que distribuem uma avalanche de esclarecimentos úteis, quando assumem função educativa.

Margaret Mead, destacada autoridade em antropologia, fala na *knowledgeable Youth* (juventude sabida) do momento. Creio que esse conceito possa ser estendido a todas as idades. A população assimila noções sobre os mais diversos ramos da atividade humana, em plano superficial, enciclopédico, mas profusamente, atingindo todas as faixas etárias. O conhecimento profundo é apanágio de elites estudiosas.

No estudo de ciências naturais e sociais nas escolas primárias, o ensino alcança o corpo humano e a saúde física, deixando à margem o psiquismo, dando à criança uma visão incompleta e material do homem. É uma falha imperdoável no ensino, pois bastante cedo o menor penetra e pode distorcer os sentimentos dos familiares e estranhos.

O livro que apresento, tratando de esclarecimentos sobre saúde mental, é vazado no espírito compreensivo da psiquiatria dinâmica, não se sujeitando, todavia, à orientação de escolas restritivas. Far-se-á a tentativa de fornecer dados cientificamente aceitos, vindos de fontes que encontrem aplicação útil no amplo e complexo terreno da medicina mental.

O roteiro da exposição inicia com capítulo sobre o aspecto evolucionário do homem, considerando suas dotações genéticas e o crescimento de um lado, e a influência ambiental e o desenvolvimento de outro lado, para que se compreenda a natureza dos dois processos. Seria falsa uma atitude radical, de herança ou ambiência exclusiva, pois constituição e cultura se completam, numa constante interação. O ser humano nasce com dotações fisiológicas e psicológicas, cujas potencialidades se desenvolverão nas variações do mundo exterior como outras tantas capacidades.

Entendo que o homem surge de uma semente específica que obedece fatalmente às leis naturais, mas que irá sofrer a ação modeladora do clima em que for cultivado. Terá semelhanças e dessemelhanças individuais que se diferenciarão num aspecto peculiar, o sexo. Daí a abordagem de masculinidade e feminilidade, no capítulo que antecede o estudo das diferentes etapas da vida. Essas constituem o motivo principal do texto por estudarem crescimento e desenvolvimento, lado a lado, proporcionando ao leitor facilidade na compreensão das recomendações feitas na orientação para a saúde mental. Cada etapa evolutiva tem características próprias, porém passa gradativamente, sem saltos, para a seguinte, conservando traços da anterior, o que levará a repetições para destacar uma e outra particularidade do momento. Serão considerados, nos capítulos mais instrutivos, a gestante, o bebê progredindo até os dois anos, a fase da fundamentação da personalidade, o escolar, o adolescente, o adulto com suas maturidades, e, finalmente, o velho, que já traduz o final do processo, pois dá início à involução.

Destaque especial é dado à instituição familiar, base da organização social que, refletindo a violenta transição da nova era em que entramos, está seriamente abalada, a ponto de um psiquiatra destrambelhado temer pela sobrevivência de uma estrutura de fortes raízes biológicas. Os capítulos sobre neuroses, psicoses e distúrbios psíquicos por alterações orgânicas pretendem delimitar conceitos, trazer alguma luz para a obscuridade das doenças mentais e, sobretudo, tranquilizar

angustiados e deprimidos que, atravessando uma fase conflituosa e passageira da existência, temem chegar à loucura. As diferentes modalidades de tratamento apresentadas atendem aos inumeráveis aspectos dos desvios emocionais e mentais da pessoa humana que conserva estrita individualidade, até na condição de gêmeo idêntico. No estudo das relações do Governo e da Comunidade com a saúde mental, a intenção é despertar interesse e consciência do compromisso, de cada um, em cooperar para o bem-estar individual, familiar e comunitário.

Finalizando, as considerações sobre os humanismos não têm a pretensão de fazer incursões no plano filosófico, mas adiantar a posição médica com relação a eles, pois o homem deve ser aceito como uma totalidade e não como um mosaico de equipamentos e funções apenas articulados. Corpo e alma não são compartimentos, mas uma configuração, à qual damos o nome de personalidade. E, nesta, os diversos aspectos integram uma unidade indivisível, animada originalmente por uma só força, a misteriosa energia vital.

CAPÍTULO I

SINGULARIDADE DO HOMEM

Pensadores de todas as idades cogitaram penetrar nos aspectos fundamentais da natureza do ser e do mundo. Mistérios envolvem o cosmos. Divindades e seres humanos constituem motivo perene de atração e especulação. Muitas concepções têm sido aventadas, mas apenas algumas resistiram à ação depuradora do tempo, seja por encontrarem eco no pensamento, e seja por sensibilizarem o sentimento ou porque despertaram a curiosidade humana. Poucas, no entanto, trouxeram reais conhecimentos sobre a verdadeira natureza do homem. Quem é o homem e qual a sua posição no Universo?

Brilhantes e profundas idéias filosóficas impressionam, fazem adeptos e pretendem compreender o fenômeno humano, mas a filosofia tem limitações, pois, alimentando aspirações científicas, não conta com bases concretas, sensorialmente perceptíveis como a ciência. E esta, com sua objetividade e seu progresso, conquista, num crescendo, confiança, admiração e esperança de uma melhor existência. O cientismo tornou-se uma crença geral e a massa popular está impregnada do seu espírito. O fantástico tornou-se realidade e, em diversas circunstâncias, foi totalmente superado. O impossível converteu-se no possível. As esperanças aumentaram, porque o milagre vulgarizou, a ponto de se acreditar

poder contar com ele. Nosso sentidos e membros têm extensões ilimitadas, quando se valem dos engenhos criados pelo homem.

Alega-se que o materialismo científico arrasou a espiritualidade: os templos das religiões tradicionais esvaziam, porém outras crenças vicejam com cultos afro-índio-cristãos, espíritas, hinduístas, budistas e tantas modalidades de magia benigna e mesmo maligna. Se o materialismo busca compensação no espiritualismo, de pronta entrega e fácil consumo, também as preocupações do homem saltaram do plano físico para o psíquico. Conseqüência dos fascinantes avanços da psicologia que ganhou, em profundidade, níveis insondáveis. A doença mental despiu suas vestes demoníacas e mostrou-se tão humana como a doença corporal. E cai mais um preconceito. E um requinte dispor de um psiquiatra para ventilar conflitos interiores.

E mais, surgiu uma ideologia industrial que psicologizou a humanidade. Há um toque psicológico nas utilidades e superfluidades da oferta, e a demanda atende exatamente este requisito. Um exemplo: a tão propagada margarina. sem valor nutritivo, desacreditou a salutar manteiga, uma das poucas fontes de vitamina A da população brasileira.

Cientismo, tecnicismo e psicologismo estão no cerne da cultura de massa e traduzem o espírito do mundo hodierno. Henri Breuil, um arguto francês, impressionado com o progresso industrial. o emprego da eletricidade e a cisão do átomo, disse que acabamos de romper as amarras que nos ligavam ao Neolítico. idade da pedra polida. Entramos numa nova era, na qual as descobertas acontecem de modo miraculoso.

Conquanto o homem não tenha mudado em sua essência, a grande revolução. que provocou no ambiente em que vive, modificou profundamente sua maneira de existir.

Tentarei. neste capítulo, trazer elementos que permitam dar algum conhecimento da natureza humana, em suas feições biológica. psicológica e social, sempre tendo em vista a marcante influência da cultura. Esta atitude será conveniente na compreensão das etapas do desenvolvimento e na orientação que se pode, no momento, proporcionar para atingir um razoável equilíbrio entre os mundos interior e exterior.

Posição do homem, segundo Darwin, Freud e Chardin

Três personagens bastante controvertidos, porém de genialidade incontestável, influíram no entendimento da pessoa humana, em seus diversos aspectos: Charles Darwin. Sigmund Freud e Pierre Teilhard de Chardin.

O evolucionismo de Darwin (1809 - 1882), afora implicações teológicas, trouxe suscetibilidades, porque a dignidade do homem teria sido comprometida com sua possível descendência de macacos. Honestas e demoradas investigações, dentro do critério científico, estabeleceram que a evolução biológica segue uma ordem natural. Os grandes macacos e os homens apareceram contemporaneamente, de feixes diferentes, porém de uma haste comum que remonta à origem da vida. Foi muito deprimente, para o orgulho inglês do século XIX, admitir parentesco com animais peludos e sujos que emitem grunhidos e se comportam de modo inconveniente.

Não tem sido constatada a evolução cósmica e tampouco a social, mas a biológica foi energicamente rechaçada. A rejeição veio de preconceitos. O homem acreditava ser o centro do Universo, o que era uma presunção, embora tivesse bastante com que contentar-se. pois sabia ser o produto mais dotado deste belo planeta.

Basta que se recorra à anatomia comparada para verificar a surpreendente semelhança de estrutura do homem e do macaco. Em compensação o homem tem características que o tornam um ser singular na natureza: linguagem articulada e simbólica, consciência de si mesmo que lhe vem da reflexão. capacidade de realização ilimitada. autonomia que lhe confere amplo horizonte de liberdade, faculdade de fabricar instrumentos, conduta cultural e não instintiva, responsabilidade pelo próprio destino, previsão do futuro, sentimentos elevados que se traduzem por espiritualidade, sobretudo, vontade soberana que o torna capaz de renunciar e até escapar de determinismo fisiológico e psicológicos.

Contra o evolucionismo, pesava uma velha e ingênua aceitação do cracionismo bíblico que foi interpretado literalmente. Cristãos e israelitas, ofendidos, o repeliram como sacrílego.

Sigmund Freud (1856-1939) foi indiscutível quem mais contribuiu para a compreensão do psiquismo humano, cujos estudos, até então, permaneciam na horizontal. Com ele, atingiram profundidades insuspeitadas, constituindo a doutrina psicológica conhecida como Psicanálise. Suas teorias, ora confirmadas, ora atacadas, e algumas mesmo derrubadas, abriram caminho para novas conquistas. Freud, cientista genial, honesto e apaixonado, não se limitou ao estudo do psiquismo do homem. Estendeu suas idéias às ciências humanas e às humanidades, modificando até mesmo aquelas que vieram, mais tarde, enriquecer a psicologia profunda, tais a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia.

Cometeu a ousadia e a afronta de pregar abertamente concepções sexuais, na vigência do austero período vitoriano. Que os angélicos bebês tivessem alguma satisfação sexual era inadmissível indecoroso e repugnante. Freud chegou a dizer que sua doutrina instintivista derrubara a terceira ilusão do homem, a de ser uma criatura superior e racional, com lampejos divinos. A primeira ilusão referia-se à gravitação dos corpos celestes em torno da Terra e a segunda à idéia de que o planeta de nossa moradia fosse o centro do Universo.

A teoria da evolução sexual afastou a multimilenar insinceridade de tudo o que dizia respeito ao sexo e à sexualidade. Essa atitude repressiva pode ser explicada pela feição pecaminosa que a tradição judaico-cristã emprestava à reprodução humana. Malgrado o caráter pessimista de sua doutrina. Freud trouxe enorme contribuição ao conhecimento da natureza do homem, mas apegou-se demasiado aos fundamentos biológicos, menosprezando o papel das pressões culturais. É inegável a função relevante dos impulsos sexuais, agressivos e autoconservadores no processo natural do amadurecimento, porém os evidentes fatores ambientais que agem, modelando o ser humano no processo cultural do desenvolvimento não podem ser menosprezados.

As fases oral, anal, edípica, de latência e genital são realidades na civilização ocidental, mas estão relacionadas com atitude das pessoas significantes do mundo infantil. A divisão do psiquismo em instâncias, Id, Ego e Superego, é válida para a explicação da dinâmica do psiquismo, embora sujeitas a ressalvas no

tocante à parcialidade em se fixar nos instintos que residem no Id. Sabemos que a criança nasce biologicamente desamparada por ter instintos fracos, necessitando ser protegida e instruída, por alguns anos, para sobreviver. Precocemente afastada da cultura, embrutece assume condição subumana.

Comenta-se que a Psicanálise tem como objetivos investigar a personalidade e exercer ação terapêutica com recursos psicológicos. Vai mais longe. Penetrou, motivou-se fez avanços em todas disciplinas relacionadas com o homem. Contribuiu para o afastamento de velhos e tolos preconceitos, para abertura de idéias e atitudes do mundo hodierno e para a aceitação do homem com todas as suas dotações naturais que vinham sendo hipocritamente recalcadas como vergonhosas.

Padre, paleontólogo e filósofo, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) admite que o Universo surgiu de um átomo primordial que se expandiu no espaço sideral em galáxias. Na Terra, como expressão local do desvio expansional cósmico, a matéria inerte, através de suas propriedades fisicoquímicas, tem uma tendência a partir do simples para o complexo. Desta crescente complexidade da substância inorgânica brota a orgânica e desta, a vida. Num corpúsculo vital, há uma psique que, seguindo o estado de tensão contínua de desdobramento sobre si mesma, atinge a estruturação do sistema nervoso. Esta interiorização, seguindo a mesma lei da complexidade, chega a estágios elevados que dão lugar à consciência e esta, continuando o processo, gera a reflexão, característica do homem. A consciência é o efeito específico da complexidade organizada. Sempre que a tensão vital encontra condições favoráveis, desenvolve ao máximo, e é nesse meio cósmico convergente que surge o fenômeno humano.

Combinações ocasionais vão se repetindo bilhões de vezes, através de um processo de tentativas associadas ao mecanismo da reprodução e da hereditariedade. Forma-se um agrupamento de linhagens vivas que correspondem a traços de instinto e de consciência. A vida é uma função universal de ordem cósmica. Vai galgando escalas na Natureza, num aprimoramento de formas e funções até alcançar a linhagem humana e, aí, se opera uma mudança de estado, com a reflexão, que dota o homem de linguagem simbólica. Aliás, as mudanças de estado ocorrem como manifestação física. Tome-se como exemplo a água: é líquida, mas se aquecida transforma-se em vapor e resfriada torna-se sólida.

Teilhard de Chardin concebe uma nova forma de Biologia, caracterizada pela emergência decisiva de fatores internos, espontâneos, acima de fatores externos. ordenados no jogo das probabilidades. Forças antagônicas de aproximação e de afastamento também agem, despertando em cada elemento uma exigência de vida, no sentido da irreversibilidade, o que promove um aparecimento tão decisivo quanto a emergência. A complexidade, diz Chardin, gera a vida, e a vida, a consciência.

O homem é um dos inúmeros raios do leque da vida, e teria surgido superando as formas elementares de comportamento, tropismo, reflexo e instinto, até atingir o psiquismo e o pensamento. A auto-organização ascendente da inteligência culmina, na evolução biológica, com o homem. Mas a hominização não se detém na Biosfera, continua numa convergência coletiva, a socialização, que ocorre, por inflexão dos feixes reflexivos, numa ascensão para a espiritualidade, já no nível da Noosfera. "Primazia da Vida no Universo e primazia da Reflexão na Vida". Numa

tentativa de conciliar Ciência e Cristianismo, leva sua concepção a um foco transcendente, o Ômega, o Absoluto.

Evolução Biológica

Mostrando a semelhança entre organismos vivos e fósseis, Darwin trouxe o passado para o presente. Estudou a estrutura dos animais e encontrou afinidades com o homem, tirando-o do reino ilusório criado pela vaidade. Com a teoria evolucionista, conceituou o homem em termos de modéstia, situando-o no lugar que lhe cabia na Natureza. Em *A Origem das Espécies*, desenvolveu os fundamentos da evolução biológica, através da seleção natural. Foi incompreendido, controvertido e vilipendiado, porque desmantelou a lendária e cândida concepção criacionista, tomada do Gênese, sem a interpretação simbólica que encerra.

Dois bilhões de espécies biológicas, lutando pela vida e pela sobrevivência dos mais aptos. sofreram mudanças evolucionárias, vindas tanto do próprio organismo, como do meio exterior.

Na condição de naturalista, viajou visitando terras do Atlântico e do Arquipélago de Galápagos, estudando animais e plantas vivas e fósseis, em diferentes pontos geográficos. Ficou impressionado com a fixidez das espécies e pensou que a seleção natural fosse a chave da evolução. Apreciador das idéias de Thomas Malthus, que verificara a competição dos organismos por alimentos e espaço, na luta pela existência. começou a cogitar da possibilidade de aplicá-las à seleção. Era um mistério para Darwin. Sabia que condições favoráveis ou desfavoráveis conservavam ou destruíam espécies. Tentava uma explicação científica para a evolução, pois as concepções de seus precursores apelavam para forças sobre-naturais.

Com a quantidade e variedade de material acumulado e estudado. concebeu a obra monumental sobre a origem das espécies que saiu do prelo em 1859, com 1.250 exemplares, logo vendidos. Revolucionou os meios científicos e a sociedade. Nos primeiros capítulos discorre sobre a seleção artificial e natural, em conseqüência da luta pela existência. Seguem-se as leis de variação e causas de modificações, além da seleção natural e as dificuldades encontradas pelos organismos no processo da evolução e na seleção. Nos últimos capítulos, conclui pela evidência da evolução biológica com sólidos argumentos, colhidos de pesquisas paleontológicas e geográficas, reforçados por estudos de anatomia comparada e embriologia. A teoria destacava três princípios: a variação que ocorria por conta de um fator libertador; a hereditariedade que era uma força transmissora de formas orgânicas similares, de geração em geração, e a luta pela existência que trazia alterações para garantir a sobrevivência no meio. Não eram conhecidas as leis mendelianas, o que explicava ambigüidades de Darwin.

Um monge austríaco, Gregor Johann Mendel (1822-1884), com estudos sobre determinantes específicos da herança, os genes, veio confirmar e dissipar dúvidas a respeito da teoria darwiniana. Mendel estudava Física, Química, Zoologia e Botânica, e era membro da Sociedade de Ciências Naturais de Brünn onde, em 1865, referiu suas pesquisas acerca de hibridação de plantas. Estudando variedades

de ervilhas, observou que, na hibridação, se transmitiam características, ora dominantes, ora recessivas, nas gerações que se sucediam. As sementes híbridas tinham um ou outro dos dois diferentes caracteres. Admitiu que a ocorrência de caracteres alternativos das plantas nas variedades constantes e seus descendentes é devida à presença de unidades elementares de hereditariedade conhecidas como genes. A publicação dessa importante descoberta, em 1869, não teve repercussão. E trazia, no entanto, a solução para problemas da herança, da evolução e de processos biológicos em geral. Foram conhecidos somente em 1900, quando dois botânicos europeus, fazendo experiências semelhantes às de Mendel, consultaram o trabalho pioneiro. Fundador da genética científica, o monge tornou-se famoso, conferindo base firme à evolução biológica e proporcionando extraordinário progresso em terrenos da fisiologia bioquímica, medicina, agricultura e ciências sociais.

Fato curioso: Mendel, contemporâneo de Darwin, lera, com interesse, as obras do colega inglês, chegando a fazer anotações à margem, porém não trocaram entendimentos.

A reformulação da concepção evolucionista, com a valiosa contribuição de Mendel e os trabalhos experimentais posteriores de Wright, Dobzhanski, Julian Huxley e outros, deram origem ao movimento neodarwinista.

Thomas, Morgan, fez mais um avanço e transformou o gene simbólico de Mendel no gene cromossômico. Verificou que o cromossoma tem composição química semelhante em todos os organismos, mesmo nas bactérias. A especialidade dos genes reside em nucleoproteínas, em particular, nos ácidos desoxirribonucléicos (DNA) que contam com uma atividade peculiar, a de fazer cópias de si mesmas, no intervalo das divisões celulares. As moléculas de DNA, ao transmitir a herança, usam um código de quatro letras, representando outros tantos nucleótidos, que se distribuem tantas vezes, e a ponto de atingir um número incalculável de combinações.

A herança biológica é constituída, pois, de genes recebidos dos genitores, e a totalidade dos genes dá ao denominado genótipo. Este tem como função dar repetições de si mesmo e, como a quantidade DNA, no núcleo da célula, duplica entre o fim e o início da divisão celular, um adulto não tem mais os genes que tinha quando era célula-ovo ou criança. O crescimento espetacular do corpo é um produto da reprodução contínua dos genes, durante as fases embrionária e fetal. Mas, em menor escala, continua em todas etapas da vida. Todas as características observadas no organismo, isto é, estrutura anatômica, fisiologia, psiquismo, comportamento e ajustamento social constituem o fenótipo. Este é aquilo que se vê do indivíduo, menos os genes que ocultamente o geraram. Somente o fenótipo será influenciado pelo ambiente.

Dobzhanski não aceita a dicotomia entre traços hereditários e ambientais, adiantando que qualquer traço pode ser modificado por mudanças nos genes ou alterações do meio exterior. Atribui grande importância à ação educadora do ambiente no desenvolvimento da personalidade. Acha difícil estabelecer até que ponto as diferenças entre as pessoas são devidas a causas genéticas ou exteriores. A hereditariedade é uma força conservadora, pois os genes se auto-reproduzem, porém ela não é perfeita, podendo transmitir cópias imperfeitas, como ocorre nas mutações. Estas explicam a evolução, mas, sendo raras,

afastam praticamente o risco do homem transformar-se noutra espécie. Considerando que as células sexuais contêm dezenas de milhares de genes, muito terão genes mutantes que não estavam presentes nas células dos genitores. A seleção natural aumenta a harmonia entre organismo e o ambiente e a interação entre um e outro pode trazer tanto mudanças genéticas, como sociais. Suas componentes regem a evolução humana, a biológica ou orgânica e a cultural ou superorgânica. A personalidade é pois, expressão da natureza e da educação. Com respeito à dotação genética, a criança recebe metade dos genes do pai e outra metade da mãe;

daí a diferença entre os irmãos. A distribuição dos genes parentais, sendo desigual para cada pessoa, explica a total individualidade. Gêmeos idênticos, portadores dos mesmos genes, irão diferenciar-se pela cultura. A relevância do fator ambiental, na espécie humana, está relacionada com o desamparo biológico no nascimento. A sobrevivência é garantida pela proteção dos pais, pelo aprendizado e pelo treinamento, dispensados geralmente até a adolescência. E tal a fraqueza dos instintos no homem que alguns autores chegam a negá-los, atribuindo-lhes formas superiores de comportamento. Essas últimas são inegáveis, considerando as singulares características humanas, mas rejeitar impulsos do tipo instintivo é negar a própria evolução biológica.

O neodarwinismo estendeu-se ao campo social, havendo sociólogos que aplicam as leis da evolução biológica à vida das sociedades. Competição de sociedades, raças e nações, traduz luta pela conservação, pelo espaço e pelo poder. As grandes empresas seriam a expressão da sobrevivência dos mais aptos. O darwinismo social inspirou o nazismo e este perverteu o conceito da eugenia, utilizando, em seu nome, práticas arbitrárias, cruentas, desumanas, castrando pessoas pertencentes à raça considerada inferior. Mas como explicar, dentro desta concepção, a avaliação da saúde mental de um povo, em termos de males sociais, como o alcoolismo e o suicídio, se esses incidem com maior frequência entre povos oriundos da raça ariana, superior? Na realidade, vem se verificando que alcoolismo e suicídio aumentam em países de civilização industrial avançada, onde se mesclam populações de linhagem ariana, semita e outras.

o Fenômeno Humano

Faz século e meio que cientistas discutem as origens do homem, mas foi num passado remoto que buscaram o ponto inicial da hominização. Fósseis com características anatômicas humanas, toscos instrumentos de pedra e vestígios de uso do fogo, são provas de que surgiu uma nova espécie, a humana, com um psiquismo aprimorado que alcançava a reflexão. Do pitecantropo e do sinantropo, chegaram ao neandertalóide que exibia manifestações artísticas, pintando as paredes das cavernas em vermelho e preto. Mais tarde, o homem de Aurignac pinta veados e bisões, constrói sepulturas e usa emblemas de fecundidade e símbolos religiosos. Sucessivamente, surgem manifestações culturais mais ricas, como o comércio de objetos e a transmissão de idéias e de tradições. Os homens espalham-se por terras favoráveis, subtropicais, no sul da Ásia, na América Central, no norte da África e, nos últimos seis mil anos, em torno do Mediterrâneo. Findava o Neolítico.

Mesmo com a consagração das teorias de Darwin e de Mendel, biólogos e paleontólogos discutem a preponderância do acaso (darwinistas) ou da invenção (lamarckianos) no aparecimento de novos caracteres. A realidade da biogênese é, no entanto, aceita por todos. O princípio do desenvolvimento da vida residiria nos estímulos externos, representados pela luta por sobrevivência e pela seleção natural. Na ação morfogenética dos instintos, as múltiplas combinações de genes contariam como fator importante o acaso. E, na diferenciação progressiva dos organismos, o fato mais significativo da evolução seria o aparecimento do sistema nervoso e do psiquismo. Para Teilhard de Chardin, nenhuma grandeza do mundo pode crescer sem chegar a um ponto crítico.

Na ascensão da escala zoológica, encontraríamos comportamentos sucessivamente mais complexos nos organismos: tropismos, reflexos, instintos, comportamentos inteligentes e comportamentos reflexivos. Usando, como expressão genérica, o termo instinto, este não é um epifenômeno, pois expressa o próprio fenômeno vital que, sendo uma grandeza variável, condicionará a diversidade de conduta dos animais. Se a evolução é transformação primariamente psíquica, não há um instinto, mas uma multidão de formas de instinto que representam soluções particulares de problemas de vida. Toda forma de instinto tende a tornar-se inteligência, mas, somente no homem, atinge o estado reflexivo. Com a reflexão ele adquire consciência de si mesmo e desenvolve faculdades, tais o raciocínio, a invenção, os sentimentos elevados e a linguagem simbólica. Tem uma vida interior. Entre ele e os animais, há uma enorme diferença psíquica, porque houve mudança de estado e, portanto, de natureza. E nessa mudança do instintivo para o reflexivo que reside o fenômeno humano. Na evolução biológica teria ocorrido um "aquecimento psíquico".

A vida engendrou uma série de fatores que culminaram com o extraordinário crescimento do cérebro humano. Por ser bípede, o homem libertou os maxilares da função preensora e os músculos que apertavam o crânio enfraqueceram, dando-lhe possibilidade de expandir-se. Os olhos, situados na face, passaram a convergir e acompanhar os movimentos das mãos. Cérebro volumoso resultou em desenvolvimento psíquico em grau elevado, nascimento de inteligência superior que se interiorizou, conferindo ao homem consciência de si mesmo. Na tese de Teilhard de Chardin, o limiar é transposto em um só passo, com a mudança da condição animal para a humana. Trata-se de uma nova forma de vida: *Houve um grão de matéria, um de vida e um de pensamento*. Hominização significa o salto do instinto para o pensamento e, num sentido mais amplo, a espiritualização progressiva, a civilização.

Com o pensamento, a evolução tornou-se consciente de si mesma, diz Julian Huxley. O epifenômeno, pensamento, tomou a dianteira na evolução, numa marcha ascendente para um vértice sem limites. E a hereditariedade, com suas inúmeras combinações e possibilidades, poderá sempre manifestar novas potencialidades, porém a força propulsora maior estará no desenvolvimento cultural, sob a influência da tradição, do aprendizado e da educação. O ciclo evolutivo prosseguiu, atendendo o anseio de transcendência do homem que, embora tenha abandonado a idéia de ser o centro do cosmos, sente que é seu ponto alto.

Se a vida conta quarenta milhões de anos, a humanidade ainda é jovem, pois achados recentes atribuem o aparecimento dos primeiros homínidos há quinze milhões de anos. O progresso atual poderá estimular dignidade e solidariedade humanas, malgrado o desacerto e o terror que assolam algumas populações psicóticas. Surgiram, como novidade na História, fortes entidades e incontáveis agremiações que se batem altruisticamente por debelar os tradicionais males: ignorância, fome e doença. Estarão, nessa atitude, prosseguindo na evolução criadora, no aumento da capacidade de síntese que fez surgir a vida?

Afirma Chardin que o pensamento alcançou a consciência, esta a civilização e, progressivamente, a solidariedade humana e a espiritualidade. Qual o vértice da evolução? O ultra-sintético? As almas libertam-se, levando para o alto sua carga de consciência, de energia, e sua forma: mais elevada, a espiritualidade. Sem a inflexão da matéria. Sobre si mesma não haveria vida, a Biosfera e, sem a inflexão da energia espiritual não haveria sobrevivência, a Noosfera.

A ciência admite que o Universo tem um sentido e bate-se por avanços, por perfeição. É fé no progresso. Bate-se por melhoramentos do homem e da sociedade. Com que desígnio? Ultrapassando as fases iniciais da investigação analítica, a ciência busca a síntese, procurando estágios mais elevados. Pergunta, ainda, o filósofo: Ciência pura? Religião? Ciência e religião são duas potências que poderão abarcar e penetrar o passado e o futuro da evolução.

Milhões de consciências exercendo pressão sobre o futuro representam grandezas e forçariam as barreiras da prisão terrestre, trazendo a possibilidade de um avanço na estrutura do próprio ser e a ocorrência de uma nova mudança de estado.

No século XIX falava-se de uma religião da ciência que não poderia atingir os limites de si mesma, sem se matizar de, mística e se impregnar de fé. Teilhard de Chardin pensou reunir numa síntese toda a diversidade de nossas aquisições científicas. O homem tem uma inteligência de capacidades ilimitadas que o leva a novas conquistas, com as quais ele se surpreende. Se alguém se obstina no apego à matéria, negando a realidade de suas transformações, e tenta negar os esforços de transcendência do homem, está fugindo à evidência dos fatos. As evoluções biológica, cultural e social são realidades incontestáveis para quem acompanhar o dinamismo da criatividade humana. Esta nos aponta o rumo do alto, dos sentimentos refinados que qualificamos de espiritualidade. O mais ferrenho materialista, nas suas reflexões e na contemplação da Natureza, terá de reconhecer que há coisas que a inteligência não alcança, mas estará sempre buscando a Verdade, o Bem e a Beleza.

Do Instinto à Cultura

A Psicanálise surgiu como método de investigação do psiquismo humano e também como técnica de tratamento para os distúrbios psíquicos. Estudando os aspectos sexuais do crescimento, destacou dois instintos como fundamentais, o de autoconservação e o sexual, concluindo que essas duas forças comandavam o comportamento do homem: Considerando a tríade pai-mãe-filho, frisou a importância do relacionamento entre eles e concebeu o complexo de Édipo,

alusão ao personagem central da tragédia de Sófocles, que se refere ao sentimento de amor rivalidade do filho pelo progenitor do sexo oposto. Hoje, fala-se em situação edípica natural, reconhecendo que o filho hostiliza o genitor do sexo oposto, com o qual procura se identificar, porque tem ciúme do outro, porém ama os dois. Daí se estabelece um conflito que varia de proporções e que chega à morbidez, se não for superado. Essa concepção é válida para culturas monogâmicas, de dominância patriarcal.

Freud asseverou que havia estágios pré-genitais até o amadurecimento da sexualidade. No primeiro ano, o acento recaía na boca e, nos dois anos seguintes, no ânus, observando que os pais contribuíam para reforçar o interesse na criança, tanto na oralidade, como na analidade. Na terceira fase, qualificada de edípica ou fálica, entre três e seis anos, vinha a curiosidade pelos órgãos genitais, sobretudo o pênis, havendo no menino temor de castração pelos desejos reprimidos de agressividade. A menina teria inveja do órgão masculino ostensivo.

Não há dúvida que o equipamento masculino seja proeminente e que os garotos façam proezas ao urinar, mas esta condição é temporária, pois a menina-moça ostenta sua feminilidade com os seios. Em passado próximo, a prolapada superiodade do homem explicaria sentimentos de inferioridade na mulher. Aos citados estágios, seguia-se o período de latência, quando diminuía o interesse pelas funções corporais, com o aparecimento de motivações escolares que substituíam os rotineiros hábitos familiares. Na puberdade, a sexualidade iria polarizar-se nos órgãos genitais.

Freud fundamentou sua doutrina no aspecto biológico, instintivo, do ser humano, dando grande importância aos estágios oral, anal, edípico e de latência, em detrimento da poderosa influência cultural, agindo constantemente na família, na escola e na sociedade. Apercebeu-se, no entanto, que suas teorias não explicavam toda a dinâmica do comportamento, em particular a agressão. Concebeu, então, instintos de vida e de morte, expressados como Eros e Thanatos. Ao instinto de vida associa o de autoconservação e o sexual, desviando habilmente a agressividade para o instinto de morte. Esse é destrutividade dirigida contra o próprio ego, lembrando a tendência da vida orgânica a regredir para a inorgânica. É inegável que a tensão agressiva, não descarregando fora, volta-se para dentro, contra o indivíduo, em momentos de revolta. Sadismo e masoquismo, em sua conceituação, ficaram fortemente impregnados de sexualidade e começaram a ser invocados para explicar muitas situações conflituosas da vida, passageiras, e não consideradas patológicas.

Adler, discípulo de Freud, insurgindo-se contra a importância atribuída aos instintos, procurou realçar o papel do ego, no crescimento e no desenvolvimento humanos. Freud reagiu, contestando que essa atitude diminuía a importância do determinismo do inconsciente. Admitiu, desde aí, a tese dos princípios do prazer e da realidade, conciliando os impulsos sexuais ao primeiro e as funções do ego ao segundo. Estabelecia, assim, a original e atraente teoria da personalidade, constituída de três instâncias: Id, Ego e Superego.

No Id do recém-nascido residiriam impulsos instintivos que, sob a pressão do ambiente, cederiam lugar, pouco a pouco, à consciência, o Ego. Este, por sua vez, estabeleceria o contato com a realidade exterior, porém continuava ligado ao poderoso Id, fonte geradora de energia. Considerando a permanente influência

dos pais, impondo à criança padrões culturais, admitiu que pais e cultura são interiorizados como instância crítica, moral, o Superego. Parte deste seria inconsciente, por ter sido incorporado muito cedo, quando a criança estava apenas elaborando a consciência. O Ego teria posição de elemento integrador, conciliador e executor, promovendo o ajustamento com a realidade, ao manejar o exigente e instintivo Id e refrear o importuno e severo Superego.

Mas o Ego fez carreira brilhante. Ganhou terreno na teorização e na prática do tratamento psicanalítico, particularmente com crescente prestígio conferido aos seus mecanismos de defesa. O Id, porém, garantiu sua fortaleza, mostrando quanto é terrível e avassalador com a carga de impulsos com que assedia, incansavelmente, o responsável Ego. Na opinião pública, o Id tornou-se o inconsciente, o Ego a consciência e o

Superego a consciência moral.

Conseqüência dessas idéias, foi a formulação de uma caratereologia, cujos tipos humanos foram catalogados em acordo com a libido (energia dos instintos de vida): oral, anal, edípica ou fálica e genital. Os três primeiros tipos são narcisistas, com tendência, ao egocentrismo e auto-erotismo e denotam particularidades desagradáveis que podem, no entanto, ser sublimadas socialmente de modo favorável. Vejamos. O tipo oral, na versão negativa, é pessimista, invejoso e ambicioso e, na positiva, otimista, cordial e até generoso. No caráter anal, há meticulosidade, parcimônia, teimosia e obsessividade e, na contraposição, é pródigo, tolerante e despreocupado. O edípico é prepotente, insolente e agressivo ou submisso, pacífico e conciliador. Deduz-se que o caráter genital seja Portador de boas qualidades, pois superou as etapas anteriores.' sem maiores tropeços, atingindo a maturidade: receptivo, compreensivo, responsável e sociável. Aceitar uma caratereologia sexual e Simplificar demais a multidimensional pessoa humana, porque estaríamos desprezando as outras pulsões instintivas e, também, ação educadora dos pais e a modeladora da sociedade com seus inesgotáveis recursos culturais.

Na década de 1920, Freud cogitou da importância da angústia no desenvolvimento dos distúrbios neuróticos e afirmou que o comportamento conflituoso visava a neutralizar a angústia. Admitiu, primeiramente, que a sexualidade inibida era convertida em angústia. Reconheceu, depois, que estava relacionada com o medo, com um perigo, vindo do interior ou do exterior. Acossado pelo temor, o indivíduo tomava medidas de fuga ou de ataque, mas havia, ainda, outras causas. Freud e colaboradores não compreendiam por que há pessoas mais sensíveis à ansiedade do que outros. Pensaram que vivências perigosas da infância poderiam agir por toda a vida, se traumas psíquicos sensibilizassem, deixando impressões indeléveis: medo de perder, o afeto de pessoas amadas ou de ficar no abandono. Houve quem atribuísse a ansiedade ao trauma do nascimento e mesmo quem buscasse a origem na fase fetal. Freud continuava dando maior destaque aos impulsos sexuais e agressivos.

Hoje, sob a influência de estudos posteriores, confere-se também importância às pressões ambientais do momento, admitindo-se que a ansiedade surge quando se teme perder o amor de pessoas significativas ou quando as tensões culturais são sentidas perigosas. Em suma, frustrações instintivo-afetivas e pressões sociais intoleráveis explicariam a angústia. Harry Sullivan, um dos pioneiros do

movimento culturalista. em psiquiatria, afirma em seus estudos, que o ambiente propício ao desenvolvimento da criança esta na aprovação e no amor que ela recebe de pessoas significantes; daí bem-estar euforia. Desaprovação implica em desamor, rechaço e angústia. Os pais ensinam às crianças coisas aceitáveis e úteis para a vida, como falar, brincar e evitar, perigos, mas, também, outras de ordem cultural que elas não compreendem. Essas últimas são impostas e sentidas como inadequadas e irracionais.

brincar com os dedos é certo, mas brincar com os genitais é errado. Situações como tantas outras geradoras de perplexidade, frustração e revolta. Fromm valoriza a necessidade de independência da criança que deseja ser poupada na espontaneidade e liberdade. A sujeição é causa freqüente de ansiedade.

Crescendo, a pessoa tem de se ajustar aos outros, sem perturbar o próprio sistema de segurança e defesa que elaborou. Se as exigências exteriores forem maiores do que as capazes de suportar, o relacionamento tornar-se-á arriscado. Todos esperam viver sem obstáculos e, quando encontram desaprovação ou insegurança, ficam frustrados e hostis. Hostilidade gera contra-hostilidade e essa interação provoca angústia. As fontes de perigo, geradoras de ansiedade, são pressões irracionais, vivenciadas através dos pais e, depois, pelas tensões convencionais da sociedade.

A ansiedade é qualificada como objetiva, se houver perigo real no mundo exterior; subjetiva, se brotar de impulsos instintivos condenados pelo meio social; e moral, se surgir de escrúpulos internalizados de coisas proibidas pela consciência ética.

Valiosa contribuição de Freud foi uma de suas primeiras descobertas. Observou que parte da experiência da vida tornava-se inconsciente e que sentimentos e idéias não aceitos pelo ambiente social eram recalçados, mediante mecanismos de defesa do ego: regressão, isolamento, negação, projeção, introjeção e formação de reação. As forças instintivas do inconsciente seriam uma ameaça para a relação do ego com o mundo exterior,

Com o emprego da livre associação de idéias, como meio de trazer as repressões ao nível da consciência, Freud verificou o fenômeno da resistência, isto é, dificuldades que o paciente opõe ao tratamento, na intenção de ocultar elementos expressivos do próprio conflito. E, procurando penetrar o significado da resistência, descobriu a transferência que passou a ser a pedra angular da terapia psicanalítica. Explicava-a como a repetição de uma atitude do paciente com relação aos pais, durante a infância, apenas transportada para o analista, pois o terapeuta funcionava como um espelho, refletindo os conflitos do cliente. A consequência dessa interpretação foi duradoura e revestiu-se de uma feição artificial, pois houve, e há, analistas que se identificaram com o espelho, assumindo uma postura fria, distante com respeito ao paciente que, sofrendo, buscava ajuda. Negar o inevitável relacionamento médico-paciente, não é humano, pois a simples presença já traz algum envolvimento afetivo. Manter imparcialidade técnica tem vantagens na arte do tratamento psicológico. Posteriormente, Freud reconheceu que o psicanalista poderia ser identificado como uma pessoa significativa do passado e que o paciente transferisse diferentes sentimentos de vários períodos da vida, revivendo padrões agradáveis ou desagradáveis. Observou mais um importante fato: o analista não ficava indiferente ao paciente e transmitia para este

seus problemas pessoais, na situação que denominou contratransferência, exigindo um delicado manejo.

Mais recentemente, a psicoterapia analítica toma o rumo de um processo inter-humano que vem da não confessada mas clara influência de Sullivan com sua teoria das relações interpessoais, aceita pelos autores norte-americanos. A transferência, ampliada no conceito por este autor, tomou o nome de distorção paratáxica e desenvolver-se-ia de integrações primárias, nem sempre sexuais, com pessoas significantes do passado. Estas seriam utilizadas, mais tarde, no relacionamento, por terem se conservado com parâmetros da personalidade. Experiências posteriores poderão modificar os padrões remotos, tanto de modo consciente, como inconsciente.

A reação ao intuitivismo da doutrina freudiana foi o culturalismo que teve como pioneiros Sullivan, Horney e Fromm. Não desprezando a cultura Freud condicionou o comportamento cultural a tendências biológicas, concebendo a sociedade como um mecanismo de controle dos instintos, Para viver em acordo com o princípio do prazer o homem, fatalmente teria de entrar em choque com a realidade social, inibidora, repressiva frustradora de impulsos sexuais e agressivos. A civilização seria alcançada com a renúncia de satisfações, o que nos leva a supor que o homem nasce mau, anti-social, devendo ser domesticado pela sociedade que dele exige a aceitação de padrões culturais. Só lhe resta um caminho, uma defesa psicológica que é salutar, a sublimação, Interpreta a religião como uma psicose coletiva, uma fuga da realidade penosa, uma promessa de um pai bom e carismático que premiará com felicidade eterna aqueles que se comportarem bem, vale dizer, refrearem os instintos.

Discípulos e colaboradores de Freud divergiram do mestre, em assuntos teóricos, sendo alguns afastados e outros tolerados, antes que os culturalistas, também conhecidos por neofreudianos, entrassem em cena. Trouxeram valiosa contribuição à compreensão da natureza humana, por abordarem aspectos não considerados, mas existentes na pluridimensional personalidade. Terão suas idéias referidas para que não haja omissão, num trabalho que pretende ser imparcial educativo.

Alfred Adler teve o atrevimento de admitir ver mais longe, porque estava mais alto, sobre os ombros do mestre e rechaçou a etiologia sexual das neuroses. Foi expurgado em 1911. Fundamentou sua teoria em sentimentos de inferioridade que são universais. A inferioridade pode ser orgânica, funcional ou psíquica. Sendo frágil e dependente, a criança desenvolve estes sentimentos como consequência da atitude autoritária dos pais, porém reage, procurando compensar a fraqueza e dominar os outros. Luta pela superioridade. Adler toma o homem como símbolo do poder, deixando a mulher numa condição subalterna. Dá mais ênfase ao futuro enquanto Freud valoriza o passado e diz que o neurótico persegue objetivos fictícios. Atribui mais importância ao ego, no desenvolvimento da neurose e observa que muito do que se considerou constitucional deveria ser levado em conta de tentativas de adaptação. A Psicologia do indivíduo, denominação de sua teoria, trouxe modificações na psicoterapia agindo de imediato sobre as dificuldades do paciente e abreviando o tempo de tratamento. Trata-se de método reeducador, orientando os pais na educação dos filhos.

O suíço Carl Jung, filho de um pastor protestante, teve larga experiência com doentes mentais e trouxe rica contribuição à psicanálise, com seus conhecimentos filosóficos e literários. Estudara, em profundidade, religiões e era destacada autoridade em mitos e símbolos. Não combateu a teoria sexual das neuroses de Freud que o considerava um digno colaborador, porém acentuava a influência dos pais na formação

das crianças tão sensíveis e amoldáveis. Deu como fatores prejudiciais o desentendimento dos pais, as ameaças, as injustiças, as mentiras, a repressão dos desejos, as distorções de informações e outras situações negativas, consideradas insignificantes pelos adultos, mas que atingiam a criança, fazendo-a reprimir para o inconsciente cargas afetivas desagradáveis. Mais tarde, estímulos externos trarão reações inadequadas e conflituosas, Conferiu preponderância à interação maléfica de pais e filhos na elaboração das neuroses, A mãe, primeiro objeto amoroso, estava relacionada com a autoconservação e não com o sexo. Alargou a significação dos símbolos que, além de expressarem coisas da sexualidade, traduziam objetivos construtivos para a vida e previsões para o futuro. Criticando a terapia freudiana, considerou-a um método causal, mas que proporcionava somente uma compreensão retrospectiva da personalidade. Imprimiu novo rumo à psicoterapia, procurando encontrar significado no presente e planejando construtivamente para o futuro. Concebeu a idéia do inconsciente coletivo como memória da raça humana, e até do passado animal, o que viria explicar a semelhança de símbolos e mitos entre os povos. A interpretação dos sonhos do paciente foi considerada manifesto relacionamento entre médico e paciente. Orientando o cliente no sentido de utilizar a sabedoria inconsciente, dava um rumo místico ao tratamento. Este visava à auto-realização, a auto-individuação, somente atingida depois da meia-idade. Rank e Fromm foram influenciados pelas idéias do erudito Jung.

Ott Rank deslocou o acento do complexo de Édipo para o trauma do nascimento, na causalidade neurótica: o nascer gerava angústia primordial, tanto pela injúria física como pela psíquica. Nas situações perigosas da vida, a ansiedade seria liberada, pois as pessoas vivem aterrorizadas com ameaças de separação, procurando manter-se ligadas pela dependência. Deve-se lutar para afirmar a própria vontade. Em sua técnica de tratamento abreviado, valorizou o momento presente e considerou a reação do paciente ao terapeuta como uma transferência materna. O homem normal seria, aquele que aceita a vontade do grupo como sua. Dificuldades de identificação explicariam a neurose. Sua maior contribuição a psicoterapia foi deslocar o preponderante interesse freudiano pelo passado para a dinâmica da situação presente, quando pesam ocasionais pressões intoleráveis.

Acompanhando o desenvolvimento das teorias biológicas de Freud que condicionou a cultura aos instintos, vimos que alguns dissidentes tentaram uma abertura para o mundo exterior. Com os culturalistas as teorias da personalidade orientaram-se para a cultura, como fator responsável pela maior parte do conteúdo da pessoa humana, não deixando de considerar, todavia, o aspecto instintivo-afetivo.

A criança nasce com potencialidades constitucionais que já nos dão uma idéia de suas exigências e até de sua capacidade de suportar frustrações. Mas a personalidade irá buscando expressão no mundo exterior. As experiências

individuais vão sendo adquiridas com pessoas, objetos e fenômenos naturais do meio em que vive. A personalidade resulta, portanto, da integração das características constitucionais e das vivências sentidas no ambiente. A interação constituição-ambiente ocorrerá por toda vida, tentando aprimorar a formação do indivíduo. Considerando que pais e outras pessoas transmitem hábitos, idéias, emoções e atitudes, através da comunicação verbal e corporal, entende-se que a capacidade de desenvolvimento será função do meio. Todos reconhecem o papel da imitação e do aprendizado iniciais e, também, da ânsia da criança em saber, e manifestar curiosidade por tudo que a cerca.

E o que é cultura? A soma de idéias, emoções, hábitos, atitudes, costumes e tradições que estabelecem padrões de comportamento pela imitação e instrução. Com a experiência das percepções e o uso da linguagem, a criança faz progressos rápidos e absorve a cultura com facilidade. Atualmente, com a riqueza da comunicação de massa, a vivacidade infantil é extraordinária. Nunca a cultura foi tão motivadora e fascinante como agora: a curiosidade inata é não somente estimulada, como prontamente atendida.

Harry Stack Sullivan, estudando esquizofrênicos, deu realce ao relacionamento médico-paciente e pôs em dúvida a idéia de não ocorrer transferência com narcisistas, psicóticos. Conseguiu quebrar o gelo do autismo desses enfermos e os submeteu a tratamento psicológico, utilizando recursos psicanalíticos; rejeitou, entretanto, a teoria instintivista do mestre de Viena pela intransigência de seus princípios.

Os psiquiatras norte-americanos, emprestando especial importância à ação do ambiente, investigaram com respeito à relação homem-sociedade. Horney e Fromm associaram-se aos estudos objetivos e imparciais de Sullivan que vinha revolucionando a psiquiatria de seu País. A concepção, rigorosamente ligada aos fatos observados, deu o nome de *Teoria das Relações Interpessoais*. O homem, asseverava, é o produto da interação com outros seres humanos e a personalidade é a resultante de forças pessoais e sociais, em ação simultânea: procura satisfação para as necessidades biológicas e segurança para as exigências culturais; ambas interferem reciprocamente.

A aprovação dos pais e das outras pessoas traz bem-estar, enquanto a desaprovação gera ansiedade e insegurança. A ansiedade perturba a formação do ego, dificulta a aquisição de conhecimentos e afastam da consciência as situações experimentadas. Manejando aprovação e desaprovação, o ser humano torna-se vigilante e enriquece o ego. Tudo o que provoca desaprovação é dissociado e não reconhecido pela pessoa. Os circunstantes são significativos. Em acordo com as influências primárias recebidas, o ego terá boas ou más qualidades, pois amor e aprovação são incorporados como auto-estima e confiança.

No relacionamento interpessoal, poderá haver idealização e personificação de um objeto amoroso inexistente, donde o conceito da distorção paratáxica que inclui o da transferência freudiana, mais identificações feitas no relacionamento com outras pessoas. Correta interpretação da distorção e sua avaliação permitem corrigir idéias errôneas tendo como resultante o benefício terapêutico, a "validação consensual".

A teoria do desenvolvimento da personalidade faz-se em termos de aculturação ou socialização, iniciando com a estreita relação mãe-filho, seguindo com os

familiares e demais pessoas que estabelecem contato com a criança. Infância vai do nascimento ao uso da linguagem e puberdade estende-se até a cooperação com outros, momento em que começa o desentendimento com os pais: já raciocina. Na etapa juvenil, renuncia a parte de seus interesses em favor da família e da comunidade, pois teme a solidão e busca companhia e participação. A pré-adolescência é

a fase em que abandona parcialmente o egocentrismo para envolver-se na intimidade de amigos, cujo bem-estar é apreciado. Na adolescência, o companheirismo é duradouro, mas a sexualidade torna-se o maior interesse, embora encontre barreiras culturais para atender desejos imperiosos.

O psicoterapeuta, para Sullivan, é observador e participante nãoautoritário que age cautelosamente, destacando o aspecto cultural das dificuldades do paciente. Estará atento à fugas de situações conflituosas que devem ser enfrentadas e discutidas. Serão corrigidas as distorções. Interpreta os sonhos dos neuróticos, mas não o dos psicóticos. A terapia será encaminhada no sentido de o paciente alcançar melhor conhecimento interior.

Karen Horney, inspirada nas ciências sociais, dá, em sua obra, uma interpretação cultural das neuroses e valoriza a análise da situação presente. Admite que o conflito neurótico ocorre não somente pelo que aconteceu, mas porque, ao enfrentar novas situações, o paciente estabelece objetivos que o levam a perseguir falsos valores. Ressalta, particularmente, as pressões culturais e acredita que o passado pode servir de empecilho na solução de problemas atuais. Procura responsabilizar o cliente por suas dificuldades e diminuir a acusação que se tem feito aos pais. Estimula a auto-estima.

Acentua o psicólogo social Erich Fromm, que o homem tem poucos recursos instintivos e que seus processos de adaptação se fazem por aprendizagem e influência do ambiente. Ansiedades e paixões são também produtos culturais e o homem realiza-se pelo próprio esforço. Boas e más ações são decorrências do processo social. Se as pressões ambientais sofridas pelo homem forem perigosas, podem levá-lo à neurose, e não valoriza a sexualidade e a agressividade como fatores capazes de trazer problemas graves. Prega a aproximação e a solidariedade dos seres humanos. Contribuiu com seus estudos para a compreensão do autoritarismo racional, manifestação natural e equilibrada de competição de nossa cultura e do autoritarismo irracional que atende a necessidades neuróticas de poder. Condena a autoridade de pais que desejam moldar os filhos em acordo com a própria vontade, quando a criança luta por direitos, dos quais sobressai a liberdade individual. O tratamento visa a promover a integridade e o respeito pela pessoa humana.

Esse relato histórico, a partir de Sigmund Freud, pretende trazer novos elementos para a compreensão da natureza humana. Não sou partidário do ecletismo, porém creio que poderemos lograr avanços no conhecimento, aceitando toda honesta contribuição científica. Os autores citados, embora criticados em pontos falhos, enriqueceram a psicopatologia, permitindo que, no estudo dos desvios psíquicos, déssemos mais alguns largos passos na direção do entendimento do homem que se situa dentro dos limites do normal.

Freud não foi um revolucionário e sim um evolucionário que operou a arrojada mudança da psiquiatria descritiva, kraepelineana, para um novo estado, o da psiquiatria' dinâmica, compreensiva, reflexiva e humana.

Mas há referências que devem ser feitas à obra de Ana Freud 'e de Melanie Klein. Ambas fizeram relevantes conquistas no terreno do desenvolvimento da criança, investigando em berçários da Inglaterra e em seus consultórios privados. A primeira destacou-se por trabalhos sobre a influência exercida pelo ambiente em infantes mantidos no lar e em instituições hospitalares, apurando a importância da vinculação da mãe com o filho, já nos primeiros dias de vida: O estudo sobre ego e seus mecanismos psicológicos de defesa é considerado básico em psicologia.

Repercussão incomum teve a atividade científica de Melanie Klein, motivando tão intensamente psicanalistas ciosos da fidelidade freudiana que passaram a usar sobrepeliz kleiniano. Esta autora conferiu maior profundidade e extensão freudianas e as inovou com idéias avançadas. Criou valioso método de investigação psicológica infantil, através de técnicas lúdicas (brincar livremente) que permitiram fazer adequada interpretação d sentimentos e atitudes das crianças, até então inacessíveis ao tratamento psicanalítico. Fiel à tradição instintivista de Freud deu, no entanto, novo impulso vitalizante à psicanálise, destacando o papel das relações entre o ser humano e os objetos e valores do mundo exterior. Na relação objetal, dá ênfase peculiar aos seios maternos que se convertem no fulcro do interesse do bebê. As mamas ficaram com a responsabilidade de condicionar as boas ou más posições assumidas no desenvolvimento da personalidade. A criança, afirma, nasce em condição depressivo-paranóide e passa a depressiva, até que consiga atingir situações reparadoras, mediante mecanismos precoces de defesa. Impulso de amor e ódio determinam, pela dominância de um ou outro, o desenvolvimento normal ou anormal.

Com morte de Melanie Klein, a liderança da escola inglesa inclina-se para Wilfred Bion, cujos trabalhos tentam vincular a filosofia à psicanálise. Em sua teoria do pensamento, diz que o pensar, na origem, destina-se a liberar o psiquismo do excesso de estímulos e que os pensamentos são anteriores à capacidade de pensar. Pensamentos são promordialmente impressões sensoriais e experiências emocionais. Na gênese do raciocínio, admite a emergência sucessiva de pensamentos larvários, pré-concepções, pensamentos propriamente ditos e conceitos. Exemplifica: pré-concepção é a expectativa do seio materno; da experiência real com o seio, vem a concepção; se não existe encontro com o seio, sobrevem frustração e, então, poderá surgir o pensamento propriamente dito. Considera inata a tolerância a frustração no bebê.

Grande frustração leva à total evasão e pequena frustração resulta em pensamento. Formar pensamentos depende da capacidade da criança em tolerar frustrações. Essa amostra de idéias de Bion pode ser promissora, mas sua teoria é um tanto prolixa e eivada de neologismos e símbolos que dificultam a compreensão de seus estudos.

Saúde Menta e Eugenia

Numa tentativa de educar para a saúde mental, desprezar o fator genético seria falha imperdoável. O ser humano nasce de uma semente formada pela conjugação de uma célula masculina e uma feminina. Ambas trazem disposições físicas e psíquicas em seus genes: Se houver tendências mórbidas que a ciência estabelece cumulativas, o bom senso mostra que há risco para a prole. A esquizofrenia, a psicose maníaco-depressiva e a epilepsia essencial transmitem-se, não necessariamente, mas com alguma frequência, se os dois progenitores sofrerem dessas enfermidades.

Não constitui ética recomendável manejar o homem como animal, mas alertá-lo sobre os males em que pode incorrer e orientá-lo no bom rumo, apontado pelas ciências bio-médicas, é um dever profissional. Os estudos de hereditariedade de Gregor Mendel foram estendidos ao homem, sendo formuladas leis biológicas, nas quais a eugenia pode se alicerçar para estabelecer regras e princípios que possam nortear o homem no sentido de contar com boas possibilidades de ter descendentes corporal e mentalmente sadios.

Na Antiguidade, chineses, hebreus e gregos fizeram observações sobre herança, condenando casamentos entre doentes físicos e mentais, portadores de doenças que se transmitissem à descendência. Licurgo, de Esparta, chegou ao exagero de mandar afogar, no rio Eurotes, os recém-nascidos fracos ou mal formados. E filósofos gregos recomendavam seleção dos genitores.

Como a natureza humana, definida biologicamente, é constante, pois não mudou em milhões de anos, e apenas alguns traços genéticos mórbidos são conhecidos. é importante acentuar que o desenvolvimento da personalidade está, sobretudo, na dependência do meio cultural. Não recurso para melhorar o genótipo com que se nasce, porém o fenótipo pode ser aperfeiçoado, porque está sujeito à influência do ambiente. Nesta condição, o homem tem meios de desenvolver novas iaculdades, em número ilimitado. Sabemos que, nas diferentes etapas da evolução do ser humano, condições ambientais favoráveis robustecem o ego, contribuem para a maturidade emocional e promovem o bom desempenho familiar, profissional e social.

O futuro do homem depende da interação de forças biológicas e sociais. Está fora de dúvida que algumas doenças são causadas por defeitos genéticos que perturbam o revestimento fenotípico. Falta de resistência a tensões emocionais, bem como desajustes físicos, psíquicos e sociais podem ter raízes genéticas. Mas, sem a influência socializante, a criança terá conduta sub-humana, autista, como se tem observado em casos de isolamento total e demorado. O desamparo biológico da criança e a dependência até a juventude proporcionam, no entanto, tempo suficiente para a aculturação, isto é, para o aprendizado e o treinamento. O vigor físico e a vivacidade intelectual das crianças de nossa era, são efeitos de agentes culturais salutares.

Desde sua origem, o homem vem adaptando seus genes às mais diversas condições exteriores, sem modificar sua natureza, mas culturalmente evoluiu prodigiosamente. Se conseguir assumir um comportamento superior, e os biólogos afirmam que ele já o possui, conquistará novos e melhores estilos de vida. A evolução cultural sobrepõe a evolução biológica.

CAPÍTULO 2

MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

A Assembléia Geral das Nações Unidas, num gesto generoso, sancionou o Ano Internacional da Mulher, 1975. Homenagem de reconhecimento de direitos e oportunidades que as mulheres usufruem legalmente nos países evoluídos. Se essa homenagem trouxer ajuda às que vivem na servidão de outrora, implicará em reforma de estruturas sócio-econômicas e culturais de povos que padecem dos três males tradicionais da humanidade: ignorância, fome e doença. E não será fácil, enquanto perdurar a onipotência dos grandes da ONU, daqueles que, servindo-se de autoridade irracional, detêm arbitrariamente o poder mundial. A imprensa informa que a inteligência combativa das senhoras que norteiam o movimento em prol da redenção da mulher, concebeu teses que versarão sobre dessemelhanças com os homens. E uma felicidade que a Natureza tenha disposto as coisas dessa forma, pois a diferença é o móvel da atração mútua entre homem e mulher que procuram aproximação e complementação no acasalamento. A longa era do patriarcado está superada na civilização atual. Não há necessidade de penetração psicológica para ver que o governo do lar cabe ao casal.

Analisemos, pois, semelhanças e dessemelhanças nos aspectos biológico, psicológico e sociológico da masculinidade e da feminilidade-o Nas tentativas de compreender o homem e a mulher, encontram-se um denominador comum, próprio da espécie humana, e variantes decorrentes das peculiaridades do sexo. Não se cogita, no momento, das características individuais de cada ser humano que são personalíssimas.

Filósofos, biólogos, psicólogos, antropólogos, sociólogos e psiquiatras vêm trazendo contribuições fragmentárias à compreensão do mecanismo e do dinamismo da personalidade que começou a ser alcançada com a psicanálise, utilizando tanto o método científico, como outros recursos, tais a interpretação e a intuição. O critério científico não basta para explorar a intimidade do ser humano e novas técnicas serão tentadas e ensaiadas até que se encontre um método original, tão respeitável como o científico que é rigidamente mecanicista. E um crédito que se pode dar ao homem deste século.

E extensa a literatura que trata da mulher e menos considerável a do homem, ora apontando qualidades, ora inferioridades de um e outro. O Antigo Testamento é uma prova maldosa da racionalização dos homens, quando justificam os pecados carnis pela sedução de mulheres lúbricas que os arrastam.à perdição. E até na Era Cristã, Schopenhauer, traumatizado com as leviandades da progenitora, teceu comentários desairosos à mulher, numa generalização francamente neurótica.

Mas houve compensações. Menstréis cantaram a graça e a virtude das donzelas daquele tempo e Lamartine, com doce romantismo fez os homens angelizarem as etéreas e encantadoras mulheres do século XIX.

Como criações filosóficas, literárias e científicas, são, na maioria, obra de homens, é compreensível que se exalte a fortaleza e a inteligência deles. Pouco se fala das esposas e mães que dão ao marido e aos filhos condições propícias para agirem e manifestarem suas potencialidades. E quem dirige o mundo familiar, empresa complexa, que comanda afetos, pensamentos, ações, ordem, alimentação, higiene, saúde, economia e coesão do todo? No lar, a criança estabelece os fundamentos da personalidade e inicia o aprendizado da vida. Nesse sentido os homens têm sido omissos e as mulheres tolerantes. Tolerância que vem do amor e não mede sacrifícios. Contudo, há mulheres eruditas que qualificam essa atitude de passiva e masoquista.

Aspectos Biológicos

Fisicamente o homem tem porte maior, traços angulosos, e esqueleto e musculatura mais fortes. Tórax largo e quadril estreito. Características primárias e secundárias do sexo bem destacadas e agressivas: órgãos genitais proeminentes, barba, pêlos espessos no peito, braços e pernas, voz grave, gestos breves e enérgicos e andar pesado. A mulher tem estrutura delicada e traços graciosos. Tórax estreito e quadril largo. Características sexuais bem diversas: fenda genital, ladeada de duas pregas, parcialmente coberta por membrana frágil e encimada pela protuberância, clitóris. Pélto glabro, do qual se destacam seios arredondados que lhe conferem a nota mais destacada da feminilidade. Voz aguda. Gestos suaves e andar leve. Nos melhores espécimens, homens e mulheres são harmoniosos no conjunto, e isto ocorre, se proporcionam ao corpo bom desenvolvimento, através de alimentação equilibrada, exposição ao ar livre, práticas esportivas e hábitos não viciosos. Encontram-se, hoje, modelos masculinos e femininos que rivalizam com as admiráveis esculturas clássicas.

Desta sucinta descrição, conclui-se obviamente que há dessemelhanças e conseqüentemente desigualdade entre pessoas de um e outro sexo, do ponto de vista biológico.

Aspectos Psicológicos

Na obra *Psicologia Diferencial dos Sexos*, Roger Piret faz um estudo comparativo das funções sensoriais, motoras e mentais do homem e da mulher. Diz, com relação ao sensorio, que as diferenças são pequenas. Há superioridade feminina para a visão das cores e masculina para a percepção geral. A causa da divergência residiria em fatores sócio-culturais. Quanto ao sistema motor, os homens levam vantagem na força muscular e as mulheres na habilidade manual. A inteligência, considerada como capacidade de resolver situações novas, não mostrou diferenças quantitativas. Investigações feitas em escolas, nos graus primário, secundário e superior, revelam que os rapazes manifestam vantagem em

conhecimentos científicos e matemáticos e as meninas em linguagem. Os sucessos escolares, no entanto, são maiores entre as últimas, por serem mais aplicadas, constantes e dóceis. Estas qualidades encontram também explicação em fatores sócio-culturais.

Até há poucos decênios, as meninas recebiam instrução escolar inferior à dos rapazes. Pais, em dificuldades financeiras, proporcionavam melhor instrução aos homens. Muitas escolas recém abriram as portas às mulheres. Somente agora estão sendo superados preconceitos que impediam a mulher de competir com o homem nos campos da técnica, economia e política. Existem homens que preferem o desemprego para não ocupar cargos considerados subalternos e também mais homens do que mulheres que se entregam à vadiagem e ao vício.

A maior dessemelhança, entre ambos, encontra-se, contudo, na afetividade, na sexualidade e no plano sócio-cultural. Helène Deutsch acredita que o narcisismo e o masoquismo são elementos determinantes da natureza feminina e que a interação dessas características condiciona a vida psíquica da mulher. Cabe uma reformulação. O narcisismo do homem existe, mas com características de agressividade, iniciativa e dominação, além do prazer que tira do objeto amoroso, dando menor parcela de retribuição. Passividade e masoquismo na mulher estão subordinados a um sentimento que traz do berço, o sentimento materno. E uma dotação afetiva que não encontra similar no homem, pois o equivalente paterno é adquirido no convívio com o filho. E há homens que demoram em sentir afeto pelos filhos, porque os consideram usurpadores do amor que a mulher lhes deve. A garotinha brinca com bonecas, não só para imitar a mãe, mas por levar, no íntimo, o germe da emoção materna e alimentar fantasias de casar e ter bebês.

Por injunção natural, a mulher aceita a proteção do homem, pois, no longo período de nove meses, estará absorvida em sua grande tarefa de gerar o fruto do amor. E, singularidade feminina, o trabalho e o zelo com o filho continuará, mesmo quando este tenha adquirido plena autonomia. Será masoquismo sacrificar-se pelo marido e pelos filhos, aceitar o sofrimento porque faz parte de sua vida, procurar ser amada, submeter-se à sexualidade mais exigente do marido e construir o lar? Aparentemente, o narcisismo feminino é expressado em artifícios de beleza e ardis de sedução, porém tem uma finalidade: agradar o amado: e não é de estranhar que se entusiasme com o êxito, pois a mulher tem intuição e penetração psicológica superiores às do homem.

Psicossexualidade

Na sexualidade, com mais acerto na psicossexualidade, a diferença dos sexos é mais marcante. Nos reinos animal e vegetal, o encontro sexual faz-se apenas em momentos determinados, como sejam, o cio no primeiro e a floração no segundo. O comportamento nos vegetais é qualificado de tropismo e nos animais de instintivo. No homem aumenta a complexidade da conjugação, pois além do impulso instintivo, ocorre um envolvimento afetivo, uma escolha de parceiro e nenhuma limitação no tempo para o ato. A atividade sexual, iniciada na puberdade, vai até a velhice. Somente a doença e a decadência esfriam a sexualidade. Fisicamente o homem desempenha papel mais ativo, porém a sensibilidade da mulher é mais prolongada. Do ponto de vista psicológico, o

homem leva vantagem, porque fatores sócio-culturais o favorecem: maior liberdade de ação, maior agressividade e maior tolerância nos deslizes extra-conjugais.

Quando Helène Deutsch afirma que a sexualidade da mulher decorre de duas peculiaridades, o narcisismo e o masoquismo, refere-se à mulher da cultura ocidental, de acento patriarcal. Na sociedade matriarcal, da tribo iatmul, numa ilha dos Mares do Sul, as mulheres hostilizam o marido: vociferam, põem em dúvida a virilidade dele e o diminuem comparando-o com os cunhados. E os vaidosos iatmul não são submissos e delicados como se poderia imaginar, pois há pouco eram temidos como caçadores de cabeças.

Antes do casamento, o homem, em regra, tem experiências sexuais com o outro sexo, com aquiescência da família e da sociedade, enquanto a mulher não as tem ou a ocorrência é menos freqüente, por razões de ordem cultural. As mulheres alimentam fantasias românticas com relação ao ato sexual e desejam preparação prévia, com práticas estimulantes e manifestações de carinho que as levam gradativamente à consumação, o orgasmo. Encontram maior satisfação, se o companheiro age com menos precipitação. O homem pela maior impetuosidade e porque, em suas experiências pré-matrimoniais, agiu mais instintivamente do que afetuosamente, não tem serenidade e habilidade de prepará-la devidamente para a aproximação. Se o desempenho for insatisfatório, culpa, ressentido e egoísta, a mulher que ingenuamente acredita ser responsável pelo fracasso e conclui pela própria frigidez_

Pensam as mulheres que o marido é autoridade incontestável em assuntos sexuais e ele está convencido disso. Acontece que um e outro não receberam instrução adequada para o complexo e íntimo relacionamento sexual. Até para esse ato, deverá haver aprendizado, pois não basta a impulsão instintiva. No romance pastoral de Longus, Cloé, sexualmente experiente, ao seduzir o adolescente, Dafnis, teve de instruí-lo como agir na relação.

Nos últimos decênios, vem sendo investigada a psicologia da sexualidade humana, através de métodos estatísticos e clínicos. O estudo estatístico mais considerado foi feito por Alfred Kinsey e colaboradores que inquiriram mais de dez mil pessoas. São bastante expressivas as conclusões desse trabalho metuculoso e demorado, feito pelo Instituto de Pesquisas Sexuais, da Universidade de Indiana:

- Representações eróticas acompanham a masturbação em 50% de mulheres, enquanto nos homens atinge 72%
- Sonhos eróticos noturnos ocorrem em 70% de mulheres e 100% nos homens.
- Olhar pessoas do outro sexo desperta reações eróticas em 17% de mulheres e 32% dos homens.
- A nudez, através de fotografias, desenhos e pinturas, provoca excitação em 12% de mulheres e 54% de homens .• ,
- Olhar os órgãos genitais do sexo oposto ou dos próprios traz reações em 9% de mulheres e 56% de homens.
- Representação de atos sexuais excita 32% de mulheres e 77% dos homens.
- A leitura de textos literários amorosos excita 60% de mulheres e 59/0 de homens, mas textos francamente eróticos afetam apenas 14% de mulheres enquanto atinge 47% de homens.
- Somente 2 a 3 em 100 mulheres são mais sensuais do que homens.

Kinsey diz que a mulher poderia encontrar tanto prazer como o homem nas relações sexuais, se fosse, excitada com a manipulação direta do corpo. Ela é pouco sensível ao estímulo visual e à imaginação e procura aproximação menos vezes do que o homem, tendo atividade menos intensa menos variada e menos contínua. Quase todos homens jovens têm excitação que chega à ereção, várias vezes por semana ou até diariamente. Mulheres podem permanecer semanas e meses sem excitação, se não houver contato íntimo.

Criticando o método estatístico, poder-se-ia alegar que, embora as pessoas entrevistadas manifestassem o desejo sincero de colaborar numa obra científica, influências inconscientes teriam afetado recordações e prejudicado a veracidade das declarações. O inquérito baseado em entrevistas aceitas, valeu-se também da consulta de abundante bibliografia e não deixou de considerar o que se admitia ser essencial no estudo da sexualidade. Foi tal a importância da pesquisa, que tem sido citada mesmo por autores que pretendem negar-lhe maior mérito.

Com referência ao método clínico, a técnica psicanalítica tem a possibilidade vantajosa de aprofundar o estudo, pois, os pacientes procuram espontaneamente o analista para resolver problemas sexuais e na oportunidade, são consideradas reticências e dificuldades de expressão. Oswald Schwarz considera, em sua casuística, a sexualidade infantil até a puberdade, adiantando que, nesta fase, uma tensão vital peculiar dá origem à exigência sexual dos rapazes. Garotas da mesma idade experimentam “um sentimento vago, indefinível, que invade toda pessoa, numa necessidade geral de ternura, sem objeto particular”, Aí, diz Schwarz, está a diferença da natureza e da significação da sexualidade do homem e da mulher. No primeiro, ela é uma atividade e, na segunda, um estado. Para o homem, o comércio sexual é um dos tantos outros comércios que estabelece com seus semelhantes, mas para a mulher a sexualidade é um elemento essencial de sua existência. Essa diferença permitiria compreender a origem dos desajustes que surgem entre os parceiros no matrimônio.

O sexólogo Havelock Ellis admitia que a mulher seja mais sensível ao amor do que o homem, por apreciar sobretudo o lado sentimental e não o puramente carnal.

Os fatos apurados por Kinsey, Havelock Ellis e outros ajustam-se às interpretações dos psicanalistas, tão bem representados por Schwarz e Heléne Deutsch. Ambos os métodos, estatístico e clínico, trouxeram rica contribuição, em extensão e profundidade ao conhecimento da sexualidade humana.

Estudos recentes de William Masters e Virginia Johnson, da Fundação de Pesquisas Biológicas da Reprodução, Missouri, aduziram novos elementos, observando as respostas corporais durante a excitação sexual. Admitem quatro fases na aproximação sexual: excitação, sustentação, orgasmo e resolução. Além das inúmeras variações individuais na capacidade dos parceiros, acentuam que a mulher apresenta mais modificações do que o homem. Na fase de excitação do homem, o pênis aumenta de volume e enrijece, como consequência do engorgitamento de sangue no órgão genital, enquanto, na mulher, a vagina intensifica a secreção das paredes, se suficientemente estimulada pelo pênis. A precipitação do homem poderá levar a mulher à aversão do coito. Segue-se a ereção do clitóris e o entumescimento dos lábios vaginais e dos seios, e, então, a vagina contrai-se e a totalidade do corpo reage, quando a excitação é sentida. Na

segunda fase, da sustentação, os batimentos do coração aceleram, a transpiração aumenta e surge maior tensão muscular e emocional nos participantes. Se o homem se impacienta para atingir rápido o clímax, a mulher, mais morosa, fica na sustentação, esperando por estímulo. Ocorrendo o orgasmo, terceira fase, o homem deverá ficar junto da companheira, mesmo com o membro viril flácido, pois a mulher ainda deseja ternura e não ser abandonada como uma coisa apenas utilizada. O homem alcança o orgasmo em segundos ou minutos, porém a mulher requer mais tempo, até dez ou mais minutos. Útero e vagina manifestam contrações rítmicas e, em algumas mulheres, os músculos dos braços e pernas têm movimentos espasmódicos que envolvem o corpo do parceiro, numa atitude de agressividade, lembrando a que ele mostrou desde o início. É um momento de plenitude, quando ambos viram venciam total fusão de corpo e alma. Na resolução final, a excitação cai num estado de relaxamento geral, acompanhado de agradável fadiga e bem-estar.

É variável o tempo que o homem leva para novo desempenho ou decentinhos sucessivos, mas a mulher poderá excitar-se de imediato, se solicitada. Essas fases se alteram no tempo, na intensidade e no modo de sentir para cada pessoa, dentro do critério da normalidade. O ato sexual é a função mais diversificada do ser humano. A freqüência atende ao desejo, sendo bastante variável e geralmente maior quanto mais jovem for o indivíduo.

Há aspectos da psicosexualidade que destacam modificações subculturais da atual civilização. Rapazes e moças entraram no estilo de 'vida unissex, em manifesta demonstração de equilíbrio antropológico, entre masculino e feminino. A mulher emancipada, dos centros industrializados, tem oportunidades, direitos e liberdades que outrora foram o apanágio do homem. Existem, contudo, dessemelhanças que decorrem de características próprias do sexo: o erotismo e o vigor físico mais constantes do homem, cuja psicofisiologia não é perturbada por fluxo menstrual, gravidez, parto e amamentação. O homem hodierno usa cabelos compridos, indumentária colorida na escala do arco-íris e ornamentos, considerados, faz pouco, artifícios femininos: colares, pulseiras, anéis em vários dedos, cintos largos, bolsas a tira-colo, perucas e outros apetrechos. Por sua vez, a mulher tomou do homem as calças compridas, as camisas esportivas, os cigarros, as bebidas alcoólicas e alguns ademanos viris. Mas nada disso comprometeu a masculinidade e a feminilidade que se tornaram bastante expressivos com a liberdade sexual imperante.

E o significado dessa nova atitude? Abertura franca para a vida liberal, sem preconceitos e de novos valores? Melhor entendimento entre o homem e a mulher que se nivelam no plano cultural? Regressão ao simulacro de bissexualidade passageira do início da adolescência? Ou, simplesmente, retorno a estilos de vida de períodos anteriores da História? Talvez alguns ou todos estes fatores interrogativos estejam operando no aparecimento do *new look* unissex. Os rapazes foram atingidos apenas pela crítica intolerante de adultos conservadores que não aceitam novas faixas de existência, porém as garotas ficaram afetadas na saúde física e mental, pois os dois tóxicos, álcool e tabaco, destroem a beleza e precipitam a senilidade.

Até agora, considere mais dessemelhanças do que semelhanças entre o homem e a mulher. Vamos apreciá-los, de outro ângulo, o da complementação de ambos, e isso nos fará atingir o sentido finalista das semelhanças e dessemelhanças.

Destinação

A destinação do homem é ligar-se à mulher e a destinação da mulher é ligar-se ao homem. Se isso não ocorre, um e outro assumem um comportamento que foge ao comum. Não digo que seja anômalo, mas implica em falhas no relacionamento interpessoal. Solteirão é expressão pejorativa de celibatário. Socialmente é considerado pessoa diferente, talvez inferior. Julgam-no frustrado, desenganado, com problemas neuróticos, passíveis de interpretações escabrosas e, ainda, morbidamente vinculado à mãe.

É no casamento, no entanto, que as diferenças poderão trazer atritos e esses acontecem por motivos de ordem afetiva, sexual, social e cultural. Anatômica e fisiologicamente a Natureza talhou homem e mulher para um perfeito ajustamento. A incompatibilidade manifestar-se-á por falta de preparação para o convívio demorado: imaturidade emocional, educação inadequada ou divergente, precipitação no casamento, falta de capacidade de renúncia, prepotência de um dos cônjuges, desencanto por muitas circunstâncias e desajuste sexual.

Educação familiar e escolar não preparam o ser humano no sentido da compreensão das peculiaridades de cada sexo. O matrimônio exige um período mais ou menos longo de adaptação e a atitude dominante será a das concessões recíprocas que levam ao companheirismo, ao convívio agradável. Mesmo o amor romântico deve ser intencionalmente alimentado, tanto quanto a intimidade que traz a doçura do lar.

Sabendo o que um pode esperar do outro, haverá entendimento, bom relacionamento e possibilidade de harmonia conjugal. Faço, no momento, referência aos aspectos sentimental e racional. E, nesses dois, o homem tem uma feição diversa da mulher, porque sua missão é garantir a segurança da mulher e dos filhos. Usará mais a razão e abusará de racionalizações. Destaca o aspecto racional em detrimento do sentimental. E, nesse último, é menos dotado do que a mulher, pois não acalenta fantasias amorosas como ela. A companheira é passional, pois, desde a infância, nutre sentimentos românticos, pondo-os na escala de valores acima da razão: o raciocínio, em questões familiares, é distorcido por motivos sentimentais. Ela tem uma missão específica na vida, a de realizar-se na maternidade. Assume funções de grande responsabilidade que, somente, em parte, poderá transferir para outras pessoas. Tem maiores e mais complexos compromissos do que o marido. Sucede que, no mundo atual, ela recebe instrução escolar tão boa como o marido e goza dos mesmos direitos que ele no campo profissional. Trabalhando fora, terá de acumular e conciliar duas tarefas importantes, a do lar e a da profissão; nesta tem revelado igual capacidade à do homem. Lamentavelmente não foi feito, em escala apreciável, o ensaio de pôr o homem nas atividades domésticas.

Capacidade de raciocinar e de sentir equiparam-se nos dois sexos, mas o homem maneja, preferencialmente, a razão, e a mulher, o sentimento. Decorre da

missão biológica e cultural de cada um. Lucio D' Ambra, reconhecendo os direitos da mulher, admite que a sua mais nobre profissão é ser esposa, já que foi naturalmente talhada para desempenhar o papel de rainha do lar. Mas D'Ambra é suspeito porque, sendo italiano, pertence a uma cultura, onde a autoridade paterna é indiscutível. Conta, no entanto, com fortes argumentos biológicos, psicológicos e culturais aceitos pela maioria dos autores.

Persistem, ainda, em países evoluídos, pressões culturais discriminatórias que dão vantagens profissionais aos homens, porém as mulheres vêm conquistando terreno, através do estudo e do trabalho fora de casa, com invejável responsabilidade. Aumenta, ano por ano, o número de universitárias, de profissionais liberais, de funcionárias públicas, ocupando cargos elevados e de mulheres dirigindo grandes empresas. Quando os filhos chegam à adolescência e ficam menos dependentes, a mãe tem possibilidade de dedicar-se a tarefas estranhas à família, mas não esteve desperdiçando talento em casa, pois cumpriu missão construtiva para a qual o pai não está habilitado. Se deseja, irá competir com os homens, porém com as mesmas oportunidades e direitos que as leis conferem a todos os seres humanos. A ilustre jurista colombiana, Esmeralda Cuevas, afirmou com muito acerto: *De agora em diante, é preciso que as coisas que dizem respeito às mulheres sejam feitas como elas desejam e não como os homens pensam que elas querem.*

Atualmente, um grande número de homens civilizados admitem a mulher em plano de igualdade social e a auxiliam em lides domésticas, o que vem beneficiando os filhos com a presença mais constante do pai, indispensável ao desenvolvimento emocional, intelectual e moral, até há pouco relegado à mãe sobrecarregada. E, curioso, varridos os preconceitos de que certas ocupações eram exclusivamente femininas, os homens não se acham diminuídos na virilidade. Sentem prazer em cooperar no lar, dando e recebendo mais amor e promovendo maior coesão familiar.

Separação

Comenta-se que hoje há mais separação de casais do que no passado. São reconhecidos os velhos motivos, acrescidos de novos que surgem do espírito da era em que entramos. A participação familiar do homem e o afastamento da mulher que exerce profissão fora do lar, não explicam o fenômeno. E, se há mais separações, também há mais acertos conjugais atualmente. Os que se incompatibilizam, logo decidem pela desunião, enquanto, outrora, suportavam o desentendimento por temor à crítica social e à pressão dos preconceitos. Os que se ajustam são mais esclarecidos e compreensivos e se batem pela integridade do lar, porque possuíam ou adquiriram maturidade emocional.

Linhas atrás, houve referência a incompatibilidades afetivas, sexuais, sociais e culturais entre homens e mulheres e estas constituem os velhos motivos; os novos vêm da civilização industrial: ritmo acelerado de vida, liberalismo oriundo do abandono de valores tradicionais, aceitação de outros valores condizentes com ideologias intuitivistas e imediatistas, transitoriedade das coisas e a avassaladora comunicação social que massifica padrões positivos e negativos de comportamento.

Se há grave conflito no matrimônio, o recurso da separação surge, com desassombro, como solução rápida de uma situação insustentável e perniciosa para o casal e os filhos. No passado, em nome de uma falsa moral, marido e mulher mantinham luta de cão e gato, no recesso do lar, desmantelando a saúde mental da descendência.

Separação é solução extrema, sempre prejudicial aos filhos. O casal, ao assumir o compromisso de conviver nas boas e más horas, deve considerar que o vínculo aceito visa a manter a união familiar. O lar constituído será o mundo adequado à criação dos filhos que esperam proteção, entendimento e amor, pois a família atende à lei natural e fundamenta a organização social. No casamento, a sanção legal e religiosa constitui a confirmação de um ato que procede da própria natureza humana.

Na solvência do matrimônio, muito se tem discutido sobre as vantagens do desquite e do divórcio. O problema crucial é saber qual o mais nefasto. Desquite, no meu entender, é imoral e vexatório, porque os filhos ficam com um dos cônjuges e sofrerão, na escola e na sociedade, constrangimento e inveja de não ter, como os companheiros, pais que os assistam. Isso é sentido como desamor. Os pais ficam em situação embaraçosa, pois, ao procurarem parceiro ou parceira, chegarão à ligação moralmente condenável que irá ferir os sentimentos dos filhos. Não suportando a solidão, o homem vê no desquite portas abertas para o concubinato. Socialmente, hoje, o convívio marital é aceito e leis amparam mulher e filhos da união livre, o que é simplesmente humano. O divórcio devolve aos pais a liberdade de casar e estruturar um novo lar, com alguma base moral, pois regulariza, ao menos legalmente, a situação do casal. Onde existe o divórcio, os filhos sofrem menos, porque terminam por aceitar pai ou mãe adotivos como pessoas corretas: leis infundem respeito. Essas razões fazem o divórcio mais freqüente que o desquite. Traz menos problemas de consciência.

Do ponto de vista religioso, cristão, ambos levam ao concubinato.

Mas como agir em caso de incompatibilidade insustentável? Que se lembre o dano irreparável que o cônjuge alcoólatra, arbitrário, irresponsável e agressivo traz aos filhos menores. O desenvolvimento emocional da criança fica gravemente comprometido num ambiente de intolerância, ódio, violência e repulsa. Guardará imagem monstruosa daquele que deveria ser um ídolo e ponto de partida necessário para identificações e fantasias construtivas da etapa infantil.

Ajustamento e Desajustamento Conjugal

O desempenho sexual humano leva ao mais completo relacionamento do homem com a mulher, num envolvimento total do corpo e da alma, "numa fusão do eu e do tu" que atinge a plenitude existencial no casamento. Embora originário de um impulso instintivo, o desejo sexual está ligado a um estado afetivo, o amor, que age como estimulante, não somente na presença do ser amado, mas também ao recordá-lo através de coisas e situações diversas. A tensão sexual surge como uma necessidade imperiosa de posse e satisfação momentânea, porém o amor assume um sentido sublime e permanece como aspiração insaciável. Refiro-me ao amor romântico e não ao que impropriamente se tem emprestado o nome de

"amor" e que na realidade é uma simples descarga de tensão sexual com parceiro ocasional.

Para o ajustamento sexual não basta que homem e mulher tenham um bom conhecimento da anatomia genital de um e outro. Haverá um momento oportuno de aceitação e de afetividade harmoniosa, para um ato de posse e entrega. A satisfação será maior quando o desejo for mútuo e isto vale sobretudo para a mulher. Por circunstâncias estranhas ao amor, a mulher pode não desejar a relação, o que muitos homens não compreendem. E tampouco, a mulher irá envergonhar-se se tomar a iniciativa da aproximação: ela também tem sensualidade. Levar-se-á em conta que o homem fica excitado com a nudez e zonas eróticas do corpo feminino, enquanto a mulher excita com as carícias que recebe. Faz parte da educação sexual a configuração dos órgãos genitais e o conhecimento da função de cada um dos seus componentes. O parceiro saberá que a companheira tem partes erógenas que devem ser estimuladas, a fim de segui-la no intercurso sexual. Ele, por sua vez, terá que adaptar-se à morosidade da mulher. Haverá um diálogo franco e bem humorado sobre a maneira de se acertarem. Algumas mulheres, atendendo preconceitos, esquivam-se desse entendimento, como repelem variar as posições do coito que são muitas e normais.

O ato sexual não obedece somente a uma finalidade biológica mas constitui uma fonte lícita de prazer no matrimônio. Em acordo com a mística feminina, o verdadeiro amor tem sua origem e seu incentivo no desejo sexual. Amor platônico não é sublimação, porém sexualidade reprimida e racionalizada. Os casais estão na obrigação de ter conhecimentos mais completos sobre a sexualidade e não admitir que só há um tipo de experiência. Equilíbrio emocional contorna dificuldades que possam surgir.

Se a mulher teme a propalada agressividade do homem, deve considerar que ele também tem um temor lendário de ser destruído por ela. Que se recordem as mitologias grega e nórdica, com as fascinantes e perigosas figuras de Circe e Lorelei, além das incontáveis sereias e ninfas. Fatores culturais, e não naturais, influirão nas inibições sexuais e estas atingem mais a mulher: censura dos familiares à curiosidade infantil, nervosismo e inabilidade dos pais nas explicações, intolerância religiosa com relação ao sexo, informações errôneas ou malévolas de alcoviteiros e o tolo e velho preconceito que associava o sexo ao sujo, vindo da proximidade do meato urinário e do ânus.

Pode haver uma defasagem entre marido e mulher nas relações sexuais que serão contornada pela orientação do médico. Pessoas ligadas por grande afeição, não dão maior importância a algumas dificuldades, pois embora a atividade sexual represente um importante papel no matrimônio, não representa a totalidade da harmonia. A compreensão e o amor conduzem à adaptação dos cônjuges.

Na relação sexual, o componente emocional torna o ato tão prazeroso e requintado que o homem é tido como mais sensual que os animais; o fator psíquico perturbado explica falhas e inibições ocasionais. Nem sempre a mulher alcança o orgasmo, porque o homem a antecedeu nesta fase, mas a parceira não ficará frustrada de um todo, sabendo que o marido desfrutou o momento. A mulher ama, porém aprecia sobretudo ser amada. Masters e Johnson tranqüilizam as mulheres, afirmando que não há um orgasmo puramente vaginal ou clitoridiano,

mas um orgasmo sexual. Tampouco existe um padrão para a gratificação, tantas são as variações individuais.

A mulher, no matrimônio, espera do marido atenção, amor, compreensão, segurança e diálogo, pondo a sexualidade em plano complementar. Dedicção quase exclusiva do homem ao trabalho leva a esposa ao ressentimento e ao distanciamento, pois sua necessidade de comunicação é indispensável para a felicidade. Em contrapartida, a mulher que põe o cuidado da casa acima do interesse pelo marido, pode proporcionar seu afastamento. A quebra da rotina, a recreação do casal, as viagens, as férias passadas fora de casa, são fatores valiosos de aproximação.

Hoje, o homem não relaciona honestidade com frieza sexual e tampouco ardor feminino com conduta infiel. Por não suportar a tensão sexual, fica frustrado quando repellido, mas sente-se lisonjeado se a mulher tomar a iniciativa. Há mulheres que, não chegando ao orgasmo, simulam, para estimular o marido e não ferir seu machismo. O homem necessita de um bom desempenho para garantir a auto-estima. Isso não quer dizer que a mulher menosvalore a sexualidade, pois a menor referência à sua frieza, desencadeia tal revolta que termina pela ofensa, aviltando o companheiro, pondo em dúvida sua preciosa virilidade.

A posição atual da mulher combativa que galga postos de destaque e oferece o próprio corpo, vem desprestigiando o homem, rebaixado na condição tradicional de conquistador e temeroso de ser rechaçado. Sociólogos e psicanalistas estão preocupados com o perigo de sumirem os pais forte e assumirem mulheres dominadoras, pois essa situação poderá condicionar tendência à homossexualidade e à impotência.

Mais uma vez, recorro a Masters e Johnson que, nas incompatibilidades sexuais, consideram o casal como o paciente. A técnica que empregam é sobretudo pedagógica e implica em instruções físicas, com focalizações sensoriais, diárias, no período inicial de duas semanas. Coterapeutas, médico e médica, discutem em mesa redonda os problemas do casal que é submetido a processo educacional. Os cônjuges vão reconhecendo causas e efeitos das dificuldades e, assim, a expressão livre da sexualidade é gradualmente alcançada. Dizem esses pesquisadores que ignorância e atitudes inconsideradas, mais do que doença física ou mental, explicam distúrbios como impotência, frigidez, ejaculação precoce, coito doloroso e ausência de orgasmo. "O temor da incompatibilidade é o obstáculo mais conhecido para o funcionamento sexual efetivo pois distrai o indivíduo da resposta natural, bloqueando a recepção do estímulo sexual, Já criado e refletido pelo companheiro". Dificuldades sexuais maiores devem ser solucionadas com orientação médica, para que não se estendam às outras formas de comunicação matrimonial.

Homossexualidade

Homossexual é a pessoa adulta que sente atração erótica por indivíduo do mesmo sexo e que mantém habitualmente relações sexuais com ele. Desde conceito estão excluídas as modalidades de conduta ocasional de adolescentes prisioneiros e marinheiros que não têm um desejo específico e preferencial pelo

mesmo sexo. A maioria dos jovens e adultos encontram satisfação sexual com pessoa do sexo oposto pela simples razão de a Natureza assim dispor para atingir seu desígnio: a procriação. A homossexualidade constitui um controvertido problema médico, moral, cultural, social e legal.

Freud admitiu que os seres humanos passam por uma etapa de bissexualidade, no curso do crescimento, até atingir a maturação dos órgãos genitais e surgir o desejo heterossexual. Certas experiências vitais poderiam deter o processo evolutivo, fixando o indivíduo no nível homossexual. Mesmo quando o amadurecimento se faz de modo normal, permanecem tendências que se traduzem por manifestações sublimadas de amizade por pessoas do mesmo sexo, bem como interesses e atitudes equívocos. Masculinidade e feminilidade implicariam em questões qualitativas e quantitativas. Fala-se em homossexualidade latente quando uma pessoa não tem conduta homossexual franca, porém destaca fortes tendências para o mesmo sexo.

Estudando gêmeos univitelinos, homossexuais, Kallman chegou a acreditar numa vulnerabilidade genética, embora não a considere decisiva para explicar o desvio sexual. Foram, contudo, encontradas anormalidades cromossômicas. Outro autor, Pane, impressionado com as investigações de Kalmann, espera que pesquisas mais profundas venham dar realce ao fator genético. Tem sido invocado o papel dos hormônios gonadotrópicos (sexuais), indispensáveis ao crescimento e à maturação dos órgãos genitais, bem como à manifestação das características sexuais secundárias: seios, voz aguda e traços delicados, na mulher, e barba, voz grave e traços angulosos no homem. Esses hormônios andrógenos (masculinos) e estrógenos (femininos) não têm ação exclusiva sobre a sexualidade, pois agem ainda sobre o metabolismo das proteínas, do cálcio e outras funções. O desejo e o desempenho sexuais não estão condicionados à maior ou menor riqueza desses hormônios, porém doses elevadas de hormônio masculino (testosterona) aumentam a sensibilidade genital do homem e da mulher, enquanto o feminino (estrógeno) apenas reduz a apetência sexual do homem, podendo aumentá-la na mulher. Nos homossexuais não foram apuradas alterações das glândulas gonadotrópicas e tampouco no teor hormonal sexual. Tratamento com essas substâncias não influi na homossexualidade. O emprego de hormônios pode afetar o desejo sexual, mas não mudar a preferência existente. Na pré-puberdade, a testosterona faz crescer o pênis e o clitóris, aumentando a sensibilidade ao estímulo mecânico.

Seres humanos adultos, castrados, denotam uma conduta sexual semelhante à das pessoas ilesas, o que vem provar que os hormônios, nessa etapa da vida, desenvolvem menor atividade. Que fatores genéticos e hormonais estabeleçam a diferença dos sexos é óbvio, mas que tenham influência na manifestação da conduta homossexual não foi provado.

Resta o fator psicológico, cuja ação parece, no momento, preponderante. Agentes sócio-culturais operam através do psiquismo. Segundo Hampson e outros pesquisadores, há neutralidade sexual no nascimento e essa condição permitiria o desenvolvimento em diversas linhas de orientação e funcionamento psicosexual, em acordo com as experiências vitais. O animal tem estruturas instintivas fortes e o homem fracas. Em compensação, o homem, é mais suscetível às modificações

ambientais e a aprendizagem. Impulsos biológicos fracos fixam-se facilmente nos objetos do mundo exterior e ficam sujeitos a grandes alterações. Daí, sua enorme capacidade de adaptação. A imitação e a aprendizagem, no curso do desenvolvimento social e cultural, vão conferindo crescente importância psicológica. Padrões assimilados na infância serão sentidos na idade adulta. Compreende-se, então, por que são tão significativas as vivências do mundo familiar.

Darei uma ilustração do que foi dito acima. Um menino de formas harmoniosas e atitudes submissas pode afetar as reações dos pais e irmãos, à ponto de lhe conferirem um falso papel de menina. Terá assistência e atividades inadequadas, perdendo, com isto, as oportunidades de identificação próprias do sexo. O mesmo poderá ocorrer em famílias pequenas, quando o relacionamento de pais e filhos é intenso e distorcido. Que prejuízos sofrerá o caçula ao atender necessidades afetivas de uma mãe absorvente ou idosa?

Em suma, a criança deve identificar-se com o progenitor ou pessoa do mesmo sexo. A estreita vinculação do menino com a mãe, quando falta o pai ou este é indiferente ou odiado, poderá levá-lo a identificar-se com ela. Mãe onipotente, dominadora, superzelosa, estará agindo para este tipo pernicioso de identificação. Mais tarde, o rapaz irá procurar, preferencialmente, pessoas do mesmo sexo, seja por medo de perder o amor materno, seja porque, acompanhando outras mulheres, o assaltem sentimentos inibidores de incesto. Mas há medida para todas as coisas, o menino não conviverá só com homens, pois correrá o risco de passar a temer mulheres, distanciando-se do objeto sexual adequado.

Meninos seguirão o modelo masculino e meninas o feminino, tendo no lar a oportunidade de se relacionar afetuosa e compreensivamente com mãe e pai. Identifica-se com o genitor do mesmo sexo e sente natural atração pelo do outro sexo. Haverá rivalidade do filho com o pai, por ciúme da mãe e atritos da filha com a mãe pela mesma circunstância. São sentimentos regulares que serão contornados com tolerância. Trata-se da situação edípica, normal no desenvolvimento de ambos os sexos. As experiências reais ou vividas na fantasia da criança afetam o psiquismo, mormente nos aspectos sexuais. A sociedade valoriza o amor heterossexual, sendo a escolha do objeto sexual determinada no ambiente familiar, através de uma conduta adequada dos adultos, O fator genético fixa o sexo e o glandular desenvolve os órgãos da sexualidade e da sensibilidade específica, mas o psicológico estabelece o pendor e a escolha do objeto amoroso, bem como a intensidade das emoções sexuais.

A terapêutica psicanalítica limita-se a ajudar o paciente a conhecer-se, conhecer os outros e o mundo que o cerca. Nessa condição, será tratado o homossexual que está em conflito, e não aquele que aceita o desvêu. Numa tentativa de tratamento psicológico, o auxílio visará a romper a fixação da etapa do desenvolvimento atingida para alcançar a maturidade sexual.

Há implicações morais e legais na homossexualidade. Num país de moral cristã dominante como o nosso, a homossexualidade é considerada aberração pecaminosa, sodomia, mas o liberalismo hodierno tem levado pessoas arejadas, tolerantes ou interessadas, a admitir que este desvio psicopatológico seja, apenas, uma forma particular de comportamento. E a legislação vigente considera criminosa a prostituição e a corrupção de menores, mas não a dos adultos.

CAPÍTULO 3

PRIMEIRO OBJETO AMOROSO

Sentimento Materno

A mulher afetivamente é mais dotada do que o homem. Nasce com um sentimento específico, o materno. Aliás, seu ,psiquismo é mais fundamentado na vida emocional do que na racional. Sua atitude em face da vida é uma consequência de características psicológicas: narcisismo calcado tanto no amor de si mesma como no dos que a cercam, passividade que decorre da maior capacidade de sofrimento e renúncia e integridade interior, no sentido de maior fidelidade

sentimental. E é na maternidade que ela atinge a plenitude da existência, pois, além do acontecimento biológico, prova sentimentos criadores de amor, vida e solidariedade.

Diz Helene Deutsch: "A mulher encontra na maternidade uma maravilhosa ocasião de experimentar imediatamente o sentimento da imortalidade". Briffault mostra larga visão, quando faz decorrer do relacionamento mãe-filho todos os sentimentos sociais que remontam à proteção feminina, isto é, os impulsos maternos que agem beneficentemente sobre a família. Na concepção e na gravidez, a mulher, impregnada de amor materno, vivencia gradativamente a união, a simbiose, que estabelece com o ser que cresce na sua intimidade somatopsíquica. Lembranças, anseios e esperanças armam uma situação psicológica que resume experiências individuais gratificantes, quando aceita a gravidez e se identifica com a imagem da mãe boa. Aquela que rejeita a gravidez ou vive conflitos emocionais estará sujeita a maiores problemas físicos e psíquicos em todas as etapas do processo. A maternidade depende não somente de condições individuais, como também de influências culturais e sócio-econômicas.

Na cultura brasileira, de bafejos cristãos, a atividade da mãe é variável. Mulheres dominadoras ou agressivas reprimem o sentimento materno, porque buscam outros valores; as serenas e amorosas, emocionalmente maduras, não opõem obstáculo ao afeto natural e conciliam maternidade com ocupações diversas.

O instinto materno do animal transforma-se em amor materno, no gênero humano, e perdura pela vida, mesmo quando os filhos atingem a idade adulta. A maternidade constitui uma situação afetiva complexa com raízes fisiológicas, emocionais e culturais. Nos mitos de povos antigos ou primitivos, a maternidade era aceita como um fenômeno biológico da partenogênese (reprodução independente da fecundação), pois a compreensão deles não estabelecia relação entre o ato sexual e a fecundação. Mas o sentimento materno existia. Superando a ignorância, a civilização trouxe modelos mais racionais e menos sentimentais que afetaram a maternidade. Nas classes alta e média e mesmo entre operárias, os filhos são deixados com amas ou em creches. São considerados fardos, estorvos, que afastam a mãe da vida costumeira, carregando privações.

As necessidades do filho despertam na mulher pulsões de proteção, de alimentação e de zelo indispensáveis ao crescimento. Há uma interação harmoniosa entre tendências egoístas e altruístas. Está preparada para dar amor antes de recebê-lo. Satisfação de desejo sexual e instinto de reprodução podem estar dissociados, pois comportamento sexual e maternal não constituem unidade. Nos animais não existe esta dicotomia. Há mulheres que, temendo a atividade sexual, fogem à maternidade em derivações profissionais relacionadas com o cuidado de crianças. Outras renunciam à maternidade em favor do erotismo. Esta situação ocorreu entre as nativas das Ilhas Marquesas, exímias em práticas sexuais, de hábitos canibais, e ciumentas das filhas que eram repudiadas pelo temor de serem devoradas.

Nossa civilização tem vícios de refinamento que a tornam paradoxal. Mães insensíveis que não dispensam carinho aos filhos, porque não o receberam na infância, e outras, altruístas, que reagem ao desamor parental, assumindo atitude diametralmente oposta: dão com largueza o que não receberam. Kardiner qualifica de "cortesãs" as mulheres que repelem a gravidez e a amamentação por temor de

perder a beleza. E explica o gesto como racionalização do medo de destruir o próprio ego. Relação com o marido e com a família, experiências remotas e recentes, condições materiais de vida e meio social e, sobretudo, o lugar que a criança irá ocupar na existência da mãe, influem decisivamente no afeto materno. As que vivenciam estas condições de modo favorável, contam com maiores probabilidades de ser emocionalmente sadias e despertarem para uma nova e melhor experiência na maternidade. Sentir-se-ão gratificadas como o primeiro objeto amoroso do filho.

A saúde mental da mulher é uma garantia de equilíbrio físico e psíquico nas etapas da maternidade. Os processos fisiológicos da gravidez refletem no psiquismo que reage em acordo com o estado fetal reinante. A aceitação é uma promessa de bem-estar e a repulsa o caminho da perturbação. Entram em jogo interesses egoístas e altruístas, cuja acomodação depende de vivências agradáveis ou conflituosas do passado e do presente. A educação para o matrimônio, para a maternidade e para a natalidade, deve ter início na infância ou na adolescência. Embora, biologicamente, a concepção ocorra entre 16 e 50 anos de idade, psicologicamente ela é sempre aceita como um acontecimento natu-

ral, inerente à função feminina, até quando não desejada. O anseio de ter filhos não atende somente ao sentimento materno, mas também à exigência de afirmar a fertilidade, de presentear ou reter o marido, de competir com outras mulheres ou identificar-se com a mãe ou continuarse através do filho.

Existem outras modalidades de sentimento que estão relacionadas com recordações da experiência da mãe: medo da dor, abandono de situações agradáveis e vergonha de se queixar ou de enfeiar. Surgem manifestações regressivas, fugazes, de dependência, e de agressividade ao bebê e ao marido, além de sentimentos de culpa, auto-punição e reparação, todos ligados a vivências infantis de incorporação e eliminação. Nesses conflitos, a solução geralmente é favorável por sobrepujar o forte afeto materno.

Gravidez

Outrora, a gravidez e o parto eram considerados episódios naturais na vida da mulher, porém, hoje, atribui-se maior importância a fatores de ordem psicológica e sociológica. Angústias, enjôos e inúmeras dificuldades estão exigindo a intervenção de técnicas médicas para resolver problemas da mulher psicologizada e sofisticada. Náuseas e mal-estar surgem também pela prevalência do hormônio placentário. A planificação da natalidade, oriunda da explosão demográfica, tornou a situação mais complexa por invocar sua feminilidade, na atual civilização, enquanto nas culturas primitivas enfrentava o acontecimento com maior naturalidade.

A tensão emocional e os distúrbios fisiológicos do primeiro trimestre costumam trazer menor interesse pelo marido, pelos familiares e pelo meio social, por estar assimilando a idéia do filho como parte integrante da personalidade: porção da

energia afetiva é retirada do exterior para ser investida no interior, no processo da gravidez. No segundo trimestre, os movimentos fetais e o aumento de volume do ventre fazem a mulher admitir a presença de uma nova entidade, independente da sua e, então, divaga em fantasias sobre o filho. Pensa que o mundo irá modificar no futuro com os planos que forja e que dará nascimento a um personagem importante, talvez um herói (mito do nascimento). Devaneia que o filho já nasceu e escolhe nomes, discute o sexo, tornando a gravidez uma fonte de alegria. O marido intervém, não raro afirmando que será homem: inconscientemente necessita afirmar seu machismo. Ela está mais tranqüila, pois existe melhor adaptação fisiológica e maior aceitação psicológica. O médico continua o controle da gravidez e encoraja, referindo que o coração do bebê bate, que a cabeça e os membros mudam de posição. Redobram os preparativos do enxoval e vem a colaboração de parentes e amigos. Finalmente, na última etapa, ressurgem nova tensão, a da espera do parto. Quer terminar depressa. Tem temores considerados normais: receio de que ela ou o filho possam morrer, que tenha obstáculos no parto, que o filho nasça com defeitos. Inquietude, insônia e tristeza podem ocorrer. Intervém o médico, regulando a dieta, verificando o peso, dando vitaminas e minerais e realizando exames mais freqüentes. São atendidas ou removidas perturbações eventuais e dispensadas palavras confortadoras.

Náuseas, vômito, inapetência, dores gástricas, aumento de apetite. desejo caprichoso de certos alimentos e prisão de ventre, não decorrem somente de alterações físicas da gravidez, pois representam também a ativação de tensões psíquicas que vêm de teorias alimentadas na infância, com relação à reprodução, tais a da gravidez vinda da ingestão de alimentos e a dos filhos nascendo pelo ânus. As primeiras manifestações traduzem rejeição e as segundas aceitação; conteúdos psicológicos usam a linguagem dos órgãos. Marie Langer assevera que vômitos e bulimia (comer excessivamente) são explicados pela situação de ambivalência durante a gravidez. Claro, a gravidez traz desconforto que é menor ou mais suportável, se a gestante estiver com espírito de boa receptividade. Terá momentos de felicidade e esperança, de realizar o sonho que a levará à plenitude da existência feminina. Dai a importância de ser envolvida num ambiente familiar e social tranqüilizador e estimulante. A mulher amada, que sente a participação do marido nos embaraços da gravidez, costuma enfrentá-la com coragem e alegria, afastando temores naturais. Mulheres desprezadas, pouco sociáveis, prepotentes ou intelectuais rígidas, assumirão atitude fria em face da gravidez, sentindo-a incomodativa, frustradora. O receio será maior e, com ele, o medo da morte. E verdade que esse está atenuado, atualmente, com os recursos da medicina. Há gestantes neuróticas que suportam satisfatoriamente a gravidez, por derivarem os conflitos mórbidos nas preocupações da gravidez e do parto. As que evitam sistematicamente a fecundação procuram escapar de problemas relacionados com sexualidade, agressividade ou encargos da maternidade.

Quem não pode conceber, e tem forte sentimento materno, busca compensação no cuidado, carinho e adoção de crianças. O celibato e a esterilidade têm sido trágicos para mulheres, que, frustradas, se tornam egoístas, hostis e ciumentas, desviando o afeto no zelo extremado por animais domésticos. A esterilidade de origem psíquica é muito complexa e bastante discutível: operam fatores inconscientes de medo. Encontrada em mulheres acentuadamente sensuais,

virilóides, revoltadas e racionalizadoras, difíceis ao tratamento psicológico. A masculinização de interesses e atividades impostas por motivos narcisistas, profissionais e sócio-econômicos, no mundo atual, onde há quem busque a indiferenciação sexual, vem depreciando a fecundidade. Acredita Helène Deutsch que parte da criatividade original da mulher vem do sentimento materno e outra do investimento natural no trabalho. No segundo caso, poderá haver um desvio, visando imitar a maneira masculina de se afirmar. **Se** para a mulher é difícil separar sexualidade e maternidade, e por essa circunstância sofre com a esterilidade, o homem sente-se comprometido na virilidade, porém não sofre tanto pela privação da paternidade. A estenhdade do marido deixa a mulher desapontada por não poder alcançar um estado a que aspira. Quanto à frustração do homem, tem origem em sentimentos de incapacidade e castração. Nos atritos conjugais, a mulher irá valer-se da situação para argumento arrasador.

a aborto por filho não desejado ou ilegítimo gera sentimentos de culpa e expiação, além da condenação social. Não creio que a legalização do aborto, em alguns países, venha minorar esses sentimentos negativos que ferem raízes vitais. Fica prejudicado o relacionamento entre o homem e a mulher, pois ela costuma ocultar o aborto e, não raro, fica ressentida com o companheiro. E sempre um sacrifício, preparado por dois e partilhado por um só, o mais vulnerável. A mágoa pode perdurar toda a vida.

Com referência à gravidez imaginária, a esterilidade de um dos cônjuges chega, raramente, a levar uma personalidade histérica a simular, por mecanismo inconsciente, a gravidez, ora por inveja de mulheres que engravidam, ora porque a gravidez signifique prestígio ou necessidade de agradar o marido.

Parto

No parto a mulher enfrenta uma das experiências mais dramáticas da vida, onde o sofrimento e a alegria se mesclam paradoxalmente. Não se trata de um simples processo fisiológico, pois comporta freqüentes, variáveis e penosas provações, vindas de influências culturais. Admite-se que o parto seja mais fácil em mulheres primitivas ou de condição sócio-econômica humilde e mais complicado nas civilizadas. Acontece que as primeiras também têm dificuldades e necessitam de ajuda de pessoas experientes ou parteiras, quando não contam com o médico. Entre povos selvagens, serão consideradas impuras e perigosas, mas entre as civilizadas serão tomadas como mártires, merecedoras de atenção especial, fontes preciosas de vida e de amor. O parto é um sofrimento, hoje, mitigado com recursos da medicina. A parturiente recebe assistência do especialista, o obstetra, que determina, em alguns casos, o momento em que o bebê irá nascer. Recorre-se até a anestesia para evitar a dor, porém a mulher deixa de participar conscientemente de uma experiência de alto significado em sua vida.

Há quem pense que o obstetra representa a *couvade*, substituindo inconsciente, mas invejosamente, a mulher na tarefa de dar a luz. É maliciosa esta versão de desejos reprimidos, pois a intenção real do médico é de proteger a parturiente com meios técnicos que a beneficiem, o que implica numa atividade bem diversa da atitude do índio que passivamente se recolhe no leito.

a parto psicoprofilático constitui uma boa preparação para a mulher grávida, ao chegar o momento decisivo, quando a cooperação será valiosa. Está em voga, contudo, o parto consciente, apenas suavizado com algum medicamento, devolvendo, assim, à mulher a oportunidade de participar do nascimento do filho. Frédérik Leboyer inaugurou o idílio do nascimento, recebendo o nascituro com zelo técnico carinhoso e o aproximando logo da mãe, num amplexo amoroso de boas vindas; a cena é comovedora em seus atos, fisiológica e psicologicamente corretos, numa demonstração do aspecto humanizado do parto, realmente traumatizante e perigoso para o bebê, em passado próximo.

Como na gravidez, mulheres emocionalmente mais duras manifestam em geral bom trabalho de parto e reações psicológicas favoráveis. Vida marital feliz e condição sócio-econômica regular são fatores propícios. Influências psíquicas benéficas-remotas e atuais facilitam o parto.

Na cultura ocidental, médicos e enfermeiras dão assistência material e afetiva à parturiente, deixando o pai de fora, angustiado ao pensar no risco que a companheira corre. Resquício da superstição dos ancestrais que, como os povos primitivos, afastavam o marido e outros homens, e até meninos, da parturiente impura. Permite-se agora, quando o marido é homem sereno, que acompanhe a esposa, ao menos temporariamente, na sala de partos.

Compreende-se que, nas semanas finais, a mulher fique impaciente, pois o útero desce, trazendo sensação de pressão, desconforto e alguma dificuldade respiratória. Rompe-se a harmonia que se estabelecera no terceiro trimestre entre mãe e filho. Há amor e também uma ponta de agressividade pelo sofrimento que irá suportar. A mulher anseia pela expulsão libertadora, mas no momento crucial do nascimento é assaltada por temores, envolvendo a própria vida e a do bebê. Que ela vivencie o trauma do próprio nascimento é discutível.

Analgésicos e anestésicos poderão prejudicar a criança e devem, sempre que possível, ser abandonados. Experimentados obstetras sustentam que esses medicamentos põem em risco a vida do bebê, tanto durante o parto como nos primeiros dias que o seguem. Uma anestesia de três minutos será perigosa, sobretudo quando a criança for prematura.

O parto costuma ser extenuante, pois a dilatação dura dias e há contrações uterinas acompanhadas de dores. As pessoas que cercam a parturiente ficam inquietas, mas conseguem dissimular a ansiedade por prevalecerem os sentimentos de bom sucesso. A perda do líquido amniótico aumenta a impaciência. Na expulsão, as contrações tornam-se rítmicas e fortes até que a cabeça se insinue, porém o antagonismo fisiológico estabelecido entre expulsão e retenção reflete no psiquismo da paciente que entra em conflito entre as instâncias consciente e inconsciente: vontade de agir e medo paralisante. A angústia permite a irrupção de impulsos afetivos profundos e perturbadores que o médico atenuará com sua presença e palavras tranqüilizadoras. O delivramento ocorre 15 ou 30 minutos depois do nascer, com a saída da placenta. Nos partos difíceis é de admirar o estoicismo da parturiente que se preocupa apenas com o destino da criança. Algumas mulheres aterrorizadas assumem atitude de passividade para fugir da participação do parto. Outras querem ajudar ativamente nas contrações. Entre as dores, há pacientes que ficam sonolentas, aparentemente indiferentes ou chocadas, chegando a ter devaneios com alucinações fugazes. Em regra, mesmo

quando protestam ou desesperam, querem tomar parte na função, pois dominam os instintos de vida. Existem as que rejeitam drogas e desafiam o sofrimento. Mas há também as que reagem como feras feridas: não suportam a dor, exigem medicamentos, gritam e revoltam-se contra a fleuma do médico.

A medicina encontra toda sorte de recursos para minorar a dor do parto. Se existem mulheres que se opõem ao parto sem dor, por sentirem necessidade de participação no nascimento do filho, algumas sofrem tão dolorosa provação que ficam horrorizadas para sempre. E, se é grande a dor da mulher, não é menor o trauma do bebê, com sua máscara trágica de sofrimento. quando emite o choro angustiante no momento em que começa a respirar. Trauma da passagem de uma modalidade de vida tranqüila para outra já inicialmente penosa. Mas o episódio doloroso é seguido de alegria compensadora para a mãe que recebe, após nove meses de expectativa, sua criação. Citarei um fato significativo. Num grupo de doutorandos que discutiam a especialidade que iriam seguir, ouvi de um deles, que não tivera sequer um instante de dúvida sobre a v1ocação: seria obstetra. E perguntou: Ha função mais nobre do que receber a vida nas mãos?

Ocorrem à mãe sentimentos de irrealidade sobre a criança, depois do nascimento, sobretudo se o levam para o berçário. Teme que o extraiem que o troquem por outro. Insistem em ver o bebê para senti-lo e afagá-lo e, ao tê-lo nos braços, mostra o sorriso dos que alcançaram a bem-aventurança. O apoio do marido, nos primeiros dias, poderá evitar a breve depressão que segue o parto. Nem sempre as fantasias da maternidade atendem às esperanças da mãe e o relacionamento com a criança desperta experiências da infância. Sobrevém um amor exclusivo, insaciável, se houver recordações gratificantes de mãe carinhosa. Superada a dor, a mulher vive triunfalmente. a maternidade, envergonhando-se de haver mostrado fraqueza no sofrimento.

Amamentação

É através da amamentação que se estabelece o importante elo afetivo entre mãe e filho, cuja separação foi apenas corporal. Existe, no .entanto uma tendência geral em admitir a alimentação pela mamadeira, sob a alegação de que, em pouco, faltará o leite materno: Isso ocorre por rejeição da mãe que não compreende o significado psíquico do amamentar ou por recomendação de pediatras que seguem a orientação de escolas que consideram o bebê uma coisa preciosa que se deve manter viva a mas que não tem sentimentos. Mulheres primitivas ou modestas fornecem leite à criança, sem dificuldade, por mais de um ano, por motivos naturais, práticos e econômicos. Nas classes privilegiadas, outrora, para poupar interesses egoístas da mãe, constituía distinção social ter ama-de-leite. Hoje, enlatados de excelentes produtos dietéticos, apregoando qualidades semelhantes às do leite humano, substituem o seio da mulher. Nessas duas circunstâncias, a ligação emotiva a ser mantida entre mãe e filho passa para a nutriz que se torna a mãe boa. A real fica, en- tão, a disciplinadora, a frustradora e má.

Spitz refere que, num campo de concentração nazista, mulheres que tinham bebês os amamentavam sem exceção, pois sabiam que as autoridades administrativas não dariam leite especial.

Quando o lactente sente a rejeição materna, agride mordendo o seio frustrador para defender-se instintivamente da destruição pela fome. O bebê também morde por muitos outros motivos. Tem sido observado que algumas mães, consciente ou inconscientemente, não têm cuidado com o mamilo até que este fique sensível, com fissuras, inflamado, e a amamentação é abandonada com pretexto aceitável; não se nega que existam casos de lactação insuficiente ou nula e mamilos vulneráveis ou defeituosos.

Sustentam alguns autores que a mamadeira não substitui o seio e pode afetar a comunicação e as relações posteriores com o ambiente. A amamentação constitui forte possibilidade de infância feliz, porque a criança está freqüentemente recebendo alimento e amor no regaço materno. É o melhor início de relacionamento.' Mas, se alimentação com mamadeira é fornecida com carinho, criança nos braços, não haverá prejuízo no desenvolvimento psíquico, embora situação menos favorável. Harlow, de Wisconsin, fez curiosa e expressiva experiência. Pôs um grupo de macacos *rhesus* numa jaula com "mãe" feita de arame, levando mamadeira, e outro grupo, com "mãe" preparada com tecido macio, sem mamadeira. Ajustados os macaquinhos ao novo tipo de vida, Harlow introduziu um brinquedo mecânico provocador de medo. Os macacos de mãe-de-arama ficaram assustados e não recorriam à nutriz, mas os que estavam com a mãe-macia logo se refugiavam nela. Com a repetição da prova, os símios da mãe-de-arama retraíam-se aterrorizados até entrar em autismo (isolamento interior) à maneira que assumem crianças privadas de comunicação.

Amamentação ou alimentação mecânica com carinho levam o bebê a aceitar a mãe como boa. Condições que permitem regular desenvolvimento emocional e possibilidade de estabelecer gradativo desmame, sem maiores dificuldades.

Do ponto de vista psicológico, a amamentação atende duas pulsões instintivas, conservadora e erótica. E isto vale para mãe e filho. Este, porque a sexualidade está polarizada na boca, encontra satisfação nesse sentido e também no da nutrição; a genitora, por ter mamilos erotizados, sentirá gratificação sexual, além de garantir a sobrevivência do filho. Nada há de vergonhoso naquilo que a Natureza estabelece em sua previdente sabedoria.

Mulheres, com problemas psicosexuais, chegam a considerar a amamentação como indecorosa, suja, animalesca. E os bebês contribuem para tanto, com a sofreguidão instintiva do mamar. A agressividade inconsciente da mãe, pelo sofrimento da maternidade, poderá induzi-la à fantasia de ser devorada. Mães modernas, ativas fora de casa, entram em conflito com a nova função, por limitarem suas agradáveis ocupações costumeiras, o que implica em fraco sentimento materno. Se a mãe tem sido feliz e não encontrou tropeços na sexualidade, aceitará a experiência de amamentar. Quando distantes do filho, há mães que ficam inquietas, não somente por zelo e amor, como também pela existência do elo instintivo primordial, mãe-filho. Convém evitar interferência nos complexos e delicados sentimentos maternos nessa etapa, para não perturbá-la em suas realidades subjetivas.

Relacionamento Mãe-Filho,

O vínculo amoroso da mãe com o filho já ficou estabelecido na amamentação. Grande interesse gira em torno da prosperidade física do bebê, cujo desamparo a comove e absorve. Ela vive intensamente a glória de haver tido o seu filho e desvela-se em cuidados instintivos, acompanhados de sentimentos de ternura e fantasias realizadoras. A unidade física anterior, representada pelo cordão umbilical, deu lugar ao cordão psicológico que irá perdurar. Ainda não se refez dos choques da gravidez e do parto e seu organismo mobilizou glândulas numa nova função, a produção de leite.

Vivências das etapas vencidas podem estar presentes e a mãe recorre a mecanismos de defesa para enfrentar importante tarefa, caindo em discreta tristeza e angustiando-se com o destino do bebê. Mas inicia trabalho altruísta em direção ao filho, apesar da relativa segregação do convívio social. Torna-se foco de atenções da parte de familiares e amigos e recebe homenagens que partilha com o filho e o marido. Encontra pretexto para reiniciar relacionamentos e amizades. A feminilidade desdobra-se em cuidados consigo mesma e, em particular, com o bebê ornamentado. O narcisismo com a componente de ser amada satisfaz-se com o amor materno. A passividade transmuda-se em renúncias e sacrifícios e a agressividade instintiva dá origem à atividade protetora que exerce constantemente sobre o filho. Transforma-se, na expressão de Dorothy Burlingham, numa estação emissora de impulsos afetivos que atingem um receptor específico, a criança. A mãe terá de considerar, no entanto, que o relacionamento intensivo dos primeiros anos será temporário e que progressivamente deverá diminuir para que a criança desenvolva livremente a própria personalidade. Considere-se contudo que a dependência é mútua: filho necessitando de amparo para a fraqueza e mãe necessitando de amor para compensar o muito que dá. Acontece que o filho, desenvolvendo, irá repelir a tutela, em busca de autonomia, porém a mãe persistirá na atitude de zelo, correndo o risco de exagerá-lo e ser tomada como desmancha-prazeres. A conseqüência será o distanciamento do filho que vivenciará a situação como opressiva. E há mães possessivas desejando que os rebentos não cresçam para não se apartarem.

Por algum tempo vive como heroína no lar e na sociedade. Marido, avós e tios participam das homenagens. Anuncia-se o acontecimento a parentes e amigos e dá-se notícia no jornal. Se o nome escolhido for exótico, causará vergonha permanente para o filho. Cristãos e judeus trazem amuletos e encomendam o bebê a Deus. Os católicos invocam a proteção de um santo padroeiro que, não raro, empresta o nome à criança. O pobre bebê, de rosto inchado e amassado, é uma beleza, a cara do pai ou da mãe ou de algum parente apreciado que não seja feio. Como observador sereno, o pai cala, dissimulando o desapontamento. Vaticinam inteligência, simpatia, beleza e outros dotes. São, de imediato, tomados cuidados higiênicos para prevenir infecções que podem vir de pessoas e coisas.

A atitude serena e feliz da mãe de recursos contrasta com a da mãe pobre, insegura, que tem de enfrentar dificuldades econômicas e passa a viver na

expectativa ansiosa da criação de um filho de exigências custosas. Preocupa-se com o conforto, a alimentação, os cuidados higiênicos e a assistência médica. Sabe que pode contar com bons serviços pediátricos gratuitos, mas isto não basta para o seu bebê.

Mas há o reverso da medalha. Mães que temem perder a liberdade e começam a desenvolver atividade constante fora do lar, assumindo posições de dependência da avó e de outras mulheres, não considerando que o afastamento será sentido como abandono e desamor pela criança.

Atualmente, a mãe encontra participação do pai nos cuidados do filho, pois há mais companheirismo nos casais e os homens têm menos preconceitos sobre tarefas consideradas femininas. Amparada pelo marido, levará vida satisfatória, atendendo necessidades físicas e emocionais da criança, sem grandes sacrifícios. A felicidade de ter filhos e o afeto que deles se recebe, não afastam cuidados e sacrifícios.

Por sorte, com a elevação do nível cultural, há mais segurança na criação. Normas dadas pela puericultura e assistência pediátrica regular garantem controle da saúde, mediante modificações adequadas da dieta, vacinações periódicas e terapêutica precoce ao primeiro alarme de doença. Com os cuidados físicos e afetivos que seguem o nascimento, tem início a educação familiar. A mãe estará atenta ao desenvolvimento motor, sensorial, emocional e intelectual e, em especial, à adaptação ao mundo exterior. Que se poupe a espontaneidade da criança, disciplinando-a com brandura, gradativamente, fazendo-a suportar pequenas frustrações; ela será educada e não domada. Cada bebê tem sua medida no exigir satisfações e tolerar frustrações. Serenidade, bom senso e intuição feminina substituem, na vida quotidiana, treinamento pedagógico e esclarecimento psicológico. O equilíbrio emocional da mãe e a harmonia do casal constituem a melhor garantia de saúde mental do filho.

Assistência Pré-Natal

Em rigor, deve-se falar em termos de assistência pré-gestacional, antes de cogitar da pré-natal. Serão avaliadas as condições físicas e psíquicas da mulher antes da concepção. É indispensável que na escola tenha recebido informações úteis sobre a sexualidade e o matrimônio e haja, mais tarde, feito um breve curso de preparação pré-nupcial. Desejando ter filhos, a mulher que procurar o obstetra evitará dúvidas e terá instruções que lhe darão segurança. Ao ser constatada a gravidez, duas ou três semanas depois da última regra, o médico fornece apenas alguns conselhos, porque a paciente ficará emocionada com a confirmação. Adiante, serão proporcionados elementos sobre os cuidados da gravidez, como sejam: dieta, exames laboratoriais, medicamentos, exercícios, possibilidade de viagens, relações sexuais, hábitos viciosos e apoio psicológico.

O uso moderado, ocasional ... de álcool não tem inconveniência, porém o uso abusivo, particularmente na concepção e nos primeiros meses, é responsável por retardamentos mentais e disritmias cerebrais. Cigarro, segundo investigação de

Underwood e colaboradores, reduz o peso do feto de modo apreciável, sem haver aumento da mortalidade.

Com relação a medicamentos, é recomendável tomá-los, nos três meses iniciais, somente com prescrição médica. Anti-coagulantes, morfina, cloranfenicol, sulfas, testosterona, anti-cancerosos e algumas outras drogas podem carrear anomalias no crescimento fetal. Seria, contudo, uma insensatez privar a gestante de medicamentos quando ocorrer doenças.

Não há fundamento para o recrio de infecções que geralmente não comprometem o feto, com exceção da rubéola que traz malformações em 75% dos casos, do sarampo que aumenta a incidência de abortos e partos prematuros e da vacina anti-variólica que é na realidade uma pequena infecção imunizadora. A sífilis, agora rara, muito contribuiu para malformações e mortalidade infantil.

O apoio psicológico será dispensado em todas as etapas da maternidade, considerando o inevitável conflito da mulher com as naturais modificações fisiológicas e psicológicas que se sucedem. Estas sensibilizam a personalidade, mobilizando o medo sob muitos aspectos: do desconhecido, da morte, das dores do parto, da perda dos atrativos pessoais, das renúncias e do distanciamento do marido. Nos três trimestres da gravidez, o médico assumirá atitude diversa, sopesando a repercussão psicológica própria de cada fase. Em todas ter-se-á consideração especial com as primi-grávidas. O assessoramento do marido é valioso e o afastamento de parentes e amigos hipocondríacos recomendável, pois contam estórias perturbadoras na boa intenção de ajudar.

Serviços particulares, hospitalares e oficiais estabelecem adequada preparação para a maternidade, com informações práticas e orientação técnica. Aconselha-se que a gestante conheça seções de hospitais para preparar a aceitação do ambiente. A atitude segura do pessoal, a disciplina, o equipamento e freqüentemente o bom gosto da decoração, impressionam de modo favorável. Gestantes emocionalmente imaturas, ansiosas e neuróticas ficam mais confiantes. No dia do parto, a paciente será conduzida pelo marido que poderá acompanhá-la se for tranqüilo e cooperador. Imaginem o estado de alma de uma parturiente, afastada do companheiro, levada por estranhos para um leito, onde é despida, depilada, medicada e manipulada como uma marionete. Maridos angustiados e agressivos devem ser apartados por transmitirem insegurança à esposa e perturbar os técnicos. Podem ser tranqüilizados com palavras de conforto, mas não ignorados nos corredores do hospital, pois temem mais o risco que a mulher corre do que o do filho que não conhecem.

A experiência do parto é importante para a aceitação da criança, quando se trata de mulher equilibrada. O parto natural em ambiente calmo, com luz apenas suficiente e temperatura amena, constituem o melhor clima para o momento dramático. Com a presença do médico que acompanhou a gravidez, haverá segurança e cooperação da parturiente: a comunicação com o profissional age como um bom sedativo. Padece sua dor e está ansiosa pelo destino do bebê, durante minutos que lhe parecem intermináveis. Ao nascer, aninhá-lo no ventre macio e quente é o lugar mais adequado para as manobras de sutura e separação do cordão umbilical. Depois, é um direito que a assiste receber o filho nos braços para a primeira aproximação no novo mundo. E ele bem o merece porque entrou sofrendo.

Que fique num berço ao lado da mãe, se esta não estiver fatigada ou exigir cuidados especiais. Quantas fantasias penosas, quando o bebê é afastado para um berçário tecnicamente correto, mas afetivamente frio. Hoje, nos bons hospitais, o pediatra atende a criança, enquanto a obstetra aguarda o parto e completa o trabalho.

Mulher emocionalmente madura que teve assistência médica prévia e não incorreu em complicações, fará ajustamentos fisiológicos e psicológicos fáceis.

Será incentivada a amamentação com argumentos afetivos, ao menos nos primeiros meses e, mais uma vez, a intervenção do marido tomase necessária, pois também ela teme que aleitar o afaste. Para algumas mães, a mamada rotineira converte-se em manobra cansativa e até desapontadora, e então a ajuda de familiares em tarefas que desempenhava, poderá remover dificuldades. Suportar os encargos da maternidade não é fácil, daí a exigência de assistência médica e familiar.

Há possibilidade de reação depressiva mitigada e passageira no pós-parto, explicada pelos sofrimentos e pela geralmente moderada intoxicação ocasionada pela gravidez. A mãe elimina resíduos que o feto produz durante a gestação. Concorre, ainda, mais um fator de ordem psicológica: a mãe está empenhada num novo e complexo ajustamento dela com o filho. Reações psicóticas são raras e estão relacionadas com predisposições mórbidas.

O mal-estar da maternidade pode ser aumentado por influências psíquicas desfavoráveis. A menina será educada para sentir-se feliz com a feminilidade, não a comparando com o homem e, tampouco, apontando inferioridades inexistentes. Mães que se fazem vítimas, repisando as dores da maternidade, semeiam o germe do pavor que se manifestará mais tarde nas filhas. O exemplo da mãe boa que arrostou a gravidez com serenidade constitui valioso suporte psicológico para a parturiente.

CAPÍTULO 4

DO BEBÊ AOS DOIS ANOS

A etapa inicial da existência humana, exigindo o ajustamento do bebê ao mundo dos adultos, visa a garantir sua sobrevivência. É caracterizada por situações complexas ligadas aos processos de crescimento e de desenvolvimento: dependência, oralidade, simbiose mãe-filho, relações objetais, emergência do ego e do pensamento. Numa progressão de dois anos, alcança a imitação, a aprendizagem, a palavra, o brinquedo, a curiosidade, a marcha, a alegria da liberdade, a capacidade de dar e o relacionamento social. Guardará, no entanto, nos seus avanços posteriores, vinculação com os degraus para alicerçar a personalidade. E o relacionamento adequado com a mãe e, pessoas significantes que o cercam, influirá favoravelmente no desenvolvimento físico, mental e social, bem como no modo de sentir o mundo. Seja qual for sua dotação biopsíquica, as forças ambientais pesarão durante a vida, porque o ser humano é eminentemente cultural.

Sobrevivência e Dependência

Respirar, comer e beber, dormir, receber calor e eliminar resíduos são necessidades vitais. A exigência maior para o desenvolvimento do bebê, contudo, é o amor, reclamado desde o nascimento. Vindo de um mundo tranqüilo e seguro, é jogado traumáticamente no meio exterior que lhe é totalmente estranho. Tem pouca capacidade de defesa e deve ser protegido de imediato. Isso também ocorre com os animais superiores, cujas mães exercem rigorosa tutela por algum tempo.

Entre os seres conhecidos, a criança é o que nasce no maior desamparo biológico, pois tem instintos fracos e necessita receber constantes cuidados de alimentação, conforto e higiene. Abandonado não poderá sobreviver. Admitindo que sejam atendidas as exigências vitais, se não receber afeto desde o nascimento, a evolução física e a psíquica ficarão seriamente comprometidas. Dotada de um cérebro grande, tem fabulosas potencialidades que serão despertadas e cultivadas, Através de cuidados do corpo e da alma e do aprendizado, ela irá adquirindo capacidade para enfrentar a realidade. Há quem sustente que o carinho é prejudicial à criança, E uma inverdade: peca-se por desamor e não por amor, pois este é o alimento natural do ego infantil, fraco e sequioso de afeto. Observou-se nos berçários dos hospitais que bebês que recebiam atenção das enfermeiras, progrediam mais sadios e vivazes do que os que eram abandonados nos berços, onde permaneciam mesmo ao receber a mamadeira. Um veterano pediatra, depois de ouvir uma senhora grã-fina, angustiada, cujo filho de seis meses, definhava malgrado a correta assistência técnica de enfermeira especializada, aconselhou que deixasse a criança no hospital, recomendando às auxiliares que o alimentassem fora do berço, nos braços, e proporcionassem freqüente contato corporal. O bebê passou a ingerir alimentos, ganhando peso e mostrando vivacidade,

Mas vamos remontar à vida intra-uterina para melhor compreender os processos de maturação e desenvolvimento. Superando a fase embrionária e entrando na fetal, manifesta um enorme poder de crescimento, pois a célula imponderável da concepção atingirá cerca de três quilos no término da gravidez. Ao nascer, a criança já é constituída de corpo e alma. Seria estéril discutir as fantasias que alguns autores tecem em torno das peculiaridades do psiquismo fetal, porém em certas doenças mentais o homem regride a estágios tipicamente fetais, o que trouxe modesto entendimento das funções psíquicas do feto. Claro, não se igualam às que ocorrem após o nascimento; são rudimentares, larvárias e sub-humanas e qualificadas de consciência organísmica.

Passando do útero para o exterior, sofre um trauma existencial que se traduz, nesse momento crítico, pelo grito primordial. E um protesto à brusca modificação de um regime de vida para outro bastante diverso. Na transição o bebê não está totalmente despreparado, pois na fase fetal elaboraram-se canais de reflexos automáticos, isto é, padrões que irão garantir a adaptação às situações ambientais. Chorando, aspira o ar do exterior, substituindo o oxigênio do sangue

materno, interrompido com o corte do cordão umbelical. Respiração e circulação funcionam irregularmente porque são comandadas por mecanismos orgânicos debutantes. Permanece em estado de torpor, pois o cérebro frágil reclama oxigênio com urgência; daí a necessidade imperiosa de respiração imediata. A demora do choro implica em asfixia do recém-nascido, podendo gerar lesões cerebrais. Mãe e filho, nesse momento, terão assistência individual, do obstetra e do pediatra. Logo ensaia movimentos desordenados, gritando e tentando a sucção por reflexo inato. Tem percepção tátil, luminosa e auditiva e mesmo o paladar e o olfato reagem aos estímulos. Se a temperatura do meio exterior não harmonizar com a do corpo, protestará, sentindo frio ou calor. Os ajustamentos ainda são morosos e as funções conseqüentemente precárias.

Oralidade e Relação Objetal

Ao sugar, mais tarde, o seio materno, o bebê. estabelecerá o mais significativo relacionamento: de sua vida. E este bastante gratificante: pois traz alimento e calor não simplesmente físico, mas humano. Inicia-se uma comunicação permanente com a fonte da vida, e do amor, da qual sorverá prazer até a saciedade. Se, na etapa intra-uterina, foi um parasito da mãe agora constitui com ela uma simbiose, pois a expoliação de leite e de afeto trará uma compensação também para a mãe que possui um tesouro sentimental, capaz de retribuição corporal. A amarra umbilical foi substituída por outra mais forte, a emocional, que intensificará com a interligação iniciada com o contato do seio. Preparo de uma relação objetal que vai se diferenciando à medida que começa a ter consciência da própria individualidade. A mãe atende o instinto de sobrevivência pelo alimento, mas desperta a vida afetiva do bebê que ira se alargando até atingi-la, pois estivera encerrado num circulo de auto-satisfações, Essa influência materna é a base das relações empáticas que darão à criança consciência da própria unidade, separada da mãe: das demais pessoas e do universo. Se, de um lado, põe em jogo mecanismos de incorporação, mobiliza também os de identificação, indispensáveis à formação do ego.

Progressivamente com a percepção dos objetos do mundo exterior, sente que há necessidades internas, instintivas, e realidades fora, ambientais. A vaga noção de um mundo interior e outro exterior dão origem à ambivalência e a conflitos psíquicos futuros. Já se angústia, se as exigências vitais são atendidas e a mãe irá manejá-las, levada pelo bom senso e pela intuição, atenuando as frustrações. A oportunidade da assistência é regulada mais pela empatia do que pela aprendizagem. Mas que se leve em conta que as emoções da criança são intensas e relacionadas com o bom e o mau, isto é, o seio bom e o seio mau, o gratificante e o frustrador, que geram amor e ódio. Temores persecutórios viriam da mãe, até que o bebê possa destaca-la com um objeto, entre o segundo e o terceiro mês, e iniciar um relacionamento mais compreensivo e amoroso. Nesse momento, estará integrando o próprio ego e manipulando coisas em volta. Estudos recentes comprovam que a privação

prolongada da comunicação mãe-filho, nos primeiros meses, prejudica o desenvolvimento mental do bebê.

. A importância do encontro da mãe com o filho reclama uma recepção especial, em ambiente neutro para não ferir os delicados sentidos que já captam os estímulos externos. Se o estado de saúde da mãe for bom, que o bebê fique junto dela e não somente por ocasião das mamadas. Não condená-lo ao frio isolamento do berçário, onde há ruídos, luzes fortes e manipulação impessoal e displicente de seu corpo afeito aos movimentos suaves da bolsa amniótica. Geralmente a chegada nada tem de calorosa. Um cachorrinho deve ser mais feliz, ao nascer, lambido carinhosamente pela mãe. E há mais: se o parteiro for precipitado, não aguardará a parada das pulsações do cordão umbilical para ligá-lo e cortá-lo. Espera indispensável para os poucos minutos de sangue oxigenado que o bebê ainda necessita até chegar a utilizar os pulmões e respirar. O corte intempestivo do cordão priva o cérebro do precioso oxigênio que vinha recebendo.

As primeiras impressões que vêm do exterior são desagradáveis para a criança. Suas satisfações: o contato com o seio e o calor do corpo materno. Funciona a sucção num reflexo natural que não somente garante a alimentação, mas estimulará os órgãos da digestão, circulação e respiração. No esforço de sugar, os músculos da face irão fortalecer-se preparando-a para a nobre função da palavra. A aproximação da boca e do seio tem um duplo sentido, fisiológico e psicosexual, já referido no capítulo anterior. A sensibilidade mais apurada do bebê, a tátil, tem suas compensações quando a mãe o agarra ou muda a roupa. Despido, fica livre para movimentar-se, manifestando bem-estar. Por sorte, o velho hábito do enfaixamento foi banido. A limpeza das dejetões deve ser feita sem insistir em manipulações escrupulosas dos órgãos genitais e do ânus. Usando talco, poder-se-á passar a mão pelo corpo do bebê, estimulando a sensibilidade geral.

Pouco e pouco, vai tendo melhor percepção da luz e da sombra, do sabor do leite e dos chás adoçados, do olfato e dos ruídos, mal diferenciados. Se os sentidos forem despertados com cautela, as percepções terão aceitação agradável. O embalo, com seus movimentos rítmicos, é apreciado, pois o sentira no útero com o constante deslocamento do líquido amniótico. Mães ativas podem ter filhos que clamam por mobilizações.

O desenvolvimento da criança está na dependência das qualidades dos pais que levarão em consideração a complexidade do psiquismo infantil, continuamente solicitado pelo ambiente e, portanto, necessitando de freqüente ajuda. E esta, se for adequada, poupará angústias e desvios mórbidos no futuro. A mãe será influência permanente ao menos por dois anos e o pai, desde os seis meses, deverá cooperar na educação. Sabemos que cedo a criança tem percepção global da mãe e faz avanços rápidos no relacionamento inter-pessoal.

Esse relacionamento nem sempre é suave, pois o bebê faz demonstrações de raiva e teimosia e também de agressividade contra a mãe que, sentida como boa, deixá-lo-á angustiado. Luta entre amor e ódio e tem até fantasias persecutórias. Mas brotam sentimentos de reparação e, com experiências agradáveis, reais, fica mais confiante, estabelecendo boas relações com a mãe e pessoas significativas do ambiente. Aos dois anos, persiste alguma desconfiança, havendo rivalidade com irmãos e outras crianças. Aprecia a companhia de crianças maiores e de

adultos. Sentindo prazer na comunicação e no brinquedo, logo aceitará cordialmente a aproximação de menores do próprio grupo etário.

Alimentação e Primeiros Hábitos

A amamentação é o momento supremo do bebê, pois entra em contato com o seio, eu objeto primário, e sente o confortável aconchego do regaço materno. Despertando num novo regime de vida, passa a agir em acordo com suas exigências automáticas, instintivas, e não em acordo com a vontade da mãe. Ele comanda o mamar, quando a percepção, sensibilidade e o pensamento são ainda rudimentares. A mãe irá conhecendo o bebê e saberá qual o momento em que aceita mamar e quando não está querendo. Poderá acomodá-lo à conveniência de três horas, mas tateando a aceitação. É um ajustamento a dois: se ela tem seus interesses, ele tem suas exigências; se há um relógio no mundo exterior, ele tem o seu relógio interior, instintivo, que nos parece caprichoso. O horário terá elasticidade, havendo avanços e recuos, mas o que importa é ser amamentado oportunamente, com paciência e total liberdade de movimento. Se tudo correr bem, o bebê mama até saciar e adormece tranqüilo, porém, se houver dificuldade com o seio, fica irritado e morde. A mãe serena compreende e procura ajudar e a ansiosa exaspera-se e transmite corporal e mentalmente a inquietude à criança. Morder nem sempre é raiva, pode ser também um jogo. Bebês que fazem forte pressão no seio para o leite esguichar causam sofrimento na mãe.

Usando mamadeira, a nutriz estará atenta para controlar a chegada de leite e desfazer o vácuo do recipiente. O orifício da chupeta será regulado conforme a capacidade de deglutição.

O problema do arroto depende da adaptação mais ou menos rápida do estômago à chegada do leite e os bebês diferem, pois arrotam sistematicamente, pouco arrotam ou não arrotam. Se a mãe ficar angustiada por esse motivo, irá perturbar a digestão da criança sacudindo-a e transmitindo-lhe também ansiedade. Melhor será mantê-la em posição erecta e, se nada acontecer depois de alguns minutos, deitá-la de lado, pois seguramente não se afogará ao regurgitar.

Na evacuação reagem diversamente. Há os que se revolvem e excitam, porque o bolo fecal desperta fortes sensações. Outros fazem um pequeno esforço e se mostram aliviados. A mudança de fraldas não será imediata, pois poderá ocorrer nova descarga. Alguns apreciam a limpeza e outros não. Os bebês não sabem que os adultos detestam as fezes e até, mais adiante, acharão que é uma bela criação, um tesouro, com o qual podem brincar. Essas apreciações valem para o urinar.

Alimentação natural ou mecânica e excreção são momentos de aproximação entre mãe e filho, constituindo o manejo materno real fonte de satisfação para a criança. Experiências precoces e repetidas de limpeza levam a criança ao temor de estar sendo maltratada e repelida. Com um ano, poderá ser iniciada cautelosamente nos hábitos de higiene corporal, incluindo evacuação e micção, procurando associá-los a situações recreativas. Brincando aceita imposições.

Acreditando ser favorável para a criança ou por interesse pessoal, a mãe pode querer antecipar a prática de hábitos higiênicos. Terá de considerar, em primeiro lugar, as dificuldades do filho, cujo controle dos esfínteres é mínimo, pois só é

completo entre cinco e seis anos. Emoções fortes, fantasias inconscientes de experiências associadas a cólicas, esforço, raiva e outras situações e, não raro, o desejo de receber mais atenção, trazem demora na aceitação do hábito até o segundo ano. Não insentir demais para não prejudicar o amadurecimento natural de sentimentos e aptidões. Influi sobremodo a maneira de agir. Com serenidade e oferecendo condições propícias, haverá mais fácil aceitação, porém com impaciência e em situações inoportunas surgirão tropeços. Não é possível resolver todas as dificuldades da criança, porque ela tem peculiaridades individuais e ainda está na dependência de reflexos inatos. Os pais serão tolerantes, evitando forçar um amadurecimento que está se processando e não deve ser precipitado, pois há o risco de perturbação do equilíbrio emocional. Desaconselha-se fazer coincidir educação do controle dos esfínteres com o desmame. Cuidados físicos, e em particular o asseio corporal, serão dispensados sem exagero a fim de não comprometer o bom relacionamento que deve existir entre mãe e filho.

Desmame e Privações

É uma experiência maravilhosa para o bebê ser amamentado durante meses. O desmame será sentido como frustração ou como agressão? Acontece que após cinco meses já contam com outros interesses e começam apreciar alimentos que os adultos tomam como gosto. Ademais, necessitam de sais minerais e orgânicos que o leite não possui.

Tentam identificações com pessoas amadas e irão imita-las. Antes era todo instinto e a agressividade visava à própria sobrevivência; agora está se destacando como uma entidade, buscando adaptação às realidades exteriores. No desmame, que é gradual e vai até nove ou dez meses, consegue livrar-se da total dependência materna por ter encontrado, fora, objetos interessantes. Mas a alteração do regime não é fácil, pois, sentido grande frustração, irá enfurecer e achar que a mãe é má, e frustração leva à agressão. No passado, mães “amorosas” combatiam o desmame, numa atitude neurótica de possessão, racionalizando que não lhes custava satisfazer o inocente que ficava marcando passo na oralidade. Biscoitos, papas e côdeas de pão agradam o paladar e, aos poucos, vão permitindo o afastamento do seio ou da mamadeira, porém continua acariciando com ternura o primeiro objeto amoroso. A mamada da noite funcionará como sedativo e a chupeta um recurso compensador. Comer deve ser motivo de prazer e não imposição desagradável. Alimentação equilibrada, variada, saborosa e vistosa são requisitos apreciados. Se recusa determinados pratos, substituí-los por outros de igual valor nutritivo. Em circunstância alguma forçar a ingestão de alimentos rejeitados e muito menos ameaçar.

Por ser lento e progressivo, o desmame em geral não é sentido como uma privação que em populações bem nutridas está ligada à carência afetiva. A criança que deixa de receber cuidados diretos da mãe procura uma substituta, tal a necessidade específica de amor e vai encontrá-lo na avó, na tia ou na babá que, sendo temporária, gera sentimentos de abandono, porém continua aspirando as

atenções da própria mãe que despertará angústias e ressentimentos duradouros. Sofrerá com a falta de comunicação; se permanecer por longo tempo no berço da casa da creche ou do hospital, pois a evolução rápida exige muito calor afetivo para alimentar o ego. Essa privação leva ao isolamento, ao auto-erotismo e ao negativismo, quando toma proporções exageradas e é encontrada em bebês com enfermidades que reclamam demorada hospitalização: é o autismo, na modalidade conhecida por hospitalismo.

Os familiares ficam preocupados porque o bebê chupa o polegar, os dedos, o punho, a roupa e coisas que estão ao seu alcance, mas isso nada tem de estranho, pois a oralidade ainda é intensa. Surge, com o correr dos meses, um grande interesse por brinquedos macios, como fraldas, trapos, bonecos de pano e também por papéis coloridos, caixinhas, colheres, copos e balões; uma bruxa desmantelada e enxovalhada torna-se inseparável e chega a ser amada. Mas, entre estes objetos, o destaque maior é a discutida chupeta, disputada com choros e gritos e seguramente anti-higiênica, porém não responsável pelas propaladas deformações dentárias, distúrbios digestivos e intoxicações. Proporciona indiscutível satisfação, dá tranqüilidade, pode ser lavada e mudada com frequência e será tolerada, embora difamada. Todas estas preferências detestadas pelos adultos atendem necessidades da criança que está na fase intermediária entre o erotismo oral e a relação objetal. Winnicott, psiquiatra inglês e autoridade em problemas infantis, dá ênfase especial a esses objetos de transição entre a mãe e o meio exterior, por trazerem real satisfação à criança. Chupa simbolicamente um pedaço de pano, mas o sente como uma realidade, o seio materno.

Evolução Motora e Sensorial

Observando as atividades motoras e sensoriais, o pediatra e os familiares ensaiam o julgamento da inteligência do bebê. A vida está ligada à alimentação através de reflexos inatos e instintos. O comportamento é passivo e dorme muito, mas, no segundo e terceiro mês, manifesta sua adaptação ao exterior. A sucção ritmada confere à boca rica experiência tátil, bem como sensibilidade à temperatura, à consistência, ao volume e ao sabor. Chupa os dedos e retém coisas nas mãos que conserva fechadas. Acompanha objetos com o olhar e reage aos sons. Sorri.

No segundo trimestre, controla os músculos cervicais e, se for posto sentado, assume atitude observadora e usa largamente a visão. Utiliza voluntariamente a preensão. Percebe formas, cores e movimentos. Interessa-se pelo próprio corpo, pelas pessoas e coisas e repete situações agradáveis. Sorri ao reconhecer os familiares. Balbucia e vocaliza. No final dessa fase, sustenta-se na palma das mãos, quando de bruços. Retém brinquedos e livra-se de obstáculos. Percebe a mudança de ambiente e sente prazer em mover-se, e libertar-se da roupa.

Até os dez meses, domina o tronco, fica sentado e coordena olhos e mãos ao apanhar objetos, conseguindo fazer pinça com o índice e o polegar. Controla pernas e pés e começa a deslocar-se e engatinhar. Maneja e recupera brinquedos. Dirige a atividade para os objetos que o cercam e aprecia a companhia de pessoas. Imita. O aparecimento dos dentes incisivos coincide com

o monólogo e a busca de comunicação. Responde à alegria e à tristeza e recua à agressão.

Próximo de um ano, usa esquemas adquiridos para aplicá-los a situações novas. Senta-se, arrasta-se e permanece de pé, se encontrar apoio. Sacode chocalhos, bate colheres e come com os dedos. Examina objetos, abre caixas e consegue pôr um cubo dentro de outro. Recorda, manifesta surpresa e atende pelo nome. Emite sílabas e começa a usar

Palavras. Auxiliado, dá passos e, com um ano, pode iniciar marcha bamboleante. Começa a controlar os esfínteres. Mostra ansiedade ao afastamento da mãe e pessoas significativas.

Dos doze aos quinze meses, caminha com movimentos cada vez mais coordenados e joga bola. Carrega brinquedos e executa movimentos de pôr e repor. Tem necessidade de presença e de comunicação duradouras. Atende ordens e suporta pequenas frustrações. Até ano e meio, sobe escadas e cadeiras. Dá nome a pessoas e coisas, compreende proibições e usa, na linguagem, seu próprio jargão.

Aos dois anos, tem segurança na postura e come com colher e garfo.

Atende parcialmente à disciplina doméstica e usa frases. A organização motora e psíquica conquistadas já lhe conferem independência de ação e caminha constantemente, apanhando tudo que agrada. Brinca de modo ordenado e faz travessuras. Pede ajuda para as necessidades, mas também age por conta própria. Está em plena reinação, pois age com o máximo de liberdade, jogando com idéias e sentimentos, procurando impor sua vontade e afirmar sua personalidade.

Comportamento Instintivo

Auto-conservação, sexualidade e agressividade, na primeira etapa da vida, confundem-se muitas vezes, porque o bebê está se diferenciando, buscando definições no sentido do amadurecimento. O bebê ao mamar garante a subsistência, tem satisfação sexual e vale-se de agressividade.

No relacionamento mãe-filho, inicial, a conduta será instintiva, pois o bebê irá lutar para sobreviver num mundo estranho, apenas com os mecanismos automáticos que estabeleceu na vida fetal. Apegar-se-á à mãe como única fonte de segurança, sem ter consciência da própria individualidade. O oralismo será o aspecto dominante, porque tem necessidade imperiosa de alimento, sua maior satisfação. Toda dificuldade que surgir neste atendimento, despertará agressividade. Amor e ódio entram em jogo: se houver gratificação sentirá amor, mas se houver frustração reagirá com ódio. Não é somente agressivo pelas exigências naturais, mas também pela onipotência que o caracteriza nesta etapa da vida.

Uma alimentação bem sucedida é essencial para evolução do bebê, pois permitirá que se estabeleça um agradável relacionamento com a mãe, logo que a destaque como uma entidade a parte de sua própria individualidade. Será a mãe boa que ama e em quem poderá confiar. A agressividade também irá reduzindo, porque começa a entender que virão gratificações, depois das frustrações menores que vinha suportando. Há, contudo, privações impostas pela realidade que não conseguem ser aplacadas, por não ter ainda capacidade de compreendê-las. A.

sexualidade difusa na superfície sensível do corpo, concentra-se eletivamente na boca, associando-se à sucção, ao beber e ao comer.

Mas todas essas manifestações de auto-satisfação vão cedendo à medida que aumenta o relacionamento com a mãe, outras pessoas e demais objetos que irá conhecendo, pois a percepção e a consciência estão se alargando. Encontra novos interesses e aprecia o brinquedo. Continuará exigente, porém mais tolerante por saber que é amada. Passa progressivamente para escalas maiores de comunicação interpessoal e contato com as coisas que a cercam. A locomoção abre amplos horizontes de conhecimento, liberdade e prazer, em detrimento do narcisismo.

Entre seis meses e dois anos, trava-se a luta do bem-querer e do mal-querer, mas já se esboça um equilíbrio dos dois antagonistas, porque sentimentos de culpa existentes atenuam, com a certeza que a criança tem de ser estimada. E a consciência moral permite que o monstinho vá assumindo atitudes de bárbaro que está se aproximando da civilização. Imitando e aprendendo, para conquistar aprovação e amor, está se aculturando. Chega, assim, pelo segundo ano, a manifestar momentos de comportamento irreprovável, em acordo com esperanças familiares e convenções sociais. Do comportamento instintivo, passou gradativamente para o comportamento cultural, ainda não muito estável. pois, de quando em vez, exibirá regressões passageiras ao estágio primário.

A/elos Básicos e Sentimentos

Os sentimentos comuns aos adultos são conhecidos pelas crianças: amor, ódio, medo, alegria, tristeza, desengano, culpa. E os vivenciam com intensidade e até paixão; basta observar atitudes e jogos. Medo, amor e ódio logo se manifestam por serem afetos básicos. O medo ligado à defesa instintiva manifestar-se-á, mesmo sem motivação. aparente; evitar que agentes exteriores alarmantes o provoquem. O amor brota com o carinho materno e o ódio virá com a primeira frustração. Demora no atendimento de exigências vitais e sofrimento trarão protestos de choro, gritos e tempestade de movimentos.

Estado de alma que merece especial atenção é o choro geralmente associado à tristeza. O choro vigoroso do recém-nascido, considerado salutar, observa-se nas primeiras semanas e responde a reclamos fisiológicos com a finalidade de exercitar a respiração. Choramingar traduz desapontamento e tristeza menores. Crianças que choram horas, sem muita convicção, vigiando discretamente os familiares, estão se sentindo abandonadas. Choram até o cansaço e o sono. Tranqüilizam apenas se lhes dá alguma atenção. Não é mais sadio o bebê que não chora do que o chorão. Quando estão sujos, choram porque ao mudar as fraldas a manipulação afetará a pele já irritada. Percebe-se que o choro reconhece várias causas: fome, frustração, abandono; raiva, medo, dor, .frio, calor e também sentimentos de culpa.

Com relação aos sentimentos de culpa, a situação é mais complexa por estar ligada a uma série de situações que afetam todas as instâncias psíquicas. No relacionamento do bebê com a mãe ocorrem, da parte dele, impulsos instintivos que, não satisfeitos, geram ódio e agressão. Percebe, pouco e pouco, que ataca

seu objeto amado e que este também é vulnerável. Compreende ter magoado a pessoa de quem recebe tantas coisas boas e que a mãe, apesar das ofensas, ainda o ama: vem o remorso e o sentimento de culpa. Procura reparar o mal, retribuindo agrados. Trata-se de experiência fundamental para a estruturação da consciência moral: O convívio mãe e filho enriquece sobremodo a consciência moral. A mãe inteligente e compreensiva distingue o real da fantasia, não impedindo que a criança elabore a culpa até encontrar solução favorável. Atendendo satisfações e ajudando a suportar frustrações, a mãe emocionalmente estável, por intuição, saberá quando intervir. Grandes e continuadas privações levam à fixação em fases evolutivas que devem ser superadas ou à regressão ou ainda à agressão.

Ameaças feitas para facilitar a alimentação, as práticas de higiene e o sono, trarão temores infundados, irracionais, manifestados mais tarde, com angústias persistentes. A assimilação oral é o modelo de incorporação e esta a base da introjeção que ocorre com a perda do seio, o objeto amado que, por sua vez, conduz à identificação. Com as experiências que vai adquirindo no meio exterior, a criança tenta renunciar o narcisismo primário, a auto-satisfação, para se voltar para os objetos. O ego robustece e passa a utilizar recursos defensivos, mas, contra o medo, buscará sempre a proteção da mãe.

Desenvolvimento da Inteligência. A Palavra

No desenvolvimento da inteligência, Jean Piaget atribui a origem da função a atividades sensório-motoras que despertariam a memória, o símbolo, o conceito e o raciocínio lógico. Com seis meses, a criança tem padrões de comportamento instalados pelas recepções sensoriais e pelos movimentos. Surgem reações circulares, isto é, uma determinada ação gera uma reação agradável, de surpresa, que é retida e repetida. Instaura-se a idéia da relação entre o fim e o meio, um passo para o raciocínio. Freud assinalara que o princípio da realidade e a faculdade de pensar manifestavam-se simultaneamente, pois a frustração, não satisfeita, procura uma ação adequada para atender a necessidade, através dos órgãos sensoriais ligados à consciência. E recentemente, o inglês Wilfred Bion concebeu uma teoria sobre a origem e a natureza do pensamento que se aproxima das idéias referidas acima, quando diz que as impressões sensoriais e as experiências emocionais são transformadas em imagens visuais, auditivas e outras que correspondem a modelos mentais, não suficientes ainda para pensar, mas que marcam o início de um complexo processo de pré-concepções, concepções, pensamentos e conceitos. Para Piaget, o pensamento incipiente é simbólico e pré-lógico e, somente depois dos quatro anos, tornar-se-ia intuitivo, com organização de operações concretas, alcançando então o pensamento formal; aos onze anos surge o pensar hipotético, dedutivo, e a formulação de conclusões.

Definir a inteligência ou discutir suas diferentes modalidades não tem sentido prático, particularmente na etapa em estudo, pois geralmente as pessoas têm inteligência comum e os problemas existentes são de ordem emocional. Considerarei a inteligência simplesmente como a capacidade de resolver novas situações, em acordo com a média dos indivíduos.

Em termos de desenvolvimento, a inteligência evolui com a experiência e a aprendizagem. No recém-nascido, há percepções primárias oriundas da experiência e reações biologicamente determinadas, cuja estrutura tende a ampliar. Nessa circunstância, o comportamento não é aprendido, é instintivo, e tem significação para a espécie. O sistema nervoso, com mecanismos hierarquicamente organizados, reage, segundo Tinbergen, com movimentos coordenados, quando influenciado por estímulos específicos internos e externos que o acionam e orientam. Os impulsos instintivos sujeitam-se a modificações aprendidas. Na sexualidade, as tendências comportamentais são instintivas. A aprendizagem, comportamento aprendido, faz-se por imitação, tentativa, erro, imitação, intuição e percepção interior.

As percepções são inatas e fundamentais para todas as formas de conduta. O sentido do tato é o mais pronunciado no recém-nascido e o visual o menos favorecido. Nenhum comportamento torna-se possível sem motivação e a aprendizagem está na sua dependência; daí o empenho em motivar a criança quando há uma meta em vista. Ter-se-á cuidado especial na retenção da informação, exercitando a memória, indispensável para a progressão da autonomia.

. Com o balbuciar, bebê faz seus primeiros ensaios de linguagem, dispondo de sons lingüísticos com dois meses de idade. Procura afinar os sons imitando a palavra ouvida, permanecendo nesta fase rudimentar de vocalizações e monólogos no primeiro ano. Somente quando os sons têm conotações representativas são considerados palavras. Entre doze e quinze meses, utilizam dezenas de palavras, mas o número de vocábulos usados varia na dependência do meio cultural. Depois de ano e meio, a palavra desenvolve de modo extraordinário, se houver ambiente propiciador. Possui vocabulário ativo que põe em uso, mas também atende a vocabulário passivo que é entendido e não empregado. Aos dois anos, a criança utiliza .duzentas, trezentas ou mais palavras e forma frases. Daí por diante, a linguagem vai se desenvolvendo no mais rico sistema de símbolos conhecido.

Significação do Brinquedo

Todas as formas de brinquedo são importantes para a criança, por contribuírem para o crescimento e desenvolvimento. Até o primeiro ano as brincadeiras são funcionais, mas, aos dois, revestem-se de aspecto imaginativo.

Qual é o significado do brinquedo? Psicólogos e filósofos têm procurado explicar a natureza e a significação do jogo dos animais, crianças e adultos. Admitem que ocupa um

lugar no sistema de vida e que tem uma finalidade biológica. É definido com descarga de energia desbordante, necessidade de distensão, exercício de auto-controle, impulso instintivo de dominar, preparação para as tarefas da vida, libertação de agressividade e exibição e realização de desejos. Johan Huizinga, na obra *Homo Ludens*, faz estudo extenso, concluindo pela importância do Jogo como fator cultural de destaque. Adianta que é uma atividade livre sem base racional, desinteressada, absorvente, tendo como características excitação, fascinação, repetição, representação de alguma coisa e um envolvimento

misterioso. Pode ser uma evasão do real ou superação de si mesmo, mas sempre uma fonte de prazer. Huizinga lembra a crença chinesa que vê na recreação a música e da dança a finalidade de manter o mundo em seu curso.

"A experiência ainda inexpressa da natureza e da vida manifesta-se no homem primitivo sob a forma de arrebatamento", afirma Frobenius que não aceita o jogo como pulsão instintiva, mas como capacidade criativa da criança e do adulto, despertada pelo encantamento da natureza; mais tarde, essa emoção conduziria à expressão poética e à arte. Quando Melanie Klein engenhosamente logrou aplicar a terapia psicanalítica às crianças, com técnicas lúdicas, houve grande interesse no papel desempenhado pelo brinquedo que se viu guindado à posição de tratamento psicológico respeitável. Tornou-se possível sondar o psiquismo infantil e interpretar com sutileza suas manifestações, porém não se cogitou de investigar a natureza e o significado do brinquedo em si. A psicoterapia lúdica implicaria num jogo entre o terapeuta e o paciente. Se o brinquedo esmorece, cabe ao médico levar o cliente a uma nova condição psíquica capaz de continuar o jogo. Sucede que na literatura psicanalítica o jogo vinha sendo vinculado à masturbação e diferentes vivências sensoriais,' mas estudos posteriores comprovaram que, no brincar, falta o elemento masturbatório, pois quando este ocorre cessa a brincadeira. A excitação física do jogo não tem caráter auto-erótico.

Winnicott, com a teoria dos fenômenos transicionais, parte do relacionamento do bebê com o primeiro objeto, a mãe, e observa os avanços que ele faz na direção de outros objetos que vai encontrando e descobre aspectos não considerados pela psicanálise. Os objetos transicionais não são os fetiches de Wolff e tampouco os talismãs de Ana Freud, atribuídos aos bebês. Winnicott dá-nos uma teoria do jogo mais convincente. Diz que mãe e filho, constituindo uma simbiose, o bebê apenas tem visão subjetiva e a genitora o orienta para o real. A criança inexperiente aceita, rejeita e reaceita o objeto até que o situa fora de si. Vive uma experiência de controle mágico, mas consegue aproximar a onipotência dos processos intrapsíquicos do domínio da realidade exterior. É o campo do jogo. O brinquedo é estimulante, não porque envolva instintos, mas por implicar na precariedade da magia e na riqueza que o amor pode proporcionar. Daí brota a relação objetal. A conhecer outros objetos, brinca por haver encontrado substituto da mãe. Logo alcançará novas etapas de maior relacionamento e terá sua maneira de brincar, pois já tem capacidade de aceitar e rechaçar idéias. Brincará daí por diante livremente, porque entrou no mundo das relações. O jogo é uma experiência criadora, uma experiência no espaço-tempo, uma forma básica de vida e, como ocorre entre o subjetivo e o objetivo, traz dificuldades em compreendê-lo.

O brinquedo é manifestação natural e universal, cujo campo de operação não é a realidade interior e tampouco a exterior. Explico. A criança utiliza objetos e fenômenos externos para satisfazer sua realidade interna; sonhando acordada, vive uma porção do mundo de fora. Brincando, manipula coisas investidas do significado de suas fantasias. Não se trata de alucinação, mas de uma representação peculiar que está e não está, dentro e fora. O jogo comporta experiências excitantes que envolvem o corpo, tanto o sistema motor como o sensorial, pois há manipulação de objetos. A euforia alcança o psiquismo, gerando sentimentos de liberdade e de realização criativa. Viver engenhosamente na vastidão do mundo exterior, traz bem-estar. Compreendemos, então, a fascinação

e o arrebatamento celebrados por Frobenius que sentira a importância existencial do jogo.

Brinca também por necessidade inconsciente de agradar e mostrar habilidades. tais a tagarelice. o canto. a dança. a dramatização e as estroinices. Se encontrar clima acolhedor, aumenta a exibição. Se houver brincadeiras sexuais, com crianças da mesma idade, não conferir maior importância, por serem ocasionais, sem o significado erótico que o adulto empresta. Na fase pré-escolar, havendo exagero ou franca exibição, neste tipo de brincadeira, recomenda-se assistência psicológica, pois o menor estará vivendo conflitos interiores.

. Praticado livremente! o jogo traz satisfações, desde que não haja intromissão de impulsos instintivos que exercem ação inibidora, como também agentes exteriores alheios ao brinquedo. A excitação de zonas erógenas, a ansiedade e a frustração ameaçam ou destroem a continuidade do jogo. Este é intrinsecamente excitante por haver uma ação recíproca entre o subjetivo e o objetivo, na mente da criança. Mas a estimulação e a concentração. ao cabo de algum tempo. levam a .um ponto de saturação que corresponde à capacidade de suportar experiências.

Susan Isaacs considera o brinquedo, nos primeiros anos, a semente da vida, origem dos penhores artísticos. científicos e filosóficos. Além do imenso prazer do jogo, a criança elabora desejos de auto-satisfação e despeja impulsos agressivos, punitivos e reparadores.

o Despertar da Moral

Afetividade e pensamento desenvolvem lado a lado e a consciência moral segue o progresso da consciência geral. Ao nascer, o bebê tem percepções táteis e sensoriais e logo sentirá o bom e o mau. A consciência é rudimentar, mas gradualmente, com satisfações e frustrações relacionadas sobretudo com a alimentação, irá despertando a instância superior, moral. Angústias vindas do medo já se instalaram. pois o bebê tem noção do perigo. Através do relacionamento com a mãe, vai estabelecendo diferenciação entre ele e ela. Aceitando sua identidade. começará a internalizar o que vem de fora, da mãe, em particular, nas pautas boa e má. Tom de voz, expressão fisionômica e corporal e, depois a palavra entendida, constituirão mensagens que assimilará como amor, ódio, medo, segurança, aprovação e desaprovação.

De início, a moral será funcional e mais tarde, com o evoluir do pensamento, tornar-se-á verbal, calçada em valores, e estes são impostos pelos pais. Segue uma ética de ação. quando as pulsões instintivas são combatidas pelas. pessoas que o cercam. Constitui-se, assim, a moral inconsciente. Posteriormente, como moral mais estruturada, pessoal, consciente, travará conflito com o choque das tendências instintivas e exigências críticas do superego.

Responsabilidades e Direitos

Os pais não podem fugir à responsabilidade que têm com o bebê.

A mãe terá de viver no mundo da criança para, lentamente, levá-lo para o mundo dos adultos. E o pai deverá assessorá-la apoiá-la no lar, sem recorrer às imperdoáveis evasivas que a educação dos filhos é tarefa feminina. A criança sente, pensa e age, mas tem escassa experiência e necessita de constante ajuda que não será procurada fora de casa, pois o sentimento de abandono terá conseqüências futuras: angústias, depressões, alheamentos, revoltas e transviamentos. A partida decisiva para o bom desenvolvimento psicossocial depende da harmonia que houver entre pai, mãe e filho, cujo estreito relacionamento interpessoal arrastar-seá por vinte anos.

Cresce e desenvolve rapidamente com a estimulação do sensório, do sistema motor e da inteligência, vinda do ambiente, mas orientada pelos pais. Ao ter consciência da própria individualidade, alimenta sentimentos de suficiência e sente prazer em tocar em tudo o que alcança; daí a necessidade de preparar o meio exterior com coisas atraentes que não ofereçam risco. Não tolher a espontaneidade da criança, impondo limitações que ela não compreende. Poupar a espontaneidade não é deixar fazer o que bem entende, pois a criança não tem experiência do perigo objetivo. Será promovida toda sorte de estímulos úteis, sondando a aceitação e a capacidade de suportá-los.

O ambiente será regularmente calmo e seguro para que não sofra com alterações bruscas, mas freqüentará espaços abertos à curiosidade, sendo exposta ao ar e ao sol. Assistirá ou participará de brincadeiras com outras crianças e, se enxovalhar a roupa, não ficará doente e sempre há o recurso do banho; este, como os brinquedos com água, é motivo de divertimento. Usará o mínimo suficiente de vestuário para que adquira resistência física, não devendo ser mais agasalhado do que o pai. Distante das refeições, receberá água, suco de frutas e alguma gulodice. A irregularidade do sono é explicada pela irritabilidade natural do sistema nervoso em diferenciação e amadurecimento ou porque há excitação ou desejo de mais carinho.

Gosta de estabilidade nas relações e no ambiente e sente mais do que os adultos a influência da voz, da atitude e da presença de pessoas. Tudo o que acontece é carregado de significação e, depois que se iniciou na marcha, sente que não lhe dão a importância dispensada aos maiores. Até troçam e criticam de sua fraqueza, o que implica em subestima e frustração. Separação, perdas, mortes e modificações drásticas são intensamente sofridas. E essas emoções são conservadas. Dispensar tratamento uniforme, indulgente, carinhoso, aprobatório e firme. Se a criança provoca ou ataca, será tratada com energia, sem dramatização, e ficará magoada, mas logo sentir-se-á segura, porque irá admitir que, no perigo, terá proteção de gente forte. Ao assumir atitudes que acreditamos estarem além de suas possibilidades, não impedir, deixá-la tentar, não havendo risco de dano grave. Não se trata de rebeldia, mas desejo de se superar. Se comete faltas relevantes, deve ser julgada com justiça. virtude que aprecia. Em qualquer circunstância, lembrar que a conduta de uma criança não é compatível com o padrão seguido pelos adultos e que não suporta mais de uma fonte de tensão emocional, num momento. Beirando os dois anos, é bastante suscetível, mas tem senso de responsabilidade. embora fraco.

As responsabilidades dos pais não exigem dedicação total à criança. Devem cuidar do próprio bem-estar e não comprometer a vida conjugal que sofre alterações com o novo encargo. Terão de recorrer ao auxílio de parentes, amigos e *baby-sitters*, em diversas ocasiões, sem prejuízo para o filho que irá se ajustando a outras pessoas, em breves separações. Criar e educar implicam em sacrifícios com limites, pois os pais também têm direito a satisfações.

Uma particularidade. Há pais que esperam retribuição afetiva da criança e ficam desapontados com a falta de manifestação de carinho, mas este virá com o desenvolvimento emocional. Sucede que não sente obrigações. Encontra prazer na companhia dos pais e proporcionará gestos afetuosos, desde que o relacionamento inicial e posterior tenha sido favorável, isto é, rico em atenções.

Finalizando, a mãe é necessária como experiência gratificante, amorosa, como mediadora das relações objetais, como presença, para ajudar a aceitar frustrações, para desiludi-la de fantasias e exigências descabidas e fazê-la progressivamente enfrentar a realidade exterior. E, com a participação ativa do pai, representante da autoridade, da segurança e também do amor, dispensando benefícios e disciplina, apresentá-la ao mundo para que faça opções pelos aspectos agradáveis. generosos e criativos.

CAPÍTULO 5

FUNDAMENTOS DA PERSONALIDADE, DOIS A SEIS ANOS

Do nascimento aos dois anos, a evolução do ser humano registra seu prodigioso avanço: a criança destacou-se da simbiose materna, ficou menos dependente, superou a oralidade dominante e iniciou satisfatório relacionamento com o mundo exterior.

Nesta nova etapa, dois a seis anos, as linhas frágeis que orientavam o desenvolvimento reforçam em traços que se definem em estruturas progressivamente mais fortes, já traduzindo as características da "organização em movimento" que é a personalidade.

A criança desloca-se livremente, entra em contato com as realidades externas, alimenta inúmeras fantasias e descobre que tem capacidades infindas. Domina os movimentos do corpo, usa a fala dos adultos, relaciona-se com as pessoas e adquire hábitos de higiene. Impelida por grande curiosidade, apura os sentidos, coordena os músculos, investiga maravilhada os fenômenos da natureza e conquista gradualmente o reino familiar. Consciente de todas essas faculdades, sente-se segura e importante e começa a combater o que possa limitar sua liberdade. Tornase rebelde e caprichosa. Embriagada pela própria soberania, é ativa, aguerrida e empreendedora, despejando a alegria de viver, numa espontaneidade sem freios. O desenvolvimento emocional está na dependência da serenidade e firmeza dos pais em manejar esta espontaneidade. Para conter os desmandos, contam com elementos valiosos, o amor, a compreensão e a tolerância.

Controle Corporal

O grande acontecimento na meninice é o controle dos movimentos do corpo que faz contínuos e vigorosos progressos. Correm, saltam, sobem e descem e não conseguem permanecer tranquilos senão quando estão interessados nalguma coisa. Comem e bebem utilizando talheres com as próprias mãos, de modo desajeitado, entornando alimentos, mas em pouco tempo adquirem rapidez e alguma precisão, enchendo a boca com exagero. Despem-se facilmente e vestem-se com vagar e dificuldade. A recreação é uma constante e nela se valem de tudo

o que encontram, imprimindo movimentos e posições relacionados com fantasias inconscientes e realidades presentes, mas geralmente obedecem a simples interesses do momento, se estão brincando livremente. Recreando-se, somam novas e sensacionais experiências físicas e afetivas, enriquecendo a vida interior e fortalecendo o ego. Cabe um destaque nos folguedos deste grupo etário, refiro-me à criatividade: usam as coisas disponíveis, fazendo-as funcionar em acordo com a imaginação e promovendo situações imprevisíveis, com uma surpreendente riqueza de detalhes.

Realidade e fantasia confundem-se no brinquedo, porém isto não significa que a criança interiormente não tenha capacidade de destacar uma da outra. Ela encontra enorme prazer em vivenciar fantasias, mesmo quando sente adequadamente a realidade. Uma ilustração. Garoto de cinco anos exultava com a festividade de uma noite de Natal. Ao surgir Papai Noel; emocionou-se de tal modo que um irmão mais velho, preocupado, decidiu intervir, exclamando: "Tolo, não sabes ainda que é tio Chico?" Desapontado e revoltado, retrucou: "Claro que sei, mas deixa eu pensar que seja Papai Noel." A fantasia é uma forma de pensamento primitivo, mágico, que contrariamente ao pensamento conceitual, lógico, permite que os desejos se apresentem como possíveis realidades.

Brincar também significa conquistar. Conquista de habilidades e conhecimentos que satisfazem os anseios de suficiência e de poder. Sissi, garotinha de dois anos e meio, ao despertar da sesta, insistia diariamente em calçar suas botinhas de cordões. Primeiro, tirava os cordões dos ilhós e depois, um tanto desajeitada, enfiava os nos buracos certos ou errados, tentando fazer o laço final. Repetiu a manobra com perseverança por semanas, até que logrou vitoriosamente completar a manobra e dar o laço desejado. Foi tomada de uma alegria sem limites e não parava de gritar: "Consegui, consegui!"

Há mães que se preocupam quando os filhos são muito buliçosos e em particular os meninos, mas geralmente não se trata de enfermidade e tampouco da famigerada disritmia cerebral, transformada em fantasma de mães ansiosas. Eles apenas querem viver intensamente e possuem energia muscular suficiente. Acontece que nesta etapa da existência os ossos são flexíveis, em processo de calcificação, não garantindo firmeza na posição de pé, demorada. Defendem-se com o deslocamento constante. Falando em disritmia. lembro o uso exagerado de eletroencefalogramas, que no pensar dos leigos em medicina revela a natureza de todos os males cerebrais e mentais da criança. Devem ser solicitados pelo pediatra e interpretados pelo neurologista, pois há disritmias consideradas fisiológicas e relacionadas com alterações próprias do crescimento. É velha noção, em pediatria, que crianças reagem facilmente a diferentes agentes mórbidos, com febre, distúrbios digestivos e nervosos.

Desenvolvimento da Palavra

Ouvindo nomes, antes de um ano, a criança acumula símbolos verbais que irá empregar quando conseguir articular a palavra. Com dois anos, possui vocabulário de centenas de palavras que é tanto maior quanto mais solicitada. As frases são breves, contando poucas palavras, porém, aos três, usa frases mais longas,

empregando o "eu" e outros pronomes pessoais. No desenvolvimento da linguagem, há motivação no prazer de produzir o som, de imitar, e de comunicar-se. A expressão verbal é utilizada sobretudo quando a criança está atenta e bem humorada. Gosta de falar para afirmar-se, para atrair a atenção e para externar desejos, temores e exigências do momento. Nas emoções maiores, despertadas por fome, dor, frustração, raiva e medo, recorrem ao choro, ao grito ou a gestos de desespero. A expressão corporal é linguagem comum nos protestos instintivos e afetivos.

Cada ano marca acentuado progresso na comunicação verbal pela avidéz. em assimilar todas ocorrências. O pensamento já conceitual, rico de símbolos, proporciona uma fala fluente, objetiva e pitoresca. Absorve e emprega prontamente o que ouve porque procura se identificar com as pessoas de mais idade, dotadas de tantas capacidades que ainda não possui. Bate-se interior e exteriormente pela superação de si mesma. Escolhe ídolos que pretende alcançar, na inteligência, no sentimento, na ação e na beleza; daí o encantamento pelas estórias tradicionais fantásticas que não cansam de ouvir atentas e maravilhadas. A televisão é uma preciosa fonte de enriquecimento do vocabulário, dado o forte estímulo áudio-visual que leva a criança hodierna a usar de modo surpreendente, e com plena compreensão, palavras e expressões elevadas. Um grupo de familiares, em animada palestra, é interrompido por Gabi, menina de três anos, que em tom imperativo pergunta: "Posso parlamentar?" Há um silêncio de espanto. E a pessoinha continua: "Quero suco de laranja".

Lamentavelmente, na escola atual, não se dispensam cuidados maiores à arte de falar e de escrever. Recitações, lições orais, debates, redações e provas escritas caem em desuso. É urgente que a política educacional inclua em seus programas o desenvolvimento da conversação, porque a mocidade está falando e escrevendo com dificuldade por falta de exercício de uma das faculdades mais características e nobres do homem, a palavra articulada e simbólica.

Instintos e Hábitos

Movida ao nascer pelo princípio do prazer, a criança de dois anos procura ajustar-se ao princípio da realidade, orientada pela cultura familiar: Experiências enriquecem-na com a percepção de objetos e situações. Estabelece contato com a realidade exterior e começa a controlar a conduta, tentando dominar os impulsos instintivos para adaptar-se ao mundo dos adultos, predominantemente convencional. A fase que se estende de dois a três anos é denominada anal, porque o ânus se converte num centro de interesse e prazer, através da dupla função de eliminação e retenção, também válida para o urinar. Momento em que se inicia o aprendizado dos hábitos higiênicos, pois a criança coopera e tem algum controle motor e sensitivo. O bom relacionamento com os pais facilita a aquisição desses hábitos porque, esperando aprovação de quem ama, a criança obedece. Retardando este controle, há possibilidade de persistência nesta fonte de prazer e continuar a sujar-se. Se o treinamento for feito com ameaças e castigos, poderá despertar oposição e hostilidade que inibem o progresso. Dai casos de enurese (perda de urina e constipação (prisão de ventre) que expressam revolta e desejo de atenção e afeto. Suavemente disciplinado, aceitará novos hábitos higiênicos e sociais:

limpeza das mãos, banho, asseio geral, escovar os dentes, boas maneiras no comer e compostura social. Estes hábitos não se estabelecem por imitação mas por aprendizagem, não constituindo a chave da educação. Serão apreciados como práticos, confortáveis e protetores.

Durante a infância há uma busca de toda espécie de satisfações que possa tirar do próprio corpo. A masturbação esporádica, nesta etapa é natural e não mórbida. Nos garotos ocorre excitação mais freqüente porque a proeminência do pênis o sujeita a manipulações fáceis. O orgulho que os meninos têm do pênis ostensivo é alimentado pela observação maliciosa e inoportuna dos homens. Evitar-se-á o que possa excitar precocemente os órgãos genitais. Babás ignorantes ou perversas acariciam o pênis de garotinhos para facilitar-lhes o sono.

Erotismo anal uretral e cutâneo são manifestações naturais da evolução sexual em 'ambos os sexos. Na puberdade, adolescência e idade adulta haverá polarização nos órgãos genitais, restando, contudo, como zonas erógenas secundárias aquelas que constituíram a sexualidade da infância.

As impulsões instintivas serão manejadas com brandura para que a criança tenha satisfações próprias do desenvolvimento. Compreensão e serenidade atenuam egoísmo e auto-satisfações; em troca de relacionamento afetivo com pessoas e contato com coisas agradáveis do meio exterior. Este será o caminho para um bom engajamento social, através da comunicação pelos canais afetivo, intelectual e moral. Acentuada insatisfação dos impulsos instintivos e afetivos traz frustrações insuportáveis e conseqüentes distúrbios do desenvolvimento emocional. O ser humano não é mecanicamente adestrado, mas compreensivamente educado.

A criança aprende a amar com a mãe e demais familiares e, pouco e pouco, sente que no ambiente familiar há um equilíbrio entre dar e receber. Consegue assim libertar-se de parte de seu narcisismo primário para encontrar fora de sua pessoa, no mundo exterior, uma fonte inesgotável de prazeres. Haverá um acerto entre manifestações de auto-satisfação (sexuais, sensoriais e motoras) e relações-objetais para que se processe regularmente a evolução da personalidade. O ego, mais seguro e conciliador, receberá aprovações em vez de proibições. Desejos que impliquem em perigo, serão contornados com justificações serenas e reais.

Ana Freud asseverava: "O desenvolvimento são e normal da personalidade depende das circunstâncias de seus primeiros afetos e do destino que se dá a suas forças instintivas que acham expressão nestas primeiras e importantes relações". Quando se refere a forças instintivas, a autora alude à sexualidade, agressividade e auto-conservação.

Tanto no animal como no homem existe agressividade, considerada pelos biólogos como comportamento instintivo. Está relacionada com todas as manifestações humanas de protesto e com os instintos de conservação e sexual. A luta pela vida é um repetir de atitudes agressivas, aceitas na sociedade competitiva em que vivemos como qualidade positiva. É notória a satisfação de pessoas, cujo maior interesse nos jornais é a crônica policial e, nos livros e filmes, as histórias de atrocidade e horror. A violência excita, perturba os sentimentos e leva à fascinação. Desejos não atendidos geram frustrações e uma disposição manifesta à hostilidade. Se nossa segurança é ameaçada, temos natural tendência de reagir, agredindo.

Cedo, nos encontros com outras crianças, o menor apercebe-se que deve refrear suas reações agressivas para ser tolerado e aceito. Reprime então a agressão para conquistar uma afeição compensadora. Quando os adultos, obedecendo a padrões rígidos e conservadores, fazem exigências consideradas desagradáveis, inoportunas e injustas, as crianças têm como resposta gestos de rebelião. Assim, a iniciação em hábitos pela imposição de situações estereotipadas, contrárias aos prazeres infantis, devem ser conduzidas com tato para evitar revolta e agressão. A falta de compreensão, a insatisfação de desejos, a insegurança, o ciúme e a inveja, mobilizam pronta e desmedidamente forças agressivas nas crianças. Batem, mordem e gritam por se acharem afetadas tanto na integridade interior como na exterior. Até os três anos, pouco sabem -da arte de se defender e, se atacadas, não raro se acovardam e choram. Mais adiante, atacam impiedosamente mesmo os irmãos, porém podem ter sentimentos de culpa ou de compaixão, quando se identificam com a vítima, e terminar a cena com agrados no ofendido. Agressões são inibidas e reprimidas por temor ao castigo.

Se a agressividade não encontra possibilidade de vaziar no exterior, pode voltar-se contra o indivíduo. Nisto há quem perceba o discutível instinto de morte. Existem tendências destrutivas, mas são sobrepujadas pela força inata da auto-preservação que traduz a emergência natural do instinto de vida. Único capaz de explicar a evolução biológica. O ser humano atenta contra a existência em momentos de extremo desespero, quando está grave e mentalmente doente.

A fase anal, também denominada anal-sádica, destaca tendências destrutivas da criança em castigar pessoas e animais mesmo amados, sentindo prazer na perversidade. Salta intempestivamente do amor para o ódio. Aliás, nesta faixa etária, experimenta desconcertantes conflitos instintivos afetivos e de relacionamento. As manifestações de sadismo costumam ser fugazes e serão controladas com observações racionais, mas envolvendo um componente emocional que sensibilize o ofensor. Reações violentas dos adultos reforçarão fatalmente os impulsos agressivos. Um exemplo de sadismo infantil que surpreendeu os familiares de gêmeas tidas como amorosas e felizes. Garotinhas de três anos e meio adoram Nico, cãozinho inseparável nos folguedos. Dão-lhe a própria comida, gulodices e beijos. Mas foram apanhadas enfiando o pobre animal através do ralo de um poço de esgoto do jardim. Perguntadas porque maltratavam o animal, simples e descaradamente, responderam:

"Queremos que ele morra!"

Independência e Situação Edípica

Se até os dois anos os destaques psicológicos são a oralidade, a dependência e as relações objetivas, dos dois aos três as características são o controle corporal, a analidade e o desenvolvimento da linguagem. Dos três aos quatro, entra na fase da independência, da rebeldia e da situação edípica, na qual tem especial significado o triângulo: pai-mãe-filho. E, há mais, entre cinco e sete anos, manifesta-se o estado qualificado de latência. As idades apontadas representam médias, sujeitas a avanços e recuos, em acordo com as oscilações do crescimento e do desenvolvimento individuais. Estas fases (oral, anal, edípica e de latência) não marcam uma transição brusca e decisiva, mas lenta e flexível,

havendo nas fases posteriores traços das anteriores que teriam sido superadas. A criança poderá regredir para assegurar amor e direitos que sente perdidos, o que traz consternação dos pais, quando observam que voltou a chupar os dedos, sujar-se, falar como criancinha e proceder com onipotência.

O controle corporal, com a marcha, o uso da palavra e a iniciativa, conferem tal grau de autonomia que não protestam por independência. simplesmente a usam. A rebeldia, estudada mais adiante, é mera consequência.

Referência à ligação incestuosa de Édipo e Jocasta, na fase edípica, a criança alimenta um interesse erótico pelo genitor do sexo oposto. Nessa afirmação não há nenhum ataque à inocência da criança. Ela nasce com sexualidade que irá evoluindo no curso da vida. O bom senso repele a idéia ingênua de que o sexo brota subitamente na puberdade.

Os garotos cedo mostram interesse pelos órgãos genitais, cujo toque desperta prazer. Ao urinar haverá, por vezes, ereção do pênis. Procuram identificar-se com o pai que é amado, mas chegam a combatê-lo, para ocupar o lugar que ele tem junto à mãe que, além de ser amada, desperta interesse sexual. E isto é natural, pois encaminha-se para futuramente escolher uma companheira e já conta com um modelo idolatrado. Com as meninas a situação é mais complexa: a sexualidade ainda difusa conduz a um zelo particular pelo próprio corpo. apreciando que se fale do bom aspecto físico e não escondendo a satisfação ao se olharem no espelho. Rivalizam com a mãe e a combatem, porém a amam e não ocultam a fervorosa admiração pelo pai. A propalada inveja do pênis é uma invenção cultural. Garotas podem sentir inferioridade biológica, porque os homens exageram arditamente a importância do órgão masculino.

A situação edípica vai sendo resolvida nos anos que seguem, se pais e filhos se relacionarem afetuosamente, sem abuso de autoridade e de crítica dos primeiros, pois a sexualidade infantil permanece ainda no plano das auto-satisfações e a concentração de impulsos eróticos nos genitais é apenas esboçada. A eventual masturbação não tem o sentido específico encontrado na puberdade. Curiosidade sexual não comporta gratificações maiores, porém pode tornar-se preocupação compulsiva. São conhecidas as fantasias desta fase: pensam que a fecundação se faz pela boca que o nascimento ocorre pelo ânus e que o contato sexual é uma agressão à mãe. Eventualmente, amam com paixão, como adolescentes, mas o ardor é transitório e retomam à serenidade do bem-querer.

Com cinco ou seis anos, a personalidade avançou na estruturação e as tendências instintivas entram em conflito com as proibições que vem da censura moral, porém o ego está mais forte e serve de mediador entre as duas forças, estabelecendo melhor ajustamento com a realidade exterior. Adquire crescente segurança por conseguir equilibrar a dinâmica das funções psíquicas. Domina exigências instintivas, aplaca escrúpulos da consciência e consegue gozar os entretenimentos do mundo que a envolve. Instalam-se afetos de desprendimento, de libertação e de tranqüilidade. Entra no período de latência. Latência por relação às pulsões instintivas, mas atividade por relação aos conhecimentos adquiridos que abrem portas para o mundo. Aproxima-se da idade escolar. E, aí, terá novos e grandes interesses nos planos intelectual, emocional e social: descobertas que satisfarão sua incansável curiosidade, contatos que virão do convívio fraternal de

muitos companheiros e liberdades que levarão à invejável existência dos adultos tão poderosos.

No ambiente familiar, a criança esteve em preparação para ser recebida na escola, cujos sistemas educacionais visam a criar um estado mental propício ao Seu ajustamento no meio social.

Alimentação e Inapetência

A oralidade ainda é forte e a alimentação não deveria oferecer dificuldade, pois a criança é gulosa. Os alimentos serão nutritivos, atraentes, variados e saborosos: o prato levará comida de todas as cores. Refeição equilibrada compreende proteínas (carne, ovos e leite), carboidratos (grãos e açúcar), gordura animal (manteiga), vitaminas, minerais, celulose (vegetais) e água.

Acontece que em muitos lares a alimentação é inadequada e caprichosa. Há os que não comem hortaliça, fruta, peixe, aves ou não bebem leite. E inconscientemente e por imitação transmitem hábitos falhos aos filhos. Entre dois e seis anos, serão nutridos com toda espécie de alimentos saudáveis, verificando a maior ou menor digestibilidade de cada um. A comida será oferecida com a naturalidade usada com os adultos, sem as costumeiras observações lisonjeiras, sempre ouvidas com suspeição.

Se houve um bom relacionamento entre mãe e filho, desde o nascimento, poucas serão as dificuldades. Mães ansiosas e superzelosas. costumam preocupar-se com a alimentação, ora mimando, ora exagerando na quantidade. A criança reagirá com inapetência ou rejeição. Há mães que se exaltam ou ficam ofendidas com as brincadeiras e a morosidade do filho, quando elas prepararam os alimentos com tanto carinho e ainda têm tantas tarefas a realizar. Dar de comer à criança exige paciência, mesmo quando ela utiliza talheres com as próprias mãos. Percebendo a inquietação, reforçará a atitude negativista. Mas não se conclua que a mãe e os familiares são sempre responsáveis pela inapetência. Há crianças que costumam comer pouco e mantêm bom estado de nutrição, o que significa que atendem satisfações orais e necessidades do crescimento; outras são irrequietas e intolerantes por índole, dificultando a alimentação. Doenças físicas são também acompanhadas de recusa temporária.

A inapetência constitui um dos motivos mais freqüentes de consulta pediátrica e será considerada em duas diferentes causas. Outrora, cuidava-se da alimentação em si, porém, hoje, cuida-se sobretudo da conduta alimentar, isto é, do procedimento da criança e da pessoa que alimenta.

O manejo da situação joga com dificuldades de ambos os lados, pois o menor quer atenção às suas exigências pessoais e, em particular, comer o que prefere e quando tiver fome, enquanto os familiares angustiados teimam, contrariam e agem de modo arbitrário, obcecados pela idéia da desnutrição.

Evitar disciplina severa: regulação exagerada da alimentação, manter compostura, comer de tudo e não se afastar ate esvaziar o prato. Alguma liberdade de movimento não trará maus modos, pois a medida que cresce imitará ° exemplo dos mais velhos.

Sentimentos

As gratificações emocionais básicas são atendidas pela vinculação afetiva com os familiares. Espontaneamente associam-se com irmãos e amigos para companheirismo nos folguedos, mas também procuram adultos, cuja presença é motivo de satisfação. Não devem ser escorraçados quando seguem os ca1canhães de, gente grande: querem aproximação. Amor e ódio encontram inspiração no relacionamento que mantêm com os pais. Surgem rivalidades entre irmãos, sobretudo porque, um e outro, acreditam ser menos amados ou menos capazes. Há sempre o queridinho do papai e da mamãe. Experimentam todos os sentimentos dos adultos: inveja, cobiça, desprezo, indiferença, admiração, fascinação. Não têm sentimentos definidos da dor alheia até os seis anos, mas se a percebem afligem-se e procuram consolar. Chegam a mostrar solidariedade, por identificação no sofrimento, com a pessoa amada. Trazem, no entanto, vestígios da onipotência do primeiro ano, o que lhes confere características de egoísmo, demandas caprichosas, liberalidades e teimosia. Muito da conduta infantil, e da manifestação dos sentimentos, está relacionado com o fato de os pais serem moralmente aprovados ou desaprovados.

Angústias passageiras são comuns e têm sua origem no medo. Este existe e deve ser evitado com bastante empenho. Pais inquietos e assustados logo transmitem o padrão mórbido às crianças que fatalmente concluirão que o mundo é perigoso. Não atemorizar mesmo com o perigo real: explicar simples e objetivamente o que pode ocorrer e o sofrimento que trará. Já vivenciaram situações dolorosas e guardam boa lembrança dos males. Referir fatos chocantes, contar , estórias e terror e sobretudo alarmar com perseguições para acomodá-las, não é falta, é crime, pois semeará desconfiança, estranheza, insegurança e fobias permanentes que irão comprometer a saúde mental, numa psicose martilizante. Os pais exercerão vigilância sobre adultos que lidam, com crianças: babás, serviçais, parentes e amigos que sente prazer sádico em ver o pânico estampado na fisionomia de atentos ouvintes, não preparados para os contos extraordinários de Edgar Allan Poe.

Sentimentos de culpa estão desenvolvidos, pois a consciência tem horizontes mais largos. Desaprovações, recriminações e proibições serão feitas, com disposição serena, racionalmente, e não na irracionalidade dos momentos de exasperação, quando as crianças tiram os pais das estribeiras.

Moral

Do realismo do pensamento próprio desta etapa evolutiva, a criança, entre cinco e seis anos, passa para a expressão simbólica que acompanha o progresso do superego, vinculado a sentimentos de culpa reprimidos: Estes estão relacionados com a moral imposta pelos pais, pois a agressividade, os sentimentos de abandono e a expiação não foram liquidados. Intuitivamente, pode chegar a compreender que o perdão é um valor. Não sentindo abandono, nem inferioridade, perde a agressividade. O anseio de viver, de aprender e de agradecer conduz facilmente ao esquecimento do remorso .

Crianças sensíveis exigem cuidados especiais na educação, pois sentimentos de culpa prejudicam o desenvolvimento afetivo e intelectual. Devem, contudo, ser preparadas para reconhecer a autoridade dos pais que será exercida com calma e firmeza e num sentido racional construtivo, considerando que são extremamente sensíveis à injustiça, recebida como repulsa. Havendo aceitação de obediência, por compreensão, respeito e espírito de cooperação, no futuro acatarão as autoridades constituídas, condição relevante quando vivenciarem a inevitável crise de autonomia da adolescência. O respeito à autoridade racional é o fundamento da organização familiar, escolar, empresarial e social. Sem esta autoridade ficariam abaladas todas instituições humanas.

Obediência, Rebelia e Mentira

Zelar pela obediência dos filhos, em circunstâncias que visem a um objetivo justo, é responsabilidade dos pais. A obediência garante a força da autoridade e, sem esta, não haveria responsabilidade e tampouco ordem social. Quando a exigimos de modo adequado e em momento oportuno, a criança costuma atender. Desobedece, no entanto, por atravessar uma fase natural de rebeldia que surge do desejo de liberdade individual. Não se pode contar com obediência cega, porque isto implicaria em falta de espontaneidade e de auto-afirmação. A criança tem vontade soberana, porém se sujeita à obediência, se tiver amor e respeito pelos pais. Em contraposição, percebe as capacidades do adulto que admira, pois sente necessidade de depender de alguém que a possa proteger nos perigos e dar solução às suas dificuldades. Havendo segurança e atribuição de valores aos pais, as ordens serão atendidas sem relutância. Progressivamente vai aceitando uma disciplina necessária para atingir as responsabilidades das Idades posteriores. Arbitrariedades levam a um círculo vicioso de desacertos, feito de dúvidas e desespero dos pais e de rebeldia e sentimentos de culpa dos filhos. Em circunstância alguma será utilizada a ameaça que pode trazer sujeição, interpretada falsamente como obediência. E os efeitos da submissão são perniciosos, pois se fundamentam no medo, no ódio e na revolta. Criança obediente estará se identificando com os pais, o que é positivo, ou se curvando por medo do castigo. A submissão cobrará mais tarde alto preço de dissabores aos pais e danos à sociedade.

Ocorre a mentira por medo de desaprovação, recriminação ou castigo e, menos vezes, por devaneio de uma imaginação fértil; nesta última circunstância, a mentira assume a feição de uma estória inverossímil ou fabulosa, logo percebida pela atitude de satisfação do menor. Mas há crianças que mentem porque vivem em ambiente familiar onde não se preza a autenticidade e a veracidade, sendo a falsidade e a leviandade costumeiras na linguagem. O estilo viciado de comunicação é imitado e empregado nas menores dificuldades. A verdade, mesmo de conseqüências graves, deve ser acelta com tolerância e reconhecimento de coragem, para depois entrar em discussão, com objetividade, justiça e a possível reparação.

Curiosidade

Aristóteles admitia que um dos mais preciosos dotes do homem era a curiosidade, fonte do conhecimento. Em passado pouco remoto, foi considerada hábito vicioso e combatida como inconveniência social, embora largamente utilizada. A pedagogia moderna empresta-lhe valor: disciplinas complexas são apresentadas com motivação calcada na curiosidade e na pesquisa para tirar-lhes o aspecto formal e enfadonho.

Uma característica da curiosidade infantil traduz-se pelas constantes perguntas que fazem. Querem saber o porquê das coisas. Há perguntas ingênuas que vêm da ignorância e outras embaraçosas, exasperantes e provocadoras. Não se trata apenas de um interesse que conserva o ânimo tranqüilo, mas de uma ânsia de saber, pois a curiosidade é acompanhada de tensão, urgência, inquietude a exigir atendimento. E a curiosidade das crianças difere da que alimentam os adultos, porque são pouco experientes na prática da vida, mas ricas na imaginação. Fazem perguntas relacionadas com o mundo exterior e interior e, faltando a devida resposta, são compelidas à investigação. Não se pode impedir que façam perguntas, pois ficam frustradas, não solucionam os enigmas e passam a se esquivar, perdendo a confiança nos adultos. As respostas serão corretas e amistosas para devolver o equilíbrio emocional ao curioso. Visam a apurar dúvidas, melhorar conhecimentos, mas também perturbar a conversa dos adultos, intrigar, agredir e sondar a sabedoria dos mais idosos. São freqüentes as perguntas sobre sexualidade, porém, se as julgam vergonhosas, questionarão outras crianças ou pessoas humildes.

Sem proibições ou omissões, as crianças sentem-se livres para observar e investigar. Brinquedos, objetos domésticos, coisas bem guardadas, quartos desocupados, pedras, plantas, animais, pessoas, máquinas e diferentes ocupações, são alcançados pela bisbilhotice infantil. Tratando-se de coisas, a pesquisa poderá chegar à total destruição. Por vezes, é tal a curiosidade sobre objetos perigosos que deve ser feita vigilância especial.

Nas classes humildes, a curiosidade é facilmente atendida em conseqüência da promiscuidade em que vivem com os adultos, em recintos acanhados muitas vezes dormindo todos num mesmo quarto. Há, no entanto maior liberdade de brincarem na vastidão da rua, em contato com menores da mesma condição. Melhor posição social impõe maiores restrições na curiosidade e também menores facilidades de perambular pelas ruas. Buscam compensação bisbilhotando os recantos da casa e fazendo camaradagem com as serviçais.

A curiosidade infantil é desconcertante para alguns adultos, quando toma o rumo do sexo. Querem ver o pais nus. Saber por que dormem juntos. Como se fazem e nascem os bebês? Qual a diferença oculta, entre o homem e a mulher? Espiam portas, janelas e buracos de fechadura para surpreender novidades, em particular o proibido e o misterioso.

Existem pessoas que ingenuamente acreditam ser atualização tudo dizer e ludo mostrar com relação à curiosidade sexual, inclusive exibir a nudez aos filhos. Deve ser dita a verdade na medida da capacidade de assimilação da criança e mostrada a realidade, ocasional e naturalmente, e não ostensivamente, porque o menor está em formação e não tem a experiência do adulto. Os civilizados costumam usar roupa e esta traz algum recato que é produto da cultura em que vivemos. Existem povos que dispensam roupa, olham a nudez com naturalidade em todas as etapas

do crescimento, mas, fato curioso, no ritual da puberdade, homens e mulheres passam a usar sobre os órgãos genitais uma pequena cobertura o *cache-sexe*. Até o selvagem entende que a sexualidade amadurecida exige um discreto resguardo. A atividade sexual humana envolve uma intimidade psicosexual e não um simples contato animal.

Exibicionismo

Os brinquedos instrutivos modernos visam¹ a combater a tendência natural das crianças a se fixar na vida instintivo afetiva, encontram intensa satisfação na companhia dos pais, desviando o interesse que convém investir no mundo exterior, propício ao desenvolvimento. Querem constante atenção e insistem em que os familiares participem dos jogos, buscando atenção ou oportunidade de mostrar suas habilidades.

Na hora do banho ou quando mudam a roupa, ficam satisfeitos com a nudez e exibem-se, sobretudo quanto mais vestidos andam. Mostram brinquedos, façanhas e pequenos ferimentos. Os meninos têm orgulho de exibir os órgãos genitais e as meninas a beleza do corpo. Estas ostentam vestes e ornamentos numa atitude de vaidade cômica, parte dessas manifestações é insuflada pelo narcisismo dos pais, desejosos de apresentar os dotes admiráveis dos filhos. Ao crescer, abandonarão o franco exibicionismo por estarem amadurecendo, porém conservarão vestígios dele sob a forma de maior ou menor vaidade. Alguns, através de um mecanismo neurótico de defesa, tornar-se-ão acanhados e recatados.

Roubo Doméstico

O roubo infantil não indica tendência à delinqüência. É uma reação a diversas frustrações ou exigências de auto-afirmação, através da incorporação de objetos desejados ou, ainda, desafio à autoridade dos adultos. A consciência moral é fraca e o menor não consegue refrear o impulso de posse: brinquedos, dinheiro, gulodices, lápis, cadernos, borrachas e tantas pequenas coisas apreciadas.

No lar, os roubos são freqüentes e até desconsiderados, mas se ocorrem fora de casa e, sobretudo, na escola, trazem situações constrangedoras para a criança e para os pais, O julgamento dos lesados, e estranhos à moral da família é severo. Claro que serão tomadas medidas preventivas, porém estas deverão ser manejadas com tato, explicando a importância e o respeito à propriedade alheia e contando uma estória ilustrativa. Não insistir na ação do roubo, mas, no mal causado e sem exagero, pois a criança acossada terá dificuldade em explicar e irá recorrer a mentiras. Por vezes, o furto é intempestivo, sem motivação aparente, pois obedece a determinantes inconscientes de privação.

Ingressando na escola, o menor leva o sentimento comunitário de serem os objetos domésticos pertencentes a todos e encontra oportunidades de furto, tentado pela variedade de coisas cobiçadas que os companheiros displicentemente deixam espalhadas. O roubo compulsivo é mórbido, exigindo assistência psicológica, por estar relacionado com problemas interiores complexos.

Influência da Comunicação de Massa

A televisão afastou o rádio do interesse das crianças, por despertar mais motivações, através de uma escala maior de percepção, a audio-visual. Estimula o raciocínio, desembaraça a verbalização de sentimentos e pensamentos, deleita a fantasia, dispõe à imitação dramática e à identificação com personagens heróicos. Crianças e escolares dedicam até duas ou mais horas em programas de televisão, o que as impede de procurar amigos com mais freqüência, bem como ter menos tempo para jogos, música e habilidades criativas. Mas pesando influências, é mais favorável do que desfavorável, pois programas nocivos para menores são apresentados em horas avançadas da noite.

Como elemento de aproximação familiar é positiva, porque as crianças se divertem, tranquilizam e fogem menos vezes para a rua. Resolve problemas domésticos, quando há muito bulício, necessidade de silêncio ou contingência de acomodá-las em dias chuvosos. Não constitui, no entanto, fator de integração familiar, pois a assistência mantém-se silenciosa não estabelecendo relacionamento interpessoal. Terminada a sessão, raramente surgem comentários maiores ou conversação.

Não está provado que a televisão seja prejudicial à visão, desde que não se fique com o nariz no vídeo, porém traz dificuldades na hora de dormir, mesmo quando o horário estiver disciplinado. Que se evitem programas sugerindo meios de evasão às exigências sociais ou possibilidades de retardar o desenvolvimento de obrigações. No que diz respeito à agressão, embora nada construtiva, é do agrado de crianças e adultos e também não está provado que influa na formação viciosa de hábitos.

Músicas populares, não intelectualizadas, nem sentimentais, mas que impelem à expressão corporal, são ouvidas, quando funciona a rádio-difusão, mas não diretamente procuradas.

Revistas são manuseadas na busca de figuras e estórias em quadrinhos sobre aventuras, mistérios, fantasias de poder e animais, que olham bastante interessadas, pedindo a alguém que as explique ou leia. Há editoras que apresentam motivos clássicos e históricos atraentes e instrutivos. Livros infantis, ilustrados, com as tradicionais estórias de encantamento são preferidos, em detrimento dos modernos, de valor pedagógico. Mais tarde, os garotos terão interesse particular em narrativas de violência e aventuras espaciais, assim como em proezas de motociclistas e automobilistas. Garotinhas já mostram curiosidade na apreciação de vestuário e adereços.

Escolinhas

Escolas maternas, jardins de infância, escolinhas de arte e de língua estrangeira e o pré-primário constituem medidas salutaras para a criança que vai estabelecendo a transição do meio familiar para o escolar e iniciando o convívio social.

Esses estágios, que precedem o ingresso na escola regular, irão preparando a criança para o ensino formal, onde haverá disciplina, imposição de conhecimentos e conceitos pré-fabricados, novos hábitos e atitudes e outras formas de

relacionamento. Encontrará satisfações e frustrações no recinto da classe, onde a liberdade de ação é limitada. Merecem destaque as escolinhas de arte que estimulam a criatividade, integrando-a no desenvolvimento mental, ao lado da inteligência, da afetividade e da conação.

No mundo atual, automatizado e massificado, a ponto de emprestar rotina e monotonia ao estudo e ao trabalho, incentivar a criatividade, através das artes, rompe a inércia, diverte, desvia a frustração e a agressividade e dá largas à imaginação, preparando a criança para o futuro, pois as tarefas gratificantes do artesanato, combinação do trabalho e criação, ficaram, como profissão difundida, no passado. Artigos de consumo, de fácil aquisição e de aspecto atraente, atendem às necessidades materiais, hoje reclamadas. Motivação, pesquisa e criatividade devem constituir a preocupação do mestre hodierno, porque a criança enfrenta uma era em rápida evolução.

Manejo na Meninice

A meninice é a etapa bem-aventurada dos folguedos que proporcionam atividades motoras, sensoriais e mentais, no âmbito familiar. O sistema motor será exercitado com travessuras. Meninos valem-se de carreiras, escalada de obstáculos, balanços, manipulação de terra e água, desenhos e pintura, instrumentos e paus, brinquedos fabricados e outros feitos com as próprias mãos, havendo predileção por automóveis de todos os tipos. As meninas, mais dóceis, apreciam estes jogos, substituindo os veículos por bonecas e miniaturas da casa e seus pertences.

Selvagerias serão consideradas com tolerância, pois menores julgados pelos padrões dos adultos são monstros. Evitar-se-á que cheguem à temeridade e à violência, mediante observações serenas e suasórias. Desespero e grilos levam invariavelmente a reagir com oposição, e descobrem como é fácil dismantelar a superioridade dos pais. A dramatização será depois imitada, com cenas históricas. É recomendável que cedo brinquem com outras crianças para adquirir experiência da relação grupal, havendo, então, satisfações e frustrações necessárias para o futuro convívio escolar e social. Desentendimentos com irmãos e companheiros são freqüentes e têm o significado da revolta de um momento, reações a discordâncias naturais entre diferentes indivíduos. Apaziguar quando chegam ao exagero de injúrias corporais. Haverá não "liberdade sem medo", mas liberdade com pouco medo. Facilmente brota medo de alguma coisa, pois, além de ser um afeto básico, inato, existem perigos no mundo exterior e riscos internalizados de experiências anteriormente condenadas. A inexistência de medo implica numa falha do instinto de autoconservação, em temeridade. É óbvio que não deva ser alimentado.

A educação proporcionada pelos pais cria uma consciência moral que encerra valores, exigências e proibições. E esta consciência depende da fortaleza dos laços afetivos que prendem a criança aos pais. No meio social, sofrerá influências boas e más e a organização ou desorganização da personalidade dependerá do que recebeu de positivo na infância.

Tendências instintivo-afetivas serão controladas e não abafadas, porque os impulsos naturais excessivamente combatidos pelos adultos enfraquecem o menor nas energias vitais, indispensáveis à sobrevivência, prejudicam o

desempenho escolar e profissional e perturbam o relacionamento interpessoal e social. O ego deverá ser fortalecido com palavras e atitudes de aprovação e ênfase aos bons sentimentos, às ações produtivas e aos valores éticos. Apontar falhas e defeitos tem efeito negativo. Nos desvios condenáveis, agir com moderação e justiça para não despertar ressentimentos. Atitude recriminatória ou ameaçadora levará à condenação, à desobediência e à hostilidade. Sentimentos de culpa poderão refletir na censura moral, avivando escrupulosidade que se tornará mórbida com a repetição. Há, nesta situação, o perigo de a criança regredir a etapas anteriores de sua evolução ou fixar-se em uma delas, de modo neurótico.

Quando fazemos avaliações de desenvolvimento na infância, a medida de tempo é o trimestre e o semestre. Na adolescência utilizamos o ano e na idade adulta, a década. Como as leis do crescimento são constantes, toda atenção deve ser posta na compreensão dos problemas do desenvolvimento, sujeito a contínuas pressões e variações do meio exterior. Ritmo acelerado, transitoriedade, utilitarismo imediato, psicologização e sofisticação constituem características do estilo atual de vida. A criança é assaltada por modificações e inovações freqüentes que despertam sentimentos de aceitação e de rejeição. E tarefa dos adultos ajudá-las na delicada e complexa função de ajustamento às novas exigências deste mundo mutável que herdaram.

CAPÍTULO 6

SOBREVIVERÁ A FAMÍLIA?

A família é uma instituição multi-milenar, pré-humana, de raízes biológicas evidentes. Entre os animais, em diferentes degraus da escala zoológica, o macho assiste à fêmea, da incubação ao nascimento da prole, numa atitude de proteção. No gênero humano, porque a constelação familiar se reveste de maior complexidade, além da motivação biológica, intervêm fatores de ordem cultural. Mesmo entre povos primitivos, que desconhecem o papel do sêmen e do óvulo na fecundação, o homem protege a mulher. E Isto se verifica até em culturas matriarcais, onde o homem é apenas companheiro da mulher e amigo dos filhos. A autoridade, nesse tipo de cultura, é exercida pela mãe e seus irmãos. Na cultura ocidental, de matizes patriarcais, o pai zela pela segurança da mãe e dos filhos e detém alguma autoridade. Surgem sentimentos de amor e de posse, oriundos da certeza da paternidade e conseqüentemente, uma responsabilidade maior com os filhos. E verdade que a emancipação da mulher hodierna e o descanso do homem na tutela imediata dos filhos, conferem apreciável autoridade à mulher. A governança e, não raro, o sustento da família cabe ao casal. A mãe, por sua vez, descarrega parte das responsabilidades em parentes velhos, babás, creches e escolas materno-infantis, pois não consegue suportar o enclausuramento do lar. Trabalha fora ou tem que usufruir o lazer extra-muros. Os filhos são amados, mas trazem cuidados constantes e cansativos. Pai e mãe perdem a oportunidade de dar aos filhos o amor e a experiência da própria existência. Há, no entanto, pais que persistem em viver no velho estilo.

O Núcleo Familiar

A família está sofrendo modificações em consequência das rápidas e constantes desordens sociais dos últimos decênios. Tomará possivelmente outra feição, mas permanecerá escorada no triângulo pai-mãe-filho, malgrado alguns derrotistas pregarem sua morte iminente, pois ela é a célula do organismo social. Negar sua persistência será negar a organização social, o que simplesmente é inaceitável, salvo a eventualidade de a Terra explodir, com planetas habitáveis. Até os animais se organizam em grupos tal a força do comportamento gregário.

Entidade psicossocial, a família é sustentada pelo pai e pela mãe que, com os filhos, constitui um núcleo de funções biológicas, psicológicas e socializantes. Sistema ativo no qual os componentes interagem modificando o comportamento de uns e outros, ora no sentido da coesão, ora no da desunião, pois operam sentimentos de vinculação e de divergência pessoal. Mas elos naturais, instintivos e afetivos, garantem a unidade. O equilíbrio emocional, entre o dar e o receber, estabelece uma dinâmica psíquica que se torna agradável, se houver bom relacionamento dos familiares. Há uma troca constante de alimentos, afetos, segurança, bens materiais e informações que ocorre num regime de cooperação e comunicação. Os pais provisionam os filhos e, com o decorrer do tempo, os papéis se invertem, num movimento contínuo que perpassa gerações. Nesta interação, as comunicações se fazem através de mensagens que utilizam diversos canais: palavra, modulação de voz, expressão corporal e atitudes. Não se pode fixar um padrão de família, pois cada qual tem bases culturais próprias, calcadas em tradições, mitos, preconceitos, padrões de conduta e julgamentos de valor que serão confrontados com os de outras famílias.

Nathan Ackerman, pioneiro da psicoterapia familiar, admite que toda família tem metas básicas: unir poupando a individualidade, cuidar das crianças, estabelecer laços afetivos, satisfazer necessidade recíprocas, treinar para a participação social, esclarecer sobre a sexualidade, promover o desenvolvimento da inteligência e incentivar a criatividade. O manejo dessas metas não é fácil e depende da maior ou menor maturidade dos pais, mas, se forem alcançadas, a família terá equilíbrio, com avanços e retrocessos, vindos das circunstâncias da vida.

Toda família põe acento mais destacado numa ou noutra perspectiva em acordo com anseios e ideais próprios, como sejam: riqueza material, sucesso profissional, cultura intelectual, afirmação social, sentimentalidade ou realização artística, técnica ou científica. No passado, as profissões se transmitiam de geração em geração, porém hoje há liberdade de escolha e os pais aspiram para os filhos a uma melhor posição social.

Um aspecto importante a considerar é o das divergências familiares. Surgem discriminações perigosas quando um filho é valorizado e outro diminuído, quando o pai menospreza a mãe e esta passa a apontar as falhas dele. A desconsideração traz mágoas e animosidades, interpretadas como desamor e influido de modo desastroso no clima familiar. Devem agir forças integradoras e não desmanteladoras. Os estímulos serão positivos, ressaltando valores, na

intenção de permitir a afirmação pessoal e não aumentar os sentimentos de inferioridade. Falhas deverão ser discutidas em particular, em momentos oportunos, e de modo racional, construtivo.

Parentes que integram o núcleo familiar ou se relacionam com ele, ocasionalmente, exercem influência positiva ou negativa, consoante a significação pessoal, a espécie de intromissão e a sugestibilidade dos integrantes da família. Avós e tios prepotentes na maioria das vezes são parciais e passionais. Dão conselhos que lhes parecem úteis, sem levar em conta que a intimidade existente entre marido, mulher e filhos atenua os desentendimentos e transforma as palavras ouvidas em ofensas feitas às pessoas amadas. Não é fácil compreender a dinâmica psíquica de um indivíduo e, menos ainda, a do complexo familiar. Os psicoterapeutas não dão conselhos. Investigam, interpretam e esclarecem, para que os pacientes cheguem, por conta própria, a tomar decisões que se ajustem às dificuldades. Conselheiros domésticos, levados à sério, podem aumentar conflitos familiares. Sabedoria tinha a sibila romana que, consultada pelos guerreiros, antes das batalhas, dizia invariavelmente: "Ibis redibis nunquam peribis in armis". Em linguagem nacional significa: "Irás voltarás nunca perecerás pelas armas". A vírgula, em acordo com o sucesso ou insucesso, era colocada depois de "irás voltarás" ou de "irás voltarás nunca".

Desempenho dos Pais

Se a família busca coesão, por ter fortes raízes afetivas, também é certo que reconhece oscilações entre equilíbrio e instabilidade por constituir um grupo humano. Cabe aos pais a missão de resguardar a integridade do lar, não somente porque o desejaram, mas por serem os elementos mais experientes e capazes, e terem assumido voluntariamente responsabilidades.

Não há desdouro se a mulher aceitar como sua verdadeira profissão ser esposa e mãe, pois estará alcançando a plenitude da existência, unindo-se ao companheiro e zelando pelo fruto do amor de ambos, o filho, a quem dará as primícias do amor e da educação. Educação moral, sentimental, intelectual e social, informais, mas de grande utilidade para a criança, porque é ministrada com a penetrante intuição materna que nasce da simbiose mãe-filho, no primeiro ano. Uma velha máxima diz que o filho mudo só a mãe compreende. Conheço mães que lamentam não terem participado mais da criação dos filhos, pois na adolescência eles se distanciam naturalmente, procurando maior autonomia. O jovem fará sortidas para conhecer o mundo, para aventurar e viver suas fantasias de realização. Se houve amor e aprovação nas boas ações e compreensão e tolerância nos deslises, terá satisfação de permanecer junto dos pais. Busca diversões fora de casa, onde encontra atrações sensacionais, mas, retornando à família, sente bem-estar, calor afetivo e segurança, pois ainda está próximo das etapas anteriores de dependência maior.

A conhecida omissão do pai em assistir a mãe, na tarefa de criar os filhos, sabemos vir de racionalizações que afetam o conveniente e intocável machismo. Algumas horas de participação doméstica não esvaziam a virilidade. Hoje, afortunadamente, o homem empresta mais valor à companheira, pondo-a numa posição de igualdade e não se acha diminuído em cooperar no cuidado dos filhos

e da casa. Ganha, com esta atitude de abertura, companheirismo dos filhos, reconhecimento e amor da mulher, preparando o clima favorável do entendimento familiar.

Na família, a criança estabelece os fundamentos de sua personalidade: domina os instintos, aprende a amar, adquire experiência e contrai hábitos e atitudes refletidos pelos pais, incorporando valores morais, estéticos e sociais. Guarda imagens internas que, na maioria das vezes, representam a figura dos pais. Imagens que participarão da psicodinâmica infantil que funciona com identificações, projeções e internalizações, traduzindo a constante interação entre pais e filhos.

Longe de condenar o trabalho feminino fora de casa, pois a mulher tem o direito de se realizarem qualquer profissão e fugir às frustrações do trabalho rotineiro da casa. O homem não descuida os negócios, se freqüenta a roda de amigos, pratica esportes ou procura um entretenimento. Um planejamento de trabalho, de vida familiar e de lazer, será feito com a participação de marido e mulher. Ambos devem manter franco diálogo sobre as exigências e ocorrências quotidianas. Evitarão atritos, ressentimentos e explosões de ódio. Isso não afastará, de um todo, rixas ocasionais, pois o amor não apaga as dessemelhanças pessoais.

A mãe será zelosa e não superzelosa, porque a última condição transmite insegurança, tolhe a espontaneidade e aumenta a dependência do filho. Zelo é amor e superzele é ansiedade. A situação inversa, o descaso, trará sentimentos de abandono, frustração e revolta, por ser interpretada como desamor. O pai, chefe da família, terá como função principal garantir a segurança do lar. Exercerá autoridade firme, serena e racional, dispensando franquias para não cercear a liberdade individual dos familiares.

Atualmente, o conflito que vivem famílias, sociedades e nações, decorre da deturpação de dois valores imutáveis: autoridade e liberdade. A primeira deve ser estabelecida, no ambiente familiar, para que a criança sinta que há ordem e hierarquia em todas as coisas da Natureza e que esta deve ser respeitada pelo homem que originariamente lhe pertence. Na escola, esta noção será alimentada, para, mais tarde, na sociedade, ser mantida no respeito às autoridades constituídas. Esta abstração ídeo-afetiva tem de ser internalizada na infância e sustentada, com os recursos possíveis, por constituir elemento indispensável de maturidade da pessoa adulta. Com respeito à liberdade, é elementar que ela deva ser desfrutada, enquanto não trazer prejuízo para os outros e para o próprio indivíduo. Poupar a espontaneidade não significa abandonar a criança aos instintos, porém educá-la no sentido de os refrear, para conseguir um bom ajustamento social. Como o selvagem, o menor será submetido a um processo de aculturação que o passará da condição de marginal para a de pessoa civilizada.

O aprendizado do ser humano é longo e complexo, implicando na disciplina dos instintos e na aquisição de noções culturais necessárias à socialização. Pais mal avisados renunciam a direitos e obrigações de guiar os filhos, deixando-os confundidos por não terem ainda capacidade de tomar decisões de maior alcance. Havendo aproximação, empatia (entendimento afetivo) e comunicação, os filhos verbalizam os sentimentos e discutem, sem resistência, o que consideram errado. As crianças observam os ídolos do seu mundo e necessitam, ter a melhor imagem possível de um e outro: a masculinidade do pai, com traços de firmeza,

autoridade, cordialidade, desembaraço e criatividade e a feminilidade da mãe com traços de compreensão, ternura, zelo, delicadeza de sentimentos e imaginação, qualidades que serão consideradas e assimiladas, levando-as a admitir que, apesar das diferenças, ambos se completam de modo harmonioso. Haverá confiança, esperança e até certeza que o ambiente social será também agradável.

A psicoterapia, de resultados positivos, vem mostrando que o papel relevante do terapeuta reside em estabelecer comunicação interpessoal dos familiares, daí resultando entendimento e diminuição de atritos e ressentimentos. O psiquiatra integra-se no grupo como observador, participante e orientador, animando, moderando e criando condição propícia a uma conversação sem resistências. É atitude recomendável aos pais. Quantas mágoas e revoltas são reprimidas numa família por terem ocorrido malentendidos, injustiças e agressões que se manifestaram em momentos de ódio intempestivo. Da confusão de sentimentos brota a culpa, porque o agressor sabe que é amado.

O orgulho, no meio familiar, é uma paixão inglória que faz sofrer ofendido e ofensor, pois a intimidade dos componentes conduz, certamente ao conhecimento de qualidades e falhas que podem ser dissimuladas, mas não ocultadas. Discussões, desmandos e agressões - não me refiro às físicas - sucedem em todas as famílias, bem como meledicências, caprichos e malquerências, mas essas situações fazem parte do clima do doce lar. A diversidade de desafetos, pensamentos mesquinhos e ações destrutivas, é contrabalançada pelos fortes liames de amor dos familiares. São movimentos paradoxais de desunião e união, não edificantes, mas bastante humanos. Não existem famílias de anjos, mas de homens e mulheres, crianças e velhos, inteligentes e apoucados, impertinentes e tolerantes, combativos e submissos, sadios e enfermos.

Decorrência do relacionamento de pessoas de faixa etária e interesses diversos, o decantado conflito das gerações vem desde os primórdios da humanidade. Hoje, as lutas são verbais e, raras vezes, corporais e não devoramos real e cruentamente os velhos, em refeições totêmicas. Monteiro Lobato definiu-as com propriedade, ao dizer que o beijo entre as mulheres é simplesmente a versão atual da mordida da pré-avó macaca. A evolução social é um fato incontestável.

Há pais severos que ainda não abandonaram a prepotência infantil e são temidos pela mulher e pelos filhos, não poupando rispidez, críticas acerbas, proibições e punições arbitrárias, deixando a família em constante expectativa ansiosa. Atitude que amedronta a mulher e os filhos, trazendo distanciamento e desafeto. A mãe procura assumir papel conciliador, pouco convincente, tornando-se o único arrimo dos filhos que necessitam de orientação e aconselhamento nas dificuldades que surgem na escola, no trabalho e na sociedade. Mais tarde, o pai temido, envelhecendo, queixar-se-á de abandono.

Os Filhos

É na faixa de vida que vai do nascimento ao ingresso na escola que as vivências mais influirão no amadurecimento da personalidade. Se o mundo familiar foi sentido como agradável e gratificante, a criança tem possibilidades de estruturar um ego forte, capaz de enfrentar as adversidades do meio exterior. Haverá boa dose de autenticidade e não aceitará influências perniciosas, porque estas fogem do padrão de vida que apreciam e que sabem ser bom, correto e construtivo. E para tanto o que pesa é o exemplo da conduta dos pais e não as pregações enjoativas, apenas ouvidas. No pensamento mágico da criança, os pais são personagens heróicos com os quais procuram se identificar. Se os genitores desencantam e são rejeitados, achará outros modelos, outros heróis ou mesmo anti-heróis. Tem sido pouco valorizada a capacidade infantil, porém pai e mãe são julgados com acerto, ao despertar a razão.

Recebendo amor, segurança e aprovação, o menor renuncia a certos prazeres para agradar os pais e assim vai adquirindo hábitos e atitudes que permitirão sua adaptação ao mundo dos adultos. A privação dos benefícios parentais perturba o desenvolvimento da personalidade, não somente pela falta de calor afetivo, como pela perda da preciosa contribuição dos valores morais, sociais e estéticos que brotam do grupo familiar.

Ernesto Haeckel qualificou a criança de selvagem, o jovem de bárbaro e o adulto de civilizado, pois as diferentes etapas da vida do homem estão relacionadas com a evolução da espécie. O comportamento na infância é instintivo, na adolescência instintivo e aprendido e na idade adulta, sobretudo aprendido. O último é comportamento superior, cultural. E cultura é imitação, treinamento e aprendizagem, que tem início no meio familiar, quando o ser humano é mais suscetível às boas e más influências.

Os filhos são elementos ativos de relacionamento, reconhecimento, conquista e desenvolvimento. Ligados por afeto comum e habituados a receber e pouco dar, entram facilmente em conflito, dada a diversidade física e psíquica de cada um. Com discussões e pancadas irão resolvendo os problemas de relação interpessoal e assim preparando-se para o engajamento social. E função dos pais moderar as agressões e evitar que se matem, mas deixar que resolvam as diferenças. São experiências desagradáveis, tentativas de adaptação, que terminam com ou sem acordo, mas que conduzem ao reconhecimento da prudência e da tolerância como virtudes necessárias ao convívio social.

Mais dependente e mais exigente, o filho único é possessivo em casa, esperando atenções e tolerância na escola e na sociedade, porém estes traços não justificam os sentimentos de culpa dos pais, se incorrer em distúrbios da conduta na adolescência. Buscará aproximação de outras crianças para compensar o convívio salutar de irmãos, pois os desmandos dependem de dotações genéticas e pressões culturais desfavoráveis. Experiências de psicoterapia familiar mostram que autoridade firme, amor e boa comunicação constituem elementos positivos no desenvolvimento da criança, seja quando se trata de um, dois ou mais filhos.

O primogênito, arroga-se direitos de primazia, por viver fantasias de ser o eleito, o primeiro em receber afeto, e representar os pais ante os irmãos. Será paternal ou maternal, numa atitude de pessoa superior que comanda e exige

obediência, mas não chega a tyrannizar, antes coopera na ordem familiar. Conta na realidade com uma vantagem, a de manter maior interação com os pais. Por sua vez, o caçula tira proveito da condição de criança menor para conquistar carinho e outros benefícios, correndo o risco de continuar explorando os sentimentos dos familiares nas suas pretensões. O segundo e os intermediários poderão ter ressentimentos por relação aos privilegiados, admitindo ser menos amados e reagindo com rivalidades e lutas para despertar interesse ou, simplesmente, associando-se aos irmãos que estejam na mesma condição. Alguns, mais sensíveis e passivos, recolhem-se em sofrido alheamento, por se acharem desprezados. Os pais observarão a conduta dos filhos para assumir posição adequada às exigências individuais, pois sentimentos e pensamentos são diferentes, embora a criação seja igual.

Muitos filhos trazem menor inter-relação parental e maior comunicação entre irmãos, mas ficam menos dependentes, de afetuosidade serena, poupando trabalho à família e cooperando em tarefas domésticas com menos protestos. Em classes sociais baixas, de menores recursos materiais e intelectuais, o relativo abandono dos filhos atrasa o desenvolvimento verbal, sentimental e social.

Há vantagens e desvantagens para gêmeos, porém, seguramente, dificuldades para a mãe. Sejam idênticos ou fraternos, terão comportamento diverso, disputando preferência nas atenções, tanto por necessidades instintivas, como pelo natural anseio de afirmação pessoal. Dever-se-á respeitar a individualidade de cada um e nunca considerá-los um todo, os gêmeos. Estabelecem inseparável companheirismo e, nas escaramuças, um costuma ser o dominador. Entre gêmeos existe amor e ódio associados, mas chegam a razoável entendimento, se os pais cuidarem em não fazer discriminações e distribuírem elogios e reprimendas com equanimidade. Cedo serão aproximados de outras crianças, porque a união dos dois poderá bastar-lhes e dificultar a socialização. Alimentação e higiene exigem cuidados simultâneos, o que assoberba a mãe, pois um momento deve ser dispensado a dois, já que não suportam ser preteridos.

No grupo familiar, há um aspecto que merece consideração especial, o das alianças que se estabelecem. Irmãos encontram afinidades comuns e organizam "panelinhas" unidas, fiéis e misteriosas que chegam a combater os outros. Travam lutas abertas ou secretas que reclamam a intervenção dos pais. Se alianças se fazem entre pais e filhos, surgem situações difíceis e melindrosas, pois a associação mãe-filho ou pai-filha tem maior força e duração do que entre irmãos e gera sérios ressentimentos. Formam-se facções partidárias que se digladiam até a independência e afastamento dos filhos: o pai pode inimizar-se com a mãe, e os filhos com um dos genitores ou um dos irmãos, originando um clima familiar de tensão, intolerância e desamor. E função obrigatória dos pais zelar pelo relacionamento harmonioso dos familiares, não somente para que o convívio se torne agradável, mas para que os filhos não tenham uma visão distorcida do mundo social. Mas, em qualquer circunstância, toda família numerosa tem um líder, um inteligente, um conciliador, um enfermiço, um revoltado, um rejeitado ou um bode expiatório.

Os parentes

Avós que aceitam passivamente a aposentadoria no trabalho profissional ou doméstico, sentem-se inúteis, abandonados, pois desertaram na luta da vida. Se passam a morar na casa dos filhos, pode trazer problemas. No passado, na família tradicional, de longos serões, a "sabedoria" dos velhos era respeitosamente acatada, mas, hoje, no estilo movimentado e aberto do lar moderno, as pessoas idosas são consideradas sobras enfadonhas e trabalhosas. Recordam tempos idos e combatem a liberalidade dos costumes atuais, bem como a irreverência dos netos. Se admitem os padrões em voga, e é o que vem sucedendo, são tomados como auxiliares prestimosos, companheiros e consultores. Em ambas as circunstâncias, costumam ser lisonjeados pelos netos que sempre precisam de dinheiro. A situação financeira dos avós, quando boa, dá-lhes particular prestígio.

Tias solteiras, ácidas e autoritárias, criam dificuldades quando começam a criticar e querer impor seus caprichos aos familiares, pois, não raro, admiram secretamente o cunhado e combatem as falhas da irmã. Há tias, contudo, que se tornam boas educadoras e valiosas auxiliares, agindo como segundas mães. Avós e tios e outros parentes, geralmente, prestam melhores serviços à família do que babás, vizinhos e estranhos contratados. Primos relacionam-se fraternalmente e são bem aceitos por terem hábitos e costumes aproximados.

Sogra e sogro, nora e genro, atualmente, se entendem melhor em virtude da comunicação mais franca e amistosa e a sogra temida como pessoa desagradável está sumindo, porém sobram espécimes do tipo megera que só encontram defeitos na nora, porque sentem expoliação de afeto da parte do filho, além de ciúme e ódio. Geram incompatibilidade insuportável para a nora que vive angustiada, acossada, e considerada neurótica pela família do marido. Torna-se difícil para o filho manejar a situação, pois a esposa irá, então, procurar afastá-lo da sogra atuante, inimiga. Menos vezes é combatido o genro que, aceito como filho, acomoda-se à conveniente dependência de benefícios econômicos e domésticos que os sogros dispensam.

Influências Favoráveis e Desfavoráveis

É favorável o convívio de irmãos, primos e amigos de famílias de bons costumes, pois estimulam as indispensáveis relações interpessoais, bem como a atitude democrática de permitir que as crianças brinquem com outras de diferentes categorias sociais, crenças religiosas e etnias para que se ajustem à realidade do mundo em que vivem, sem preconceitos. Isto é válido, se houver vigilância discreta de adultos, porque existem casos de menores que sofrem com observações traumatizantes de companheiros socialmente humildes que troçam das boas maneiras, qualificando-os de efeminados. Não renunciam o grupo por desejarem participar de jogos variados e arrojados, mas têm de reprimir a mágoa de ofensas e extorsões.

Creches são instituições louváveis que cuidam do bem-estar da criança, mas não dispõem de pessoal para dispensar o afeto exigido nos primeiros anos; serão

utilizadas no impedimento da mãe e ausência de familiares. Escolinhas, e escolas em todos os graus, aceleram o processo de socialização, porém são condenados os internatos que afastam crianças e adolescentes da participação da família e os expõem ao risco de adquirir práticas e hábitos viciosos.

Atualmente os pais lêem mais, procuram compreender os filhos, têm maior penetração psicológica, e planejam. Nas dúvidas, porém, não é aconselhável seguir correntes psicológicas em moda e sim consultar especialistas.

Não basta, contudo, que se assumam atitudes construtivas é necessário que se evitem atitudes desagregadoras. A crítica, a recriminação e a proibição constantes são mal recebidas e sobrecarregam a consciência moral de escrúpulos mórbidos. Se os adultos procuram o bem, a verdade e a beleza, por que semear na mente da criança o mal, a mentira, a intriga e a deformação? O ego desenvolve-se salutarmente somente com fatores positivos. Despejar as próprias angústias sob a forma de zelo excessivo, é transmitir insegurança e dependência também excessivas. Comentários sobre defeitos físicos e mentais deixam marcas indelévels pois reforçam os sentimentos de inferioridade comuns aos seres humanos. Alimentar o medo com crenças irracionais, preconceitos, tabus, estórias e brincadeiras apavorantes, gera angústia que pode se tornar permanente. A sexualidade obedece à evolução biológica e desenvolve progressivamente, daí resultando a orientação para o esclarecimento sexual que será feito, atendendo à curiosidade natural da criança e não com avanços temerários.

Harmonia Matrimonial

Considerando que, na dinâmica familiar, os pais são os elementos de maior significação, pois além de criar os filhos devem orienta-los para a vida, e considerando que o maior legado que transmitem aos descendentes é o exemplo da própria conduta, chega-se à conclusão que somente terão capacidade de cumprir a missão de educar os filhos se houver harmonia entre pai e mãe, isto é, compatibilidade conjugal. Esta começa com amor e continuará, se houver, companheirismo, compreensão, aceitação e renúncia. Aceitação e renúncia recíprocas de preferências, dentro de limites suportáveis e discutidas em momentos de serenidade. Fator importante para o entendimento do casal é a satisfação sexual que se proporcionam, pois as frustrações levam ao ressentimento, ao desacerto e ao distanciamento. A relação sexual deve ser considerada de modo franco entre duas pessoas que vivem na intimidade matrimonial e, havendo dificuldades que não saibam resolver, procurarão orientação médica. Preconceitos sobre sexualidade pecaminosa de outrora trouxeram desavenças permanentes e afastamento de inúmeros casais.

No passado, a mulher chegava ao casamento prevenida contra o homem, já iniciado nos prazeres sexuais com mulheres fáceis. Temia que o marido fizesse a imperdoável identificação dela, esposa, com a prostituta, Desnudar-se diante do marido, mesmo acidentalmente, era vergonhoso. Os homens, por sua vez, participando de idêntico prejuízo, não tinham condições de dissuadir a companheira a aceitar as estimulações preparatórias e o ato sexual com naturalidade. Contou-me uma senhora, mãe de cinco filhos, que nunca permitira ao marido vê-la nua, nem na cama. Disse que, no principio, ele relutara, mas ela

valorosamente não cedera. Achava-se uma heroína da virtude, porém chegou aceitar que não tinha sido justa e que agira como tola e, ainda, que estava correndo risco de ser traída. Não soube se encontrou recursos para fazer *streap-tease* privativo, mas decidiram por nova lua-de-mel.

A atitude da mulher moderna mudou, não porque a emancipação a faça admitir que possa ou deva agir com o desavergonhamento do homem, mas porque não acha o sexo imoral ou pecaminoso e, sim, um equipamento natural. Se vive em matrimônio, nada tem para ocultar ao marido e, libertando-se de inibições, entrega-se espontaneamente a um prazer lícito.

Há um sério problema vivenciado por muitos casais: a carência de comunicação interpessoal. O homem, via de regra, perde a loquacidade em casa, seja por haver discutido suficientemente com clientes ou amigos, seja porque teme o discurso da esposa sobre as dificuldades domésticas ou, simplesmente, por não sentir necessidade de falar, vendo que, no lar, está tudo em ordem. Voltando do trabalho, no fim da tarde, faz a saudação costumeira e aguarda a janta. Come, lê jornais ou revistas e assiste a um e outro programa de televisão, empestando o ar com cigarros ou bebendo algum líquido alcoólico, até decidir-se a dormir. De quando em vez, convida a mulher para ir ao cinema e, raramente, para jantar fora. Ela que esteve grande parte, ou todo o dia, entre quatro paredes, gostaria de conversar e sair, e fica desapontada com o silêncio do marido, pensando que não é amada ou é traída. Tratei uma senhora ansiosa que se martirizava com a atitude distante do marido. Conversei com o indiciado, homem bem sucedido na profissão, mas de pouca cultura, tentando explicar o que as mulheres esperam dos homens. Adiantou que vivia e trabalhava para a família e eu acreditei. Ficou atônito com o sofrimento causado à esposa. E como não revelasse capacidade de compreender o problema, lembrei que as mulheres se rendem às flores, perfumes e bombons. Segui o conselho à risca e a paciente, em breve, considerou-se curada. O mal reside no fato de marido e mulher não serem preparados para a vida rotineira do casamento: ela necessita verbalizar os sentimentos e comunicar-se, enquanto ele não tem esta necessidade e fala, apenas, se encontrar falhas domésticas, não valorizando a sensibilidade feminina.

Rumo da Família

. Industrialização, urbanização e secularização são apontadas como fatores operantes da desorganização social que afetou seriamente a família. Esta, no entanto, persistirá, tomando um novo rumo que se distanciará do modelo tradicional.

A industrialização modificou a estrutura econômico-social, carregando dificuldades na adaptação de populações urbanas e rurais. Especialização do trabalho e produção em série alteraram o velho sistema do artesanato, reduzindo as possibilidades de trabalho privado das classes média e baixa. Individualismo e competição aumentaram, atingindo a comunidade que vivia num regime provinciano de maior cooperação e intimidade. Pouco e pouco, festas populares, cerimônias antigas, tertúlias e baixa deixaram o cenário da sociedade, substituídos por formas de entretenimento dispersivas e aceleradas.

Nova ordem sacudiu o homem do lar, levando-o às fábricas, às grandes empresas, às reuniões sindicais e aos comícios. E os produtos de consumo, estandarizados, jorraram em profusão, relegando a um plano secundário a lenta e escassa obra do artesão. Surgiram incontáveis necessidades. A própria comunicação criou asas e saltou da família e da comunidade para o mundo. Como conseqüência da industrialização, populações rurais em dificuldade sentiram-se atraídas pelas facilidades dos grandes centros urbanos. Não só homens, mas mulheres e crianças procuraram trabalho nas fábricas e isto abalou a integridade familiar. Todos se tornaram mais independentes e a mulher, gradativamente, foi se emancipando. A unidade familiar, chefiada pelo pai, cedeu lugar à governança do casal e parte do sustento foi garantido pela mulher. O êxodo, das zonas rurais para a cidade, trouxe logo obstáculos em conseguir alojamento e emprego, gerando a marginalização em cortiços. Um cortejo de males sociais passou a rondar a classe humilde: fome, insalubridade, promiscuidade, delinqüência e crime. Este movimento desagregador recebeu o nome de urbanização.

Costumes tradicionais foram abandonados e trocados por outros mais liberais, despidos de preconceitos e proibições. A religiosidade avoenga diminuiu, manifestando-se na menor freqüência dos templos e na menor aceitação dos sacramentos. Todas as classes sociais foram alcançadas pela credice que tomou vulto inusitado. É a secularização. Concepções filosóficas niilistas e teorias psicológicas instintivistas, freqüentemente mal interpretadas, condicionaram um humanismo hedonista. A sociedade industrial não somente trouxe modificações econômicas, culturais e políticas, mas também ideológicas.

Os humanismos contemporâneos, representados por diferentes doutrinas, entraram em conflito por não atenderem ao espírito da época. Brotou uma nova concepção de vida liberalista que atingiu particularmente a sexualidade reprimida através de séculos, com a libertação de forças instintivas que vem se expressando pelo aberrante "amor livre". E este tem sido um fator poderável de desintegração familiar. Pais vêm com tolerância e satisfação que os rapazes são mulherengos, porém se as filhas se tornam praticantes, ficam traumatizados, desesperam, mas não as expulsam de casa. Acontece que nem sempre os pais podem fazer pregações morais no sentido do recato sexual.

Herbert Marcuse concebeu uma ideologia da sociedade industrial, nela reconhecendo a fisionomia de uma época de linhas antagônicas. O desenvolvimento das forças criativas homem, escorado na máquina como extensão ilimitada de suas capacidades, proporcionou o alcance da produção em massa que o poupa no trabalho e, sobretudo, a satisfação de um maior número de necessidades. Não está se identificando com a máquina irracional ou robotizando, mas simplesmente explorando-a com a astúcia que lhe é peculiar. Hoje, trabalha menos e dedica mais horas ao lazer, valorizado como descanso, recreação e fator de melhoramento físico e mental.

Argumenta-se sobre a confusão que o homem estabelece entre ciência e magia. Não se trata de confusão, mas de confiança na ciência e na tecnologia que a desmascararam e superaram em realizações fantásticas. A magia vem caindo em descrédito, mesmo para as crianças que nela apreciam, apenas, o aspecto lúdico. Antagonismo real existe entre abundância e miséria, a exigir solução urgente, mas já estamos assistindo ao movimento mundial para elevar as classes baixa e

marginal a níveis compatíveis com a dignidade humana. Esta possibilidade existe, porque estão surgindo recursos fornecidos pela ciência, pela tecnologia e, em especial, pela solidariedade do homem moderno em problemas desta ordem.

A sociedade atual, com suas transformações, trouxe novos estilos de vida, melhores processos produtivos e instituições diferentes, e muitas destas são, além de mais racionais, livres de preconceitos. Tradições que se opunham ao progresso foram banidas. A instituição familiar vem sofrendo modificações que a perturbam, mas certamente sobreviverá, fazendo ajustamentos às novas situações, pois dela dimana a força socializante, indispensável à organização comunitária. Terá uma outra feição, mas contará com seus integrantes originais: pai, mãe e filhos. Estes estão ligados por forte elo, o amor natural, e a natureza humana, apesar da multimilenar pressão cultural, não alterou.

Cogitou-se de influências externas, neste tópico, porém há circunstâncias em que a família se mostra totalmente perturbada por um ou vários de seus integrantes. E apontado um ou outro como responsável pelo conflito, mas os julgamentos são parciais e o indiciado, por vezes, é a vítima. O médico terá de apurar quem é o doente, e o recurso será a psicoterapia familiar, considerada no capítulo Psicoterapias. Farei, contudo; um breve adiantamento. Com o progresso da terapêutica comunitária, famílias em conflito têm sido atendidas por psicólogos e assistentes sociais que investigam, estudam problemas e orientam pais e filhos, tanto individualmente como em grupo. Em situações mais sérias será utilizada a terapia familiar, com enfoque psicanalítico, destacando aspectos patológicos, interpretados e discutidos com moderada profundidade. Mac Gregor e seguidores empregam a terapia do múltiplo impacto, com equipe psiquiátrica, em fins de semana, para poder alcançar todos os membros da família. Também o psicodrama tem sido favorável na resolução de dificuldades familiares. A psicoterapia do grupo doméstico atende à uma dinâmica especial que envolve a família, parentes, agregados e até animais que podem influir como agentes desagregadores do lar.

Planejamento Familiar

Seria falta não abordar a anticoncepção e o planejamento familiar, quando se discute a família. A expansão demográfica e a escassez de alimentos, causando fome à metade da população do mundo, vêm preocupando governantes, sociólogos, economistas e humanistas. Muito se tem debatido e deliberado, porém medidas urgentes, suficientes, não têm sido postas em prática. Na Ásia e na África, crianças e adultos morrem diariamente de fome, em proporções assustadoras. O malthusianismo está em discussão. E a solução do grave problema foi encontrada na redução da natalidade pelo uso de anticoncepcionais. Na maioria dos países, a anticoncepção é recomendada, facilitada, incentivada e amparada pelo Estado. No Japão o aborto está legalizado.

Há franca aceitação dos métodos anticoncepcionais, tanto da parte do governo como da população, em países de crença budista, hinduísta e islâmica, pois estas são permissivas, neste sentido. Entre povos de religião cristã e judaica, manifestam-se resistências de ordem moral e mais especificamente religiosa. Assim, no Ocidente, há os que aceitam, os que estão ambivalentes e os que não

aceitam; os últimos acreditam que a solução para o aumento alarmante da população reside na maior produção de alimentos. Alguma coisa tem sido feita, mas a fome continua inexoravelmente matando. Desde 1945, instituições internacionais, Banco Mundial, FAO, UNICEF e WHO, batem-se bravamente para aplacar a fome de países carentes de alimentos. Mas não basta que os ricos dêem de comer aos pobres. Foram feitos programas e estão sendo executadas obras de auxílio direto na produção de alimentos, com dinheiro, suprimentos e técnicos. Simultaneamente, dão assistência, visando a tirar populações da condição sub-humana em que vivem, através de instrução e ajuda material para minorar a ignorância e a doença. O milagre de Borlaug, duplicando a produção anual de trigo e triplicando a de arroz, constitui uma conquista promissora.

Deixando de lado limitações impostas por crenças religiosas, é racional, e gesto de solidariedade humana, estabelecer planejamento familiar, em acordo com necessidades econômicas e diferenças culturais. O argumento religioso diz que não se pode limitar a vida, impedindo que nasçam crianças e que o ato sexual tem a finalidade de procriar e perpetuar a espécie. E qual é a responsabilidade de pais que põem filhos no mundo para vê-los morrer de inanição? Protesta-se pela livre ação de pessoas ignorantes que se tornam criminosas por chegar ao infanticídio, seja consciente ou inconscientemente.

São incontáveis os católicos que evitam os sacramentos da confissão e comunhão, porque sentem a consciência culpada e se encontram em estado de pecado ao utilizarem métodos anticoncepcionais. Tornam-se infelizes, ansiosos e neuróticos.

Entendo que, do ponto de vista médico, não há mal em evitar a concepção, pois não havendo concepção não há vida. Condenável é o aborto, pois provocá-lo implica em tirar a vida de um ser em crescimento.

Para os que combatem a anticoncepção, argumentando que o ato sexual visa somente à procriação, direi que esta é uma finalidade relevante, mas que existem duas outras que têm sido silenciadas: o amor, no sentido do envolvimento sentimental supremo do homem e da mulher, e o prazer que acompanha naturalmente a satisfação de qualquer instinto. Dir-se-á que é uma versão hedonista. Creio que não, pois são simples realidades humanas. Comemos para garantir a sobrevivência, mas ninguém considera pecaminoso comer coisas boas e isto nos dá prazer.

Há um argumento biológico favorável à anticoncepção. Mensalmente a mulher atinge uma fase fisiológica, a ovulação. Torna-se fértil, mas se não receber o sêmen do homem, o óvulo caducará. Dir-se-á que se perdeu uma vida? Não, apenas perdeu-se uma possibilidade de fecundação. Com o homem ocorre um fenômeno similar. Quando ele se abstém de contato sexual, surge uma tensão específica a reclamar gratificação adequada. Se esta exigência não for atendida, terá sonhos eróticos e poluções. Os espermatozoides são eliminados sem obedecer à finalidade procriadora. Conclui-se que ovulação e ejaculação não servem exclusivamente à fecundação e à procriação.

Um último argumento que deixo ao leitor imaginar a que ordem pertence. Se o homem ou a mulher for estéril, o casal não terá capacidade de gerar filhos. Ninguém reprovará que mantenham relações sexuais, desde que sejam legal e religiosamente casados.

Desde a Antiguidade, filósofos e políticos discutam o problema do aumento da população, ora baseados em Idéias, ora em fatos concretos. Gregos e romanos defendiam a tese do crescimento, por razões políticas e militares pois as cidades-estado helênicas tinham pequena população para defendê-las, e os romano, um vasto império, exigindo um grande exército que mantivesse a unidade do mundo conquistado. Solteiros pagavam pesado tributo. Os chineses, empenhados na mão de obra da agricultura, estabeleciam uma proporção entre povo e território, transferindo pessoas de uma para outra região, a fim de manter equilíbrio e evitar a fome, mas observaram também que a mortalidade aumentava, quando havia insuficiência de alimento casamento de adolescentes. Hebreus e cristãos, considerando que a finalidade do ato sexual era a procriação, não só defendiam a natalidade, como admitiam ser a esterilidade uma falha humana grave. Condenavam a poligamia, o divórcio, o infanticídio, o abandono do recém-nascido e ate segunda.s núpcias. Entre os cristãos, no entanto, a virgindade, a castidade e o celibato eram altas virtudes.

Prevalciam teorias que sustentavam o aumento da população, porque a peste, a fome e a guerra, traziam o temor do despovoamento. E o mercantilismo do início da Idade Moderna, em teses políticas e econômicas, batia-se pela procriação. A teoria do economista Thomas Mallhus surgiu de motivos sócio-econômicos que afligiam a Grã-Bretanha, no seu tempo. A expansão demográfica dos países evoluídos trouxe problemas políticos, sociais e econômicos internos e, ainda, preocupações com o exterior, quando povos atrasados, despertando da ignorância em que viviam, passaram a exigir melhores condições de vida e, sobretudo, alimento dos mais ricos. Acontece que os povos primitivos, entrando na civilização, tiveram também aumentada a população, malgrado suas deficiências.

Embora casais de condição social favorável tenham sempre estabelecido o número de filhos, atendendo conveniências pessoais, passou-se a cogitar do planejamento familiar com o alarme dado por Malthus. Classes menos privilegiadas, constituídas de gente inculta e desajustada, não consideram o problema por não compreender as obrigações que terão com os filhos. São incapazes de assumir responsabilidades e tendo muitos filhos; trazem transtornos, solapando estruturas econômicas, sociais e políticas.

Temos um vasto território nacional a ocupar, mas não com indivíduos material e moralmente abandonados e, sim, com pessoas que tenham possibilidade de se tornar úteis ao País. A legião de menores errantes, vindos de camadas baixas, toma proporções calamitosas e exhibe cenas deprimentes, nos centros urbanos.

Existem serviços gratuitos de planejamento familiar, mas apreciável número de mulheres que os procuram, por sugestão de outras mais esclarecidas, deixam de freqüentá-las por desinteresse.

A família brasileira, nas classes favorecidas, aceita o planejamento, e os pais determinam o número de filhos que desejam e podem criar.

porém com plena consciência dos compromissos que terão com os filhos. Mas até em classes humildes, hoje, há pais que compreendem o problema e limitam a natalidade, pensando no futuro dos filhos. São pobres, porém responsáveis, e desejam galgar melhor posição social. Geralmente, os que planejam, admitem três filhos, tanto que a família nacional média tem sido integrada por cinco membros.

Os recursos anticoncepcionais são muitos, mas a pílula tem largo emprego, por ser prática, eficiente e inócua, havendo aceitação mundial.

CAPÍTULO 7

EDUCAÇÃO, ESCOLA E ESCOLAR

A faixa etária que se estende dos sete anos à puberdade é assinalada por um grande acontecimento, a entrada na escola, transição do mundo familiar para o exterior. A mãe mobiliza o grupo doméstico com idéias, projetos e preparativos. Todos são envolvidos, e o menor assiste às funções um tanto surpreso, na expectativa de uma situação meio definida, porque a escola não lhe é totalmente estranha, já freqüentou escolinhas, jardins de infância e o pré-primário. Observou que, no curso primário, os futuros companheiros carregavam material escolar, expressavam alguma preocupação e seguiam uma disciplina com traços de rigor. Isto, no entanto, não lhe traz angústias, porque vive ainda para divertir-se, sendo pouco afeito a maiores reflexões.

No regime escolar, o processo de interação pessoal irá modificar o menino com a finalidade de ajustá-lo às esperanças dos adultos: tornar-se pessoa de boa educação que empreste orgulho à família.

Condicionando primacialmente o bem-estar do ser humano à educação, Jacques Maritain a conceitua em três diferentes acepções: num sentido amplo, educação refere-se a todo processo pelo qual o homem se forma e é conduzido à sua realização; de modo estrito, entende-se a instrução recebida nas escolas e, numa terceira acepção, é concebida como a formação que os adultos arbitrariamente proporcionam às crianças.

EDUCAÇÃO

A família e a sociedade educam com fortes motivações e muita receptividade, mas de modo informal, com mais passionalidade do que racionalidade, mais imbuída de opiniões e preconceitos do que conhecimentos. Somente a escola poderá dar educação formal, por contar com organização técnica e científica criteriosamente estabelecida. Estas

idéias foram aceitas desde a Antigüidade, mas tem havido uma enorme dificuldade em acertar com os métodos mais adequados para alcançar uma boa formação. Na Grécia do passado, estruturou-se um sistema educacional que incluía instrução física, literária, artística, filosófica e militar. Tenho dúvidas sobre a excelência dos métodos usados, pois o velho Platão, tão pródigo em ensinamentos democráticos, recomendava severidade com as crianças, porque

liberdade, iniciativa e discernimento eram apanágio das pessoas que houvessem atingido a idade da razão que, no entender do filósofo, era lograda aos quarenta anos.

Por muitos séculos, a educação, como hoje a entendemos, foi reservada a elites políticas. A cultura era transmitida ao povo através da palavra falada, de costumes e de técnicas variáveis. Na Idade Média, a sabedoria abrigou-se nos mosteiros e o homem comum recebia, afora a rígida formação moral da família, apenas instrução religiosa. Ao tempo de Carlos Magno, ricos habitantes dos burgos, burgueses, criaram escolas para os filhos e chegaram a abrir a Universitas com os graus de bacharel, licenciado e doutor. Escolas públicas surgiram no século XIII, mas somente com o despertar da cultura greco-romana renascentista a educação propagou-se democraticamente, alcançando a mulher. A Casa Gioiosa de Mântua era uma escola liberal, interessante, não cansativa, que incluía classes ao ar livre e exercícios físicos. Depois, sobreveio a reforma da educação, com as exigências de Lutero, com espírito universal de Loyola e com a operosidade de La Salle. Os castigos corporais persistiam.

Rousseau, Pestalozzi e Froebel, foram os sentimentais da educação, por humanizarem a escola infantil. Rousseau pregava uma liberdade de ação inusitada e estendia a instrução a todas as crianças. Mas exagerava, ao admitir que a grande educadora era a mestra Natureza. Pestalozzi, maternal, deu um passo à frente, transformando o purgatório escolar em salas de intimidade doméstica. Froebel, recordando jogos infantis, juntou elemento valioso, a atividade manual, com pauzinhos, grãos coloridos e papéis recortados.

Tratando retardados, Itard, Seguin e Bourneville conceberam o método de educação fisiológica e o aplicaram às crianças normais. Recomendavam que a educação motora e sensorial precedesse e acompanhasse a da inteligência.

Ocupando-se de menores anormais, a pediatra Maria Montessori interessou-se pelas idéias da escola francesa e revolucionou o ensino. Passou a assistir crianças normais em ambiente agradável e observou que as atividades motoras, sensoriais e intelectuais fluíam livremente e individualizadas. A única limitação era representada pelo ambiente, adequadamente preparado. O professor era o traço de união entre a criança e o material, o construtor do ambiente. Daí a expressão "auto-educação". Montessori assumia atitude respeitosa para com o menor e aventou uma teoria sobre o "fenômeno da normalização" que implicava numa grande confiança na capacidade interpretativa e criadora da criança.

A psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler trouxeram rica contribuição ao campo educacional, com a larga e penetrante compreensão dos dinamismos psicológicos. Foram reconhecidos impulsos instintivos, afetos, funções do inconsciente e do ego e posta no seu devido

lugar a consciência oral, tormento, de todos os tempos. A razão ficou com seu prestígio abalado e o livre arbítrio perdeu terreno para o determinismo, mas a psicologia atingiu a profundidade da alma humana, trazendo esclarecimentos sobre a conduta.

Com Maria Montessori e Sigmund Freud, os métodos educacionais focalizaram o interesse no desenvolvimento da criança, desviando-os da atitude tradicional, de

exclusivo respeito à convenções e sociais que tanto prejudicou as crianças, consideradas monstrinhos irracionais e insensíveis..

Idéias e práticas da pedagogia científica impregnam e beneficiam a instrução primária em todo mundo, Crianças recebem educação motora sensorial e intelectual e adquirem noções de humanidades, de ciências e de civismo. O franco convívio de alunos e mestres estabelece salutar relacionamento, preparando o estudante para melhor adaptação a sociedade. Condicionadas por idéias pedagógicas e princípios didáticos muitas posições úteis têm sido tomadas acerca da educação, da instituição escolar, do currículo, do professor e do aluno. Este é o panorama da instrução primária na maioria dos estados do Brasil. É bom e será muito bom, quando todas as crianças e adultos analfabetos contarem com a possibilidade de freqüentar escolas. Condições sócio-econômicas precárias de populações abandonadas neste vasto País terão de melhorar, através de mecanismos complexos acionados pelo Governo e pela Comunidade, para chegarem a sentir o benefício da educação escolar. Já contamos, providencialmente, com apreciáveis e animadoras realizações do Movimento Brasileiro de alfabetização.

A educação, no entanto, não tem sido vazada, no critério humanístico que considera o homem em sua totalidade biológica, emocional, intelectual, moral e espiritual. Por haver uma valorização excessiva do racional, considerado característica dominante do homem, não se tem cogitado do aspecto emocional. A psicologia é aplicada para testar inteligência, afeto e comportamento de crianças, além de orientá-las nos desvios da normalidade, porém não figura, ainda, como matéria de ensino elementar. São dadas, contudo, noções de anatomia, fisiologia, higiene, moral civismo e ciências sociais, em compêndios bastante acessíveis. Por que a omissão de conhecimentos da vida emocional? Que se estude o homem como um todo, numa disciplina que leve a criança a compreensão da própria natureza. Ensina-se que existe um corpo, com diferentes órgãos, e alega-se que a inteligência deve ser cultivada, mas não se esclarece que a inteligência faz parte, do psiquismo que, por sua vez, tem uma riqueza inesgotável de pulsões instintivas e sentimentos, como auto-conservação, sexualidade, agressividade, amor, ódio, medo, afirmação, renúncia. competição, justiça, liberdade e tantos outros. A criança deve tomar consciência da existência deles e ser iniciada, neste sentido, para atingir também o conhecimento da vida interior. Corpo e alma integram-se e expressam-se num todo que é a personalidade. Instrução elementar e motivadora, conferindo noções sobre as funções do ego, dos impulsos instintivos, dos afetos, da consciência moral e do relacionamento inter pessoal são assimiláveis. Que se ensaiem, planejem, e apliquem técnicas inspiradas na psicologia profunda, utilizando os variados e pitorescos recursos da comunicação hodierna. Ao alcançar uma introversão da própria dinâmica emocional. a criança terá maior firmeza e dispensará maior.

consideração pelos sentimentos dos outros.

Dizer que a verdadeira escola do homem é a vida, implica em fugir de responsabilidades, pois o homem tem instintos fracos que não lhe garantem a sobrevivência, somente através da cultura, isto é, da imitação e da aprendizagem, consegue crescer e desenvolver. Não recebe instrução regular para estabelecer relacionamento adequado com seus semelhantes. Homens e mulheres, embora

tenham as mesmas oportunidades e direitos, têm dessemelhanças naturais, e raramente procuram conhecer e respeitar os sentimentos. mútuos, admitindo que aceitação e renúncia são fatores indispensáveis ao convívio agradável. Por índole, o homem procede em termos sobretudo racionais e a mulher em termos marcadamente sentimentais, conquanto tenham a mesma capacidade de raciocinar e amar, mas não estão preparados para enfrentar esta defasagem. Não basta o amor no casamento, pois este arrefece, se não for alimentado pela comunicação, pela compreensão e pela intimidade total. Marido e mulher atingem a plenitude da existência não quando apenas se utilizam, mas quando se completam. Educam arbitrariamente os filhos por não terem recebido instrução que os orientem na formação da sensível e plasmável criança que desenvolve no meio familiar, sem o cuidado científico e técnico dado a uma plantinha. Os desacertos encontram sua origem na falta de educação formal dos sentimentos. Educação que deve ser iniciada nos anos pré-escolares e formalizada na escola com professores habilitados.

ESCOLA

A escola tem características próprias que lhe conferem a estrutura de uma instituição: regimento interno com regras disciplinares para todos? seus integrantes, corpo técnico composto de docentes que garantem a instrução e quadro administrativo de funcionários burocráticos e de serviços gerais. Tem, ainda, compromissos com a comunidade e com o governo, a cuja política educacional deve obedecer. Backman e Secord, da Universidade de Nevada, dizem que, na escola, há duas constantes de regularidade: a institucional, com normas de conduta que devem ser seguidas por mestres e alunos, em acordo com os valores da sociedade, e a subinstitucional, representada pela interação de professores e estudantes que desenvolvem sentimentos de amizade e aversão. Destas duas constantes decorrem formas as específicas de comportamento. A política educacional estabelecerá um currículo que vise não somente ao cultivo da inteligência com disciplinas convencionais, mas também com cadeiras práticas que se tornem úteis à formação do aluno que integrará, no futuro uma sociedade competitiva e em rápida evolução. O currículo de matérias estará sujeito a alterações, segundo as exigências do momento. Excelente orientação dos últimos anos tem sido o ensino profissionalizante que familiariza o estudante com o trabalho que exercerá ao deixar

Com técnicas interdisciplinares, a aprendizagem torna-se original, atraente e fortemente motivadora, porque utiliza recursos diversificados, como no jogo, tão do agrado da criança. Diferentes meios de comunicação, ambientes variáveis, estabelecimentos de atividades desconhecidas, contato com grupos humanos estranhos, passeios instrutivos, visitas a escolas de artes e ofícios, bibliotecas e museus, laboratórios e universidades, são estimulantes para a imaginação, o conhecimento e o aprendizado agradável. Cansa a repetição de dezenas de horas de aula semanais, dadas por

professores que repetem atitudes rígidas e discursos nem sempre bem sonantes. Quarenta e cinco minutos de inércia, numa classe, são insuportáveis para organismos que exigem movimento constante, salvo se houver atração suficiente da parte dos atores que têm de suportar diariamente. Ensinar como no passado, não é mais admissível, pois não aceitam submissão na escola, como não a aceitam em casa; querem usar a espontaneidade, a franqueza e a intimidade do estilo atual da vida, sem preconceitos, olhando para o mundo com crua objetividade, na linguagem do tu e não da senhoria.

A criança não tem maturidade para compreender a importância das disciplinas básicas e, menos ainda, as pregações sobre moral e civismo, com a vã intenção de formar o caráter. A própria educação física, tal com hoje é ministrada, impõe sujeição a movimentos ordenados, lentos e monótonos que não tolera. Aprecia, no entanto, jogos que excitam e envolvem ação enérgica, ardis, contrastes e imprevistos, além da salutar colaboração esportiva.

Dentro da complexa instituição escolar, os personagens de destaque são os professores, cuja tipologia psicológica pouco importa, pois os alunos valorizam o que eles expressam: segurança, tolerância, senso de humor, conhecimento da matéria, capacidade de comunicação e também apresentação. Serão julgados, e é indispensável que sejam aprovados como pessoas dignas de respeito ou identificados com alguém que represente papel significativo na vida do menor. Se forem simpáticos e tiverem bom relacionamento com a classe, ganharam meia batalha na cooperação. As boas qualidades do professor têm maior efeito sobre o rendimento escolar do que a riqueza das instalações escolares.

Direção firme e competente, técnica e administrativamente, constitui requisito imprescindível para o bom funcionamento da escola que trará valiosos benefícios à sociedade, se dispuser de número suficiente de mestres e verba orçamentária satisfatória. A comunidade, por sua vez, deverá apoiar moral e maternalmente a instituição, consciente das vantagens que recebe. Já é tempo de o público amadurecer e abandonar a atitude inconsiderada de esperar total ajuda de governos paternalistas.

A disciplina que pais e mestres tanto apreciam, é representada pelas normas do regulamento interno que garante a ordem e a coesão dentro da escola. Como em todo aglomerado humano as leis escolares, antipáticas aos estudantes, serão respeitadas para assegurar aos professores o exercício da autoridade e a tomada de decisões sérias. Haverá, contudo, compreensão dos pais de que a escola não é um picadeiro de adestramento e que os impulsos instintivos da criança começaram a ser refreados no meio familiar, e esta difícil tarefa, apenas, será continuada.

Fora do recinto da classe, a comunidade tem ricas fontes de informação e a escola funciona como centro integrador de tudo o que a criança colher no mundo exterior. Nas horas de lazer, o menor assimila inumeráveis noções pelos meios de comunicação de massa e o professor e o livro correm o risco de se tornarem monótonos, pois a televisão, o rádio e o cinema dão informações "quentes". Respostas aprendidas ficam enfadonhas, quando há maneiras agradáveis de aprender, sem restrições disciplinares. Ademais, o escolar necessita de estímulo para se adaptar às imprevisíveis situações de um ambiente em contínua mutação, gerando novas realidades. A mecanização atual não prejudica a mente, ao

contrário a enriquece, pois toda informação retida será útil. Temas e treinamentos cansativos são frustradores e parcialmente integrados ou simplesmente rejeitados. Trabalhos de pesquisa em grupo trazem colaboração interessada, diminuindo a competição, aproximando, aumentando a criatividade e promovendo a socialização; há concordâncias e divergências, com debates que desembaraçam a linguagem, e a diversidade grupal termina pela unidade consensual em uma causa comum. O professor agirá como motivador para o aluno e para a classe e não como um mero despejador do programa pré-estabelecido.

Influências exteriores modificam favorável ou desfavoravelmente o clima escolar. Se o estabelecimento está localizado em zona urbana, contará com a possibilidade de ter bom equipamento e fácil acesso a alunos e mestres, enquanto, na zona rural, há carência de recursos e dificuldade de acesso. Freqüência de estudantes, maior do que pode comportar, perturba a escola com maiores problemas de disciplina e redução do tempo destinado ao ensino. Funcionando em bairro residencial, terá elemento de camadas sociais de melhor nível, o que refletirá em ambiente cultural mais rico. Escolas freqüentadas por crianças de classes humildes lutam com problemas disciplinares que tomam mais da metade do tempo que fora destinado ao ensino.

O ESCOLAR

Destacando a relevância do papel do educador e da função socializante da escola, cabe a devida ressalva de que um terço do desenvolvimento mental do ser humano ocorre no período pré-escolar. A experiência adquirida no meio familiar é decisiva, pois pais, irmãos e outros integrantes da família servem de modelo para padrões de comportamento que irão perdurar. Na escola, a criança descobre a vida social e um novo jogo, o das regras, impostas pela disciplina escolar.

Na fase de adaptação, o menor trabalha em geral sozinho e, pouco e pouco, vai se aproximando do grupo até chegar à colaboração. Pode haver isolamento por estranheza, falta dos pais, desigualdade social ou racial e, também, por defeitos físicos. Rejeição do meio escolar ocorre, por excesso de alunos, sempre despersonalizante, rigor de professores severos, ameaça de colegas truculentos ou omissão culposa de tarefas. São conhecidas as reações de protesto oral, náuseas, vômitos e até cólicas intestinais de crianças que temem ir à escola; os sintomas passam quando houver certeza de ser tarde demais para as despacharem rumo ao purgatório.

Haverá responsabilidade escolar, quando a criança sentir que a autoridade do professor é acompanhada de compreensão e estima. O apoio dos pais à função do mestre e a explicação da atitude menos cordial de um e outro colega preparam para a aceitação do novo ambiente. Observações desabonatórias são retidas, causando repulsas difíceis de serem removidas. Aplainando dificuldades e estimulando, ajusta-se à escola, considerando a novidade, o companheirismo e a recreação.

Freqüentando a escola, o menor começa a concentrar-se e assimila novas experiências. Lê, escuta e medita, e chega a ter atividade mental privada. Possui nítida consciência de si e dos outros, idéias próprias. e algum senso de

responsabilidade. Gradualmente, estabelece relacionamento positivo com os companheiros, tornando-se menos retraído e apresentando reações mais prontas. Manifesta novas formas de suficiência que terão ressonância na, família e na escola. Tenta influenciar colegas pelo anseio natural de afirmação pessoal, mas admite cooperação no grupo. Classifica informações e faz Julgamentos adequados. Mais um passo, no tempo, e mostra sensatez na conversa, revelando traços marcantes da personalidade que se firma. Concebe abstrações ídeo-afetivas, tais como a verdade, o bem, a beleza e a justiça. Há automotivação, autocomando e objetividade.

Se o menino vem de ambiente familiar de bom nível cultural, destaca logo sua superioridade em dotes cognitivos, pois a relação interpessoal, na família, gera riqueza de conhecimentos, o que muito estimula o estudante. Na linguagem e nos trabalhos intelectuais, menores vindos de meio familiar medíocre acusam rendimento menor, nos primeiros anos escolares. O primogênito e os filhos que nascem com intervalos maiores revelam quociente intelectual mais elevado, por terem recebido mais atenções familiares. A importância dos testes psicométricos é relativa, porque medem apenas um tipo de desempenho, num determinado momento e em situação estranha. Uma criança, salda de ambiente culturalmente pobre, pode ser mal sucedida na investigação inicial e fazer rápido progresso intelectual, surpreendendo professores e colegas. Em contraposição, alunos bem qualificados, mas pouco aplicados, perdem a superioridade anterior e manifestam escasso rendimento.

Educação familiar reclusa, não proporcionando relacionamento com o mundo social, pode trazer dificuldades de adaptação ao meio escolar, pois o menor sentirá falta de apoio afetivo dos pais, estranhará colegas e mestres e não suportará a fria disciplina da escola.

Seria conveniente que a escola fizesse um paralelo entre a psicologia do ensino e a do desenvolvimento da criança, pois, na transição de um meio para o outro, está ainda muito vinculada à família. Os presentinhos que leva para a professora atendem à necessidade de atenção materna; bem como as alterações do humor estão ligadas a perda das facilidades domésticas.

Com os primeiros anos de experiência escolar, o menino superou muitas situações embaraçosas, tornou-se mais sociável e ajustou-se ao novo mundo, porém é bastante sensível à crítica, pois, cioso de sua crescente independência, fica revoltado e ofendido quando aludem ao apego que tem à mãe. Está interessado em privilégios, regras e castigos e procura penetrar nos problemas da família, dando significação ao nome e à linhagem. Gosta do lar, orgulha-se dos pais, mas prefere a companhia dos amigos, nos divertimentos e excursões. Fala de aventuras, lutas, "motocas" e automóveis. A menina tem um modo diverso de apreciação: valoriza a posição social, a maneira de vestir das colegas, a cortesia, procurando cultivar relacionamento pessoal, trocando objetos, brincando com menos agressividade e sobretudo tagarelando. Tanto menos como meninas fazem amizades do mesmo sexo. As diferenças sexuais são bem definidas e, conquanto haja curiosidade nesse aspecto, simulam desdenhar o sexo oposto, com críticas cáusticas. Se surgem namoriscos, no limiar da fase puberal, o garoto defende-se da afeição como uma fraqueza, alegando preferir a companhia dos amigos; a garota leva a brincadeira a sério, mostra-se

reservada e alimenta fantasias românticas. Já contam com apreciáveis conhecimentos da sexualidade e compreendem a reprodução. Masculinidade e feminilidade estão firmadas. Há um aprimoramento afetivo e percebem com interesse os sentimentos dos outros. Pouco impressionados com a magia, assumem atitudes cépticas, vendo as coisas com fria objetividade.

. No final do curso primário, querem ser tratados como adultos. São seguros, independentes, e conseguem ficar absorvidos e alguma atividade. Preocupam-se com as tarefas escolares e temem o insucesso e o vexame diante da professora e dos colegas. Se, em casa, foram incensados, vão querer salientá-lo, caso contrário, ficam inibidos, em atitude de isolamento, sentindo-se inferiores aos outros. Os garotos apreciam jogos arrojados e coletivos, começam a usar palavrões, organizam-se em bandos para divertimento, mostram-se rebeldes ao asseio corporal e estão sempre precisando de dinheiro. As garotas exibem movimentos graciosos, são zelosas da aparência, imitam a mãe e dedicam mais horas à leitura e ao estudo. Ambos reúnem-se em festinhas familiares para ouvir música "pop", dançar, comer cachorro-quente e beber refrigerante, conservando boa dose de compostura, pois receiam que os pais dos anfitriões vejam futuros encontros.

Latência Sexual. Uso da Razão. Reconhecimento Social

O período de latência sexual instala-se quando as tendências edípicas foram reprimidas e o menino se libertou parcialmente dos impulsos sexuais. Isso é possível pela proteção que o ego, mais robusto, dá, através de mecanismos psicológicos de defesa. Não se trata de uma etapa totalmente assexual, pois experiências externas e internas podem estimular o erotismo das fases anteriores do desenvolvimento. Há curiosidade sexual, alimentada pelos familiares, mas tanto o menino como a menina estão mais interessados nos próprios órgãos genitais do que nos do outro sexo. Adquirem na escola conhecimentos sobre a reprodução e vêem o sexo com naturalidade, sem despertar erotismo. Estão mais inclinados ao companheirismo do mesmo sexo, porque afinam melhor nos divertimentos.

Surgem, com o raciocínio especulativo, novos interesses no meio familiar, escolar e social. Em casa, consideram-se bastante capazes de participar de problemas domésticos e de relações interpessoais. Conhecem a sua posição no lar e cooperam em pequenos serviços. Na escola, ajustam-se à vida gregária e adquirem novos e variados conhecimentos sobre a natureza e o homem. Com uma percepção progressivamente mais penetrante de um mundo de horizontes largos, chegam a compreender que, além da família e da escola há um universo social, trazendo, cada dia, inúmeras novidades gratificantes e frustradoras. Conhecem o bem e o mal, a verdade e a mentira, a beleza e fealdade.

A consciência assimila valores morais, internalizados dos pais e pessoas significantes. Substitui parte da ansiedade infantil do mundo exterior pela ansiedade interna, da consciência. Sentimentos de culpa, retidão e justiça comandarão um código moral que não garante de um todo o comportamento

do menino, pois ele conta com recompensas que ajudam a suportar as frustrações. O mecanismo de controle do equilíbrio emocional não é suficientemente seguro e, quando consegue mantê-lo, manifesta tendências agressivas, perversidade, desleixo, abandono de hábitos de higiene e exibicionismo. Na luta entre os prazeres do mundo exterior e as proibições do mundo interior, o ego perde a supremacia e as pulsões instintivas ganham terreno. A vontade torna-se mais forte, rebelando-se contra a autoridade, para fazer valer sua livre escolha. Há um encontro conflituoso entre a vontade individual e a exigência social. Conquanto esteja preparando a soberania da vontade, não tem força suficiente para resistir ao determinismo fisiopsicológico atuante.

Esta etapa, na cultura ocidental começa na idade escolar e vai até a maturação fisiológica do aparelho sexual, a puberdade. Até aqui, o menino percorreu um caminho árduo: desligou-se de seu primeiro objeto amoroso, aprendeu a locomover-se, adquiriu hábitos de higiene, renunciou a impulsos instintivos, fundamentou a consciência moral, viveu confusamente a situação edípica, fez esforços para agir com autonomia e iniciou, na escola, a importante, mas repressora socialização que exigirá mais responsabilidade e novos esforços de ajustamento. Mobilizou diferentes energias psíquicas que foram se integrando, com renúncias, em tendências socializantes que reforçarão os traços de sua personalidade.

Angústia Normal e Patológica

A angústia é um fenômeno inerente ao ser humano e atende à exigência natural de libertação e realização. Nesta condição é normal. Já nas primeiras etapas do desenvolvimento, a criança é animada de uma tensão que a leva a se deslocar no ambiente, a engatinhar, a caminhar, a agir espontaneamente. Mais tarde, esta mesma tensão será encontrada ao imaginar uma brincadeira, sair à rua, ir à escola, procurar amigos e empreender cometimentos maiores. Aumenta a angústia, se houver possibilidade de perigo e, então, agirá consciente e construtivamente para contornar a dificuldade. Há quem defina a angústia simplesmente como medo. Kierkegaard refere-se à angústia normal como liberdade individual, diversa da liberdade das restrições e objeções; significa expansão de autoconhecimento e de capacidade de agir, de modo responsável, em "vertigem de liberdade".

Mas há uma angústia patológica, a que desperta aflição intensa, que leva ao desespero e que persiste. Esta encontra origem em perigos reais, sentidos com exagero ou perigos internos que nascem de pressões instintivas e conflitos de consciência. Daí admitirem-se três modalidades de angústia: objetiva, que vem do medo de um perigo real, subjetiva, que brota do temor de impulsos imperiosos, e a de consciência, que busca sua fonte no medo de condenação da instância moral.

Pais superzelosos que fazem freqüentes advertências de perigo, trazem os filhos em sobressalto constante, gerador de insegurança e ansiedade. Orientar e alertar os filhos, inexperientes dos perigos, mas não alarmá-los. A crônica

policial dos jornais encarrega-se de confirmar as suspeitas dos pais, com notícias sensacionais de acidentes violências crimes e outras calamidades. Experiências sofridas com doenças, tratamentos penosos, intervenções cirúrgicas, ameaças e agressões físicas, são capazes de provocar ansiedade duradoura, com repercussão sobre a estabilidade emocional futura. Os primeiros contatos da criança com a escola podem despertar ansiedade e exigir alguma atenção, porém ao se ajustar ao novo ambiente, encontrará compensações. Compromissos escolares angustiam quando o estudante começa a sentir responsabilidade nos estudos, com os mestres e com a disciplina. E isso ocorre geralmente nos últimos anos do curso primário.

. Todos sabem que essa é a fase dos terrores noturnos, quando as crianças despertam aos gritos, com pesadelos, pedindo socorro aos pais. Estórias apavorantes, crendices do sobrenatural, transmitidas por pessoas ignorantes ou levianas, e ocorrências graves explicam sonhos perturbadores, sem que isso signifique doença. Sucede que as crianças não resistem à fascinação do mistério, do horror e do extravagante, o que também é comum aos adultos.

Mas há um aspecto que já foi considerado grave e que atualmente deixa de inspirar cuidados. Refiro-me à pregação religiosa de outros tempos que fazia do catolicismo a maior fonte de fobias de todas as idades. As tentações, os demônios e as torturas do inferno avassalavam o consciente e o inconsciente com tremendas fantasias de expiação eterna, no fogo. A dúvida sobre um consentimento pecaminoso ou a omissão de um pecado no confessionário, bastavam para a condenação inexorável da alma. Por sorte, prega-se, agora, a religião de Cristo, cheia de amor, tolerância e beleza. Hoje, os religiosos são versados em psicologia profunda e procuram compreender a natureza humana.

Existe uma divergência com relação aos termos *angústia* e *ansiedade*. Faço esta referência para dirimir dúvidas. Admitia-se que angústia dizia respeito às aflições maiores que vinham de doenças físicas, e ansiedade ao malestar oriundo de conflitos psíquicos. O panorama mudou. Com Freud, a expressão *Angst* foi traduzida para angústia, sendo aceita com total franquia, tanto que é comum ouvir-se falar em neurose de angústia. Mas os psiquiatras estão usando ansiedade com frequência, figurando na nosografia brasileira a entidade *neurose de ansiedade*. Escolha angústia ou ansiedade, em acordo com o critério do respeitável padre Vieira, como lhe soar melhor.

Sentimentos de Culpa

Estes sentimentos brotam da consciência moral, superego, e se originam da internalização de proibições, recriminações e ameaças que os pais fazem durante a educação dos filhos. Inicialmente, a moral da criança é representada pela figura punitiva dos genitores. Pouco e pouco no conhecimento do bem e do mal, irá estruturar a própria moral que terá, no entanto, os fundamentos da que foi imposta nos receptivos primeiros anos.

Na idade escolar, o menor tem definida consciência de si mesmo usa a razão, admite valores morais e já tem responsabilidades. Ama e odeia, com experiências adquiridas na família e na escola, porém emprega maior passionalidade no lar,

cuja vinculação afetiva ainda é grande. Odiando as pessoas que ama, terá remorsos e conseqüentes sentimentos de culpa, mas se estiver em falta com o professor, por não ter atendido compromissos escolares, a consciência moral não ficará muito abalada.

Haverá, no entanto, sentimentos de culpa por contar com mais oportunidade de infringir as proibições dos pais, com a liberdade que desfruta saindo ele casa para a escola, sem vigilância. Enfrentará mais perigos e satisfará a curiosidade global e sexual, conversando abertamente com os colegas. Em acordo com a moral familiar, praticará muitos deslizes que serão fatalmente silenciados, mas não perigosamente reprimidos. Brincadeiras sexuais ocasionais despertam pouco erotismo e não trazem problemas, desde que não seja assessorado por rapazes maiores ou que não haja violência.

Sentimentos de Inferioridade

Existem em todas as idades e afetam praticamente todas as pessoas, pois somente os insensatos se consideram perfeitos. A inferioridade tem sido a motivação do homem no sentido de buscar, através de mecanismos de compensação, o ideal de perfeição.

A criança, no início da idade escolar, sente-se ainda pequena, insegura e incapaz, quando se compara com o adulto. Sentimentos de inferioridade emergem com as freqüentes dificuldades que o desamparo e a inexperiência ocasionam. Gente grande sempre tem razão, critica dificuldades e falhas, e despeja qualificativos aviltantes: burro, cretino, desastrado, desajeitado, infeliz, miserável, e estes são os mais delicados. Mas o menor, apesar de tantos fatores negativos, compreende que é mais amado do que rejeitado e costuma reagir favoravelmente, se não houver insistência em apontar inferioridades. Dominam os sentimentos de vida e de afirmação pessoal, com realizações gratificantes, heróicas. Os pais serão cautelosos com observações pejorativas, nos momentos de ódio que ele provoca com bastante freqüência. Que se fortaleça o ego, com a aprovação das boas qualidades e ações. Precisa de apoio, incentivo e amor para o desenvolvimento normal e o engajamento social. Apreciações inferiorizantes são sentidas como menosvalia e rechaço. A criança, como a maioria dos adultos, não compreende a "crítica construtiva".

Frustrações

Frustrações decorrem de realidades desagradáveis e se manifestam desde o nascimento. O escolar, deixando o clima protetor do lar, irá experimentar situações adversas no meio estranho da escola, portanto, na fase de adaptação serão evitadas recriminações e punições severas, como sermões moralizadores, insultos, proibição de brincar e sair, cortar a semanada, vetar a televisão e o cinema. Despertarão rebeldia, por se refletirem como injustiça e desamor. Dcsmandos maiores devem ser considerados pelos pais, mas que as reprimendas não impliquem em humilhação perante familiares e estranhos, pois a humilhação fere a dignidade e não é esquecida.

São suportáveis frustrações culturalmente significativas, quando compreendidas, porque desafiam a criança à atividade e à aceitação do aprendizado. Há frustrações que podem ser desviadas para formas substitutivas de satisfação, com objetivos sociais. Trata-se da sublimação que se faz através da música, dança, arte, literatura e esportes.

Longe, no entanto, de afirmar que o menor não deva suportar privações menores e desenganos; ao contrário, será auxiliado a suportá-las com palavras suasórias de aceitação de realidades penosas, comuns a todas as pessoas. Embora desagradáveis, enrijam a personalidade, proporcionando maiores oportunidades de conquistar prazeres lícitos.

Roubo Escolar

Tendências de dar e receber, reter e eliminar, apresentam-se como hábitos que o ego veio adquirindo e que persistem na fase de latência. Daí, o desejo de receber bens materiais e elogios. E o desejo de posse ou incorporação pode levar à inveja, ao ciúme, à maldade e ao roubo. Porque renunciou a satisfações, tem a possibilidade de manifestar tendências receptivas e possessivas, numa atitude de compensação. Rouba gulodices, brinquedos e objetos escolares. Por vezes, o roubo é um protesto à autoridade parental e um anseio de auto-afirmação. A consciência moral não é bastante estável para suportar impulsões fortes e o ego fraqueja. Mas há ocasiões em que as tendências retentivas tomam o rumo benigno do colecionismo: rapazes coletam pedras, cordéis, chaves, peças de metal, selos, bolas de gude, tampinhas; e meninas, caixinhas, fitas, botões, contas, medalhas, trapos, bruxas, animaizinhos de pano e bonecas.

O furto encontra muitas causas: alcance de uma compensação, protesto de afirmação, identificação com o roubado, expiação de culpa e, para alguns autores, busca de amor materno. Todo indivíduo teria roubado algumas vezes na vida e o roubo doméstico, como vimos páginas atrás, é costumeiro. Mas quando ele se torna repetido e compulsivo, é acompanhado de um estado de tensão interior que cede somente ao ser consumado o roubo e, então, entram em jogo pulsões instintivas múltiplas que implicam em regressão a fases anteriores do desenvolvimento e, mais ainda, em comprometimento da consciência moral. Nessa circunstância, trata-se de uma ação mórbida e anti-social, traduzindo grave perturbação da personalidade, qualificada como neurótica.

Tiques

Tiques são movimentos involuntários, bruscos e repetitivos que atingem a cabeça, a face, os membros e o tronco. Sobrevêm após os sete anos, quando já foi superada a fase edípica, porém podem arrastar-se até a puberdade. Ocorrem geralmente em menores ansiosos, filhos de mães angustiadas, escrupulosas e críticas. São ambivalentes no sentido da obediência e da revolta e têm comportamento submisso, com rebeldia reprimida. Alimentam sentimentos de culpa, mostrando-se por vezes tímidos, com tendência ao isolamento. Outros não

conseguem refrear a agressividade e a despejam sob a forma de manifestações destruídas.

Há quem admita que os tiques vêm de conflitos inconscientes que o menor dirige contra o genitor do mesmo sexo, na intenção de afasta-lo do outro que lhe desperta ciúme. Ultimamente, tem-se apurado remontarem os conflitos a fases anteriores à situação edípica.

O tique é um fenômeno obsessivo-compulsivo, considerado equivalente motor, infantil, da obsessão. Geralmente não tem gravidade e cede se os familiares evitarem observações constantes e impertinentes. Pode ser suprimido momentânea e voluntariamente, sem sofrimento, enquanto a tentativa de supressão da compulsão do neurótico obsessivo leva ao desespero. Como medida preventiva, recomenda-se, na aprendizagem dos hábitos de higiene, alimentação e locomoção, agir com brandura, sem restrições bruscas e tampouco ameaças.

Influências Psicossociais.

A liberdade encontrada no mundo exterior e os contatos com pessoas e coisas, em poucos anos de escola, imprimem ao menor uma atitude de suficiência, desembaraço e alegria, condicionada pela autonomia crescente que vai experimentando. Conservará, entretanto, considerável dependência familiar. E a tutela dos pais continuará, com maiores cuidados, pois estarão alertados pela inexperiência e avanços temerários do filho. O comportamento, o exemplo dos pais constitui, ainda, o fundamento da formação do menor que lhes atribui valores morais, com os quais deve se orgulhar para se afirmar com meio social. E garantia de missão familiar cumprida, quando o escolar considera e diz que "os pais são as melhores pessoas do mundo". Por extensão, esperam encontrar nos mestres, também, figuras significativas, com as quais possam se identificar, e amar, se houver correspondência afetiva. Professores que se impõem apenas pela autoridade e pela competência não exercem plenamente o magistério, porque negam o envolvimento emocional devido ao aluno, além de perderem a oportunidade de receber muito amor filial.

Automação e comunicação de massa são valiosos elementos de informação que proporcionam o admirável desenvolvimento intelectual das crianças da atualidade, mas não dispensarão a presença afetiva de pais e mestres para que seja alcançada a completa maturidade mental.

Embora informativa, motivadora e instrutiva, a comunicação social, para sobreviver, vale-se da propaganda de produtos de consumo, úteis e nocivos, que chegam a se impor como necessidades materiais novas e urgentes. A opinião pública é forjada pelo jornal, pela televisão, pelo rádio, pelo cinema e pelas revistas em detrimento da autoridade parental que perde terreno diante de fontes consideradas infalíveis e de forte efeito sugestivo.

Com a abertura da expressão verbal hodierna, muito se comenta e tudo se ouve, e as crianças que não são mais escorraçadas, assimilam prontamente o desejável e o indesejável. São tantas as solicitações exteriores que estão sempre vigilantes, usando todos os sentidos e adquirindo noções sobre as incontáveis atividades humanas. Ademais, a velocidade imprime força às realizações atuais, de um modo irracional, avassalador, sem chegar à intimidade das coisas. O lazer, derivação salutar para a tensão atual, nem sempre é fruído com calma, com abandono. O relaxamento que dispõe à reflexão, ao devaneio, às idéias criativas, só é encontrado na sauna, na ioga, em crenças contemplativas e no retorno à natureza não sofisticada pelo homem. Nesse aspecto, os menores são pouco perturbados, porque vivem entre a realidade e a fantasia, num mundo de jogos que estimulam a imaginação e a criatividade e, também, porque nasceram num regime de modificações constantes que lhes parecem naturais. Enquanto o adulto cultiva especial reverência pela imprensa, o escolar busca, nos jornais, estórias em quadrinhos e páginas infantis, contendo desenhos, aventuras, operações espaciais e esportes. Livros e revistas procurados falam de animais, façanhas, mistérios e contos extraordinários. O estudante sente-se atraído pela ficção e assuntos que proporcionam identificação com heróis, compensação para sentimentos de inferioridade e saída para a agressividade reprimida. No cinema, buscam os mesmos motivos, porém as imagens em movimento exercem grande atração e maior dose de retenção que a leitura. As cenas de perigo provocam reações intensas e as de amor e sexo pouco influem, em menores de doze anos. Esportes, lutas e crimes excitam e empolgam. Investigações sobre a influência de filmes sobre delitos e crimes concluíram que os filmes tendem a fixar modelos de conduta em meninos que já manifestavam atitudes perversas. Ouvem rádio, se não houver televisão. Preferem fitas e discos, com músicas da própria escolha. A televisão toma duas a quatro horas do entretenimento de outrora, excita, desperta motivações e alimenta fantasias que passam a ser guiadas pelos próprios desejos. O valor educativo da televisão supera, no entanto, os aspectos negativos. A preocupação dos pais com cenas de pistoleiros não tem fundamento, porque o escolar possui tendência natural à ação e à agressão.

CAPÍTULO 8

ADOLESCÊNCIA. ET AP A CONFLITUOSA

Há 6000 anos, um sacerdote egípcio escrevia numa lápide: "Vivemos numa era de decadência. Os jovens já não respeitam os pais. São grosseiros e impacientes. Passam o tempo nas tabernas e não possuem qualquer domínio sobre si mesmos." Ao tempo do Império Romano, protestava-se contra a turbulência das noitadas alegres dos jovens que se desmandavam em correrias de bigas de rodas ferradas, rolando ruidosamente sobre as pedras das vias públicas. O homem adulto tem um pendor conveniente de esquecer o próprio passado e o passado histórico. São queixas milenares. Hoje, estudos sistemáticos, observações

controladas e pesquisas experimentais procuram explicar o fenômeno conflituoso da juventude em termos de choque de gerações. Eu diria, de pais e autoridades com filhos e menores. Em culturas primitivas e asiáticas remotas, não se verificava esse conflito, porque a criança chegava à idade adulta numa transição social lenta. Convivia no ambiente familiar, trabalhando lado a lado, numa constante identificação e respeito aos mais velhos, portadores da sabedoria da vida. Alguns povos, percebendo a crise natural de autonomia e rebeldia da adolescência, estabeleciam ritos dramáticos e atemorizantes na puberdade, O jovem tornava-se simbolicamente adulto, mas ao preço da submissão aos mais velhos que exigiam a artilosa veneração necessária ao amparo na velhice.

A História foi escrita sob o império do autoritarismo, com sua mais lamentável conseqüência, a servidão. Na Antigüidade, os aglomerados humanos eram pequenos, as comunicações difíceis e as condições de salubridade precárias. O homem empenhava-se numa árdua luta contra a natureza para poder sobreviver. Os anseios de liberdade eram amordaçados pela opressão dos autocratas. Nos seus períodos heróicos, a história da humanidade foi traçada por alguns homens fortes

que souberam impor a própria vontade aos povos, fosse pelo medo, fosse pela promessa de uma vida melhor.

Faz um século, o mundo começou a adolecer com o impulso das conquistas científicas e tecnológicas. A especulação filosófica cedeu lugar à investigação no campo das ciências e o mundo transformou-se: as indústrias e as comunicações desdobram-se de modo fabuloso, as populações fermentaram assustadoramente e a instrução abrangeu todas as castas sociais. Os homens começaram a reclamar seus direitos. As mulheres sacudiram a escravidão multissecular que as oprimia, pondose em pé de igualdade com os opressores. O filosofismo e o psicologismo que passaram a reinar, aliviaram o jugo paterno e o peso das tradições levou à posição oposta, de um liberalismo desenfreado. A passagem brusca do autoritarismo para o liberalismo abalou o alicerce social. Eminentemente cultural, o homem civilizado tornou-se novamente instintivo. Acreditou que, cortando o freio dos impulsos vitais e repelindo toda forma de autoridade, inclusive a da própria consciência moral, atingiria os anseios de afirmação, liberdade e plena felicidade. Os movimentos ideológicos teriam que afetar fatalmente o adolescente que, fugindo à dependência dos pais, busca novos moldes de identificação, diferentes, combativos, heróicos ou mesmo passivos e de escape à realidade.

A adolescência é uma transição entre a infância e a idade adulta.

As transformações do corpo, a acentuação das características psíquicas e o contato com responsabilidades e normas sociais, trazem conflitos de identidade do ego e concepções novas do mundo. Os jovens aventam teorias sociais e políticas que não oferecem risco, enquanto pensam, porém se decidem a agir, não admitem limites, por não contarem com as responsabilidades dos adultos. Mas nem sempre há crise, pois a transição pode ocorrer gradativamente, por não haver premência nas exigências instintivo-afetivas ou porque encontraram um ambiente familiar harmonioso, proporcionando bom ajustamento escolar e social. Acontece que, afastando-se da tutela dos pais, tentam integrar-se na sociedade e, aí, encontram contestação, falsidade, injustiça, hostilidade e destruição. As reações

condenáveis dos adolescentes constituem a linguagem de protesto, pela qual procuram expressar suas dificuldades de adaptação.

Conceituação

Não há concordância, entre os autores, sobre as idades que marcam o início e o término da puberdade e da adolescência. A discrepância é explicada pelas variações impressas pela raça, clima, alimentação e estilo de vida. Dieta equilibrada, com mais proteínas, maior exposição ao sol, maior atividade esportiva e maior estímulo mental, são considerados fatores que influem na aceleração do crescimento e desenvolvimento dos jovens, nos últimos decênios.

A puberdade não designa um momento, mas um lapso de tempo, no qual todo o corpo, e, em particular, os órgãos genitais, suporta um crescimento insólito. As modificações biológicas e psicológicas estão associadas à maturidade reprodutiva, pois ocorre a formação de hormônios gonadotrópicos (sexuais). Nos rapazes instala-se entre 11 e 14 anos e, nas meninas, um ou dois anos antes.

É mais amplo o conceito da adolescência, alcançada na faixa de idade entre 12 e 14 anos. Fala-se em pré-puberdade, puberdade, adolescência inicial média e final. Esta divisão não tem maior sentido, pois há variações individuais. Se a duração da puberdade é estabelecida por fatores biológicos, a da adolescência é determinada pelas instituições sociais. O período prolongado dessa fase, em sociedades tecnológicas e classes altas, é uma invenção social. Se 21 anos legalmente marcam o término da adolescência, do ponto de vista psicossocial, ela finda com o ajustamento na sociedade, no trabalho e com a emancipação econômica. Essa etapa é mais breve para as moças.

Conceituar juventude é, mais difícil e a divergência é total. Arnold Gesell adianta que a juventude vai dos 10 aos 16 anos e isso se compreende porque o seu exaustivo e metucioso estudo termina na última idade referida. Admite-se, em geral, que a juventude ou mocidade estende-se da adolescência à idade madura, enquanto o ser humano der mostras de grande vigor. E, com o avanço da longevidade e dos recursos da medicina plástica e hormonal, são considerados Jovens homens e mulheres de quarenta anos.

O Processo do Crescimento

Evoluindo da infância para a idade adulta, o ser humano atravessa vários estágios, nos quais se destaca uma interação constante do corpo e da alma. Até a idade puberal, o crescimento faz-se de modo sereno, quando a hipófise desperta com novas funções, acelerando o crescimento corporal e dando início à maturação sexual. No rapaz, aumentam a estatura e o peso, o tórax alarga, os testículos avolumam, sobrevém as ejaculações, a voz baixa de uma terça, os pêlos alongam e pigmentam no púbis, axilas e rosto, e as glândulas sudoríparas e sebáceas excretam mais. Na menina, a estatura e o peso elevam, o quadril alarga, os seios crescem, instala-se a menstruação e os pêlos do púbis e das axilas crescem e tomam colorido forte.

A modificação brusca tem uma breve fase cômica, quando o alongamento dos membros não permite ao adolescente ajustar-se à mecânica do esqueleto. Acrescem os desacertos da voz e a consciência da nova e estranha imagem corporal. Brotam sentimentos de inferioridade e desconfiança que se agravam, se houver ocorrência de acne (espinhas) e apelidos pejorativos.

O funcionamento vigoroso dos sistemas endócrino e nervoso condiciona a turbulência fisiológica e psicológica que irá se manifestar por intranquilidade. Disritmias cerebrais lentas e difusas podem surgir, mas menos vezes têm sentido patológico duradouro, pois cedem com tratamento neurológico e até espontaneamente. Jogos infantis dão lugar a enérgicas atividades físicas, expressando bravura, liderança e capacidade de enfrentar situações difíceis. Nos esportes, encontram vazão salutar para a força interior que exige expansão. Ela se traduz, no rapaz, por demonstrações de poder, gosto pela música ruidosa e freqüentes desmandos, enquanto, na garota, apresenta-se de modo menos buliçoso, porém envolvendo graça e trazendo interesse pela dança, música, estudos e algumas tarefas domésticas. Com a maturidade sexual, exacerbam os impulsos instintivos e os anseios de emancipação.

Desenvolvimento Psicológico

É aparentemente desconcertante a literatura sobre as características psicológicas do adolescente. É egoísta e capaz de abnegação e sacrifício. Ama e odeia. Submete-se a um líder e rebela-se contra toda autoridade. É materialista e idealista. Do ascetismo cai no hedonismo. Flutua entre otimismo e atividade, pessimismo e passividade. Não há incongruência, pois o jovem é capaz de tudo, pois sua alma é um caldeirão fervilhante de sentimentos.

Através de valorizações e identificações que faz com os pais, mestres, companheiros e heróis, passa a atribuir importância crescente à inteligência. Tem mais larga compreensão e maior capacidade de elaborar abstrações e estabelecer comunicações. É arguto e rápido no tomar decisões. Concebe ricos valores morais. O pensamento desfila num fértil terreno conceitual. Embora instalado na realidade exterior, não abandona as fantasias que lhe permitem satisfazer desejos que não estão ao seu alcance; essas o auxiliam na resolução de problemas, na inclinação vocacional e no planejamento profissional.

No curso da adolescência, o narcisismo reativa. Continua a sede de amor e de admiração que traz da infância, tornando-se, por essa circunstância, bastante suscetível à crítica dos familiares. Revela, no entanto, enorme potencial afetivo que despeja em entusiasmo pelos companheiros. Enquanto o rapaz se orienta mais ativamente para a realidade exterior, através de esportes, discussões, boêmia e combatividade, a garota recolhe-se em sentimentos amorosos que dão largas à imaginação. Estes nem sempre se dirigem para um ser humano existente. O anseio dominante, porém, é o casamento, não porque existam prementes solicitações sexuais, mas por ter o matrimônio o significado de ser eleita, de ser amada. A jovem amolda-se com facilidade às novas exigências sociais, conservando, ainda hoje, maior integridade interior. Possui também maior penetração psicológica que o rapaz. Num mundo em que a liberdade sexual é tomada como avanço social, há garotas que levaram vida leviana e que decidiram

pelo recato, pois desejam guardar alguma pureza para o homem que elegerem como marido. Esta referência pode despertar sorrisos, mas rapazes que dizem não acreditar na virgindade das mulheres, ofendem-se quando se lhes pergunta o que pensam da moralidade das irmãs e da respeitabilidade das senhoras mães.

A educação familiar e a escolar levam os adolescentes a moderar ou ocultar sentimentos, porém não deixam de combater abertamente os pais, pois desejam com ardor a emancipação. O ódio e a hostilidade têm a mesma intensidade dos arroubos amorosos e, via de regra, buscam sua fonte numa suspeita de rejeição ou num sentimento de frustração. A agressividade normal é exasperada, quando o jovem é impedido de atender seus desejos que, no seu entender, são admissíveis; ela pode transformar-se em conduta sistemática, se não houver compreensão e tolerância dos adultos que geralmente reagem com rudeza. Para Madeleine Rabert, a agressividade liga-se diretamente à não satisfação dos impulsos primários de nutrição, afirmação e sexualidade.

Exigências sexuais abafadas, na etapa da latência, surgem de modo imperioso.

O adolescente enfrenta a masturbação como uma nova experiência conflituosa, pois, embora tenha esquecido as brincadeiras auto eróticas da infância; começa a pesar sentimentos de culpa e prejuízo, oriundos das terríveis e não fundadas ameaças dos adultos: fraqueza física, empobrecimento mental, loucura, incapacidade de agir sexualmente e, até, expiação num dos círculos infernais de Dante. Um apreciável número de jovens ansiosos responsabilizam a masturbação nos protestos neuróticos. A ansiedade, nessa etapa, encontra explicação nas preocupações em torno das conseqüências do onanismo e não na própria atividade solitária. E a única via que encontram para a satisfação sexual, já que as demais são inicialmente barradas pelo constrangimento da inexperiência, pela moral e pela sociedade. Com moderação, a masturbação é considerada natural. Os símios novos também a praticam.

Menos dependentes dos pais, as exigências sexuais orientam-se para as pessoas estranhas ao lar. Por vezes, os primeiros interesses amorosos são de ordem homossexual e isto traduz um resquício de um estágio anterior do desenvolvimento. Nesse período, relativamente curto, a atividade homossexual franca pode ocorrer, havendo oportunidades freqüentes de provocação, como acontece nos internatos, em acampamentos juvenis e nos grupos de rapazes de idade diversa. Em pouco, o adolescente elege um objeto amoroso heterossexual que pode ser até de mais idade, lembrando moldes infantis incestuosos.

Com relação aos impulsos instintivos, o adolescente é movido por uma dinâmica inconsciente, onde se mesclam energias fisiológicas e psicológicas. Acontece que as fantasias das fases anteriores são, agora, substituídas por realizações sexuais e agressivas.

Uma particularidade do desenvolvimento psicosssexual: as fases oral, anal, fálica e genital persistem, uma ao lado da outra, e na ordem em que ocorreram, sem preponderância da última. Elas se interligam, conservando energia libidinosa, mesmo quando a sexualidade está polarizada nos órgãos genitais. Assim, autoerotismo, narcisismo e amor objetal podem coexistir. Exemplificando: o jovem e o adulto normais encontram a máxima satisfação no contato genital, mas não desprezam o beijo e as brincadeiras sexuais de tocar nas zonas erógenas.

Se, na infância, a imaturidade biológica busca diferenciação instintiva, na adolescência a imaturidade psicológica e social buscam estruturação do ego, elaborando os traços da personalidade. Trava-se uma luta constante entre as pulsões instintivas, o ego integrador e os compromissos sócio-culturais. Cabe ao ego jogar com inumeráveis modalidades defensivas, para que o indivíduo alcance, através de renúncias e repressões, maturidade suficiente para ser aceito pela sociedade.

Sobre o Ego

O ego tem muitas funções, porém a primacial é estabelecer a adaptação do indivíduo ao mundo exterior, restando os impulsos instintivos e aplacando as exigências da consciência moral (superego). Se, nos primeiros anos, grande interesse da criança reside na gratificação dos instintos, se a escola primária sublima as energias interiores no campo intelectual e no convívio do grupo, o adolescente vai somar todas estas experiências, as pulsões que ressurgem com vigor incomum, pois a sexualidade está polarizada nos órgãos genitais, já maduros. O ego, porém, tomou uma posição adequada na luta contra os desejos e procura harmonizar gratificação e renúncia. Há, no entanto, oscilações provocadas, de um lado, pela exigências vitais e, de outro, pelas recriminações morais. Os instintos não arrefecem e o ego vê-se obrigado a ajustamentos. Emprega, pois, nos seus constantes momentos de organização, diferentes mecanismos psicológicos de defesa. Um excesso de energia instintiva reclama um consumo de contracargas. As reações defensivas podem manifestar-se como sintomas. Se esses são exagerados e constantes, tomam a feição de distúrbios psíquicos.

A fonte de enriquecimento do ego reside nas novas e freqüentes identificações que o menor faz com os pais, com os mestres, com outros adultos e com líderes naturais que são julgados e devem ser aprovados. Heróis do esporte, do cinema, da literatura e da política são valorizados, enquanto sábios e santos podem ser admirados, mas pertencem a um mundo distante, estranho.

Por força de muita reflexão, o raciocínio é firme, resolutivo e arrojado e a intelectualização torna-se uma característica marcante do jovem. Arminda Aberastury diz que a intelectualização do adolescente é similar à aquisição da palavra no primeiro ano.

O adolescente sente-se grande, forte, suficiente e dotado de muitas capacidades. Busca autonomia e procura sacudir o jugo dos pais. Recrudescer a situação edípica: os rapazes combatem o pai e as moças a mãe. Protestam por independência porque estão combatendo a dependência afetiva e econômica dos pais. Falam em liberdade e a usam discricionariamente. Os pais contribuem para esta atitude, empregando zelo excessivo. E a autoridade dos progenitores fica abalada, porque os jovens admitem que eles tenham idéias limitadas e sejam conservadores. Há crise de autoridade e de liberdade. A onipotência do primeiro ano também ressurgir, com a agravante de possuírem força física e intelectual de gente adulta. Estão, todavia, procurando identidade. Fazem explorações interiores e exteriores, modificam hábitos e atitudes, aceitam novas concepções e rejeitam idéias convencionais. Afastam-se da família, em momentos de revolta, e retornam

quase humildes, esperando atenções sobretudo da mãe. Se o afastamento for maior, os pais rejubilam-se com o regresso do filho pródigo, dócil e carinhoso. Mas a felicidade é curta. O sentimento de identidade tem fontes familiares e sociais: fantasias infantis de relacionamento agradável com pais, mestres, companheiros, e valores morais, econômicos, sociais e políticos que foram colhendo no curso da vida. Daí, conceberem ideologias que são sistemas de idéias, mitos e imagens, com repercussão histórica na sociedade. Os sistemas totalitários oferecem identidades imediatas, agressivas, radicais e adequadas às vivências instintivo-afetivas do jovem. Os regimes democráticos exercem menos atração, por serem tranquilos, ambíguos, tolerantes e lembrarem o convencionalismo familiar. É conhecida a ação benéfica do serviço militar para indisciplinados. Regras e condutas rígidas, exercícios vigorosos, convívio grupal heterogêneo, frustrações e castigos nas infrações conferem intensa e rápida experiência da vida, com aceitação de responsabilidades. Impedem também a diferenciação de ideologias dispersivas.

Nessa etapa da evolução a autenticidade do ego se estabelece com múltiplos fatores: experiências anteriores, mudanças corporais e psíquicas, identificações, necessidades gregárias, temor de anulação se imitarem pais e outras autoridades e, sobretudo, desejo de fazer valer a própria vontade. Vivências infantis fundamentam a personalidade, mas, na adolescência, o ego assume o comando, procura equilibrar instintos e moral, impondo seu querer. Embora impelido pelo determinismo bio-psicológico, o jovem pode refreá-lo pela volição. É um momento crucial, porque estão em jogo a dependência e a independência. A personalidade, nesse duro conflito de forças destrutivas e construtivas, vai se estruturando, se o ego for vigoroso, com traços de segurança, autonomia, autenticidade, companheirismo, operosidade, capacidade de renúncia, amor e idealismo. Estas qualidades são gratificantes para o ego sadio, porém ele estará sujeito a ansiedades, pois a instância moral, crítica, também está operando. Ego e superego desenvolvem salutarmente, em função da harmonia encontrada, primeiramente, no ambiente familiar e, posteriormente, no meio escolar. Augusto Aichhorn, o mestre austríaco que tanto contribuiu para a compreensão das reações "dissociais" dos jovens, acentua o significado do desenvolvimento falho do ego e do superego. Fatores internos e externos que prejudicam a evolução normal das várias funções do ego entravam a "adaptação primária à realidade", base da estruturação das linhas sociais.

Consciência Moral

Charles Odier lamenta que os psiquiatras tenham pouco interesse pela filosofia, quando os filósofos denotam tanto zelo pela psiquiatria e, em particular, pela psicanálise. Superego e consciência moral são coisas diversas para o psiquiatra de Genebra. O primeiro teria origem nos ensinamentos éticos dos pais e seria, portanto, internalizado, imposto, na infância. A segunda instalar-se-ia, mais tarde, no uso da razão e no exercício do livre arbítrio. Usarei a expressão consciência moral, englobando as duas fontes, a inconsciente e a consciente.

O mundo externo, com seus perigos e as ameaças dos pais, instalam um representante, a ansiedade, na mente da criança. Esta é a precursora da

consciência moral. Desempenham papel importante, na formação da instância crítica ou censura, a representação da imagem dos adultos que exercem autoridade na infância, os sentimentos de culpa oriundos de desejos agressivos, o medo do castigo e a imitação dos circunstantes. As imposições éticas dos pais e as normas disciplinares da escola são aproveitadas para estabelecer regras de conduta. Ainda não está completa a consciência moral, pois as experiências ulteriores irão influir. O adolescente busca moldes próprios, na crise de autonomia, porém não consegue libertar-se, sem conflitos, da moral que lhe foi imposta na infância. Ressurgem ameaças, proibições e punições e também exigências instintivas. A consciência fica conturbada, pois se alternam momentos de severidade ascética e de prazer irrefreável: a primeira traz frustração e tranqüilidade de consciência, e a segunda, satisfação e sentimentos de culpa. O jovem não chega a formar padrões morais estáveis, porque seus valores mudam com freqüência. Acordo entre ego e superego significa serenidade interior. Fortes protestos da censura podem levar o ego a sobrepujar os impulsos instintivos, gerando ansiedade. Se houver influência freqüente de mecanismos de defesa, surgirão reações neuróticas. Se pulsões imperiosas rompem as barreiras do ego e o dominam, desprezando a censura, o adolescente entrará numa fase instintiva desenfreada que poderá tomar caráter psicótico.

Severidade moral exige do ego tantas defesas contra os instintos que estes enfraquecem, prejudicando o desenvolvimento da personalidade. E o que se verifica em jovens ascetas que fogem à recreação habitual da idade. Ficam frustrados, tímidos e deprimidos, com sentimentos de inferioridade. Responsabilidade no estudo e no trabalho e correção moral são perfeitamente compatíveis com o lazer, indispensável à saúde mental.

Influência da Família, da Escola e da Sociedade

Estudos recentes mostram que as dificuldades de desprendimento da família vem de ambos os lados: os adolescentes, embora protestando por liberdade, procuram atenção dos pais e estes, por sua vez, temendo perder o amor dos filhos, reagem com excessivo cuidado. É comum pais fazerem chantagem monetária com os jovens para retê-los em casa, a fim de evitar ansiedades familiares ou deslizes na rua. Rapazes e moças afastam-se do lar por desencanto de pais egoístas, ausentes, arbitrários, sovinas, beberrões e irresponsáveis. Os ideais passam a ser alimentados por exemplos colhidos no mundo exterior. A tomada de consciência de valores culturais diferentes do grupo familiar rechaçado gera conflitos de identificação contraditórios que variam com a personalidade do adolescente. Os adultos pouco enfrentam e discutem as dificuldades que os adolescentes estão vivendo; fogem ao diálogo, ofendidos, encerrados em preconceitos, em atitude de manifesta negação dos problemas. E verdade que há jovens atrevidos, mas há também adultos melindrosos e intratáveis.

Seria útil e construtiva a participação de adolescente! nos problemas familiares, escolares, sociais e políticos, pois menores de 25 anos representam metade da população do mundo; eles precisam de ação, têm capacidade e dispensam o papel moderador dos mais velhos que freqüentemente não se entendem. Ademais, é de bom alvitre tê-los como aliados e não como inimigos. W. Holyoak

diz que a identidade do ego nunca se processa de modo completo: pessoas emocional e geograficamente deslocadas sentem necessidade de visitar lares, por sentirem saudade das vivências domésticas do passado. É confortador estar ligado a uma família e ninguém atinge a plenitude existencial sozinho. Os místicos que sentem a companhia de Deus, em todos os momentos, apreciam o convívio dos seres humanos.

Há pais que esperam da escola a correção de hábitos e atitudes viciosas que os jovens levam de casa. A escola não tem capacidade reformadora, mas responsabilidades na formação intelectual e na orientação grupal, social, moral e cívica. Se as bases domésticas da personalidade são boas, terão oportunidade de desenvolvê-las na escola, pois a posição que os adolescentes assumem depende do conceito que fazem do próprio ego e, em especial, da auto-estima. Estudos de Backman e Secord provaram que os "eus" refletidos pelos pais, mestres e amigos, durante o curso secundário, são semelhantes ao conceito que o estudante faz de si mesmo. Não encontraram fundamento para a relação que se pretendia estabelecer entre o treinamento para ser independente, nos primeiros anos, com a capacidade de realização escolar. A rejeição, a coerção e a superproteção podem levar a bom desempenho, quando o jovem aceita esses sentimentos como um desafio. Incentivar discretamente o estudo alcança melhor rendimento, porém a insistência e o exagero diminuem.

Nos cursos colegial e universitário, o bom nível social não influi no rendimento, pois não aspiram a galgar posição na sociedade, porquanto diplomar-se basta, para manter o status vigente. Em classes inferiores, a precariedade da cultura familiar foi superada nos cursos superiores e os estudantes batem-se para alcançar prestígio social. Classe social e inteligência estão relacionadas com maior aspiração educacional, pois os jovens, com frequência, são selecionados para desempenhar diferentes papéis, no sistema social, em acordo com a posição da família e a capacidade do aluno.

Uma dose moderada de ansiedade age como estímulo no estudo do adolescente, mas, tratando-se de jovens sensíveis, quanto mais baixa a ansiedade, melhor será o desempenho escolar. Se o estudante prevê sucesso, terá boa realização, porém se espera fracasso este virá. Orientação escolar destacando demais a importância do professor e rebaixando a do aluno, poderá trazer exagerada obediência e conduta passiva ou negativista. Orientar, familiarizando o estudante com moldes democráticos de comportamento, é positivo, e leva à conduta ativa e integradora.

Dana Fansworth, encarregado dos problemas estudantis da Universidade de Harvard, ressalta a importância da orientação que dá aos docentes, com grandes benefícios para a instituição. Parte do princípio de que o mestre é um conselheiro e que o relacionamento com os estudantes constitui uma situação de orientação. Distribui igual tempo, em suas atenções profissionais, com alunos, professores e pessoal administrativo, pois admite que todos os elos da escola devem ser harmoniosamente ligados.

Estudando o clima de ambientes universitários, Trow encontrou diferentes subculturas. Na "colegiada", a universidade é considerada sob o ponto de vista social e não intelectual e os estudantes dedicam-se a agremiações, esportes, namoros, correrias de automóveis e libações. Na "vocacional", o aspecto é também social, mas anti-intelectual, pois os estudantes procuram alcançar bons empregos,

confiando no diploma. Há identificação, na "Acadêmica", com os objetivos intelectuais dos professores; e na "não-conformista", a ordem é intelectual, mas contrária às idéias da escola, porque seguem ideologias diversas que não são aceitas por todos os estudantes.

Os anseios de independência, de afirmação pessoal e social e de posse material estimulam os jovens de todas as classes sociais para o estudo, pois as leis trabalhistas deram coragem às pessoas modestas de reivindicar direitos. A Revolução Francesa, com seus protestos de liberdade, igualdade e fraternidade constituiu um apreciável avanço na dignidade do homem. porém a Revolução Industrial trouxe um sopro libertário sem precedentes na História, sacudindo os brios dos homens, numa corrida de posição econômica e social, instrução escolar, facilidades de trabalho e tempo para o lazer. Por sua vez, o progresso tecnológico, exigindo o aprimoramento no trabalho, estimulou a formação de trabalhadores especializados. Daí, a procura de instrução profissionalizante e de cursos superiores.

Conquanto a família e a escola já desempenhem papel socializante, o adolescente, pela liberdade de ação que dispõe, estabelece contato com a sociedade em todos os níveis. Frequenta, livremente, casas de amigos, cinemas, clubes, boates e outros lugares de diversão; excursiona e conhece cidades e países, alargando o horizonte da existência.

O premente desejo sexual, a agressividade fácil, a satisfação da vida gregária e o anseio de autonomia, fazem-no distanciar-se do lar. Não tem um status, mas luta por alcançá-la. A família não é rejeitada, mas destituída de atrações. Soma aos costumes domésticos, novos hábitos e valores. Queixa-se de ser tratado como criança, em casa, e fora protesta contra as convenções sócio-culturais bitoladas da comunidade. Rebelar-se contra a autoridade constituída por espelhar a prepotência parental. Está entre dois mundos e ambos deixam muito a desejar. Procura companhia agradável na escola, no trabalho ou na rua. Estabelece competição nos estudos, ofícios e jogos, preparando-se para a complexa vida social. Adquire noções amplas, através do contato humano, da leitura, do cinema, da televisão e do rádio. Se aceitar o aprendizado, sofrendo pulsões interiores, irá formar a personalidade, com traços positivos; caso contrário, combaterá a sociedade, sentida como frustradora, exigente e hostil, e os adultos, amadurecidos em hábitos confortáveis e conservadores, contribuem em manter acesa a hostilidade, afastando-o com enfado e intolerância, quando se torna impertinente. Não procuram compreender sintomas de um protesto ligado ao desenvolvimento natural.

No colégio e na universidade, mais seguro física e intelectualmente, torna-se ambicioso e arrojado, chegando a posições extremas. Deblatera conta a família e a sociedade, acreditando-se sábio e evoluído, pois o pensamento borbulha em expedientes, projetos e inovações salvadoras. Ideologias e movimentos revolucionários empolgam. "A juventude não é progressista, nem conservadora", diz Karl Mannheim, "é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade".

Considerando a inquietude da transição e as qualidades positivas de solidariedade, lealdade, entusiasmo e combatividade, cabe à escola e à sociedade estudar a melhor maneira de integrar estas enormes reservas de energia, através de funções que lhes são gratas. Uma juventude, convenientemente assistida,

pode ser encarada como um recurso para a revitalização da sociedade. Em países europeus, clérigos e leigos patrocinam esplêndidas agremiações de adolescentes. Na França, os Clubs de Quartier funcionam em bairros desfavorecidos das grandes cidades, dirigidos por jovens, com ampla margem de liberdade, apenas supervisionados pelos líderes da comunidade. Espalham-se, atualmente, nos arredores de Porto Alegre, centros residenciais comunitários auto-suficientes, com instalações administrativas, educacionais, sanitárias e recreativas.

Na sociedade, infelizmente, os adultos não exemplificam com procedimento vazado nas boas qualidades dos jovens, e sim, nas falhas. Os poderosos e penetrantes meios de comunicação fazem alarde da arbitrariedade, do egoísmo, da hipocrisia e da violência. Basta que se leiam as páginas sensacionalistas de jornais e revistas e se vejam filmes, sucesso de bilheteria. Nas passionais campanhas eleitorais, os candidatos são apresentados pelos oponentes como ineptos, corruptos e desajustados perigosos. De uma feita, num grupo, eu assistia na televisão, a um congestionado e exaltado candidato a alto cargo público, que tonitroava fala redentora, quando um garoto de seis anos interpelou: "Não acham que este homem é louco?" O político foi eleito, mas o diagnóstico do menino foi confirmado. Percepções, sentimentos e pensamentos negativos, quando insistentemente repetidos, passam a ter significado social e podem ser assimilados com grande malefício.

Fatores que Regem a Conduta

Estudando os processos do crescimento e do desenvolvimento do adolescente, tentou-se destacar a importância dos meios familiar, escolar e social. Far-se-á, agora, uma súmula dos fatores que comandam a conduta do jovem, para que se entendam os desvios da personalidade nessa etapa.

Admite-se que tanto disposições fisiológicas como psicológicas são herdadas. Impulsos instintivos têm origem genética, e já nos primeiros dias de vida observam-se exigências tão enérgicas que devem ser atendidas prontamente. Pediatras experientes fazem previsões acertadas sobre dificuldades que os bebês trarão às mães. Maior ou menor capacidade de sublimar instintos depende também de fatores hereditários. Certos impulsos imperativos da criança chegam a levar os pais a atitudes extremas: combatê-los energicamente ou atendê-los complacentemente. O manejo da situação não é fácil, pois, na primeira, haverá risco de grande frustração e, na segunda, de fixação mórbida. A moderação poderá parecer ambígua, mas é a solução mais viável: proporcionar satisfações dentro de limites razoáveis e fazer suportar frustrações dentro do suportável.

São de suma importância os traumas físicos do parto e as tóxi-infecções que agem durante a gravidez e a infância, pois distorcem o crescimento, danificando a estrutura somatopsíquica; a constituição será alterada no sentido patológico. Os fatores constitucionais não podem ser afastados, na compreensão da personalidade, sob o risco de interpretação errônea. A tese ambientalista é parcial e anti-científica, ao desprezar a constituição. O comportamento do jovem, no entanto, depende, sobretudo, de fatores ambientais que agiram, primariamente, na infância no meio familiar é, secundariamente, na puberdade e na adolescência no meio escolar e social.

Bom relacionamento inicial com a mãe, e, depois, com o pai, são indispensáveis. Mãe angustiada, com sentimentos negativos, retira inconscientemente afeto necessário ao desenvolvimento do filho. Nos berçários, o bebê privado de cuidados afetivos maternos é prejudicado na saúde. Estudos de assistentes sociais comprovam que a relação materno-familiar defeituosa é encontrada entre neuróticos e anti-sociais. A disciplina moderada, que se impõe à criança, faz parte do aprendizado e depende da ação inteligente da mãe e do pai. Burt diz ser a mais desastrosa das disciplinas, a combinação de severidade e frouxidão, comum entre pais irascíveis. Ausência e excesso de autoridade são igualmente perniciosos. Serena autoridade e afeto do pai devem aliar-se a firmeza e ao amor da mãe. O pai compartilhará da educação e do divertimento do filho.

Condições carentes de alimento, agasalho e habitação causam menos prejuízo no desenvolvimento, se houver calor afetivo parental. Rixas domésticas violentas, conduta desregrada dos pais e intromissões tendenciosas de familiares adultos, são elementos altamente perturbadores. Atritos domésticos que não afetam a dignidade dos contendores são compreendidos e desprezados. Assevera Zucker que a criança, emocionalmente perturbada, traduz sintoma de doença da família, embora os outros componentes não mostrem abertamente conflitos.

Constituem fatores secundários as influências que advêm de escola e da sociedade: falhas e vícios destas instituições irão certamente repercutir na personalidade em formação do menor. Estas circunstâncias o tornam vulnerável aos desvios mórbidos, particularmente se os fundamentos estabelecidos na família foram fracos ou distorcidos. São incontáveis os agentes desagregadores desta segunda frente: más companhias, vadiagem noturna, locais de diversão de baixo nível moral, filmes, espetáculos e leitura licenciosos e esteticamente degradantes, mestres e padrões injustos, escolas monótonas e oficinas de trabalho desagradáveis e insalubres. Burt e Bargot advertem contra a valorização excessiva dos fatores secundários que reputam menos perigosos que os primários, os familiares.

Estudos dos últimos decênios sobre a família vêm confirmar o ponto de vista dos autores citados. Ademais, é de velho conhecimento que os fatores sociais agem no psiquismo infantil, dentro do cadinho integrador ou dissociador do meio familiar. Mas há fatores secundários que pesam sobre o modo, hoje, e que vêm da civilização industrial, originando um novo estilo de vida, com forças imprevisíveis e fascinantes que não existiam no passado: São numerosas e aumentam diariamente: ritmo acelerado de vida, transitoriedade, utilitarismo imediato, novas necessidades e superfluidades atraentes, vindas da produção em massa, ambientes altamente sofisticados, tóxicos euforizantes, entorpecentes e despersonalizantes, automotores potentes e velozes, desprestígio da autoridade, liberdade individual exagerada, liberdade sexual que desintegra a família, aumento espantoso da credence religiosa e tantas outras inovações e liberalidades que o homem aceita, com ânsia de nada perder. Acrescem os assoberbantes meios de comunicação social que desempenham a edificante função de informar o público e, também, em cochilos alimentados por ricos patrocinadores, transmitir dados e exemplos nocivos à saúde física e mental, e rebaixar a moral individual, familiar e social, com mensagens negativas. Mas é na literatura que se encontram as manifestações mais aberrantes de obscenidade e sujeira. Honoré Balzac e Eça de

Queiroz ficariam surpreendidos ao imaginar que pudessem surgir escolas de literatura patológica tão bem sucedidas. O realismo que cultivaram foi simplesmente humano. Na esplêndida literatura nacional e estrangeira, teria que brotar um e outro câncer, pois há autores que encontram satisfação mórbida em ventilar O subjetivismo cloacal que não conseguem reprimir.

Desvios Psíquicos da Adolescência

Viveu-se reverencialmente o mito da criança e, agora, vivencia-se, de modo ambivalente, o mito do jovem herói ou o do jovem anti-herói. Uma ilustração. Há trinta anos, estava em Nova Iorque para seguir um curso e, como tivesse alguns dias de folga, decidi conhecer a cidade. Embarquei no primeiro ônibus que passava e consegui um lugar. Acontece que terminou superlotado e uma velha senhora, acompanhada de um sadio garoto de oito anos, sofria com as arrancadas e paradas. Cedi meu lugar, e ela apressadamente colocou o menino no banco e continuou pendurada na alça do teto do veículo. Senti-me um rematado tolo, mas tive um lampejo de entendimento: o garoto era tão importante que a fraqueza da velhice e os tormentos infligidos pelo ônibus-cogueteleira eram secundários; a matrona pouco valia.

Sobre o mito do jovem, a evidência fala, pois os adultos o imitam nas vestes, na cabeleira, nos carros e noutras atitudes. Mas a preocupação está no endeusamento do anti-herói, porque alguns pais não sabem se a adolescência é uma enfermidade mental ou uma etapa da vida.

No curso do crescimento e do desenvolvimento, o homem atravessa fases críticas, porém a mais conflituosa é, sem dúvida, a da adolescência. É compreensível, considerando a transição da idade, com tantos fatores perturbadores, que os adolescentes normais possam apresentar ansiedade, preguiça, fracassos escolares, desobediência, arroubos de autonomia, sortidas noturnas, corridas desenfreadas de automóvel ou motociclo e desavenças com os pais. Um número apreciável deles padece de algumas destas falhas que não são mórbidas. Estudos longitudinais, da duração de dezenas de anos, de autores ingleses e franceses, mostraram que apenas 5% dos transviados chegaram à idade adulta, apresentando distúrbios psíquicos; os demais estavam integrados na família, no trabalho e na sociedade.

Na adolescência, ocorrem surtos neuróticos, psicóticos e psicopáticos. Estes três aspectos estão relacionados com disposições constitucionais doentes. A transição da idade agirá como elemento perturbador e fatores ambientais desfavoráveis desencadearão o processo patológico. Manifestam-se estados ansiosos, depressivos, conversões histéricas, distúrbios psicofuncionais, fobias e comportamentos obsessivo-compulsivos, entre desordens neuróticas que são passageiras ou duradouros. Os surtos psicóticos revestem a forma de depressão melancólica, excitação maníaca, desagregação esquizofrênica e equivalentes psíquicos da epilepsia. Hoje, mais conhecidas como neuroses do caráter, as personalidades psicopáticas são fronteiriças das psicoses, exibindo anomalias mentais irreversíveis, das quais se destacam reações anti-sociais. Atribui-se responsabilidade jurídica a estes enfermos do caráter, entre eles se incluindo delinquentes e criminosos.

Neuroses e psicoses encontram, no momento atual de nossos conhecimentos, as mesmas causas constitucionais e ambientais. Honestamente porque o indivíduo protesta ou regride na neurose ou na psicose, está, ainda, fora do alcance da ciência. A genética psiquiátrica trouxe esclarecimentos sobre disposições mórbidas que permitem condenar o casamento, quando os dois nubentes tenham séria linhagem patológica. Por sua vez, a sociologia das doenças mentais vem fazendo tentativas promissoras na compreensão dos fatores ambientais. Estudos e teorias exclusivistas proporcionam progresso, no campo da herança e do ambiente, porém isoladamente não bastam, porque os dois fatores interagem.

Distúrbios Sociopáticos e Neuroses do Caráter

Costumam os autores norte-americanos qualificar os desmandos da juventude de desvios sociopáticos, porque se caracterizam, mormente, por conduta anti-social que pode ser transitória ou permanente. As perturbações incidem, de preferência, entre 16 e 20 anos, nas classes média e alta, e mais cedo na classe humilde. As infrações praticadas são dirigidas contra bens materiais, pessoas e costumes e é na última modalidade que se encontram as garotas. Estatísticas feitas no país e no estrangeiro são falhas, porquanto muitos delitos não chegam ao conhecimento da polícia. Tanto os emocionalmente perturbados, como os moralmente abandonados, segundo Eissler, apresentam duas características fundamentais: infração de valores morais e exagero da agressividade. Não conseguem conciliar desejos com exigências sociais. Alguns, não logrando refrear os impulsos instintivos, chegam a reações anti-sociais, enquanto outros as praticam, esperando escapar à repressão e ao castigo. Ambos são, do ponto de vista mental, imaturos, caprichosos, irreverentes e perversos. A premente necessidade de atender os próprios desejos é causa de muitos roubos. Como os selvagens, são vigilantes e polissensoriais, fixando os detalhes das coisas e pessoas que os cercam: marcas de carros, ruídos de motores, melodias, traços fisionômicos, particularidades do vestuário, posição sócio-econômica e atitudes. No trabalho e no estudo, mostram-se instáveis e animados de constante excitação, cortada, de quando em vez, por total passividade. O automóvel e o motociclo despertam fantasias de poder, mas servem, em circunstâncias difíceis, como meio de evasão. Valorizam o progresso material e dão grande importância ao dinheiro. Aspiram a profissões rendosas e desconfiam de discursos moralizadores; queixam-se da tirania e do desinteresse dos pais. Acham-se incompreendidos e frustrados em casa e saem para a rua, cheia de atrações, justamente aquelas que os adultos condenam. A desobediência é um ato de rebeldia e de emancipação. Compensam o suposto desamor dos pais, buscando companheiros que participam de iguais sentimentos. O contato sexual é procurado como simples divertimento. Bebidas alcoólicas, euforizantes, entorpecentes e psicodélicos atendem angústias, timidez, curiosidade e, fantasias de bem-aventurança, heroísmo, renascimento e aniquilamento. A hostilidade pode gerar sentimentos de culpa e de expiação. As contradições familiares e sociais levam o adolescente a soluções regressivas, no sentido do deslocamento da dependência oral pelas drogas. Há jovens que, no devaneio da embriaguez, na "viagem", chegam a níveis de misticismo que expressam retorno à proteção infantil.

Grandes tóxicos, como álcool, ópio e derivados, morfina e heroína, e cocaína deixam dependência física e psíquica e são usados individualmente ou em pequenos grupos, enquanto os pequenos tóxicos são tomados em grupos geralmente maiores e deixam apenas dependência psíquica. Não se têm valorizado suficientemente os malefícios pessoais e sociais do álcool que compromete grave e irreversivelmente o organismo humano, desagrega famílias, perturba o trabalho e rebaixa a sociedade. O alcoolismo é uma decorrência de diferentes desequilíbrios da personalidade, não sendo transmitido por herança. Em famílias de alcoolistas opera o fator ambiental, o exemplo da maneira de fugir aos conflitos interiores. Os aditos de tóxicos menores, os drogados, são também enfermos emocionais ou mentais que buscam compensação para angústias ou fantasias que traduzem falta de autenticidade.

Na família, na escola, no trabalho e na comunidade, há adultos intolerantes, falsos, mesquinhos e aborrecidos. A sociedade condena tudo que foge aos seus moldes convencionais, sobretudo a irreverência, o destemor e a agressividade dos jovens e eles interpretam esta atitude como rechaçante, decidindo por dois rumos: o afastamento ou a rebeldia.

James Masterson, da Cornell University, estudando a relação entre a crise da adolescência e a enfermidade psíquica, reconhece a dificuldade, em alguns casos, de estabelecer a normalidade e a doença. Não acredita que os portadores de distúrbios sérios possam superá-los sem ajuda do especialista. Com o correr do tempo manifestarão sintomas de desordem mental, refletida no desempenho do estudo, do trabalho e da vida social. Recomenda nos colégios, a separação de enfermos e normais e condena a esperança vã dos que confiam serem os distúrbios psíquicos maiores, apenas fenômenos críticos que cedem com o tempo. Existem casos de sintomatologia transitória, relacionada com o crescimento; instáveis passando de uma categoria para outra; quadros mentais mal definidos e síndromes francamente patológicos. Os sociópatas devem ser observados e tratados, quando as reações forem alarmantes ou duradouras. A discutível transitoriedade das sociopatias juvenis merece ser considerada com mais cautela, depois dos estudos de Masterson e Gralnick.

Neuróticos e psicóticos, psicopatas e sociopatas serão submetidos a tratamento psiquiátrico com a possível brevidade. Psicoterapia de inspiração analítica, agindo no sentido do apoio e da orientação, mas em moldes especiais, tateando ajuste, flexibilidade, parcialidade e possibilidades do terapeuta funcionar como pai substituto. Nos portadores de doenças mentais graves, psicóticos, é indispensável o emprego de psicofármacos, bem como o uso de técnicas sociais, como trabalhos manuais e recreação. A hospitalização, em alguns casos, é necessária, chegando-se se à prática de tratamentos biológicos. O eletrochoque, com anestesia prévia, controlado por anesthesiologista, pode dissipar com brevidade certos surtos psicóticos. Em qualquer dessas circunstâncias, far-se-á estudo da família, do meio escolar e do local de trabalho, dando-se a assistência ou a orientação que se tornarem necessárias.

Bandos Juvenis

Rapazes que se associam para distrair-se em comum não constituem bandos. Reúnem-se para trocar idéias, ir ao cinema, reuniões dançantes, boates, jogos e boêmias inofensivas. Pais preocupados com as andanças noturnas dos filhos saem à rua para investigar e ficam surpreendidos com o que fazem: conversas animadas em lanchonetes, sessões contínuas de cinema e colóquios demorados nas esquinas. Se dispõem de automóvel ou monociclo, giram procurando amigos, garotas e outros divertimentos. Se praticam esportes, encontram derivação salutar para o corpo e para a mente, no exercício físico e no companheirismo. Fumam e bebem álcool menos do que outrora, porque desejam manter a forma física e não necessitam destes tóxicos para afirmar masculinidade. Jovens desencantados do lar que também não conseguem se ajustar em ambientes sociais, logram nos grupos de rapazes compreensão, calor humano, cooperação e segurança.

O bando anti-social surge de modo ocasional. Adolescentes frustrados em casa, estudantes com pouco interesse intelectual, empregados aborrecidos com trabalho enfadonho, começam a perambular pelas ruas e freqüentar bares e casas de diversão. Fazem companheiros de vadiagem. Marcam encontros em praças, terrenos baldios ou peças desocupadas de uma casa. Chegam outros jovens e o grupo cresce. Um líder impõe-se e as funções são distribuídas. No começo, organizam reuniões para palestrar, ir ao cinema, beber, divertir-se com raparigas e passear.

a quociente intelectual dos teen agers varia num bando, pois, ao lado dos dotados de inteligência comum, figuram retardados e mesmo superdotados. Esta diversidade serve para estruturar a hierarquia. A liderança, porém, não cabe ao mais inteligente e sim ao mais forte ou mais audaz ou mais astuto. Além dos rapazes que vivem as reações de transição da idade, encontram-se neuróticos, psicóticos e sociopatas delinqüentes. Sucede uma oportunidade para uma aventura arriscada; ficam empolgados e tramam uma façanha que, fatalmente, irá perturbar a quietude de uma rua ou um quarteirão. Há protestos dos adultos que os incitarão a um empreendimento de maior envergadura: roubo, agressão a um desafeto, ataque a uma mulher, depredações. Está aberto o caminho para as ações violentas, anti-sociais. Se o bando provoca rapazes de outras zonas, estes procuram agrupar-se para efeito de proteção ou ataque. Há escaramuças. A polícia intervém e a imprensa propala a notícia. Vem o gosto pelas proezas, nas quais os sentimentos de culpa se diluem no todo e cada um tem a força da totalidade do grupo.

Imitam heróis do cinema. Dão nome significativo e pitoresco ao bando e alcunhas expressivas aos seus integrantes. Um rapaz que tratei era conhecido como "Arpão", porque tinha sempre, à mão, uma seringa para uso próprio e dos companheiros. Na falta de drogas mais ativas, injetam nas veias diferentes medicamentos líquidos, e sólidos pulverizados suspensos em água, como álcool retificado, elixir paregórico, cafiaspirina e barbitúricos. Adotam vestuário e adereços extravagantes e chegam a usar emblemas que ostentam com orgulho. Usam palavras da gíria e possuem um código secreto para as comunicações de reconhecimento noturno, de reunião do bando e de perigo iminente. Normas de conduta são seguidas a rigor: não tomar a amiga abandonada por um companheiro, praticar uma ação arriscada para entrar no grupo, não sair a rua com os pais. Um bando organizado tem um lugar adequado para as reuniões:

construção abandonada, garagem, sala de um bar, parada de ônibus ou jardim pouco freqüentado.

Estabelecem um tribunal severo para julgar os faltosos e promover o respeito as regras vigentes. Fazem ameaças, através de cartas anônimas

Ou marca das com o emblema. Planejam assaltos e atos de represália. Exibem troféus roubados de automóveis, casas de negócio, pessoas estranhas e familiares e depositam o espólio para ser dividido ou vendido. O chefe mantém a ordem do bando que fervilha de sentimentos de admiração e amizade e, também, de inveja e rivalidade. As ações anti-sociais dos transviados implicam, invariavelmente, em exibição de força ou desafio à sociedade.

Entre os povos latinos, onde vigora ainda um tímido regime patriarcal, os jovens anti-sociais, menos vezes, chegam às violências das hordas germânicas e escandinavas e aos crimes das gangs dos jovens norte-americanos, ingleses e russos. Existem, todavia, bandos que procuram apenas divertimentos ruidosos ou façanhas com automóveis e "motocas", nas ruas, para provocar sensacionalismo público ou mobilizar a polícia do tráfego.

Juventude Atual

É sabido que nos períodos de grande transição cultural há contestações, agitações e movimentos reformadores. Os movimentos juvenis dos últimos decênios têm sido ora hostis, ora pacíficos. Batem-se por reformas de estruturas escolares, sociais e políticas. Em universidades, protestam por programas mais práticos e atualizados e que contem com a participação dos alunos. Nos Estados Unidos, uma imprensa subterrânea age intensamente com editoriais inflamáveis, destacando os desmandos de instituições consideradas obsoletas e onipotentes. Combatem discriminações raciais, políticas e religiosas. Protestam contra as guerras e conclamam os jovens a não atender o recrutamento para o extermínio, por razões que eles rejeitam como irracionais. Se vivemos numa aldeia global, onde as comunicações varrem as fronteiras, por que matar nossos semelhantes, com os quais estamos irmanados pela proximidade? E o conceito do patriotismo fica diluído ou anulado.

Os amorosos e pacíficos hippies, os Filhos da Flor, os Filhos de Cristo, os peacenicks e tantos outros que vivem beatificamente em comunidades primitivas, procuram aproximação fraternal com todos e pregam liberdade, paz e amor. Fizeram livre escolha de um bucólico estilo de vida e também aberta renúncia da sociedade industrial sofisticada. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, nos seus trinta artigos, parece ter buscado inspiração na vida desses mansos jovens.

Na realidade, a maioria dos adolescentes está ajustada na família, na escola, no trabalho e na sociedade e traz problemas menores do que os adultos, fazedores de guerra, filicidas, no dizer indignado de Arnaldo Rascovsky. Que os jovens protestam com o corpo, usando cabelo comprido, roupas extravagantes e adereços pitorescos! Estão na deles. Não significa regressão, pois continuam em formação, amadurecendo e desenvolvendo. Toda cultura encerra subculturas e a juventude tem as suas. Não podemos julgá-los pelos padrões de adultos. Ademais, a evolução da indumentária humana é um dos capítulos mais curiosos

da história da imaginação do homem. E os costureiros têm sido altamente considerados por suas criações, pela sociedade de todos os tempos. Mas a responsável idade adulta, do mundo civilizado, perde todo crédito, quando pretende regenerar os jovens com sermões moralizadores e literatura de bombom de licor que louva virtudes e espera angelicamente ensinar como alcança-las.

A violência, a guerra, os compromissos não assumidos, as traições, a hipocrisia e o descaso com os desajustados são exemplos contraditórios que os adultos dão diariamente com total desfaçatez. E por que os jovens que estão sendo educados devem aceitar todas estas iniquidades?

Eles também sentem, raciocinam e concebem ideologias próprias que podem parecer regressivas, mas trazem a marca de protestos construtivos e honestos.

Função da Saúde Mental

A Saúde Mental tem como objetivo não somente o estudo do homem e o alívio de sua angústia, mas também o seu aperfeiçoamento e sua integração na sociedade. Esta disciplina dá ênfase especial ao zelo que se deve dispensar ao ser humano, nos primeiros estágios da vida.

É pouco humanitária, aparentemente, a atitude da Sociologia em face da adolescência e dos seus problemas. Ela indaga: que potencial a juventude representa para a sociedade? Como integrá-la em benefício da comunidade? A sociedade desaprova o comportamento impróprio do jovem, porque ele quebra seus padrões culturais, porém a sociologia recomenda medidas que procurem remediar ou sanar o mal. Nas sociedades estáticas, onde dominam moldes emocionais, o jovem não traz maiores conflitos, porque as normas familiares e sociais se confundem.

De outro lado, o culto dos ancestrais exige do menor uma submissão que é condição sine qua para atingir a fase áurea da maturidade. Em sociedades dinâmicas, como a em que vivemos a velhice e mesmo a maturidade são inferiorizadas. A infância, em compensação, é incensada, pois nossa cultura criou o mito da criança. Reagimos ao cego respeito à autoridade patriarcal, do passado, com uma liberalidade desmedida.

Condenamos o velho e damos liberdade excessiva à criança que não sabe usá-la, pois necessita orientação. Afastamos uma tradição de experiências valiosas, para abraçar concepções materialistas. Não tivemos a capacidade e a serenidade de integrar, aos valores reais de outrora, as grandes conquistas da atualidade. Estamos agindo mais passionalmente do que racionalmente. E, hoje, sofrem a família e a sociedade, em nome do modernismo científico e da errônea conceituação da liberdade. Deixamos a criança viver instintivamente para preservar sua capacidade para preservar sua espontaneidade e não frustra-la, esquecendo que o ser humano, na comunidade, deve receber educação para refrear os instintos e adquirir valores culturais. É o que se chama civilização.

A criança tem instintos que mal a protegem, pois não pode sobreviver sem a ajuda do adulto, que a inicia no aprendizado e a prepara na arte de viver. As duas fontes da moral tanto a inconsciente como a consciente, surgem no curso da existência; a ética é uma aquisição cultural que deve ser preservada para nossa sobrevivência e nosso convívio pacífico. O homem civilizado que atravessou a

infância como um selvagem, inicia sua socialização na escola onde, abafando impulsos instintivos, passa a encontrar gratificação na vida gregária e nos conhecimentos intelectuais. Na adolescência, com o recrudescimento dos desejos sexuais e agressivos e com os anseios de autonomia, começa a distanciar-se do lar, ensaiando o ingresso na sociedade. Está entre dois mundos, o das crianças e o dos adultos, conservadores, "quadrados". Considerando a inquietude da transição e as qualidades positivas, cabe à sociedade estudar a melhor maneira de integrar a reserva juvenil. Uma juventude, convenientemente assistida, pode ser encarada como um recurso para a revitalização da comunidade.

E obrigação da sociedade combater as causas de perturbação da personalidade para atenuar a delinqüência. Esta instalada, restam os recursos onerosos e nem sempre disponíveis da psicoterapia, das técnicas sociais, do afastamento do lar, dos centros de semiliberdade e das instituições fechadas. Governos e comunidades não têm tomando consciência da importância que se deve atribuir à Saúde Mental. Planeja-se, organiza-se e executa-se no campo da saúde física, porém pouco se faz no terreno da higiene psíquica. Há um bafejo de esperança, no País, com o movimento educacional renovador das escolas primárias que, aproveitando a contribuição da psicologia infantil e das ciências sociais, vêm cooperando decididamente numa educação em plano mais elevado, pois visa a alunos, mestres e pais. E de lamentar que não se recorra, com mais freqüência, à prestimosa ajuda da assistente social. Noutros setores, é talo descanso da política educacional e o conservantismo que nos lembra vivermos numa sociedade estática. Os métodos de ensino atualizados e aplicados à totalidade dos menores seriam de grande utilidade para o Governo, porque as massas populares não educadas, atualmente, são mais perigosas do que as esclarecidas. Diz Allport: "A criança, comparada a padrões reservados a adultos, é um mostrengo anti-social; somente com a aprendizagem irá cedendo às inclinações pessoais e admitindo sentimentos referentes aos outros".

Repito ser necessário dar à criança e ao adolescente suficiente formação para que tenham um ponto de partida em direção a um estilo de vida produtivo. Caso contrário, o menor sentirá dependência mórbida e terá pouca capacidade de suportar frustrações. Cabe aos pais e aos educadores o dever de instruir-se no conhecimento dos fatores psicológicos e sociais que proporcionam o bom desenvolvimento da personalidade, pois são eles os autênticos mestres da vida.

CAPÍTULO 9

O HOMEM ADULTO

Ao completar o crescimento, presume-se que o homem tenha atingido a maturidade, mas pela dependência de fatores genéticos e ambientais, torna-se difícil precisar o início da idade adulta. Admite-se biologicamente, que é mais tardia para o homem do que para a mulher. As pessoas mostram diferença no crescimento, embora tenham genitores comuns, porque a permuta de cromossomas, no acasalamento proporciona inúmeras combinações que estabelecem as características individuais genóticas. Em milhões de anos, no entanto, a natureza humana não alterou, por serem raras as mutações. Mas a ação das múltiplas e constantes influências do mundo exterior trará dessemelhanças, em escala ilimitada, pois a evolução cultural sobrepuja largamente, em velocidade e amplitude, a lenta evolução biológica. Nos últimos decênios, o ser humano aumentou de porte, amadureceu sexualmente mais cedo, alargou os horizontes intelectuais e impulsionou especularmente a criatividade. Adquiriu maior capacidade física e intelectual, porém emocionalmente, tornou-se mais vulnerável. Fatores ambientais vêm acelerando seu crescimento e desenvolvimento.

Prevenção e extermínio de infecções e infestações, alimentação mais equilibrada, maior exposição do corpo, respeito à espontaneidade pessoal, férias salutaras no mar, na serra e no campo, abandono de velhos e nocivos preconceitos, franqueza no relacionamento familiar, difusão de atividades esportivas e uma avalanche de informações que jorram dos modernos meios de comunicação, trouxeram uma existência de maior abertura, mais ampla liberdade individual e mais apressado ritmo de vida.

Com todos esses progressos, todavia, as maturidades emocional e social estão sendo alcançadas com maior dificuldade. A saúde mental do homem e de algumas sociedades vem declinando: há mais conflitos afetivos individuais e mais sintomas de doença social que se traduzem por aumento do suicídio, do alcoolismo e drogas, da prostituição, da delinquência e do crime.

Tantas são as facetas da personalidade que não se fala em termos da maturidade e sim, de maturidades. Aos 21 anos, do ponto de vista legal, a pessoa humana atinge a maioridade e está habilitada para os atos da vida civil. Fica, pois, responsável e capaz diante da lei, por ser adulto, porém os critérios biológico e legal não são suficientes para a conceituação adequada. O homem, em geral, avalia a maturidade dos seus semelhantes em função do bom senso, do equilíbrio emocional e das responsabilidades familiar, profissional e social.

Surge um problema. Ser adulto, ser maduro, significa ser normal?

Não, a normalidade é, tampouco apanágio da idade adulta, como da maturidade. Via de regra, há normalidade em todas as etapas da vida e há normalidade em pessoas adultas, responsáveis, mas com imaturidade de alguns aspectos da personalidade, não considerados imprescindíveis ao comportamento psicossocial correto. Cada ser humano tem sua individualidade e seus traços peculiares que emprestam a marca, a identidade, à própria

a pessoa. Esses traços poderão trazer desvios originais, em diversos sentidos, e serão considerados normais, desde que não perturbem o bem-estar dos outros. O artista e o cientista percebem os seres e a natureza de ângulos diversos e assumem atitudes que são estranhas para o homem comum. Este, por sua vez, tem também suas peculiaridades, menos discrepantes, porque aceita o estilo de vida estandardizado pela cultura de massa.

Filósofos, psicólogos e psiquiatras usam, com freqüência, uma linguagem complicada para estabelecer as características do adulto e estendem-se em longas considerações para justificar o acerto da própria argumentação e, solenemente, dizer que o homem, ao chegar à idade adulta, deve manifestar determinadas qualidades. Felizmente, alguns autores, menos exigentes, concluem que uma série de requisitos são suficientes para se estabelecer um critério ajustável à volubilidade humana. Perguntaram a Freud o que se deveria esperar de uma pessoa adulta e ele respondeu, com simplicidade: "Amar e trabalhar". É uma bela definição, pois quem ama plenamente e trabalha produtivamente tem um ego bem estruturado para refrear impulsos instintivo-afetivos, aplacar protestos da consciência moral e ajustar-se à realidade exterior. Chega-se, assim, a um requisito relevante da idade adulta: o ego, configuração psicossocial, do qual o "eu" é sua resultante consciente, alcança o estágio de equilíbrio e da integração que lhe foi proporcionado, vivenciando satisfações que o alimentaram e frustrações debilitantes que aprendeu a suportar. Sendo forte, sentir-se-á seguro e respeitará a realidade social, tendo capacidade de agir nos campos significativos da vida. Manterá bom relacionamento interpessoal e guardará momentos para si mesmo, pois necessita de sociabilidade e de intimidade: a primeira atende exigências de expansão e comunicação, e a segunda, de repouso e preservação da integridade.

O homem que possui um ego sadio, destaca a realidade da fantasia e firma um pensamento lógico que lhe confere bom senso. Desejos e fantasias não o abandonam e agem como estimulantes para aspirações, planos e realizações que o levam à transcendência. Se recebeu bastante amor e aprendeu a manejá-lo, tem também capacidade de amar os outros. Estabelece, com oscilações, equilíbrio entre o receber e o dar, podendo chegar à renúncia, numa atitude de doação de si mesmo. A estabilidade emocional foi conquistada através de uma longa luta contra pulsões, vetos da moral e exigências do meio social. Os jogos obedecem à necessidade de recreação: fazer humor, cantar, dançar, ouvir música, cultivar artes e artesanato, praticar esportes e deleitar-se no convívio grupal! Dando unidade a todas estas funções, terá formulado um estilo de viver. É responsável e sente compromissos com os que ama, respeitando a dignidade dos que lhe são estranhos, pois projeta os próprios sentimentos nos seres que o cercam.

Está condicionado automaticamente e inconscientemente a um determinismo fisiopsíquico, influenciado pelo aprendizado, que encontrará obstáculos, se for repellido pelas funções superiores da mente, mas totalmente detido se a vontade se opuser. Forças interiores nos impelem, porém sentimos o poder e a liberdade de deliberar e de agir. O filósofo Paul Tillich diz que o homem se torna realmente humano, quando toma uma decisão.

Biologistas põem em dúvida se o livre arbítrio seria exclusivo do homem. George Wald, da Universidade de Harvard e o belga Comeille Heymans, detentor do

premio Nobel, afirmam que sob técnicas experimentais, cuidadosamente planejadas, controle de máxima precisão e ótimas condições de trabalho laboratorial, os animais se comportam de modo exasperantemente imprevisível.

A personalidade adulta gozará, pois, de autonomia, bom senso, sensibilidade, capacidade de trabalho e sociabilidade, em quantidades variáveis para cada indivíduo, mas suficientes para que o consenso geral possa aceitá-la como elemento ajustado ao variado e exigente mosaico social. Tendo consciência da morte, tenta perscrutar o futuro e toma medidas de segurança com relação a si mesma e àqueles que lhes são caros. Procura viver o presente com liberdade, amor, trabalho e lazer, recordando, de quando em vez, alegrias e tristezas do passado e pontilhando o futuro de pequenas apreensões.

Cogitou-se de características do homem adulto e critérios de normalidade e maturidade, aceitando como responsabilidades básicas o interesse pelo trabalho, pela família e pela sociedade. Cada responsabilidade é expressão de uma maturidade. Poderá, no entanto, exibir qualidades e falhas no desenvolvimento de outros aspectos da personalidade, que traduzirão maturidades específicas e imaturidades.

O Trabalho Humano

A disposição ac.trabalho não obedece simplesmente à necessidade de expandir energia vital, ao modo dos jogos infantis e tampouco por prazer, dionísico, como admite o pensador francês Fourier. O princípio do prazer tem aceitação universal e o da realidade aceitação particular, pois o primeiro traz satisfações e o segundo, não raro, frustrações. E o trabalho nem sempre é agradável. É uma realidade boa ou má que tem de ser enfrentada. Dá vazão à energia vital, assegura a sobrevivência, expressa anseios criativos, reforça a afirmação pessoal e dá garantias à família. Encontra motivação em fontes diversas: biológica, psicológica, social e filosófica. Numa direção teleológica. induz a realizações ambicionadas, emprestando rico significado à existência e conferindo equilíbrio emocional.

É condição importante que o trabalho seja do agrado de quem o produz, pois surgem dificuldades, se não atender a inclinação do indivíduo, como ocorre quando se submete, ocasionalmente, a qualquer tarefa, por premente necessidade, por despreparo de um ofício, por situação geográfica desfavorável ou por incapacidade de ajustamento a uma atividade sistemática.

Nas populações agrícolas e pastoris, de famílias numerosas, o trabalho tradicional era aceito sem protestos, porque as aspirações modestas visavam sobretudo a atender a sobrevivência. Mas, apenas iniciam a instrução escolar e sentem o fascínio das cidades, passam a desejar um melhor padrão de vida. E os meios de comunicação tudo informam sobre as doçuras da sociedade industrial, confortável e sofisticada, onde a produção de consumo cobre tanto necessidades, como superfluidades agradáveis. É verdade que o trabalhador rural está sendo atendido pela previdência social, mas diminuirá o êxodo para as cidades somente quando houver mais conforto, saúde, riqueza e divertimento.

Em Brasília, conversando com operários, granjeiros, vendedores, motoristas, garçons e funcionários públicos humildes vindos de estados pobres, não foi surpresa ouvir que eram felizes, pois ganhavam satisfatoriamente, residiam em

casas de baixo aluguel, podiam educar os filhos e havia assistência médica, Brasília, contudo, na sua grandiosidade fararônica, é, ainda, uma cidade desumana, mais adequada a automóveis velozes do que a pedestres que atravessam avenidas estradas, ansiosos e correndo, que preenchem o Jazer, assistindo a televisão, em caixões de cimento coletivos. Os potentados que vivem em mansões luxuosas, não parecem tão bem adaptados, pois procuram recreação nas freqüentes viagens que fazem a cidades mais alegres. Planejando Brasília, os arquitetos relegaram o homem a um plano secundário. Estão remediando os males, mas haverá real saneamento, quando se dispuserem a humanizar o Distrito Federal. A Capital, todavia, é um exemplo raro de como gente pobre, em vez de marginalizar, elevou-se econômica e socialmente.

A urbanização leva o desconforto, a fome e a doença as camadas baixas que vêm da zona rural e não têm habilidade para as tarefas da cidade que exigem operários especializados. Se conseguem trabalho, e temporário e com salário mínimo. O convívio dos familiares em favelas, por vezes refúgio de deliçuentes, rebaixa moralmente crianças e adultos. Nessa condição de aviltamento, brota a frustração e a revolta contra a sociedade e o Estado. Esperam, com ressentimento, ajuda de governos paternalistas que distribuíssem, utopicamente, a riqueza, de modo igual entre todos. As ideologias desagregadoras são pregadas por poucos idealistas apaixonados e muitos desajustados que detestam o trabalho. Maldizem os empregadores e, ao conseguirem uma ocupação, suspeitam que exigem demais. Se adoecem, as benéficas leis trabalhistas que coibiram abusos do passado, transformam-se em armas reivindicadoras, de direitos supostamente negados. Nos consultórios e ambulatórios dos órgãos previdenciários são incontentáveis; exigem novos exames, consultas com diferentes especialistas, assumindo atitudes paranóides, ao valorizar excessivamente pequenos acidentes profissionais.

Com a elevação do nível cultural, trazendo o legítimo desejo de um padrão de vida mais confortável e maior responsabilidade no trabalho, poderá suceder que os desfavorecidos cooperem com os empregadores e assumam atitude menos hostil e mais construtiva. E cena comum, verem-se, à noite, jovens e adultos que exercem modestos trabalhos, sobraçando livros ao entrar e sair de cursos noturnos.

Comerciantes, artesãos, funcionários públicos, militares e profissionais liberais, da classe média, costumam agir com responsabilidade no trabalho, conformando-se com a existência e aguardando promoções, gratificações ou um bafejo de sorte. Encontram divertimento em espetáculos esportivos, televisão, rádio, cinema, fins de semana motorizados e férias regulares.

Homens de negócio abastados, profissionais liberais de nomeada, altas patentes militares e políticos de projeção são os mais operosos, e tentam ganhar melhor posição econômica e prestígio social. Constituem a elite do País e procuram recreação em rodas sociais finas, festividades, esportes dispendiosos e viagens, mas são os que não medem horas de trabalho. Permanecem menos tempo junto da família e dão menor assistência à mulher e aos filhos, o que facilita a desunião no lar. Se, na classe baixa, a pobreza e a promiscuidade não permitem um nível moral desejável, nas altas camadas sociais o rebaixamento moral pode ocorrer por esfriamento familiar.

Nas empresas, o trabalho será frustrador, se o operário tiver pouca habilidade ou falhas da personalidade que lhe diminuam o rendimento e o prestígio. Haverá, então, agressividade, indiferença ou busca de compensação noutras atividades. A posição do trabalhador, na empresa, é importante para sua auto-estima: um empregado, não apreciado pelo chefe, pode estar realizando excelente trabalho que não é valorizado, enquanto outro, com produção inferior, é elogiado. Todo homem normal tem uma concepção de liberdade individual, e as empresas procuram submeter os empregados aos seus objetivos, sem a menor consideração pelos sentimentos deles. Tensões seriam aliviadas e solucionadas, mediante reuniões de grupo, com a participação de empregadores e empregados. Embora o esforço físico e as horas de trabalho tenham diminuído, há insatisfação e conflito, porque o operário considera justa a melhoria do salário, quando a empresa está prosperando.

A progressiva especialização do trabalho trouxe fragmentação em tarefas repetitivas que tiram a espontaneidade do operário, gerando monotonia e submissão, particularmente na produção em série. Chefes de seção, nos níveis intermediários da organização, têm pouca autonomia, por estarem subordinados a diferentes departamentos que impõe normas e diminuem a autoridade. O relacionamento pessoal fica reduzido, porque sistemas burocráticos substituem contatos humanos, com detalhados planos de trabalho, boletins informativos e estatísticas. O indivíduo sente-se perdido num aglomerado estranho, onde todo interesse se restringe à produção. Máquinas e técnicas são constantemente substituídas, exigindo novos processos de trabalho que despertam insegurança.

Que as empresas mantenham atitude competitiva por relação às outras é aceitável, mas conservar este espírito dentro da organização é prejudicial. Melhorariam o rendimento e evitariam dissídios, se admitissem boas relações com os operários. A organização científica do trabalho considera a habilidade e a sensibilidade do ser humano: visando ao objetivo da empresa. E, neste sentido, os executivos deveriam ser esclarecidos e treinados. Psicólogos estabelecem programas de treinamento, seleção, relacionamento, integração e produção, através do departamento do pessoal que orienta, corrige e estimula. Empresas que dispõem de psicólogos especializados comprovam que a responsabilidade social dos diretores proporciona responsabilidade na execução do trabalho dos operários.

Não têm sido feitas pesquisas suficientes sobre o trabalho do doméstico, de duração imprevisível, de atribuições múltiplas e bastante árduo nas famílias numerosas. Daric, em estudo estatístico, adianta que, o maior número de horas de trabalho produzido, na França, é o doméstico. A mulher pode, hoje, contar com aparelhos eletrodomésticos, serviços coletivizados de lanchonetes e lavanderias, que simplificam o trabalho, mas terá compromissos com os filhos, o marido e a administração da casa. Se dispõe de auxiliares, terá de orientá-las e participar de tarefas que exijam cuidado especial. Pesquisas feitas pelo Institut National d'Études Démographiques, em 1958, apuraram que uma dona, de casa, com três filhos, trabalha 70 horas por semana. O trabalho profissional não pode ser comparado com o doméstico, porquanto o primeiro tem duração determinada e o segundo é limitado, pois depende não só da disposição e da habilidade da dona de casa, como dos imprevistos que surgem numa família. Apenas quando os filhos

crecem, diminuem as horas de trabalho, dedicando-se a ocupações estranhas ao lar ou a mais horas de lazer.

Frustrações profissionais abalam a estabilidade emocional, enquanto satisfações constituem elemento favorável para a integridade mental, desde que o trabalho não tome a forma obsessivo-compulsiva verificada em algumas pessoas. Esta manifestação refletirá em prejuízo para a família e para o indivíduo.

Geralmente, o psiquiatra ou o psicólogo, ao investigar o passado do trabalhador, considera o conflito do trabalho como uma conseqüência de um desajustamento anterior e mais profundo que remonta a infância, pois, ao começar a atividade profissional, seus mecanismos de adaptação já estão formados. As reações típicas de protesto, em fase da responsabilidade e da autoridade, decorrem de traços da personalidade mal estruturada. O trabalho, contudo, atende necessidades específicas e apresenta também problemas específicos, daí a adequação da tarefa a realizar. Dentro e fora do trabalho, a personalidade tem suas características e o desajuste ocorrerá, se o trabalhador não tiver inclinação para a função que exercer ou se houver condição psiquicamente traumatizante. Instalam-se então, neuroses profissionais específicas.

Conquanto fator de equilíbrio na vida do homem, o trabalho encerra dois elementos contraditórios no seu exercício, liberdade e coação, pois toda atividade que decorre do trabalho implica em obrigações, limitações e imposições: obrigação econômica e coação institucional. Se há ajustamento do indivíduo, o trabalho é benfazejo, se há obrigação ou coação, manifestam-se frustração e sentimento de perda de liberdade. Trabalhando, o homem descarrega impulsos narcisistas, agressivos e eróticos, mas alcança também sublimações, se esta encontrando prazer. O trabalho dá prestígio dentro da família e da sociedade, pois oferece segurança, autoridade, paz e participação, além de constituir atividade universal, indispensável à dignidade humana.

O desemprego e a privação do trabalho, em geral, afetam seriamente um apreciável número de indivíduos que entram em ansiedade. Depois de uma fase de procura e expectativa de qualquer trabalho, sentem-se incapazes e perdem a auto-estima, chegando a formas sérias de depressão.

Casamento, Amor e Sexo

Ocorrência natural na idade adulta é o casamento. Tanto o homem como a mulher, nesta etapa, cogitam de uma companhia permanente de pessoa do outro sexo. Já não basta o afeto recebido no ambiente doméstico, para tal: ambos desejam amor mais específico, mais possessivo, numa exigência de complementação da personalidade. Não visam a resolver, apenas o problema sexual, mas sobretudo o afetivo, porquanto o amor e a necessidade vital preponderante.

O matrimônio, por sua estreita relação com a família tem bases comuns, biológica, afetiva, sócio-econômica, legal e religiosa. Mas o acasalamento não, é uma instituição exclusivamente humana, pois é encontrada entre animais, e em algumas espécies tem caráter definitivo com uma particularidade invejável: "o macho e a fêmea são fiéis. Através do tempo, o casamento conheceu diferentes vicissitudes. A união do homem e da mulher, de início, sucedeu com raízes

biológicas afetivas e econômicas, pois o homem primitivo escolhia a companheira e a mantinha nos afazeres domésticos, enquanto se dedicava à busca de alimentos vestes e instrumentos de trabalho e proteção. O sentimento de propriedade do homem sobre a mulher aumentou com o nascimento dos filhos, de cuja paternidade se mostrava cioso. Houve exceção em culturas rudimentares ou matriarcais, quando não era conhecida a ação fecundante no ato sexual e quando a mulher governava a família e se permitia práticas sexuais, na ausência prolongada do marido. Em regimes patriarcais, em contrapartida, houve abusos, porque o pater familiae Imperava discricionariamente, tendo o direito de matar esposa e filhos que incorressem em faltas graves. Nesta altura, o casamento era legalizado e a disciplina familiar rígida e escravizante. O cristianismo conferindo igualdade ao homem e à mulher perante Deus, e pregando tolerância e amor, melhorou a condição de mulheres e crianças. Trouxe, no entanto, uma agravante: a infidelidade da mulher tornou-se crime contra o marido e contra Deus. Outra decorrência religiosa foi a indissolubilidade do casamento. Até então, o divórcio não era difícil.

Fatores relevantes no casamento são de ordem sentimental e sexual.

Homem e mulher unem-se em matrimônio, porque se amam, na maioria das vezes, em nossa cultura. Mas além do amor, deve haver afetuosidade, companheirismo, respeito e intimidade interior, no sentido de relacionamento franco, compreensivo e permissivo. Se o amor for cultivado com esses requisitos, trará uma camaradagem que dispensará um novo amor. O amor não comporta uma definição universal, por ser sentido diferentemente pelas pessoas. Dante vibrava com *vita nuova*, ao pensar em Beatriz, e Petrarca dizia que Laura rivolgeva il cuore. O amor romântico, cantado na Idade Média, considerava o objeto amado precioso, difícil de possuir e que se devia conquistar com lutas. E os homens daquele tempo tinham razão, pois o valor da mulher esta na dificuldade de alcançá-la. Conquista fácil é desprezada. Todo amor implica em sensualidade e espiritualidade que, ao florescer; deve ser cultivado com zelo, pois quando a sexualidade arrefecer, a espiritualidade terá aumentado com o bem-querer. Amor platônico é uma racionalização para encobrir o falso pudor, a negação de um impulso natural. Não encontra crédito no mundo atual. Surgiu, porém, seu antagonista aparente, o amor livre que é outra racionalização, cuja intenção é mascarar a liberdade sexual. É confundir grosseiramente amor e contato sexual; "fazer amor" significa ter relação, na linguagem popular. Esta viciosa identificação de um sentimento com um ato está propiciando um desencanto que tira o perfume do verdadeiro amor, cuja essência reside na ternura, na imaginação e na paixão.

O amor é o mais valioso sentimento humano. Encontra sua origem na fusão corporal e espiritual de dois seres, produzindo o milagre da chama vital, inesgotável e incomensurável, que abrange filhos, pais, irmãos, amigos e toda a espécie. Não deve ser desvirtuado, porque é a fonte da vida e princípio do prazer. Como fundamento primacial do casamento, exige do marido e da mulher, para sua conservação, que ambos admitam igualdade, liberdade individual, completa intimidade e aproximação de julgamentos de valor.

Mas dentro dos aspectos afetivo e sexual, comporta destaque especial o segundo, pois o ajustamento sexual é importante para que se estabeleça harmonia conjugal,

daí decorrendo a necessidade de aceitação mútua e de tolerância para com as diferenças individuais. Responsabilidades recíprocas serão exercidas, se marido e mulher, no curso da evolução pessoal, tiverem atingido desenvolvimento emocional e sexual suficientes. Elementos desejáveis na idade adulta e maturidades indispensáveis para o matrimônio. Deles resultará a felicidade dos cônjuges, o ambiente favorável para a criação dos filhos e a conseqüente harmonia familiar.

Na maioria das vezes, o homem teve larga experiência, e a mulher, pouca ou nenhuma prática sexual. Acontece que o intercurso genital humano exige iniciação, por não ser exclusivamente instintivo e ter um componente psíquico que reclama instrução. Nubentes inexperientes, castos, podem chegar à satisfação e ao orgasmo, mas desconhecem a importância do preparo da esposa para o ato, através, do toque das zonas erógenas. Muito é perdido num prazer natural e lícito. A sensibilidade feminina tem de ser despertada e alimentada, porque atinge o clímax demoradamente. Ginecologistas e psiquiatras ouvem, de mulheres, queixas de que são frígidas, pois não conseguem acompanhar o marido na relação, quando, na realidade, a falha esta na precipitação do companheiro. Ela termina por sentir desagrado ante a atitude do parceiro que a usa num gesto egoísta de desafogo, logo se apartando e dando-lhe as costas, para dormir saciado e tranqüilo. Há mulheres, que sentem o ato sexual como uma função animalesca, de prazer discutível, pois termina por uma desagradável impressão de lambuzamento molhado e viscoso.

E surpreendente o número de casais que ignora a importância dos carinhos preparatórios. O beijo, a excitação dos mamilos e do clitóris, o palpar da superfície do corpo, as variações de posição e outros requintes, constituem preparação agradável para ambos. O homem, tendo a sexualidade mais fortemente polarizada nos órgãos genitais e, em particular na extremidade do pênis, aprecia que a mulher o toque, e também o procure, não permanecendo como uma marionete inerte.

Antigos preconceitos religiosos penetraram de tal modo a cultura judaico-cristã, partindo da falsa premissa de que sexo e ato sexual são feios e pecaminosos, que persistiram até há pouco. Que se lembre. o Velho Testamento, onde a mulher era considerada um poço de lubricidade, no qual caía o inocente e incauto homem. Ardil para tê-la submissa e encerrada em casa.

Se um homem e uma mulher vivem na intimidade do matrimônio e chegam ao relacionamento máximo do contato sexual, não há motivo para recato ou pudor, pois trata-se de ação privada, entre duas pessoas vinculadas, e não de exibição pública. Haverá espontaneidade, franca entrega e mútuo entendimento. A inibição corre por conta de prejuízos adquiridos na infância e na juventude, assoalhados pela família e pela sociedade.

Vem a propósito discutir um aspecto controvertido por diferentes autores, entre os quais alguns dão um rumo de permissividade anômala a certas práticas sexuais. Não há necessidade de invocar razões biológicas, psicológicas ou filosóficas, pois o bom senso, que anda de mãos dadas com a Natureza, indica o que é certo. A felação e o cunnilingus, respectivamente, chupar o pênis e chupar o clitóris, bem como o coito anal, são

aberrações. A boca tem funções naturais de tomar alimentos e de beijar, e o ânus de eliminar resíduos alimentares. Utilizar estas estruturas anatômicas com outras finalidades não é natural e, portanto, desvio da normalidade. '

Discorrendo sobre masculinidade e feminilidade, abordou-se o ajustamento sexual e a necessidade de educação específica. Cursos de preparação pré-nupciais são insuficientes, porque chegam tarde, quando homem e mulher já atravessaram as etapas mais significativas do desenvolvimento. Se a formação foi defeituosa, o esclarecimento fornecido pelo curso não removerá escrúpulos, sentimentos desvirtuados e tampouco concepções errôneas. Os mecanismos psicológicos de defesa continuarão os mesmos. E de se cogitar da educação emocional, da qual faz parte a instrução psicosssexual, desde a escola primária, ao lado das disciplinas convencionais.

Engajamento Social

O zelo empregado na educação do ser humano, tanto no lar como na escola, visam, não somente, a resguardá-lo para que se torne um indivíduo física e mentalmente sadio, mas também para que se ajuste à organização social, respeitando convenções que se propõem trazer o bem estar geral e dignificando a instituição, à qual se incorpora, atraído por um sentimento universal de solidariedade. A conduta adequada e cordial, no meio social, é a maturidade mais apreciada por alimentar a esperança de paz entre os homens.

Está ocorrendo, atualmente, uma evasão dos integrantes do núcleo familiar para a comunidade. O enfraquecimento da autoridade paterna, o aumento da liberdade individual e o entretenimento fácil encontrado fora de casa, enfraqueceram a coesão da família. As grêmios sociais, esportivos e culturais constituem motivação para muitas pessoas se afastarem do lar. Nas camadas baixa e alta, a fidelidade conjugal e a responsabilidade familiar diminuíram: na primeira, são mais valorizados os comportamentos primários de autoconservação, sexual e recreativo e, na segunda o sexual e recreativo, pois a riqueza proporciona pronto acesso aos prazeres. Estudos de psicólogos sociais norte-americanos comprovam ser o alegre convívio de casais, nas reuniões do high life, fator de desunião entre marido e mulher. Mais lazer e mais oportunidades de relacionamento interpessoal na rua, nos clubes, nas boates, nos veraneios nas excursões e nas festividades, não favorecem a quietude do lar.

O trabalho nas empresas, nas repartições públicas e nas universidades, onde homens e mulheres agem, lado a lado, ocasiona fácil aproximação afetiva e sexual, mormente agora que as mulheres, estando emancipadas, poderiam ficar diminuídas em não assumir iniciativas que têm sido privilégio dos homens. O ideal da feminista fanática é alcançar a condição da virago. Para ventura dos homens e garantia da perpetuação da espécie, a feminilidade ainda é a nota dominante da mulher.

Governo e Autoridade

Ao aproximar-se dos semelhantes para a vida gregária, o homem primitivo teve de admitir alguma forma de instituição para garantir o direito da propriedade. Estabeleceu regras que se constituíram em Sistemas políticos, dando origem a modalidades de governo que se propunham manter a ordem social e exercer autoridade sobre determinado território, o Estado. Surgiram direitos e obrigações, cujo respeito tornou-se necessário em sociedades consideradas organizadas.

A autoridade que dimana do Governo, pai simbólico, distante impessoal, arrefeceu, simplesmente, porque os moldes de obediência a autoridade paterna são fracos: consequência da incompreendida educação familiar que, temendo tolher a espontaneidade das crianças, não exerce disciplina suficiente para a adequada integração social. Raramente são reconhecidos os benefícios dispensados pelo Estado, porém são realçadas as falhas, e condenadas as atividades punitivas que procuram proteger a população.

Sentimentos patrióticos, oriundos da imagem materna, mãe-pátria, afora momentos críticos de passionalidade coletiva, tendem também a esfriar. Têm aumentado a fraternidade e a solidariedade, mercê de identificações com amigos e pessoas que sofrem, mas em detrimento do abstrato sentimento patriótico que não atende ao imediatismo do homem moderno. E a sensibilidade humana persiste, mas sujeita a mudanças de posição mais freqüentes, porque a maneira de existir sofreu alterações. Os sentimentos vêm sendo condicionados pelas exigências criadas e planejadas pela produção de consumo, de necessidades e diversões. A cultura de massa dirige idéias, emoções e instintos, através de variados mecanismos psicológicos que despertam novas imagens, mitos e símbolos.

Sentimentos elevados não constituem mercadoria de propaganda, porém os que estão mais aproximados dos afetos primários são percebidos com insistência e motivação pelos costumeiros meios de comunicação. Somente grupos, pequenas comunidades ou elites, encontram satisfação em cultivar valores estéticos, morais, políticos e religiosos.

Respeitar a autoridade do Estado não traduz dependência infantil, mas reconhecimento simples de uma realidade, de uma força integradora, que garanta não só, egoisticamente, a segurança individual, como também a coletiva. E isto constitui marca de maturidade, necessária ao homem adulto.

Crenças Religiosas

Os templos das religiões tradicionais estão esvaziando e os locais de reunião de crenças menores estão se difundindo e enchendo. E dizem que a espiritualidade diminuiu e o homem tornou-se materialista. Acontece que os credos não-tradicionais são imediatamente promissores de benefícios e contam com rituais misteriosos, pitorescos e sugestionáveis, tão ao sabor dos reclamos do homem prático e crédulo do nosso tempo. As crenças afro-índio-cristãs são de um sincretismo que satisfaz todas as esperanças, talo recurso de divindades específicas para aliviar cada tormento. E as sedativas seitas orientais, tão originais e suaves, afastam as atribulações da vida quotidiana e levam à mística da bem-aventurança celestial. Todas prometem felicidade, tolerância e redenção.

Consoante Carl Jung, a religião é uma atitude especial do espírito que implica na consideração e observância de certos fatores dinâmicos, concebidos como "potências": espíritos, deuses, demônios e crenças que se apresentam com suficiente poder, perigo ou utilidade, a ponto de inspirar veneração. Em acordo com Rudolf Otto, o "numinoso" é o objeto ou influxo de uma presença invisível que produz uma modificação no espírito ou uma existência ou um efeito dinâmico. O efeito numinoso é despertado por práticas mágicas, como a invocação, o encantamento, a meditação e o sacrifício. Embora reconhecendo o valor histórico e moral das religiões, Freud admite que elas sejam ilusões, neuroses obsessivas coletivas e que, individualmente, agem à maneira das neuroses obsessivas da criança, oriundas de situações edípicas não superadas. Na concepção freudiana, Deus é a figura paterna, onipotente e salvadora, e a Igreja, a imagem materna, acolhedora e amorosa.

Karl Marx, que punha os valores econômicos acima dos valores morais, gnoseológicos e estéticos, não se apercebeu que os primeiros constituem meios e os segundos visam a fins. Não podemos viver sem alimentos, porém estes não são diretamente responsáveis pelos nossos julgamentos de valor. Os últimos, função transcendente de nossa consciência, estão em plano mais elevado, o espiritual. Para Max Scheler, o espírito compreenderia, além da razão, a intuição de fenômenos primários ou essências e uma ordem de atos emocionais volitivos, como a bondade, o amor, o arrependimento, a veneração. Esta inversão de valores de Marx foi aceita por Lenine, quando qualificou a religião de vício, ópio do povo. São modos simplistas de explicar sentimentos complexos que encerram abstrações de alto significado histórico, social e individual.

Com o psitologismo em voga, dependência e regressão estão sendo conceituadas de maneira abusiva. Relacionamento pessoal, cooperação e convívio social subentendem dependência, porém aceitas como funções positivas. Sono, jogos do adulto e valores morais são fenômenos regressivos? Quis alertar sobre intromissões temerárias da psicologia, quando ela mesma prega a feição multidimensional da personalidade. Recomenda-se, para ter melhor conhecimento da natureza humana, atitude prudente de estudo interdisciplinar.

Ninguém terá vergonha de perceber valores espirituais não experimentados por outros. Faz parte de nossa liberdade individual conceber idéias e sentimentos ao nosso talento. O arbítrio de cada um é livre e soberano. Fora desta atitude, não haverá autenticidade e estará em perigo a nossa personalidade.

Lazer Atual

O Jazer moderno é uma conseqüência da organização do trabalho na Era Industrial. Trabalho em horas e dias fixados, regulado por leis, deu lugar a tempo largo para o repouso. Hoje, os dias úteis de ocupação profissional não passam de cinco. No passado, o artesanato praticado em domicílio conferia grande liberdade de ação e tempo de sobra para festas populares. A comunidade não estava sujeita à disciplina do tempo. As famílias eram mais caracteristicamente patriarcais e avós, pais, filhos e outros parentes conviviam sob a liderança do mais velho e experiente. A maior coesão do grupo familiar permitia melhor distribuição do trabalho, cortado de passatempos simples e tranquilos.

Atualmente, o lazer proporciona descanso para as fadigas do trabalho, recreação com os inesgotáveis passatempos produzidos na própria indústria do lazer, e desenvolvimento, por permitir, com a prática de esportes, mais possibilidades de enriquecer a cultura e aumentar o convívio social. A multiplicação das técnicas de produção alcançou lazer, lançando profusamente discos e fitas, rádios e televisores, revistas e livros, filmes, automóveis e motocicletas e viagens, de crédito a longa distância.

A vida privada tomou um rumo diferente, com fins-de-semana motorizados, aparelhos eletrônicos recreativos, eletrodomésticos simplifidores de tarefas, produtos alimentícios elaborados e férias regulamentadas. Vendas a crédito permitem a aquisição fácil de utilidades e superfluidades e a massa popular desfruta benefícios, outrora concedidos somente às classes privilegiadas. Espetáculos populares de música, canto, dança e competições esportivas em grandes estádios trazem mais divertimento.

Esta recreação do mundo hodierno não constitui uma evasão, uma fuga da realidade, porém uma derivação para o trabalho rotineiro e cansativo. Representa segurança de saúde mental. Considere-se o entusiasmo do público ao assistir à competições esportivas: as pessoas transmudam-se, esquecem as preocupações e vivem passionalmente as proezas e fracassos dos contendores. Outros, preferem entretenimentos mais tranquilos para compensar o ritmo acelerado da vida atual e buscam lugares sossegados, para caminhadas, pescarias, caçadas e breves excursões. Nas folgas, casais, famílias, grupos de amigos, saem da cidade, rumo à serra, ao mar e ao campo.

As responsabilidades do trabalho exigem um afrouxamento de tensão, uma libertação de atividades musculares, sensoriais e intelectuais, desligando compromissos quotidianos de conservação, segurança e respeito às normas sociais. Não se trata de movimento regressivo, mas de oscilações entre tensão e relaxamento, características de toda manifestação vital. Ao relaxar, o homem procura, naturalmente, modelos infantis, de grata recordação. A recreação do adulto está relacionada com os componentes lúdico e telúrico que residem no íntimo da alma humana, Busca contato com a Natureza, à qual está vinculado, não só originalmente, mas também existencialmente e esteticamente,

Embora o lazer pareça acessível a todos, está desigualmente distribuído, por dificuldades profissionais, falta de recursos financeiros e de equipamento recreativo em zonas pobres,

Alguns sociólogos estão preocupados com o rumo que o lazer das massas populares poderá tomar no futuro. A jornada de trabalho diminuiu para o operário urbano, tanto quanto para o rural, bem como para o funcionário público que tem horário estabelecido por lei, mas não para trabalhadores autônomos e donas de casa que procedem em acordo com a tarefa que voluntariamente pretendem executar, seja por responsabilidade profissional, seja visando a maior lucro ou porque não podem renunciar a compromissos familiares,

A mecanização beneficiou inúmeras modalidades de trabalho, mas há tarefas que o homem ainda realiza por si mesmo, sem o recurso da máquina. Falar em "civilização do lazer" é um exagero, pois o trabalho é necessário à existência humana. O moderno lazer, na realidade, é uma salutar compensação para a fadiga do trabalho e um novo fator de equilíbrio mental.

Comunicação Social

Há quem comente com menosprezo que a cultura de massa é superficial e informal, mas é inquestionável que a difusão de informações das atividades humanas, no momento exato em que constituem novidade, causam grande sensação. Cultura clássica e cultura nacional são distribuídas indiscriminadamente, de modo unidimensional, aos borbotões, como artigos de consumo, para uso gratuito de todos. O público toma conhecimento e discute sobre avanços da ciência, da tecnologia, das letras, das artes, de correntes psicológicas, de ideologias, de movimentos religiosos e, avidamente, de catástrofes, violências e guerras. Motiva-se e faz tomadas de consciência e de posição que podem melhorar o desenvolvimento da personalidade. Porque, nem sempre, a comunicação é orientada por pessoas qualificadas, há informações prejudiciais, porém sobressaem as favoráveis. Como o lazer faz parte da cultura de massa, a recreação também é apresentada em modalidades diversificadas. E um aspecto positivo, pois o homem necessita de futilidades para equilibrar as responsabilidades rotineiras. Panem et circenses, diziam os governantes romanos para aplacar a insatisfação popular.

A imprensa, através de jornais matutinos e vespertinos, influi fortemente na opinião pública. Há mesmo uma atitude de reverência e aceitação implícita nas informações transmitidas. Afora interesses particulares, profissionais, políticos e esportivos, Kimball Young admite como preferências do público, em ordem decrescente: conflitos, crimes, guerra, morte, amor, sexo, O inusitado e o sensacional, invenções, moda, personalidades de destaque, crianças, velhos, animais e quadrinhologia de aventuras, investigação policial, operações espaciais, humorismo, história e literatura clássica.

. Rádio encontra, entre adultos, maior acolhida que entre crianças, para notícias esportivas, educação e informações. Mulheres e jovens têm menor interesse por atualidades do que os homens. Há preferência por anunciadores homens, tendo repercussão emocional a voz de timbre agradável. sobretudo se educada, clara e não afetada. São apreciadas informações gerais, com alguns detalhes mas não as demoradas e monocórdias. Revistas, livros e cinema não perderam muito terreno para o rádio, mas a televisão é uma ameaça para o rádio, pois já bateu nos lares e em outros campos, com a indiscutível vantagem de ser audiovisual, apresentar filmes e ser colorida.

Estilos de Vida

Desde épocas remotas, os campeões do pensamento, os grandes filósofos, aventam concepções sobre a natureza do homem e do mundo que são aceitas em acordo com a espiritualidade pessoal. A imagem de si mesmo, a dos outros e a do mundo exterior, constituem o fundamento ideológico do homem, pois a

personalidade é estruturada pela constituição somatopsíquica, pelas vivências experimentadas e pela educação.

Com o advento do socialismo, das leis trabalhistas, dos direitos do trabalhador e as solicitações culturais da comunicação de massa, aumentaram as pretensões e reivindicações, Homens maduros, conscientes de suas responsabilidades. fazem valer seus direitos, mediante entendimento com empregadores, evitando maiores atritos, Desajustados que vivem dentro da lei do menor esforço e têm sentimentos de prejuízo por relação aos que trabalham, produzem pouco, porém protestam contra a abastança dos outros. Acham-se espoliados pelos patrões e simpatizam com ideologias socialistas que, há 60 anos, vêm ensaiando o utópico nivelamento das classes, com igual distribuição da riqueza; conceituam altamente a própria pessoa, são querelantes e deblateram contra o Governo.

A sociedade científico-tecnológica atual diminuiu a diferença de classes, pois, através da informação de massa, fundiu as culturas clássica e nacional numa só dimensão que estandardizou hábitos, costumes, atitudes, opiniões e crenças. Observa-se uma corrida para o conforto, para a cultura, para a posição social e para o prazer. Não houve, não há, nem haverá igualdade de classes, como Marx, candidamente, acreditava, saltando do pessimismo da época para o otimismo esperançoso de sua doutrina que pretendia resolver os problemas econômico-sociais do seu tempo e do futuro. Embora os homens tenham as mesmas oportunidades, os mais capazes irão superando os menos dotados. Não vivemos numa sociedade mansa, coletando alimentos graciosamente oferecidos pela Natureza, mas numa sociedade competitiva, arrancando o sustento de uma crosta terrestre avara que fornece frutos, mediante trabalho esforçado. Ganha-se melhor posição como o esportista no campeonato, lutando com vigor, habilidade e astúcia.

Que a Organização das Nações Unidas, politicamente, tem sido um fracasso não é novidade, pois está estruturada na lei das selvas: os fortes, não tendo coragem de se entredorvorar, engolem os fracos. Em contraposição, perfilhou instituições que combatem a fome, a doença e a ignorância, em todos os continentes, sem preconceitos raciais, políticos e religiosos. Nas comunidades e entre pessoas, agindo particularmente, obras de amparo social vêm se multiplicando. Há movimentos de real fraternidade que não ficam em palavras e programas, pois se convertem em efetiva ajuda material e moral aos desajustados.

Ecologistas tentam e realizam operações para sanar o mal que o homem, de modo inconsiderado, vem fazendo à Natureza e a si mesmo. Governos, universidades, empresas e diferentes instituições servem-se de técnicos altamente especializados que estabelecem planejamentos racionais de infra-estruturas e estruturas para o bem-estar geral.

O atual conflito dos humanismos é a marca da própria insuficiência em atender as aspirações contemporâneas, pois vingarão aqueles, cujo acento recair no todo da personalidade. A filosofia, a religião e a política constituem motivo de reflexão para minorias, pois o povo acomoda-se às informações dos suasórios meios de comunicação social. Persistem alguns valores tradicionais, porém surgiram novos, em acordo com o estilo imediatista de vida. Autoridade, liberdade e moral adquiriram temível elasticidade que redundou em comportamento agressivo e

destruidor. A psicologia profunda, com sua rica contribuição ao conhecimento da natureza humana, foi deturpada, dando origem ao psicologismo imperante.

Se, outrora, a filosofia de vida popular era calcada na moral cristã, hoje, filosofismos, psicologismos, ideologias políticas e credices religiosas, inculcaram, no homem e comum, confusa concepção de vida que o torna presa fácil da sugestão. Submete-se passivamente à razão de uma sociedade industrial que tudo planifica, de modo convincente, dentro de esquemas lógicos, e, de outro lado, dá vazão a impulsos que brotam da irracionalidade do inconsciente.

Capitalismo e marxismo, de clamante oposição, interagiram e se beneficiaram, corrigindo falhas, aparando excessos e trocando entendimentos, com amabilidades hipócritas. E, inesperadamente, um fruto da tecnologia, a comunicação de massa, traçou um denominador comum, nivelando inúmeras desigualdades sociais.

Amenidades entraram no atual estilo de vida, mas acompanhadas de fantasmas irreverentes, agressivos, chocantes e imorais. Refiro-me a novos valores que surgiram numa fase de transição brusca, não-repressiva, com a força e a desordem das reações extremas de libertação. Recuarão, obedecendo à tendência ao natural equilíbrio da evolução social, mas deixando traços para uma nova ordem ética, mais franca e liberal, porém menos frustradora da que serviu nossos antepassados, envolvidos em impostura, falso pudor e abuso de autoridade. A civilização avança à taxa de constantes repressões do homem e ele a vem suportando há milênios.

As conquistas da humanidade hodierna traduzem, no entanto, a existência de um movimento criador, fértil de energias, algumas perigosas, porém com significado positivo, de ascensão, e não de queda. Estamos no limiar de uma nova era. Os futurólogos que substituíram, com vantagens técnicas, as humildes feiticeiras, não se aventuraram a utilizar o computador eletrônico para vaticinar o fim do mundo. Estão confusos e assustados por ignorar o que fará o homem com a bomba atômica. E a História vem nos mostrando que, no sempre existente maniqueísmo entre a sabedoria e a estupidez humanas, tem, felizmente, prevalecido a sabedoria.

CAPÍTULO 10

TERCEIRA IDADE: INVOLUÇÃO

Esteve na ordem do dia, por alguns anos, a infância, até começar a perder terreno para a juventude que bravamente vem imperando. Esta, por sua vez, está sendo ameaçada em seu destaque, porque a velhice surgiu como um terceiro partido, com preocupantes problemas médicos, sócio-econômicos e políticos. Nos países desenvolvidos, as populações envelhecem, com médias de longevidade de setenta anos. E isto está ocorrendo, simplesmente, porque a infância está sendo

salva, com recursos médicos e sociais, apesar de a natalidade vir baixando. Como conseqüência, surgiu a ciência da velhice, a Geriatria ou Gerontologia.

As culturas dinâmicas da atualidade que exaltam as forças aceleradas, novas, produtivas, consumidoras e utilitárias da sociedade industrial, esbarram com a lerda e pesada velhice que teima em não ser jogada fora, como os perecíveis artigos de consumo.

E a fase terminal do processo evolutivo que acompanha o organismo, do nascimento à morte. Os seres terrenos crescem, amadurecem e envelhecem. No termo da gestação, o poder de crescimento é reduzido de 98%; assim, ao nascer, o homem consumiu a maior carga de sua energia vital. Todas as modificações posteriores serão pequenas, considerando que, em nove meses, uma célula minúscula, produzida na concepção, organizou um ser, pesando cerca de três quilos. A involução reclama cuidados especiais, por contar com escasso potencial de vitalidade.

Conceituada a velhice ou senescência, quero acentuar que o termo senilidade tem significação mórbida, isto é, velhice com doença.

Do ponto de vista biológico, no envelhecimento observa-se uma redução do potencial celular e conseqüente diminuição da atividade metabólica geral. A limitação do número de células ativas, a lentidão das respostas aos estímulos exteriores e a desorganização dos sistemas de controle terminarão por uma queda de eficiência dos órgãos. Embora a senescência seja o resultado de mecanismos próprios do ser vivo, fatores

ecológicos negativos influem na sua aceleração. A medicina preventiva encontra meios de retardar alterações físicas e mentais.

Climatério Feminino e Masculino

Há uma etapa da vida que prenuncia o envelhecimento, o climatério, mais conhecido com menopausa para a mulher, e andropausa para o homem. Ocorre quando a mulher atinge a plenitude de sua amorável e estafante missão de esposa, mãe e guardiã do lar, e o homem alcança o máximo de sua experiência profissional. Se a infância visa ao aperfeiçoamento, o climatério inicia o declínio lento das forças vitais, aos 45 ou 50 e mesmo 60 anos, como já vem se verificando na mulher. A parada do fluxo menstrual decorre aparentemente da diminuição da atividade glandular, porém esta depende do comando do sistema nervoso que regula as glândulas de secreção interna. Poderão suceder fenômenos incômodos. O homem sente mais leve e tardia a transição, mas tem a potência sexual diminuída, o que, menos vezes, ocorre à mulher.

O climatério não depende somente da constituição e de agentes ambientais, mas também da constância das relações sexuais: o desempenho regular e freqüente afasta a idade crítica, mais precoce nos celibatários. Na menopausa, as manifestações clínicas, em geral, são leves, como ondas de calor no rosto e aumento da emotividade e, menos vezes, prurido vaginal, hipertireoidia, hirsutismo (acentuação dos pêlos do buço e queixo), desequilíbrio afetivo, hipertensão arterial, bulimia (fome exagerada) e obesidade. As últimas alterações traduzem desvio mórbido, a exigir assistência médica. Afastada a função da reprodução, a

personalidade feminina poderá sofrer modificações com repercussão conjugal, familiar e social. Passado o temor da gravidez, desta fase, seria de esperar que a mulher tivesse menos inibições no contato sexual, porém se ela enfrenta a menopausa como uma deficiência da feminilidade, pode esquivar-se do companheiro, tornar-se intolerante com os familiares e desencantar das atividades sociais. Outras reagem procurando afirmar a feminilidade, aumentando a sensualidade, ataviando-se com mais apuro e alargando o círculo de relações na sociedade. Estas cuidarão mais da integridade física e pensarão em tratamentos embelezadores, cosméticos, físicos e cirúrgicos. Na realidade, a parada do fluxo menstrual não compromete a feminilidade e tampouco a sexualidade e a beleza. Ao sentir que o ardor sexual está caindo, o homem poderá buscar compensação em valores profissionais e sociais, desenvolvendo bem sucedida carreira. Mas há os que, temendo perder a virilidade, procurem, consciente ou inconscientemente, afirmação em aventuras amorosas.

Marido e mulher deverão cogitar de entendimento e amparo recíproco, em diálogos serenos e francos removendo aparentes obstáculos. Havendo maior repercussão psíquica ou distúrbio hormonal, a psicoterapia, o uso racional de hormônios prescritos por ginecologista e os modernos psicofármacos trarão efeitos surpreendentes. Se houver retraimento, tentar-se-á um novo estilo de vida, gradualmente, com outros lazeres, para preencher o vazio afetivo que os filhos deixam ao se emanciparem.

Robert Wilson, em *Feminine for Ever*, pretendeu afastar a menopausa com hormônio estrógeno e um suplemento, outro hormônio, a progesterona. Diz ter encontrado a associação ideal nas pílulas anticoncepcionais, e acreditou que a mulher não conhecerá a menopausa, se as tomar. O encanto das mulheres que usam pílulas tem explicação no simulacro de gravidez proporcionado pelo medicamento. Claro, Wilson exagerou, mas a orientação do ginecologista no uso adequado de hormônios confere à mulher mais vitalidade e beleza. A carência de estrógenos traz os sintomas e sinais, acima referidos, porém artropatias, rarefação óssea, diabetes e outras enfermidades são perturbações contemporâneas, mas não conseqüentes ao climatério.

Na andropausa, o comprometimento hormonal é menor, com indícios de involução glandular, mas a atividade sexual continua, embora atenuada. As sobrancelhas tornam-se mais fartas e tufo de pêlo desenvolvem-se nas narinas e condutos auditivos externos. O homem suporta, sem sofrimento físico, a redução hormonal e irá envelhecer dispensando tratamento glandular, porém, se quiser melhorar a potência sexual e a vitalidade geral, com testosterona, seguirá instrução médica.

Tanto no homem, como na mulher, o sistema hormonal está sob a dependência do hipotálamo e das estruturas nervosas superiores e há medicamentos que conferem vigor ao cérebro.

Faço referência à "angústia do colesterol", porque esta substância não tem o efeito patológico grave que o leigo lhe atribui. O abuso de gorduras animais pode dispor ao ateroma (placas de gordura nos vasos), mas não à arteriosclerose. Não convém evitar manteiga e queijo, pois a ingestão costumeira de gorduras vegetais, não saturadas, facilita a metabolização das gorduras animais. Além disso, a manteiga é pouco consumida no Brasil e, no entanto, é indispensável na alimentação, pela chegada de vitamina A outro tanto pode-se dizer do queijo, rica

fonte de proteínas e cálcio. Estudos universitários, feitos com irmãos irlandeses, já na terceira idade, que residiam, parte em Nova Iorque, e outra parte, na Irlanda, provaram que o infarte é mais freqüente entre os irlandeses que residem na América do que os radicados na Irlanda. Ora, na Irlanda come-se bastante bacon e manteiga e, na América, as pessoas de meia-idade, temendo o colesterol, reduzem esses alimentos, concluindo-se, na pesquisa, que a causa do infarte não era a gordura animal. O computador, que dispunha de mais de uma centena de dados de cada um dos 300 examinados, apontava como agente mórbido à vida sedentária: enquanto os irlandeses caminhavam, os irmãos americanos andavam de automóvel.

Velhice

Crescendo a média de longevidade, nos países evoluídos, manifestou-se um interesse especial pela velhice. Foram feitas pesquisas bioquímicas e histopatológicas, bem como numerosas investigações sócio-econômicas e político-demográficas, tanto na Europa, como nos Estados Unidos. Apurou-se que o aumento da população, incluindo os velhos, era, apenas, consequência da maior proteção médico-social, dispensada em todas as etapas da vida. A baixa natalidade era compensada pela sobrevivência maior de crianças.

Até meados deste século, dava-se importância excessiva aos fatores constitucional e somático, descuidando do papel desempenhado pelos agentes psíquicos, sociais e econômicos na velhice. Nas antigas culturas ocidentais e, em particular, nas orientais, centradas no núcleo familiar, dispensavam consideração, carinho e veneração às pessoas idosas, pois nelas viam sabedoria e sentiam gratidão pelos benefícios recebidos. A força do patriarcado pesou até o princípio do século XX e foi esmorecendo, na proporção em que aumentava a autonomia de crianças e jovens.

Nas últimas décadas, a velhice tem sido encarada como um embaraço familiar, um problema social, um fardo econômico para as instituições previdenciárias e um quebra-cabeça para a política governamental. Em países ricos, os velhos têm amparo satisfatório na assistência médico-social, mas noutros, ainda há sérias dificuldades, porque a ajuda pecuniária é pequena e não existem estabelecimentos especializados acessíveis à bolsa de gente pobre.

Decadência Física

As deficiências físicas do velho repercutem seriamente sobre o psiquismo. Acumulam-se: diminuição das capacidades decorrentes da redução de velocidade das reações, inabilidade motora, deficiência da visão e da audição, enfraquecimento da sexualidade, encarquilhamento da pele, redução do porte e maior incidência de enfermidades físicas. São inferioridades que derrotam e tiram esperanças, despertando consciência do próprio crepúsculo. A imagem corporal é pouco lisonjeira, a auto-estima cai, o medo aumenta e o sentimento de morte assalta. O sofrimento instala posição. Se tiver a possibilidade de se resignar no fatalismo ou sublimar na mística da vida espiritual, poderá encontrar a decantada idade da paz.

Psiquismo

Tão pródiga em estudos da infância, adolescência e idade adulta, a psicologia pouco se preocupou com a velhice. Estudos existentes dizem respeito à capacidade intelectual, desprezando o aspecto afetivo que é o mais o comprometido na terceira idade.

O mundo exterior fica alterado sob muitos ângulos, mas o interior sofre sérias alterações, com sentimentos de incapacidade, inabilidade, depreciação, prejuízo, isolamento, desamor dos familiares e encolhimento físico. Considerando a diminuição das capacidades motora, sensorial, sexual, afetiva e intelectual, a personalidade toma um rumo regressivo. A condição vivencial fica mais ambivalente, porque o velho ora procura abrandar as exigências interiores, ora as incrementa, com sentimentos abertos de revolta. Não consegue acertar o passo com as pessoas que o cercam, não só porque física e mentalmente está empobrecido, mas porque estranha à própria cultura do momento. Fica ressentido e custa a dominar a causticidade que vem das crescentes frustrações. Queixa-se ele abandono e agride com palavras os que lhe são mais caros.

Se sobrevêm sentimentos de culpa, mortifica-se, fica rancoroso e recolhe-se amuado e deprimido. Esse estado de alma afeta sobretudo aquele que não proporcionou aos familiares suficiente amor, atenção e paz, e renunciou, ainda, a qualquer derivação profissional ou recreativa, capaz de manter as funções somáticas e mentais em nível satisfatório de exercício. Funções mantidas garantem energia e equilíbrio.

Personalidades tranqüilas, amorfas, otimistas ou emocionalmente maduras, aceitam a velhice sem maiores protestos: evitam dificuldades domésticas, prestam pequenos e úteis serviços e resignam-se a uma existência pacata, recebendo a compensação da estima geral.

Todo indivíduo reage na velhice em acordo com a personalidade que estruturou, porém com traços positivos e negativos aumentados ou caricaturados. Sofrerá, no entanto, com maior sensibilidade, as influências, do meio familiar, da situação social, da condição econômica e do nível cultural.

Tradicionalmente, a psicologia do velho é psicométrica e diferencial como a do adulto. No que diz respeito à inteligência, verifica-se que homens de bom e exercitado potencial intelectual conservam, na velhice, seu anterior desempenho. Discreto comprometimento de memória de fixação e do raciocínio indutivo não perturbam. O raciocínio dedutivo, utilizando estruturas lógicas pré-adaptadas aos acontecimentos, permanece geralmente bom. Exercitar a inteligência com atividades positivas, mesmo na recreação, contribui para conservar a mente lúcida.

A senilidade é a velhice mórbida, isto é, acrescida de alterações orgânicas. Se houver lesão das estruturas cerebrais nobres, haverá deterioração e, então, o homem senil poderá apresentar condutas próprias da infância, como desconcerto motor ou operacional e até comportamento instintivo, primário. Ocorrem também estereotípias motoras que não são características da criança, pois esta evolui e o velho involui.

O enfraquecimento psíquico, segundo alguns autores, seria uma função defensiva do ego. Não é defensável esta suposição, pois o comprometimento do cérebro afeta as funções superiores de integração, de síntese, e, fatalmente, corta ao ego seus canais regulares de comunicação. É inquestionável, contudo, que o velho sente mais vivamente o medo e abusa do mecanismo psicológico da negação, para se defender do próprio medo. Esta defesa do medo, acrescida da redução da capacidade de novas aquisições, da prática reiterada de velhos hábitos e da compulsividade do perfeccionismo, conferem ao velho apreciável rigidez do ego.

Junta-se a deficiências senis, obstinação, conservantismo, exagerada tendência a recordar o passado, intransigência e incontinência emocional, traduzida por choro e riso intempestivos.

De um modo geral, o velho fica triste por muitas circunstâncias. Se há enfermidade física, deprimente em todas as idades, ele a sente com mais intensidade, porque sobrevêm sentimentos de morte próxima. Mudança de residência, afastamento de familiares, morte de amigos e dificuldades econômicas despertam reações depressivas. Embora afetada a memória de fixação, mágoas que sofre não são esquecidas e torturam obsessivamente. Se, no passado, teve angústias intensas, reações de conversão histérica, fobias e tensão obsessivo-compulsiva, liberta-se desses males com o avançar dos anos. Anções solteiros, viúvos e separados padecem com a solidão. Exibicionismo somente ocorre em situações patológicas. Neuroses e psicoses do velho talvez sejam uma solução paliativa para as dificuldades de sua existência, pois a realidade apresentada pelo médico não é consoladora. A problemática vem das deficiências, mas pode ser incrementada pela atitude negativa da sociedade e pela manifesta rejeição dos familiares.

A Relevante Influência Familiar

No climatério acontece uma reformulação no quadro familiar. O pai que adquiriu segurança na atividade profissional, procura maior êxito, empolgando-se a ponto de tirar atenção da esposa e dos filhos. Usa o argumento de que trabalha para a família, que os gastos são grandes e que não se pode facilitar, quando a competição aumenta. Deixa à mulher o governo do lar. A esposa, sobrecarregada com o cuidado dos filhos e as responsabilidades da administração doméstica, sente o silêncio e o distanciamento do marido, como um arrefecimento do amor e do companheirismo. Admite que ele anda interessado noutras mulheres, que perdeu os atrativos, que está sendo posta de lado. A carência de afeto torna-se grande, porque os filhos, gozando de maior autonomia, pouco permanecem em casa. Na solidão, remói sentimentos de abandono daqueles que mais ama.

É uma encruzilhada perturbadora da vida que exige séria reflexão.

Ao marido custará compreender as justas queixas da mulher, por se achar totalmente responsável e não poder relaxar nos negócios. A esposa então cogitará de um novo interesse fora de casa: convívio social, cursos, obras de beneficência, enfim algo que lhe traga real satisfação e compense a menor chegada de afeto familiar. Cuidará também da própria pessoa para que a imagem que faz de si mesma, seja de aprovação. Talvez tenha se descuidado e posto todo interesse

nos problemas domésticos, considerando-os mais importantes para a felicidade familiar do que a vaidade do marido com os sucessos profissionais.

Hoje, com a abertura social, e incentivada pelos filhos, deixa o claustro da casa, rotineiro e cansativo, de dezenas de anos, e procura derivações gratificantes extra-muros. Inicia uma nova fase de vida e deve preparar-se, mesmo porque será assaltada por uma horda de netos que apreciará uma presença alegre, de avó atualizada. O regime atual da família não é mais patriarcal, pois o governo da casa cabe ao casal, e as atribuições têm igual importância de um lado e de outro, porém haverá maior participação dos interesses recíprocos, para que a mulher possa enfrentar a morte do marido sem desarvorar de um todo: a existência dos familiares é uma realidade. E o homem vem morrendo antes da mulher. Estatísticas Europeias mostram que os professores morrem de afecções circulatórias com menos idade que os operários, e que os médicos e homens dinâmicos morrem antes dos professores.

A falta de cooperação do homem em casa é lendária, mas há uma observação que atinge a mulher e exige dela maior atenção, quando começa a diminuir a potência sexual do homem que a sente como elemento importante da própria afirmação. Exercerá fascínio sobre a companheira de tantos anos. não irá retrair-se, considerando que não é mais jovem, a eleita, a amada companheira de .tantos anos. A convivência dá tranquilidade ao homem que, não tendo necessidade constante de verbalizar pensamentos e sentimentos, fica desapercebido da inquieta exigência de comunicação da esposa.

Marido e mulher traçarão um plano de um futuro próximo, pois os filhos seguirão o rumo da profissão e do casamento e a casa esvaziará sobretudo quando sair o último. A solidão atingirá ambos, na aposentado na dos respectivos e absorventes ofícios. Numa expectativa de felicidade, o homem espera deixar o trabalho, porém, ao cabo de algum tempo, pode cair no desencanto da inutilidade e do tédio, por privação de uma atividade que impregnou e integrou sua existência. Mulher que trabalha fora vê a aposentadoria como uma bênção, se tem um lar para cuidar por ter um forte vínculo afetivo com as coisas que acumulou em casa. O homem plácido entra na bem-aventurança com a aposentadoria, pois na bricolage ou num hobby, encontra ocupação criativa ou recreadora. Faz pequenos consertos domésticos, cuida do jardim, dedica-se à pesca na, volta-se para os esportes, para a política, para a religião e para especulações filosóficas modestas: Aquele que permanece desocupado trará problemas, pois focalizara o interesse nas falhas das pessoas, da família e da sociedade.

Em todas essas diversas circunstâncias, o avançar da idade acentua dois sentimentos, a solidão e o amor familiar. Solidão feita de reflexões sobre a vida, com seus desenganos e alegrias, que levarão a reformular uma nova filosofia de vida, da qual se destacam julgamentos de valor. Todo afeto, dado aos filhos reclama devolução, porque renasce a sede de a.mor. Queixa-se de abandono, não lembrando que os filhos estão repetindo o que os pais fizeram com os avós. E o saudosismo dos bons tempos torna-se uma doce e momentânea fantasia que passa, deixando um ressaibo de amargar.

Compreensão e carinho são necessários, se ocorre a morte de um dos cônjuges, pois a perda de um amigo já é dura, por despertar sentimentos de identificação e morte, No casal de velhos, não há identificação, mas complementação e fusão de

dois seres que convivem em longa intimidade total. O sofrimento do velho, ao enviuar, é grande, porque não encontra lenitivo, nem paradeiro, residindo ora com um, ora com outro filho, como metade de uma pessoa. Salta da velhice para a senilidade, num sentimento crescente de vazio que apressa a morte.

A aposentadoria, o afastamento dos filhos e a morte são fatores desencadeantes de depressão que chega a tomar aspecto psicótico, exigindo manejo, delicado, não apenas do médico, mas especialmente da família. Profissionais liberais e mulheres das camadas altas pagam tributo mais pesado à depressão e às reações paranóides, por sofrerem muitas privações, ao deixar um regime de vida complexo e movimentado, de modo brusco. Serão estimulados em lazes culturais para enriquecer o mundo interior.

Fatores Sócio-Econômicos e Profissionais

Ciência e tecnologia refletiram largamente no progresso da Medicina que, associada às medidas de proteção social, elevou sobremodo a média de vida do homem. Aparentemente, a população estaria envelhecendo, porque a proporção de pessoas idosas aumentou. Na realidade a população rejuvenesce, pois, salvando-se a infância, persistem mais indivíduos recebendo proteção na saúde, em todas as faixas etárias.

Um país com muitos velhos, no entanto, não pode ser muito generosa com a velhice, porque a consequência econômica desse acontecimento é o abalo da renda bruta nacional, com a evasão de abonos. A aposentadoria sucede mais cedo, com vencimentos baixos. Por ser maior a concorrência das gerações. Subindo a média de vida ativa, fica travada a possibilidade de promoção dos mais jovens, o que constitui motivo de desesperança e frustração. De outro lado, enquanto os velhos duram mais, os filhos e netos permanecem dependentes por mais longos períodos de estudo.

A longevidade traz também maior sobrevivência de enfermos, pois a velhice é mais vulnerável às doenças. Daí, novos problemas de ordem médica e social, que oneram a família e o Estado.

Patologia da Velhice

Admitindo que a velhice obedece a um processo evolutivo, teremos de aceitar a importância da constituição, pois há pessoas que nascem com deficiências evidentes ou com predisposições mórbidas que irão apressar o envelhecimento. Considerem-se, ainda, enfermidades que se instalam nas primeiras etapas da vida, ficam em relativa latência, e se precipitam e agravam com a menor resistência do velho. Mas existem doenças que são próprias da velhice.

Sua involução acentua, intensa e rapidamente, as falhas físicas e mentais que lhes são peculiares, o exagero delas leva à senilidade e à condição patológica. Fatores genéticos, físicos, psíquicos e sócio-culturais intercorrem na etiopatogenia.

A entrada na velhice pode apresentar reações anormais, por acentuação de características psicológicas ou por constituir o ponto de partida de processos

psicopatológicos. O velho vai tomando consciência do seu gradativo desmoronamento e enfrenta um mundo transformado. Surgem distúrbios que são manifestações de regressão da personalidade e conseqüente diminuição do desempenho pessoal. Se houver incremento dessas alterações, serão submetidos a exame médico para efeito de tratamento e prevenção de piora de enfermidades cerebrais que tendem a cronificar.

Ressaltam, na patologia desta idade, estados demenciais que se instalam com enfraquecimento psíquico e surtos psicóticos depressivos maníacos, confusionais e paranóides, além de perturbações da conduta:

As depressões podem tomar rumo grave e levar ao suicídio ou oscilar com alternativas de crise e remissão ou, ainda, revestir-se da forma circular, com alternativas de crise e remissão ou, ainda, revestir-se da forma circular, bipolar, isto é, apresentar fases de mania, intercaladas. Enquanto os estados maníacos tentem a permanecer, os confusionais e delirantes são menos duradouros. E de registrar a freqüência da insônia em velhos, com lesões cerebrais, que passam a noite em atividades infrutíferas e perturbadoras, a ponto de os psiquiatras franceses fazerem referência ao "delírio noturno dos velhos". A literatura médica tem sido omissa com as disritmias senis que se apresentam com perdas bruscas da consciência (ausências), quedas e abalos musculares subitâneos, erroneamente interpretados como defeitos da circulação cerebral. Exigem assistência neurológica e atendem ao tratamento anti-convulsivante.

Essas afecções são melhoradas com os modernos recursos terapêuticos, logrando-se remissões, com a possibilidade de satisfatório convívio familiar, mas recaídas poderão sobrevir até o fim da vida. Há casos que impõem a necessidade de tratamento hospitalar ou assistência em estabelecimentos especializados, menos formais e mais agradáveis.

Mayer-Gross vê, na longevidade dos últimos 30 anos, a causa do aumento das enfermidades psíquicas, nos países desenvolvidos, e refere que, na Índia, são raras as afecções senis e, em particular, as arterioscleróticas.

Não é real que homens de 65 ou 70 anos sejam psicologicamente diferentes dos adultos, menos idosos, que tenham lesões do cérebro. Uma outra particularidade, o índice de suicídio do homem branco é mais elevado aos 80 anos, quando a doença física e o isolamento chegam a levá-lo ao desespero irremissível. As doenças, na velhice, duram duas vezes mais do que na juventude e costumam ser mais graves. Acima de 70% dos velhos têm alguma enfermidade crônica.

Assistência Médica e Social

Com as atuais técnicas médicas, vem sendo abandonada a atitude de resignação e niilismo dos anos passados, pois há estados patológicos que encontram solução fácil e outros, considerados graves, irreversíveis, que melhoram.

O maior tropeço, na involução, reside nas dificuldades que o velho traz para a família, quando perde a autonomia e não pode atender seus hábitos de higiene, alimentação e conforto. A inversão da dependência não os leva à condição de criança que se deixa manejar com relativa facilidade. O velho dependente torna-se um fardo, animado de exigências, teimosias e desmandos, não contornados com promessas e passatempos. Em casos menos graves ou de pessoas dóceis, o

calor afetivo dos familiares poderá contornar a situação. Enfermidades sérias protestam por cuidados especiais, auxiliares de enfermagem ou internação, pois sacrificam a dona da casa e perturbam os familiares.

Psicofármacos de ação ansiolítica, tranqüilizante, sonífera, antidepressiva e antipsicótica são de grande valia e inócuos, quando prescritos pelo médico. Não há cabimento para o receio dos novos e eficazes psicofármacos, cujas doses tóxicas ficam bastante distantes da dose medicamentosa e não trazem hábito vicioso. Os medicamentos modernos são eliminados em horas, geralmente não têm efeito cumulativo e não danificam o organismo, removendo, com facilidade, enormes dificuldades. Tóxicos são o álcool, a maconha, a anfetamina, o ácido lisérgico, a cocaína e outras substâncias que não encontram uso médico. Barbitúricos e oleáceos são empregados parcimoniosamente, mediante receituário especial, obedecendo a indicações precisas.

A terapêutica ocupacional e a fisioterapia são armas valiosas para combater os males da velhice. Nos países desenvolvidos, onde os velhos têm a devida assistência, são técnicas largamente aproveitadas.

Um outro importante recurso, na ajuda aos velhos, é a psicoterapia.

Modalidade simplista, mas altamente eficiente, de assistência psicológica, consiste em proporcionar atenção, compreensão e amor aos velhos. tanto no meio familiar, como no hospitalar e na comunidade. Na cultura atual, da produção rápida, do consumo fácil e do perecível o velho corre o risco de cair no joga-fora das coisas usadas. Nossa civilização é baseada na produtividade e, neste sentido, a velhice está desacreditada. Constata-se que a psicoterapia do velho, mesmo praticada por psicanalistas treinados, assume atitude de apoio. É benéfico, para o homem idoso, o auxílio psicológico, pois proporciona melhor conhecimento de si, reconciliação com o ambiente e segurança de uma orientação: O médico é obrigado a encarar a situação real e as necessidades imediatas do paciente, procurando atendê-las no que for possível, pois o velho raramente estará de acordo com a realidade apresentada. Muitos problemas decorrem da falta de previdência pessoal, familiar e social. Tem sido empregada a psicoterapia de grupo para combater o sentimento de solidão e a psicoterapia da família, quando surgirem dificuldades de relacionamento doméstico.

Métodos sociais são de grande utilidade, quando se dispuser de assistentes especializados que investiguem os meios familiar, profissional e social, encontrando soluções que estão fora do alcance médico.

Cabem medidas de prevenção primária dos males da velhice, com cuidados de higiene física e mental e alimentação adequada, para evitar a aceleração do processo involutivo. Ocupações em tempo parcial e lazeres apropriados constituem elementos favoráveis para manter o sentimento de validez, e desviar o pensamento derrotista com o entretenimento. Mas as relações familiares e sociais amistosas são mais gratificantes que todas as outras modalidades de amparo.

A melhor forma de assistência, ainda, é a familiar. Lares adotivos, casas de saúde especializadas, hotéis para pessoas idosas, hotéis especiais de preços módicos para velhos e Jovens, albergues coletivos pequenos e mesmo cidades para velhos, têm, sido experimentados com resultados satisfatórios e bons, porém asilos, nos moldes tradicionais, tornam-se, salvo raras exceções, depósitos de trastes humanos.

CAPÍTULO 11

REAÇÕES VIVENCIAIS, NEUROSES E PSICOSES

o homem não nasce como uma folha em branco. Linhas mestras estão traçadas pelas características genéticas que estabelecem o arcabouço físico e mental. Nesta condição, terá um genótipo, um temperamento. No crescimento intra-uterino, fatores físicos e químicos poderão agir modificando a dotação hereditária. Após o nascimento, e nos primeiros anos, além dos fatores referidos, entra em ação o fator psicossocial que regulará o desenvolvimento da pessoa humana. E, assim, somando a herança à influência do ambiente, na suscetível infância estrutura-se a constituição individual, com predisposições e disposições. Agentes ambientais, representados por pessoas, objetos e a Natureza, em todas as suas manifestações, continuarão influenciando por toda vida. A resultante será o fenótipo, o caráter, a personalidade, expressão funcional e psicológica do indivíduo, em sua maneira de ser: sentindo, pensando e agindo.

Com suas dotações constitucionais e assimilando a cultura em que vive, o ser humano tentará ajustar-se ao mundo exterior, buscando o máximo de satisfação e o mínimo de frustração. Nestas circunstâncias, ocorrerão as mais diversas reações vivenciais. Geneticamente, as pessoas são diferentes, com exceção dos gêmeos idênticos. Mas todos guardam estrita individualidade, porque reagem de modo peculiar à pressão cultural.

Reações vivenciais anômalas surgem, numa ou noutra etapa da vida, em pessoas normais, dependendo das tensões vindas do interior e do exterior, pois há um limite em suportá-las, sem protesto. Ser normal, ler saúde mental, implica no funcionamento harmonioso da personalidade: que se expressa pela adequada manifestação dos dinamismos psíquicos e pela boa adaptação à realidade exterior. Em outras palavras, amar construtivamente, estar se superando através de atividades criadoras e ajustar-se ao ambiente, conservando a liberdade.

Pessoas de constituição defeituosa ou que se desenvolveram em meio perturbador, poderão apresentar protestos sérios ou graves que serão qualificados como neuroses, psicoses, retardamentos mentais e estados demenciais. Entre neuroses e psicoses, há uma categoria de constituição mórbida, denominada neurose do caráter, mais conhecida pelos seus representantes, as personalidades psicopáticas ou sociopáticas, descritas no, capítulo da Adolescência, por ser a etapa em que esses enfermos manifestam, mais abertamente, reações anti-sociais.

Um esquema facilitará a compreensão das possíveis manifestações psiquiátricas na existência do homem, considerando a constituição, a personalidade e o mundo exterior

Pessoa normal, sofrendo pressão exterior intensa ou demorada, poderá manifestar reação anômala, passageira.

Constituição mórbida pouco comprometida (predisposição), somada a situações exteriores bastante desfavoráveis, poderá desencadear neurose.

Constituição mórbida medianamente comprometida e situações exteriores desfavoráveis ou favoráveis, poderá conduzir à neurose do caráter.

Constituição mórbida bastante afetada (disposição), somada a situações exteriores pouco favoráveis, poderá trazer psicose. Constituição mórbida fortemente alterada (doença), independentemente de situações exteriores, gera retardamento.

Constituição mórbida ou sadia, perturbada por agentes exteriores graves, dará lugar a estado demencial.

Houve preocupação de autores em estabelecer uma biotipologia ou caraterologia, com a finalidade de enquadrar as pessoas em padrões de expressividade. Freud, com os tipos oral, anal, edípico e genital, simplifica o homem a uma versão instintiva, desprezando o importante papel cultural que a personalidade desenvolve. Qualificar os indivíduos de extrovertidos ou introvertidos ou de longilíneos, mediolíneos ou brevilíneos ou, ainda, de ectomórficos (fragilidade e linearidade), mesomórficos (musculatura forte) ou endomórficos (vísceras maciças), pouco esclarece e não atende ao aspecto multidimensional do homem. Entre médicos há uma tendência a classificar as pessoas normais, em acordo com traços psicopatológicos: debilóide, histeróide, epileptóide, ciclóide, esquizóide e paranóide. Não é edificante, mas fornece indicações práticas sobre as características individuais, sugerindo até a modalidade de possíveis reações vivenciais. Esta conceituação liberal nada tem a ver com as personalidades psicopáticas que levam a mesma adjetivação. Explico: uma pessoa casmurra, esquisita, introvertida, será rotulada esquizóide, porém não é considerada doente.

Reações Vivenciais

Consideremos as reações emocionais a que estão sujeitas as pessoas, em função de situações de conflito interior ou exterior.

A ansiedade, quando há poucos recursos psicológicos de defesa, gera reações desagradáveis de inquietude, irascibilidade, dores de cabeça, insônia, desatenção, fadiga, palpitações, urinar freqüente e dispepsia. Ocorre, se está em jogo o amor, o ódio e o medo, mesmo não havendo perigo objetivo.

Reações depressivas, por perda de objeto amoroso ou bens materiais e outras adversidades, como sentimentos de culpa, vergonha e inferioridade, trazem tristeza, desencanto, derrotismo, ansiedade, recolhimento, fadiga e idéias obsessivas que duram horas, dias e semanas.

Motivos inconscientes podem mobilizar o sistema motor e os órgãos do, sentido, numa linguagem corporal de protesto, como o riso intempestivos, o choro, o rubor facial, a perda momentânea da visão, tonturas e gestos dramáticos. São reações de conversão histérica, oriundas de idéias e sentimentos reprimidos que ressurgem num conflito atual. Os distúrbios psicofuncionais ou psicossomáticos, que se traduzem por manifestações de acidez gástrica, alergias, crises

asmatiformes e taquicardias, são reações similares às histéricas, porém se processam através do sistema nervoso vegetativo, o vago-simpático. Há reações de dissociação que anulam a memória ou a consciência ou levam à fuga, por momentos. São defesas psicológicas que afastam a pessoa de uma situação de conflito. E o caso da mulher que desmaia ante uma posição social desagradável, insuportável.

Dá-se o nome de fobia ao medo de um objeto, ato ou situação específica que possa apresentar perigo. Reações fóbicas são freqüentes em pessoas sensíveis que não apresentam outros sintomas. Medo de alturas, elevadores, ratos, cobras, aranhas, recintos fechados ou aglomerações. Escrupulosos, angustiados, estão sujeitos a pensamentos repetitivos, obsessivos, que irrompem na consciência sem que esta o deseje ou consinta. Executam, por vezes, atos compulsivos, contra a própria vontade, para combater a ansiedade ou a obsessão. Na concepção freudiana estariam, ainda, ligadas às experiências do treinamento dos hábitos higiênicos, à fase anal.

As reações vivenciais são fugazes, mas se repetem e geralmente dispensam ajuda médica. Removidas as causas, o ego abalado refaz-se e volta à autoconfiança. Quando intensas ou repetidas, causando mal-estar, a psicoterapia de apoio ou de grupo ou técnicas abreviadas e um e outro psicofármaco, ansiolítico, resolvem a situação. A persistência da perturbação, no entanto, fará pensar em protesto maior, de ordem patológica.

Psiconeuroses

Entramos, agora, no terreno da psicopatologia. Psiconeurose é uma doença emocional determinada por fatores psicológicos que trazem conflitos interiores, como ansiedade, fobias, e obsessões, sem carrear desajuste social, mas com algum comprometimento de relações objetivas e funções executivas. O paciente tem consciência do conflito interior e sofre, necessitando de tratamento psicológico de profundidade.

Os seres humanos, e até os animais, estão sujeitos a protestos funcionais, neuróticos, por problemas interiores ou exteriores. Há uma predisposição variável nestes enfermos e a doença. irá manifestar-se na dependência das pressões ambientais. Admitem-se duas modalidades de neurose, a traumática e a psiconeurose.

A neurose traumática manifesta-se em indivíduos com pequena pre-disposição mórbida, mas que sofrem fortes ataques do mundo exterior: terror, perda significativa de pessoa ou de bens materiais, abalo da afirmação pessoal e do prestígio social, guerras, terremotos, encarceramento e outras calamidades naturais e acidentais. Violências que constituem grave risco para a integridade do ego. Este, não aceitando a realidade penosa, dissocia-se, refugia-se na confusão mental, em representações delirantes e em reivindicações que visam proteção.

Na segunda modalidade, pesam fatores predisponentes, como imaturidade emocional e conflitos íntimos, e o agente externo perturbador apenas aumentou ou tornou-se insuportável pela constância. Fala-se, então, de psiconeurose. E o exagero, a caricatura das reações vivenciais, intensificadas e arrastadas no tempo. Há uma infinidade de gradações entre reação e psiconeurose.

A neurose de angústia é mais freqüente nas mulheres de ego fraco, buscando o conflito em situações familiares, onde o amor, o ódio, o ciúme, a perda e a expectativa do incerto desempenham papel importante. Frustrações sexuais e repressões agressivas causam, na maioria das vezes, esta enfermidade.

Conflitos atuais mobilizam velhos problemas, na histeria de conversão que implica na repressão de motivos inconscientes, procurando expressão simbólica, através da linguagem do corpo e dos sentidos. São manifestações de ajustamento intensas e, não raro, duradouras, que independem da vontade. Ansiedade, obsessões e fobias participam do cortejo sintomático, bem como alterações dissociativas.

Diz-se que há depressão neurótica, quando os distúrbios apontados nas reações desta feição tomam aspecto arrastado, intenso, e se revestem de maior ansiedade, com insegurança melancolia, perversão de sentimentos, chegando à revolta contra os valores anteriormente aceitos e rancor contra as pessoas amadas ou significantes. Sucede, sobretudo, na perda de objetos amorosos e de bens materiais. O luto, em pessoas censuradas, derrotistas e agressivas, chega a modificar a existência, num sentido amargo e permanente. Há introjeção das qualidades odiadas da pessoa amada, com parcial e conseqüente identificação.

Quando se afirma que, atualmente, aumentou a incidência dos distúrbios mentais, a referência não deve ser atribuída às psicoses e, sim, a esta forma depressiva de psiconeurose que representa o forte contingente de pacientes que procuram psiquiatras.

Mais séria e até grave, pela perturbação pessoal e pela longa duração, é a neurose obsessiva. Ansiedade, pensamentos obsessivos torturantes e atos compulsivos complicam a vida do paciente, a ponto de absorvê-lo em rituais cansativos que o afastam do convívio social e da atividade profissional. Os sintomas são explicados pela regressão à etapa do treinamento dos hábitos de higiene e outros mecanismos de defesa, tais a formação de reação, o isolamento e a anulação. E são mantidos para que os motivos permaneçam ocultos no inconsciente, pois encerram impulsos de sujar coisas e agredir pessoas.

A hipocondria também se situa entre neuroses e psicoses, tendo um aspecto depressivo e envolvendo preocupações constantes com o corpo, em especial os órgãos internos (cenestopatia). Há queixas lamuriosas e suspeita de diversas doenças somáticas e manifestações de distúrbios psicofuncionais. Recolhido em suas reflexões mórbidas, o paciente retira parte do interesse pelo ambiente, mas, via de regra, continua trabalhando. Procura diferentes médicos e coleciona exames laboratoriais, na esperança de ser caracterizada uma afecção física. Suspeita da competência dos médicos e da correção das provas de laboratório. Teme as doenças e sente-se frustrado por não encontrar apoio às suas idéias. Decide recorrer ao psiquiatra a conselho de outros profissionais. Trata-se de grave regressão à posição auto-erótica de narcisismo, porém não há comprometimento dos demais aspectos da personalidade. O contato com a realidade exterior e o ajustamento à família e à sociedade são bons. Embora rebelde ao tratamento, o hipocondríaco não abandona o médico. Todas as terapias agem apenas como consolo, e passa a vida com oscilações de melhora e bem-estar e pioras inesperadas. Nas formas graves hospitaliza-se.

Neuroses de angústia, depressões e histeria, têm prognóstico favorável e reagem à psicoterapia. Serão considerados problemas da infância, falhas e qualidade da personalidade e situação atual. Pessoas de boa inteligência, de atividades criadoras, tendo razoável capacidade de sublimação, reagem mais facilmente ao tratamento psicológico. Contribuem para a recuperação, mudança de ambiente, lazeres e psicofármacos. Neuroses traumáticas cedem, de um todo, ou deixam recordações tristes que modificam negativamente a personalidade, particularmente se o paciente se apega a reivindicações de rumo interpretativo, paranóide. Terapêutica semelhante, à das neuroses benignas.

Os casos de tensão obsessivo-compulsiva constituem a neurose obsessiva, que demanda anos de tratamento psicanalítico e são considerados graves porque trazem grandes limitações ao doente e à família, prejudicando o trabalho. A quimioterapia proporciona alívio nos momentos de tensão emocional alta. Em casos extremos, há o recurso da lobotomia frontal, bilateral, de bons resultados, pois os pacientes libertam-se totalmente de obsessões e compulsões, permanecendo tranquilos, fleumáticos e ajustados à família, ao trabalho e à sociedade. Não há comprometimento da inteligência e as atividades executivas normalizam. E técnica ainda empregada em países evoluídos, e único recurso para tormentos que duram uma existência. Casos operados, no Rio Grande do Sul, por Almir Alves, Elyseu Paglioli, João Dahne, Nelson Aspesi e outros neurocirurgiões tiveram completo êxito.

Psicoses

Psicose é uma doença da mente que afeta, de modo severo, as funções executivas da personalidade e, em particular, o relacionamento interpessoal condicionando problemas existenciais e desajustes sociais. Existem duas ordens de psicoses: as somatológicas, que reconhecem, em sua etiologia, alterações orgânicas, geralmente cerebrais, e as psicológicas ou funcionais, cuja etiologia é desconhecida e que se caracterizam por sintomas peculiares. As primeiras são qualificadas também de exógenas e as segundas de endógenas, isto é, provocadas por agentes interiores e exteriores, discutíveis, que alteram o psiquismo. Estes agentes são desconhecidos e têm sido exaustivamente pesquisados, com resultados

vagamente promissores. Uma respeitável instituição norte-americana, Brain Research Foundation, persegue, há anos, alterações moleculares do cérebro destes psicóticos, sem chegar a dados conclusivos. E um mestre da psiquiatria, desesperançado na busca da causa ou causas das psicoses endógenas, invoca uma misteriosa “metagênese”. As psicoses funcionais são primariamente psicógenas, compreendendo distúrbios afetivos de matiz depressivo ou maníaco e alterações desagregadoras da mente, qualificada de esquizofrênicas. São arrolados numerosos fatores genéticos e ambientais para explicar a natureza destas doenças. Alguns considerados determinantes, outros predisponentes e outros desencadeantes.

Psicoses Afetivas

No grupo das psicoses afetivas, admite-se a depressão psicótica, a mania, a psicose maníaco-depressiva e a melancolia de involução.

A depressão psicótica é caracterizada por humor triste, ansiedade, pessimismo e uma apreciável escala de sentimentos negativos, da culpa, perda, ruína, autodesaprovação, auto-agressão, autocondenação e expectativa angustiante. O pensamento desfila lento, monótono, num marca-passo melancólico. Há uma tendência ao recolhimento e à inércia, salvo quando a ansiedade é tão intensa que o paciente entra em agitação ansiosa. Esta modalidade ocorre uma ou mais vezes, mas, se surgir periodicamente, toma o nome de psicose circular, apresentando-se em graus diversos, moderado, sério, grave e estuporoso. Nesta última, o paciente assume atitude de total recolhimento, lembrando o coma. A personalidade pré-mórbida é controvertida: seria escrupulosa, com rasgos obsessivo-compulsivos, ou derrotista, com sentimentos de menos-valia ou mesmo bem-humorada e produtiva. Os fatores precipitantes não são apurados ou representados por acontecimentos de relativa ou grande monta: insucesso nos negócios perda de bens materiais, morte de amigos ou parentes e até de um animal de estimação. Há sempre nas queixas dos pacientes o equivalente de uma perda. A regressão individual faz-se no sentido da etapa da vida que ficaria entre seis e dezoito meses. Daí a interpretação de ter havido dificuldades de alimentação, vivenciadas como perda da mãe. São pouco acessíveis à psicoterapia profunda e a ajuda psicológica limita-se ao apoio. Os antidepressivos agem favoravelmente, em poucas semanas, e resolvem a crise na maioria dos casos moderados e sérios. Nos graves, porque há perigo de suicídio, é dispensável a hospitalização, em estabelecimento psiquiátrico, onde ficam sob vigilância recebendo medicação antidepressiva e tranqüilizante. Algumas sessões de eletrochoque, com anestesia prévia, praticada por anestesiológico, trazem pronta recuperação. Esta e a orientação nos melhores serviços psiquiátricos do mundo ocidental. Alguns psicoterapeutas, apaixonados por cismas científicos, menosprezam o eletrochoque e até os psicofármacos, negando a evidência de curas rápidas de surtos psicóticos, por eles presenciadas nos hospitais.

A mania ou elação manifesta-se por humor elevado, euforia e atividade motora e ideativa excessivas. O pensamento é fluente e utiliza associações por analogias superficiais, de continuidade e contigüidade. Há fuga do pensamento, tal é a celeridade do seu curso e a resultante é uma deplorável verborragia. Os maníacos procuram relacionamento com as pessoas e revoltam-se, quando não recebem suficiente atenção. As potencialidades, capacidades e possibilidades perdem limites e chegam a concepções megalomaniacas. Perturbam o ambiente com a exuberância. Dir-se-ia que o ego agigantou. Esta manifestação expansiva tem também gradações: euforia, hipomania, mania e furor maníaco. Formas acentuadas exigem hospitalização para efeito de quimioterapia que age rapidamente, na tranqüilização do paciente. Os psicofármacos são usados em doses altas para evitar que se prejudiquem e perturbem os outros pacientes e a ordem hospitalar. O carbonato de lítio tem ação bastante favorável e largo emprego, não trazendo torpor e outros efeitos secundários. Poucas sessões de eletrochoque dissipam o estado maníaco. Fato a exigir investigação: a mania, nos últimos anos, vem se tornando menos freqüente, enquanto as depressões vêm

umentando. Como a depressão, o estado maníaco ocorre uma vez ou se repete periodicamente.

Quando se alternam depressão e mania, fala-se em psicose maníaco-depressiva, e esta é a modalidade mais representativa do grupo das psicoses afetivas, pois se reveste dos dois aspectos. Se depressão e mania se substituem nos surtos, qualifica-se a forma de circular, bipolar, reservando a expressão unipolar ao se apresentar um só dos tipos de doença. Mas existe uma outra variante, neste grupo: é a melancolia involutiva, observada na terceira idade. A sintomatologia é semelhante à descrita na depressão psicótica, mas pode ser acrescida de idéias paranóides e discreta confusão mental. Evolução, prognóstico e tratamento seguem as linhas da depressão, somadas a cuidados especiais exigidos pela idade, tais a nutrição, a circulação e as secreções interna e externa. A psicoterapia será de apoio, conferindo-se especial importância à situação familiar e sócio-econômica, pois esta etapa da existência é vulnerável às modificações ambientais. Observações dos últimos anos vêm comprovando a eficácia do carbonato de lítio na prevenção e atenuação dos surtos da psicose maníaco-depressiva. Há pacientes que se mantêm livres das crises por longos períodos, quando antes a ocorrência era freqüente.

Esquizofrenias

Constituem as esquizofrenias o segundo grupo das doenças mentais funcionais, consideradas psicógenas, e representadas por uma série de quadros mórbidos que tem como característica básica a desagregação da mente. Um dos mais graves problemas da psiquiatria, chegando a ocupar a maior porcentagem de leitos nos hospitais psiquiátricos. Incidiria em 0,9% da população geral. Manifestam-se insidiosamente e persistem, ou brotam em surtos que regridem parcialmente e até de modo tão acentuado que os pacientes passam por normais e se adaptam ao ambiente.

Nestas afecções, há uma discordância entre o conteúdo do pensamento e a expressão das emoções. Formam o quadro mórbido: desordens do raciocínio, perda do contato com a realidade, escasseção ou rigidez afetiva, ambivalência entre objetos e também atos e acessoriamente, mas com freqüência, diversos distúrbios, como interpretações errôneas, idéias de influência, delírios persecutórios e outros, além de alucinações, negativismo e estereotipias.

Eugen Bleuler, que introduziu o conceito da esquizofrenia, aponta quatro características fundamentais: afetividade inadequada, autismo, desagregação de idéias e ambivalência.

Apresentam-se em cinco síndromes ou conjuntos sintomáticos diferentes: simples, catatônica, hebefrênica, paranóide e esquizo-afetiva.

A forma simples expressa distúrbios comuns a todas, como sejam embotamento afetivo, incoerência do pensamento, introversão e ambivalência, associados, com moderação, a sintomas secundários. O paciente ensimesmado não procura comunicar-se e, se o faz ou é solicitado, mostra falhas no pensar e não ajusta as emoções às circunstâncias. Está alheio ao exterior. É desleixado e conduzido para a alimentação, para a higiene corporal, ocupações e recreação, com pouca ou nula participação.

Os catatônicos são totalmente passivos, permanecendo horas com o corpo enrolado numa postura fetal, indiferentes. Negativistas, tendem esquivar-se das necessidades vitais, levando vida vegetativa. São, no entanto, sujeitos a impulsões motoras e podem intempestivamente, investir contra as pessoas. Embora solitários, desligados do exterior, estão captando o que vem de fora, pois, ao quebrar, ocasionalmente, o desinteresse e o mutismo, revelam estar informados sobre os circunstâncias e lembrar ocorrências.

Mais perturbado é o hebefrênico, pois além das alterações citadas do pensamento, do sentimento e da conação, manifestam falsas percepções, interpretações mórbidas, delírios diferentes, fantasias tomadas como realidades, alucinações, idéias de influência, extravagâncias, estereotípias e maior ou menor turbulência. Traz sérias dificuldades à enfermagem e exige vigilância constante.

Paranóides têm conduta mais aproximada da normal. Comunicam-se satisfatoriamente, atendem suas necessidades, porém interpretam maio que acontece fora, mormente distorcendo a atitude das pessoas e os acontecimentos, no sentido da malquerença e da perseguição. Projetam a própria agressividade nos outros e chegam à agressão inesperada qual, às vezes, se desculpam, com sincero arrependimento. O delírio persecutório é parcialmente sistematizado, estendendo-se a pessoas, grupos e comunidades e também a influências cósmicas e sobrenaturais. Defende-se de vibrações, ondas, radiações, fluídos, venenos, instrumentos agressivos todos criados pela imaginação, e envolve-se em ideologias capazes de preocupar agentes da ordem política e social.

O esquizo-afetivo é o paciente que, exibindo sintomas da série esquizofrênica, destaca uma afetividade de dominância depressiva ou maníaca, lembrando o maníaco-depressivo.

Consideradas entidades posológicas particulares, a paranóia e a parafrenia foram, outrora, classificadas à parte da esquizofrenia. Na realidade, a etiopatogenia e a sintomatologia destas afecções são similares; daí, hoje, serem todas englobadas na rubrica das esquizofrenias. Mas ha particularidades. A paranóia desconcerta o leigo, pois o portador dessa enfermidade conserva quase íntegras as funções psíquicas, apenas destacando a obtusão parcial do julgamento, aquela que diz respeito ao tema delirante que caracteriza a enfermidade. Geralmente manifesta delírio bem sistematizado de perseguição de pessoas, grupos, comunidades, nações ou de protesto a uma ideologia radical, levada a um passionalismo extremo ou, então, de um misticismo exaltado, orgulhoso, que todos devem aceitar. O paranóico é um idealista apaixonado, mesmo quando. persegue, pois o ideal é posto muito alto no nível da justiça, da pureza, da redenção, da liberdade. Um caso como exemplo. Uma senhora, mãe de três filhos, marca entrevista para orientação conjugal, urgente. Conta ser o marido homem culto e alto funcionário federal, mas extremamente ciumento; responsável, respeitado pelos subordinados na repartição pública, e sem hábitos viciosos. Era ciumento desde o namoro, piorou com o casamento, mas vinha se tornando insuportável, pois, ao retornar do trabalho, examinava suas roupas íntimas, cobertas de cama, armários e banheiros, numa devassa de policial que busca indícios. E sempre encontrava um detalhe que servia como pretexto de infidelidade. Revoltava-se, insultava com palavras torpes e a espancava, deixando-a coberta de contusões. Casais vizinhos, pois moravam em apartamento, a socorriam, tranqüilizavam-no assegurando a

honestidade da senhora, e uma trégua era mantida temporariamente. Recomeçavam as cenas, com mais violência, havendo intervenção policial. Prometi providenciar e solicitei a uma assistente social que estudasse a situação no campo familiar e social. Foram totalmente confirmadas as palavras da senhora. Recomendei que, na próxima agressão, chamassem policiais, usando meu nome, e logo surgiu a oportunidade. Dei instruções que o levassem para o Hospital Psiquiátrico e falei com o plantonista. Na manhã seguinte, iniciei as entrevistas e o paciente recebeu o diagnóstico, paranóia. Tornou-se objeto de estudo de colegas e estudantes: era um "belo" caso. O homem recorreu à justiça, ao perceber que o consideravam um doente mental. Um colega e eu fomos compromissados e intimados a fornecer laudo pericial, em 30 dias. Em parecer detalhado, explicamos o caso, respondendo os quesitos formulados e denunciando a gravidade da situação. Lamentavelmente, o Juiz de Direito, depois da audiência com o paciente, não o considerou doente e determinou, no uso de suas atribuições soberanas, a imediata soltura do paciente. A mulher, desesperada, refugiou-se, com os filhos, numa cidade do interior, na casa dos pais. Por sorte, o pai, pecuarista desassombrado e muito respeitado, comunicou-se com o genro, advertindo-o que, se aparecesse na querência patriarcal ou adjacências, seria passado pelo fogo. Houve separação definitiva.

Com relação a parafrenia, a particularidade reside no fato de manifestar-se na meia-idade, com delírio sistematizado, crônico, mas alucinatório. Enquanto o paranóico faz sua elaboração delirante, partindo de interpretações mórbidas, o parafrênico parte de interpretações e alucinações, apresentando um quadro clínico mais produtivo e bastante desagregado. O prognóstico é mau para o paranóico, refratário à psicoterapia e outras modalidades de tratamento. Não aceita e desconfia de tranquilizantes e de quem os sugere. Parafrênicos têm prognóstico menos mau, por declinarem melhoras espontâneas e remissões apreciáveis com psicofármacos antipsicóticos e antidelirantes. Não respondem à psicoterapia profunda.

Nos paranóicos e parafrênicos, os impulsos hostis são primitivos, e os mecanismos psicológicos de defesa dominantes, representados por projeções e racionalizações.

Nos antecedentes familiares de esquizofrênicos. encontram-se pessoas normais, personalidades excêntricas e esquizofrênicos. Na família em si, surgem contradições: ora é considerada emocionalmente destrutiva, ora não. A esquizofrenia ocorre com mais freqüência entre tipos longilíneos e atléticos. E a mais regressiva das doenças mentais e remonta até a etapa fetal, na catatonía. A vivência do esquizofrênico lembra a provação do rechaço materno, na primeira infância: a criança permanece narcisista, ensimesmada, não dirigindo seus impulsos para o exterior, pois não encontra significação nos objetos, aí percebidos. Ambivalência materna, alternando atenção com frieza, perturba o bebê, que ora sente 'proteção e amor, ora abandono e ódio. Proporcionar aproximação do pai, irmãos, avós, tios e outras pessoas estimula a criança à comunicação interpessoal, evitando o insulamento que a conduz ao nefasto autismo.

O prognóstico é sempre reservado, porém há esquizofrênicos que manifestam um só surto da doença e, encontrando condições familiares e sociais favoráveis,

alcançam vida normal. Nos períodos de surto, serão afastados de casa e hospitalizados para efeito de tratamento. Receberão medicação antipsicótica, com real aproveitamento, bem como ocupações, recreação, participando das tarefas da comunidade hospitalar, à medida que melhoram. Nos casos rebeldes ao tratamento químico, recorre-se ao eletrochoque atualizado e, em situações extremas, à associação com a insulino-terapia de Sakel, de complexo manejo, hoje raramente aplicada, mas capaz de trazer sensíveis melhoras. Têm sido utilizados psicofármacos, cuja toxidez e efeitos secundários foram rigorosamente testados em laboratórios idôneos. São dignos de confiança e dão bons resultados, não somente afastando sintomas perturbadores, mas conferindo períodos grandes de tranqüilidade ao paciente e à família. Considera-se a sensibilidade e a resistência do enfermo aos medicamentos, pois cada um tem modo peculiar de reação, sobretudo mulheres, dada a maior labilidade dos sistemas neurovegetativo e endócrino. Recursos de dois decênios, considerados obsoletos por modernistas, devem ser aproveitados, quando os atuais falham. A antiqüíssima digital, usada por Hipócrates, não é dispensada pelos atuais cardiologistas.

Malgrado a gravidade das esquizofrenias, calcula-se, por recentes estatísticas mundiais, que 80% dos pacientes deixam os hospitais, apesar do aumento da população geral e da maior procura de serviços médicos. Os estabelecimentos psiquiátricos, hoje, mantêm população que pouco se distancia da verificada em 1960. E há tendência a reduzir.

Uma referência à psicoterapia. Na fase aguda ela é limitada ao possível apoio, mas na recuperação, a psicoterapia de psicóticos vem ganhando adeptos, com benefício para os pacientes.

Ao retornar ao lar ou ao trabalho, a socioterapia, praticada por assistentes sociais, consegue ajustamentos que vão além da expectativa. E uma comprovação feita no Hospital Psiquiátrico São Pedro, nos bons serviços que fazem acompanhar os egressos em seus primeiros passos para a integração social. Trata-se de prática costumeira em países onde o Governo, a Universidade e a Comunidade se esforçam por humanizar a assistência ao doente mental.

Herança e Ambiente

Admite-se que a psicose maníaco-depressiva tenha raízes hereditárias e, portanto, o doente transmitiria predisposições ou disposições mórbidas. Stendt verificou que 12% de pais, filhos e consangüíneos de maníaco-depressivos sofriam da enfermidade. Na melancolia de involução, a taxa era de 6%. Adianta Da Fonseca, particularizando, as porcentagens de incidência: 23 para os pais, 19 para o consangüíneos e 22 para os filhos; gêmeos idênticos, 72 e fraternos, 38. Angst afirma que a depressão é três vezes mais freqüente do que a mania e que a ocorrência, na mulher, é maior do que no homem. Kallman, em estudo epidemiológico da população norte-americana, apurou as seguintes porcentagens: população geral, 0,4; irmãos, 22,7; meio-irmãos, 16,7; gêmeos idênticos, 100; gêmeos fraternos, 25,5. Condições ambientais poderão determinar se o paciente será uma personalidade ciclotímica ou tornar-se-á um psicótico.

Em linhagens de esquizofrênicos, Kallman refere incidência da enfermidade em 9,2% dos pais; 14,2 entre irmãos; 77,6 para gêmeos idênticos, vivendo separados;

91,5 para gêmeos fraternos vivendo juntos; 14,5 para gêmeos fraternos; 1,8 para irmãos de criação e 2,1 para cônjuges: Ora, se, na população geral a frequência é de 0,9 por cento, conclui-se, considerando o aumento da porcentagem nos irmãos de criação, cônjuges e gêmeos idênticos, vivendo juntos, que o efeito do ambiente perturbador deve ser valorizado, ao menos como fator coadjuvante ou precipitante das esquizofrenias. Estudos de Roger Bastide confirmam a ação de ambientes desagregadores no desencadear distúrbios da série esquizofrênica. Se um dos pais é psicótico, a expectativa para os filhos é de 16,4%, mas se ambos são esquizofrênicos, eleva-se para 68,10/0. Além do meio familiar e social favoráveis, influem, como medidas preventivas, físico robusto e alimentação adequada.

As pesquisas de geneticistas e sociólogos, do destaque de Kallman e Bastide, em escala epidemiológica, abrangendo comunidades e populações, alertam-nos, sobre o risco em que se incorre, na interpretação da etiopatogema das doenças mentais, quando as apreciamos, apenas de um ângulo, seja o hereditário, seja o ambiental. Herança e ambiente interagem.

Passemos às influências do meio exterior e seu modelador a cultura. Nas zonas urbanas, ocorrem mais distúrbios mentais do que nas rurais, porque nas primeiras as relações humanas são mais frouxas, as famílias mais desorganizadas e a competição mais agressiva, enquanto nas áreas rurais as relações são mais afetuosas, as famílias mais unidas e menor a tensão no trabalho. Onde há mais doença mental, há também mais lares desfeitos e maior criminalidade, e estes fenômenos acontecem dentro de um critério geográfico, pois diminuem à medida que nos afastamos dos grandes centros urbanos, altamente industrializados.

E notório que muitas pessoas não se adaptam à zona rural e preferem a diferenciação das cidades, porém não é a concentração da população que aumenta a morbidez, mas o menor relacionamento interpessoal. Toda megalópole tem áreas de alienação e de saúde mental. Nos campos e nas serras, também existem comunidades que vivem lado a lado, e algumas são sadias e outras doentias. Quando há participação social, o meio torna-se favorável, e quando há isolamento, anomia, torna-se desfavorável.

Desvantagens trazidas por classe, economia, religião e raça, refletem na família e no desenvolvimento emocional das crianças. Assim, Ruesch assinala maior número de distúrbios psicofuncionais na classe média, mais afeita ao conformismo; psiconeuroses na classe alta, por haver maior sensibilidade e escrupulosidade e neuroses traumáticas na classe baixa, onde há mais desníveis, reivindicações e lutas.

Rennie encontra mais psiconeuroses nas classes altas e mais psicoses, sobretudo esquizofrenias, nas baixas, onde a desorganização social é grande e há pouco deslocamento de pessoas. Mas não explica por que o mesmo não acontece com a psicose maníaco-depressiva. Em New Haven, nos Estados Unidos, os autores Hollingshead e Redlich (1958) admitiam globalmente que as doenças mentais incidem mais nas classes humildes. Tratava-se de um estudo local, não comportando generalizações.

Investigações recentes, de larga margem, vêm apurando que as psiconeuroses afetam mais as classes altas e as psicoses atingem, com pequenas oscilações, a todas as classes, mas que, nas zonas pobres, as pressões ambientais negativas podem desencadear surtos psicóticos com mais facilidade do que nas camadas

privilegiadas sucede que pessoas abastadas são tratadas por especialistas mais qualificados, em prazos dilatados, e de modo mais precoce.

Emigrantes, por dificuldades de adaptação, adoecem com mais freqüência, bem como crentes de religiões severas e celibatários, viúvos e desquitados, por falhas da personalidade ou carência do convívio conjugal ou familiar.

A sociogênese das psiconeuroses e psicoses reacionais está relacionada com o modus vivendi entre pais e filhos. Nas culturas primitivas, onde há continuidade entre crianças e adultos, por trabalharem juntos, as etapas do desenvolvimento ocorrem serena e espontaneamente e não se manifestam psiconeuroses. Nas populações civilizadas, as estruturas descontínuas da família provocam conflitos e perturbam o desenvolvimento da criança. A psiconeurose não decorre somente dos traumatismos psíquicos infantis, mas também do entrelaçamento destes com os atuais: fatores familiares e sociais associam-se .

CAPÍTULO 12

PSICOSES ORGÂNICAS, DEMÊNCIA E RETARDAMENTO MENTAL

As psicoses orgânicas ou exógenas, ao contrário ,dos funcionais ou endógenas, têm etiologia determinada por agentes mórbidos conhecidos que afetam o cérebro ou outras estruturas, trazendo distúrbios psíquicos de aspecto bastante diversificado. O médico agirá ciente da causa ou causas considerando a natureza da doença e a intensidade do comprometimento. A ação patológica desenvolve-se afetando diretamente o cérebro ou todo o organismo, com eleição pelo sistema nervoso central.

Na Antigüidade dominavam conceitos demoníacos sobre as doenças mentais, sendo utilizadas técnicas exorcistas para afastá-las. No Egito dos faraós, a medicina e, em particular, a cirurgia logrou avanços, porquanto os instrumentos cirúrgicos passavam pelo fogo sagrado e os cirurgiões operavam em estado de pureza, traduzida por rigoroso asseio corporal. Trepanaram cérebros na cura de doenças mentais e o neurocirurgião o mais conceituado dos médicos. Mas os povos retornaram às práticas mágicas incluindo o emprego de produtos vegetais, minerais e animais, no combate às enfermidades. Muitos medicamentos do passado são, hoje, usados em seus princípios ativos Médicos gregos e árabes, daquele tempo, chegaram a conceber que as moléstias mentais estavam relacionadas com o cérebro, embora a opinião pública persistisse na posse dos espíritos malignos. Com Pinel e, Esquirol a psiquiatria foi erigida à categoria de disciplina médica. Remou, porem, grande confusão no conceituar os distúrbios psíquicos e no enquadrá-las em conjuntos, síndromes, ou entidades que permitissem uma classificação. Emil Kraepelin (1856-1926) realizou extraordinário trabalho de observação, pesquisa e estudo das afecções da mente e consagrou sua obra, estabelecendo ordem no caos psiquiátrico. Classificou as doenças

mentais, descrevendo-as dentro de severo critério científico, separou afecções endógenas e exógenas, pontificando até o século atual, quando as concepções freudianas, com interpretações penetrantes e originais da causalidade das alterações psíquicas, deu novo rumo e nova ordem à psiquiatria Pinel. Kraepelin e Freud são Os três marcos históricos da medicina mental.

Agentes Lesivos que Afetam o Psiquismo

Psicoses orgânicas são causadas por infecções, intoxicações, traumatismos, perturbações circulatórias e degenerativas, desvios metabólicos, endócrinos, do crescimento e da nutrição, neoplasias e outros fatores que exercem influências psíquicas maléficas nas diversas etapas da vida. Há, no entanto, doenças que apresentam lesões, cuja causa não tem sido apurada e que se transmitem através da herança. Refiro-me a uma forma de epilepsia, denominada essencial ou idiopática e outras enfermidades menos freqüentes.

Entre as infecções, destacam-se a meningite meningocócica, a encefalite letárgica, a febre tifóide, determinadas viroses, algumas tripanossomíases, entre elas a sífilis, todas de gravidade variável, trazendo alterações passageiras ou duradouras. A sífilis, antes da descoberta da penicilina, trouxe sérios problemas com a demência paralítica ou paralisia geral; caracterizada por enfraquecimento psíquico, euforia, idéias de grandeza e distúrbios da conduta, mostrava-se rebelde ao tratamento antisifilítico. Com a malarioterapia, a piretoterapia de proteínas microbianas e a eletropirexia, a doença era debelada, desde que o acometimento não fosse grave. Antibióticos, sulfas e outras drogas, felizmente, agem com eficiência sobre a maioria das infecções, evitando lesões e abreviando a duração da moléstia. A medicina preventiva e, sobretudo, as vacinações em massa, dão, atualmente, grande proteção às populações. A elevação do nível cultural dos povos, leva-os a buscar prevenção, em serviços de saúde públicos e privados. Caracterizada por febre e sonolência profunda, a encefalite letárgica pode trazer, como seqüela, perturbações do sistema nervoso, extrapiramidal, clinicamente manifestadas por parkinsonismo (rigidez e tremor musculares permanentes) e distúrbios da conduta.

Intoxicações profissionais atacam com organismo com alterações graves, porém poucas se fixam particularmente no cérebro. Mas as intoxicações viciosas, representadas pelos tóxicos psicotrópicos, ostentam, na vanguarda, as bebidas alcoólicas, responsáveis pela maioria das toxicomanias e causa assaz freqüente de perturbações mentais irreversíveis e de envelhecimento e morte precoces. Nos hospitais psiquiátricos ocupam, praticamente, todos os leitos, destinados aos toxicômanos. Tenho feito reiteradas referências ao alcoolismo, por ser considerado enfermidade pessoal e social, de suma gravidade, dada a repercussão destrutiva na família, no trabalho e na sociedade. Foi e é um dos temíveis problemas médico-sociais e revela tendência à agravação. Uma das avaliações da saúde mental de um povo, pois expressa angústia, infelicidade, fuga de realidades, protestos neuróticos e psicóticos de populações. Tomar bebidas espirituosas, socialmente, uma e outra vez; é agradável, por deliciar o paladar, e não incorre em deslize ético. A medicina combate o alcoolismo e suas causas, mas não o álcool em si, que tem também inúmeras aplicações úteis. Tomadas em

excesso, promovem reações agudas e subagudas levando a processos crônicos de enfraquecimento psíquico, no grau da demência.

De início, o álcool traz euforia, depois excitação psicomotora, com bom humor ou irascibilidade ou turbulência, até alcançar a sonolência, o torpor e o coma. Este episódio, de alcoolismo agudo, é conhecido como embriaguez, que pode se tornar anômala, em indivíduos sensíveis ao tóxico ou portadores de disposições mórbidas; nesta circunstância o procedimento do paciente é francamente psicótico.

Com o uso contumaz, a pessoa passa à condição de alcoolista, bebendo constantemente, em dependência física e psíquica do tóxico, e apresentando perturbações somáticas e mentais. As segundas traduzem lesões do sistema nervoso, com ataque às células nobres do cérebro, apoucando a inteligência, e aos nervos periféricos, paralisando os movimentos; as primeiras, alterações da mucosa gástrica e degeneração do fígado, até à cirrose incurável. Mas os distúrbios psíquicos seguem um rumo crescente, com desleixo, intolerância, perda da auto-estima, interpretações mórbidas, delírio de ciúme e alucinações visuais, constituindo a psicose alcoólica subaguda. Nesta fase, o paciente deve ser hospitalizado por oferecer perigo à família, em particular à esposa, e à sociedade. Mais tarde, se resistir às graves lesões viscerais, o estado mental piora e o paciente entra em demência irreversível, pois o cérebro, afetado pela intoxicação destruidora, não regenera. O alcoolista baixa à condição subumana, vegetativa, e permanece traste de hospital. No inverno, embriagados que dormem, acidentalmente, ao relento, morrem com facilidade, por exagerado resfriamento do organismo, pois a intoxicação aguda dilata os vasos circulatórios.

O prognóstico é reservado para o alcoolista, em geral, e mau para o acometido de estado demencial; o afetado de cirrose do fígado tem morte próxima. Obtêm cura os que se submetem a tratamento inicial de desintoxicação, em regime hospitalar, e depois aceitam psicoterapia prolongada, pois devem ser investigadas as causas da enfermidade que costumam remontar à regressiva etapa evolutiva da oralidade. A ajuda dos Alcoólicos Anônimos é preciosa, porém a psicoterapia é indispensável, alcançando-se recuperações em cerca da metade dos casos.

A anfetamina (bola, bolinha ou boleta) traz euforia, hostilidade e atividade desordenada e, com o uso intensivo e prolongado, interpretações paranóides e distúrbios esquizofrênicos que persistem em alguns casos. Opiáceos (morfina, heroína e similares), alcalóides de certos cactos e cocaína deixam dependência física e psíquica marcantes, causando mais danos psicossociais do que somáticos, enquanto a maconha, o ácido lisérgico, novidades que drogam e barbitúricos não trazem dependência física e somente mental. A retirada brusca de anfetaminas, maconha e "ácido", não leva ao sofrimento físico, verificado na carência perigosa e até mortal dos opiáceos, da cocaína e do álcool. Todos os tóxicos, psicotrópicos, têm um miserável cortejo de manifestações de rebaixamento moral e social e reações agressivas inesperadas, visando a conseguir o tóxico. A toxicomania não é uma doença em si, porém a expressão de conflitos interiores, vividos por psiconeuróticos, neuróticos

do caráter, psicóticos, personalidades debilídes e sociopatas da transição da adolescência. Deve ser investigada e tratada a pessoa desajustada e não, simplesmente, afastar o toxicômano do tóxico, pois este é, apenas um recurso

para aplacar protestos que reconhecem causas inconscientes. Interagem, no entanto, fatores ambientais, desencadeantes.

A arteriosclerose é uma afecção circulatória generalizada que, comprometendo intensamente os vasos do cérebro, danifica a célula nervosa, gerando enfraquecimento psíquico, estados confusionais, depressivos, maníacos e delirantes, além de hemiplegias e afasias (perda do símbolo das palavras). A hemiplegia paralisa os membros de um lado, podendo comprometer a face, e a afasia tolhe a linguagem falada e escrita, simulando o estado demencial. Ocorre nos velhos. Deficiência e confusão mentais beneficiam-se com alguns novos psicofármacos, entre eles o piracetam e o aminoentanol que devolvem ao paciente alma capacidade intelectual e lucidez, melhorando a adaptação familiar e social. Os traumatismos graves do crânio, os grandes distúrbios circulatórios e os processos degenerativos do cérebro enfraquecem o psiquismo, levando o paciente à pobreza mental, à demência. Alterações metabólicas, endócrinas, de crescimento e de nutrição, são traduzidas por reações vivenciais, estados confusionais, surtos psicóticos e diminuição da inteligência, dependendo a cura da intensidade do acometimento da doença e da possibilidade terapêutica de corrigi-las. Neoplasias, representadas por tumores cerebrais, em determinadas regiões, manifestam distúrbios mentais que são afastados, se o neoplasma for extirpável e benigno.

As disritmias cerebrais, tanto na forma essencial, epilepsia hereditária, como nas adquiridas por anoxia cerebral, trauma, infecção, intoxicação e outras causas, podem apresentar equivalentes psíquicos que se traduzem por ausências, estados crepusculares, crises cursivas, dupla personalidade e surtos psicóticos, podendo raramente terminar por estado demencial. Ausência é perda momentânea da consciência; estado crepuscular, episódio de confusão mental que dura minutos, horas e dias; crise cursiva, impulsão psicomotora passageira que leva o paciente a correr em estado de automatismo, inconsciente. A dupla personalidade, que os médicos franceses qualificam de *état sécond*, implica na anulação da consciência, enquanto o paciente age sob o comando automático do inconsciente, tal como um robô que tivesse gravado, em sua memória mecânica, um programa pré-estabelecido.

Na fase aguda da doença mental, de fundo orgânico, o enfermo é hospitalizado, se os sintomas são severos. A medicação é específica para as infecções, bem como para as perturbações glandulares, metabólicas e de nutrição. O apoio psicológico reside no bom relacionamento médico-paciente que inclui a sabedoria da máxima: Guérir quelquefois, soulager souvent, consoler, toujours. Na fase de recuperação, o ambiente será ajustado às conveniências e possibilidades do convalescente. Os que ficam demenciados trarão problemas difíceis para a família e para a comunidade, pois reduzem suas funções executivas e necessitam de ajuda permanente, quando a decadência mental for acentuada. Recursos econômicos escassos agravarão a condição do enfermo. Epiléticos contam com a proteção dos atuais anticonvulsivantes que, aplicados pelo neurologista, permitem à maioria levar vida normal, com exceção dos demencionados, que apenas se libertarão das crises.

Conceituação da Demência

Dirimindo dúvidas sobre conceitos da nosografia psiquiátrica, vale uma referência aos estados demenciais. Há pessoas que identificam demência com loucura, insanidade, vesânia, alienação, psicopatia, psicose e até neurose. Neurose e psicose foram definidas no capítulo anterior. Psicopatia é qualquer forma de doença mental. Alienação é qualquer forma de doença mental que alheia o paciente do mundo exterior (conceito médico). Vesânia, insanidade e loucura podem ser considerados sinônimos e representam formas graves de enfermidade mental, como psicose, demência e até retardamento. Demência tem conceito próprio e significa enfraquecimento psíquico, isto é, apoucamento da mente, e, em particular, da inteligência. O demente, via de regra, foi um rico de inteligência que empobreceu. Veremos, a seguir, que o retardado nasce pobre de inteligência.

Retardamento Mental

Em termos psiquiátricos, retardado é o indivíduo cujo desenvolvimento mental, para a idade, está em nível inferior ao normal. Nomenclaturas anteriores o qualificavam como deficiente ou oligofrênico, nos graus de debilidade, imbecilidade e idiotia. Mas, ultimamente, é denominado excepcional, em conceito inadequado, pois exceção significa desvio da norma geral e, portanto, pode indicar excelência, privilégio e também inferioridade, carência de dons ou benefícios. O Novo Dicionário Aurélio refere, além dos conceitos usuais, que excepcional é o indivíduo que tem deficiência mental, matara, incluindo malformações e mutilações, e sensorial que o incapacite de participar, em termos de igualdade, do exercício de atividades normais.

Os retardados mentais criam graves problemas para a família e para o Estado, pois cuidados constantes e recursos econômicos pobres instalam ambiente doméstico dramático, deixando as autoridades governamentais em condição previdenciária faltosa, se não cooperarem na solução das dificuldades. Entre nós, a comunidade, através da APAE, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, fez tomada de consciência, posição e ação, dignas de todos os louvores. Cabe ao Governo apóia-la e fundar estabelecimentos médico-pedagógicos atendendo justa e inadiável aspiração geral de familiares e profissionais da Saúde e da Educação. Calcula-se entre um a três por cento a incidência de retardados na população geral.

Nas deficiências menores, debilidade mental, nem os pais se apercebem da pobreza intelectual do filho, até que seja evidenciado ao ingressar na escola. Se o grau de diminuição for pequeno, os enfermos vão se arrastando ingloriamente, nos primeiros anos, em classes especiais, ou sofrendo o vexame de chacotas e reprovações. São educáveis. Chegam a aprender a ler e escrever, ter noções de matemática e outras disciplinas e realizar tarefas simples. Mais tarde, misturam-se com o público e conseguem trabalho modesto. Há os que revelam habilidades especiais e conquistam auto-estima, pondo vaidade numa arte ou ofício e gozando de aprovação e admiração social.

Outros são treináveis, imbecis, aprendem hábitos de higiene e uma e outra tarefa e conseguem viver em casa, sob vigilância constante. Não logram ler. Ficam dependentes como crianças e são repelidos pela sociedade como monstros.

Os estranhos os afastam do convívio dos filhos, temendo reações nocivas, porque os representam como seres sub-humanos. Em instituições médico-pedagógicas ou pedagógicas, podem atingir algum desenvolvimento cultural. Formas mais acentuadas aproximam os enfermos da vida vegetativa, exigindo cuidado permanente, pois devem ser vigiados, alimentados e assistidos nas necessidades primárias. São idiotas, não destraveis, que constituirão fardo frustrador, perturbador e dispendioso para a família.

Muitas são as causas da oligofrenia. Infecções maternas, como sífilis, tuberculose, rubéola, sarampo e estados infecciosos graves podem prejudicar a evolução do embrião e do feto. Intoxicações, como a alcoólica, já afetam no momento da concepção, enquanto o tabaco traz alterações apenas com relação ao peso do bebê. Um fator perigoso é a asfixia do recém-nascido, pois, dificultando a circulação do cérebro, traz o risco de lesão. Medicamentos recebidos pela mãe, sobretudo nos três primeiros meses, afetam, quando se tratar de quinino, sulfamidas, iodeto de potássio, barbitúricos em excesso, morfina, vitamina K e determinadas substâncias anticancerígenas. Existem anomalias cromossômicas que explicam o mongolismo, a esclerose tuberosa e a hidrocefalia, além de malformações. Defeitos metabólicos, tais a fenilcetonúria e a galactosemia, na primeira infância, são causas de deficiência mental.

Algumas das infecções podem ser evitadas e as intoxicações totalmente afastadas, se houver cooperação do pais e orientação médica prévia. Com relação à anomalias de cromossomas e aos defeitos metabólicos, não existem, ainda, recursos médicos suficientes, a não ser recomendações eugênicas sobre a transmissão hereditária. Tem sido evitada a anoxemia do recém-nascido com a assistência do pediatra.

Retardados são tranquilos, apáticos, buliçosos, excitados ou agitados (eréticos), e podem apresentar neuroses, psicoses e distúrbios da conduta. Sujeitos a experiências traumatizantes de repulsa e pouca consideração, sentem-se frustrados e vão se distanciando do convívio social, até o isolamento embrutecedor.

Reações emocionais dos pais, ante a enfermidade do filho, têm marcada influência no desenvolvimento de retardados educáveis e treináveis. Haverá aceitação, rejeição, esperança de melhora, desespero e atitudes neuróticas a exigir assistência médica, de ambos os lados. Em qualquer circunstância deve ser avaliada a maturidade emocional e intelectual dos pais, ao planejar o tratamento do deficiente.

Recorrer-se-á ao psicólogo, ao pedagogo e ao psiquiatra para efeito de orientação. A melhor solução é a escola especializada e a pior, a internação que priva a criança do indispensável calor familiar e deprime os pais. Nos casos extremos, de idiotia, estabelecimento que dê assistência humana evitará o sacrifício de um lar que conta com crianças normais que exigem atenção e desenvolvimento regulares. O enfermo grave não tem condições de participar da alegria dos irmãos, pois basta que se atendam as necessidades vitais elementares, para não sofrer.

A criança capaz de ser educada ou treinada será manejada com bons recursos pedagógicos e psicológicos, proporcionando experiências emocionais favoráveis ao desenvolvimento, como amor, tolerância, auxílio nas dificuldades, segurança,

aprovação e estímulo para tarefas simples e gratificantes. Há técnicas específicas que permitem algum avanço da inteligência, além dos métodos pedagógicos convencionais. Proporcionar jogos, passeios, férias fora de casa e, sobretudo, convívio e brinquedo com os irmãos, bons auxiliares, quando compreensivos e engenhosos.

Elaborar programas em acordo com as idades, pré-escolar, escolar, adolescência e maturidade física. Existem escolas diurnas, escolas que admitem a presença dos pais, escolas médico-pedagógicas, lares adotivos e hospitalares, onde se cultiva a terapia ocupacional. Retardados adultos que se ajustam ao meio familiar e social, sempre que possível, terão trabalhos modestos, com alguma responsabilidade.

CAPÍTULO 13

PSICOTERAPIAS E TÉCNICAS SOCIAIS

A psicoterapia como método científico de tratamento, que utiliza técnicas psicológicas para combater distúrbios psíquicos, surgiu neste século, com a Psicanálise de Sigmund Freud. Foi, e tem sido afastada de sua origem médica, através de artifícios que procuram influir beneficentemente sobre a alma humana, com recursos mágicos. Quando as pitonisas romanas, manipulando vísceras animais, estimulavam a autoconfiança dos legionários, afirmando que sobreviveriam à guerra, ou quando os sacerdotes de Esculápio intentavam curar doentes mentais, com gritos aterradores nos subterrâneos de Pérgamo, havia um propósito de apoio psicológico. Estas são raízes místicas, como são empíricas as que encontramos na hipnose de Charcot e no magnetismo de Mesmer. Em 1925, Pierre Janet, psicólogo de orientação filosófica, desconhecendo os estudos de Freud, declarava não haver psicoterapia. A psicanálise, com fundamentos científicos, conferia, no entanto, respeitabilidade ao tratamento psicológico, firmando-se como psicoterapia autêntica, integrada na psiquiatria.

Como conseqüência de numerosas e penetrantes investigações, abriram-se as vias de acesso à cura psicológica, com os esclarecimentos que a novel psicologia proporcionava sobre a natureza misteriosa do homem. A psicoterapia, num sentido estrito, tornou-se um método altamente especializado, utilizando conhecimentos psicológicos de profundidade, aplicados no tratamento de perturbações psíquicas. Teve e tem fiéis seguidores, mas surgiram dissidentes quanto a alguns princípios doutrinários, e psiquiatras, buscando inspiração nas concepções do mestre vienense, deram novo rumo à psicoterapia. Os freudianos defenderam-se, no círculo fechado da psicoterapia analítica, menosprezando as demais teorias que se difundiram como psicoterapias heterodoxas, com diferentes denominações. Assim, numa conceituação ampla, a psicoterapia engloba tratamentos psicológicos que utilizam recursos noutras disciplinas que valorizam especialmente, o fator cultural, de indiscutível influência no, desenvolvimento da personalidade. Mas ao lado da psicanálise e das psicoterapias, culturalistas, de

fundamentos científicos defensáveis, brotaram modalidades de tratamento psicológico, estimuladas pelo prestígio da doutrina, freudiana e velhas práticas mágicas ressurgiram com novo viço. Ciência e mito são como trigo e joio, inseparáveis.

Integrando a filosofia, a psicologia outrora não reconhecia além da razão e das reações reflexas, a importância dos impulsos instintivos e da complexidade afetiva na explicação da natureza e do comportamento do homem, Freud foi revolucionário da psicologia, quando começou a desvendar as ambigüidades da vida humana, com suas teorias sobre os instintos, a estrutura, da personalidade e o determinismo psicofísico do inconsciente. A psiquiatria, até então descritiva, tomou a feição de uma disciplina explicativa, atingindo o núcleo da vida interior. Passou-se a falar em termos de psiquiatria dinâmica, pois mais interessava o significado dos sintomas o que procuravam expressar, que a simples descrição dos quadros clínicos. A psicanálise manteve-se em ortodoxia, por décadas, provocando reações de grande repercussão, dentro e fora da Medicina. Das discordâncias nasceram desvios que se distanciaram ou alhearam dos princípios freudianos, gerando um fluxo inesgotável de técnicas de tratamento psicológico, tanto honestas como desonestas, visando a sensacionalismo e lucros monetários. Tentando estabelecer ordem no painel das psicoterapias reais, de uso, médico, admitirei quatro grupos que, por sua vez, se desdobram em variantes de técnicas e objetivos.

Psicoterapia, analítica que atende os requisitos formulados por Freud seus seguidores e que se vale do estudo da transferência, da resistência, da interpretação e de outros recursos para levar o paciente ao insight, introvisão dos mecanismos psicológicos perturbadores, porém não cogitando, diretamente, da síntese da personalidade.

Psicoterapias de inspiração psicanalítica que utilizam elementos básicos da psicanálise, com menos rigor, dando menor acento à instância instintivo-afetiva e acentuando os fatores culturais, auxiliando na reestruturação da personalidade e admitindo maior flexibilidade na relação médico-paciente.

Psicoterapias sintomáticas - que não se valem das concepções freudianas e recorrem a meios diversos: sugestão, reeducação, orientação, catarse, proteção, melhor adaptação, condicionamento da conduta, inibição recíproca, análise existencial, narcoanálise, telepatia e muitas outras práticas.

Psicoterapias finalistas - que estudam a evolução do ser humano para compreender a conduta e orientar num objetivo ideológico ou de utilidade adequado à personalidade. É empregada a persuasão para que o paciente se liberte do determinismo instintivo e siga seu arbítrio livremente.

Segundo Bibring todas essas técnicas, sejam interpretativas, esclarecedoras, abreativas, manipuladoras ou sugestivas, pretendem afetar o enfermo no sentido de alcançar metas intermediárias ou determinadas. Para Knight são psicoterapias expressivas as que procuram resolver conflitos, com técnicas de investigação e exploração; as demais seriam supressivas e fundamentalmente de apoio, pois, afastando sintomas, reforçam defesas e emprestam segurança. A psicanálise, segundo Wallerstein, encontraria aplicação em indivíduos sãos para suportá-la e suficientemente enfermos para necessitá-la. Em outras palavras, portadores de conflitos mais generalizados sobre os quais o analista empregaria seu esforço

terapêutico, não tanto no sentido de metas, mas no de aliviar problemas atuais e solucionar dificuldades. Psicoterapias expressivas, inspiradas na psicanálise, seriam indicadas em conflitos neuróticos sérios, circunscritos, suscetíveis à análise e à resolução, porém estas terapias não se detêm nos elementos genéticos dos traumas infantis e aproveitam os recursos do ego, Beneficiariam neuróticos sintomáticos e sociopatas. A psicoterapia de apoio encontraria indicação em pessoas sãs, mas perturbadas por severa pressão emocional, estados reativos agudos, risco de integridade corporal, defeitos físicos, transtornos crônicos da personalidade, psicóticos fronteiros e manifestos e transtornos caratereológicos,

Elementos importantes da terapia psicanalítica tem sido: investigação do psiquismo em bases científicas, técnicas de rigorosa aplicação e intuição pessoal. Mas a rigidez inicial vem entrando na linha da flexibilidade de Franz Alexander, com inovações que já admite, entre as quais figuram a psicoterapia abreviada, a de grupo, a de família, a de apoio; a psiquiatria dinâmica e até técnicas sociais, Não há um denominador comum para os psicoterapeutas, no modo de prestar assistência, mas os pacientes têm uma esperança comum, a de ajuda, relacionamento, segurança e alívio ou cura.

Orientações dissidentes obedecem ao espírito do grupo e à ampla intenção de não se cingirem às bases instintivas e, sobretudo, acelerarem o processo de recuperação que é demorado e dispendioso, na terapia psicanalítica individual. Contribuições positivas devem ser aceitas, sem derrubar as noções que adquiriram foros de realidade científica. E a sabedoria não reside exclusivamente nas ciências naturais. O homem é um produto da natureza e da cultura, e esta lhe confere peculiaridades que o distanciam dos animais. Ademais, em psicanálise, fala-se em culpa, expiação e consciência moral e estes conceitos sugerem traços da tradição teológica judaico-cristã, com sua inefável espiritualidade.

Se o homem nasce da obscura região dos instintos e do coletivo, também estabelece valores, graças à sua consciência social, adianta Ivor Caruso, recriminando exageros da psicologia profunda. Em contrapartida, o psicólogo suíço, Charles Baudouin, replica que se perde muito subestimando a psicanálise com suas leis psíquicas, e se ganha pouco com argumentos existencialistas, sem base psicofísica; Conciliando, o homem pode usufruir sua plena liberdade individual, com seus julgamentos de valor, refreando, como exige a' repressiva civilização, suas determinantes instintivo-afetivas.

Terapia Psicanalítica

A mais expressiva das psicoterapias profundas, exploratórias e explicativas é a psicanálise. Originariamente, foi um método de tratamento, pois Freud, descobrindo causas psicológicas nas neuroses, apercebeu-se que contava com útil recurso terapêutico. À recordação de um trauma esquecido de uma histerica, durante uma sessão de hipnose, permitiu que a paciente curasse, quando tomou consciência de que o mal vinha da emoção penosa recai cada. Admitiu então Freud que, em estado. consciente, a exploração do psiquismo seria mais fértil e que o problema da cura residia, sobretudo, em libertar a emoção bloqueada no inconsciente. Esta conduta prolongaria o tratamento, mas ganharia em eficiência,

pois as curas espetaculares eram transitórias. O trauma teria que alcançar o nível da consciência, do eu. Mas os sintomas exigiam algum tempo para ceder e isto sucedia depois de se instalar o fenômeno da transferência.

Transferência é a projeção sobre o médico de emoções relacionadas com membros da família do paciente. E o elemento mais importante do tratamento psicanalítico. Manejando esta situação, o analista leva o paciente a um grau de segurança que lhe permite vencer as resistências que vêm do medo, da vergonha ou da culpa, instalados no superego. A tolerância do médico e o apoio que empresta ao ego fraco do enfermo, pouco e pouco, tornam possível a tomada de consciência que vem acompanhada de uma avaliação afetiva das vivências traumatizantes da infância. Associações livres, interpretação de sonhos, atos falhos (lapsos), reticências e expressões corporais são recursos aproveitados na terapia psicanalítica para que os conflitos reprimidos aflorem ao nível da consciência. O ataque à doença visa a combater sistematicamente defesas e resistências para destruir o núcleo neurótico.

Tem importância capital a investigação dos impulsos instintivos das diferentes etapas do crescimento infantil, procurando surpreender situações, traumatizantes, mas conferindo papel secundário às condições atuais que teriam função apenas desencadeante.

Por força da interação pessoal que se estabelece na transferência, o relacionamento médico-paciente tem sido bastante valorizado diminuindo a atitude rígida do analista, ao tempo em que se considerava o espelho do paciente. Há psicoterapeutas que intervêm para abreviar a resolução dos conflitos interiores. Freud dizia que as interpretações deveriam ser fornecidas na medida em que os pacientes pudessem suportá-las. O silêncio separa a angústia, como une e relaxa. As frustrações são toleradas na esperança de serem compensadas com afeto. No processo da educação, mágoas, renúncias e sacrifícios deixam marcas indeléveis, por ocorrer em fases da vida de grande sensibilidade e necessidade de aprovação e amor, ambos indispensáveis para o fortalecimento do ego. A atitude do terapeuta tende à neutralidade, porém será também um tanto generoso, sem fraquezas, pois o paciente, em condição regressiva, espera amparo como uma criança. A transferência é manifestação afetiva e será útil, não em função da intensidade, mas da modalidade de adaptação entre médico e paciente. Na contra transferência, repercussão e reação do terapeuta à transferência do paciente, o médico cuidará de investir o mínimo em si mesmo, por haver possibilidade de levar o enfermo a maior regressão. Na transferência negativa, o cliente torna-se ansioso e agressivo; gratificações e frustrações dependem da habilidade do terapeuta em manejar transferência e contratransferência. Nacht afirma: "A presença do terapeuta é um dom especial, difícil de definir e que se faz sentir como asseguradora ou constrangedora". Com o desenrolar do tratamento, a imagem do médico é flutuante e se transforma.

No terreno estritamente científico, a psicoterapia tem aspirações racionalistas, mas alimenta também inspirações intuitivas que vêm da comunicação afetiva. Ciência e arte estão vinculadas em qualquer tipo de tratamento. A maioria dos analistas ortodoxos confia à natureza a reorganização da personalidade, pois admite que a análise remova o núcleo neurótico. Outros acham que é conveniente

agir no sentido de uma nova síntese; nesta circunstância, estarão influenciando com idéias expostas que poderão desempenhar papel terapêutico, com opções de livre escolha do paciente. É fundamental que este faça uma tomada de consciência, através de reflexões e volições, pois, ao desligar-se do analista, terá de assumir uma posição. O psicoterapeuta terá em vista a saúde e a plenitude da vida e não, simplesmente, o aspecto da não-doença.

A percepção da realidade guarda relação com a faculdade de investir a energia dos instintos de vida, sem muitos obstáculos. Explico. Investimento de energia passional é amor; investimento simples é relacionamento humano; na hipocondria e na histeria o paciente investe parte do corpo; na melancolia investe na culpa; na paranóia nas reivindicações; o narcisista na própria imagem, e nos fóbicos e obsessivos há coisificação de algum pensamento, isto é, o fóbico foge de um objeto concreto e o obsessivo evita a coisa exterior que representa a idéia temida. Os analistas do ego, como Ana Freud, Rapaport, Erikson, Hartmann e Kris, são considerados psicanalistas por se aterem às bases genéticas e dinâmicas, embora destaquem a relevância do ego. Entre os norte americanos, são tidas como psicoterapias profundas, maiores, a psicanálise, a psicoterapia de Sullivan e a terapia psicobiológica de Adolf Meyer.

Psicoterapias de Inspiração Psicanalítica

Explicativos e causalistas são os métodos de Adler e Jung, pois valorizam o desenvolvimento infantil, tanto quanto as repressões atuais, de modo a torná-las conscientes e permitir a reconstrução da personalidade perturbada. As causas são procuradas e avaliadas em todos os momentos da vida e de maneira ativa. Sem a profundidade do método freudiano, buscam-se as origens do mal e o conhecimento dos mecanismos psíquicos. Os sintomas têm explicação nos distúrbios provocados pela carga afetiva reprimida e nos escassos recursos de defesa do ego. A integridade do psiquismo é perturbada porque o ego se vê ameaçado pela angústia e defende-se, deslocando as emoções das representações que as provocaram. Entenda-se que os mecanismos de defesa são funções normais, necessárias e variáveis, pois devem garantir o ajustamento do ego com a realidade exterior; para tanto refreiam impulsos instintivos e exigências críticas do superego. Mas, se as defesas são usadas de modo abusivo, insistente e estereotipado, chegam à estruturação de psiconeuroses e psicoses. A histeria, por exemplo, persiste na repressão e na dissociação, a neurose obsessiva no isolamento e no deslocamento e a paranóia na projeção e na racionalização.

Entre os que admitem princípios freudianos, mas que dão ênfase maior ao fator cultural, situam-se os neofreudianos ou culturalistas, Harry Sullivan, Karen Horney e Erich Fromm.

Sullivan, com a teoria das relações interpessoais, destaca o papel do amor e da aprovação das pessoas significativas, no desenvolvimento da criança. Na concepção sullivaneana, o fenômeno da transferência inclui a noção das distorções que fazemos corri relação às pessoas, baseados em fantasias ou identificações falsas de outras figuras. Age, no entanto, promovendo a auto-estima como fator preponderante na reconstrução da personalidade. Acentua, sobretudo,

as dificuldades encontradas na vida. O terapeuta é observador e participante da situação terapêutica, emprestando especial importância ao relacionamento médico-paciente. A cura implica no esclarecimento do enfermo sobre o que ocorreu com ele e os outros, com base nas identificações distorcidas e na penetração do conhecimento afetivo interior.

Mais interessada no conflito sócio-cultural do que na repressão freudiana, Horney dá menos destaque à vida passada e frisa a preponderância das tendências conflituosas da cultura, na explicação das neurose. Chama a atenção para os aspectos neuróticos provocados pelo constante anseio de amor e pela procura de objetivos que representam falsos valores. O que importa é ter percepção dos conflitos atuais. Responsabiliza o paciente por suas dificuldades e tenta abreviar o tratamento.

O psicólogo social Fromm adianta que os processos de adaptação não se fazem pelos instintos, mas pelo treinamento cultural. As dificuldades neuróticas surgem com as novas necessidades impostas pela cultura. Se estas são destrutivas, perturbam o indivíduo, com freqüentes e insuportáveis frustrações. O tratamento não pretende ajustar a pessoa à cultura, porém desenvolver sentimento de integridade e respeito por si mesmo. Somente nesta condição, chega-se a amar o próximo. A autoridade que o terapeuta exerce sobre o paciente é racional, pois a cura não será alcançada se a autoridade empregada for irracional.

As psicoterapias apontadas são explicativas, interpretativas e causalistas. Conquanto as técnicas freudiana e sullivaneana obedeam a critérios mais rigorosos, as outras têm origem psicanalítica mas tomaram rumos diversos, atendendo ao aspecto pluridimensional do homem e à importante influência sócio-cultural. Psicanalistas hodiernos, embora fiéis à concepção do mestre, pouco e pouco afastam-se da unilateralidade de outrora, imprimindo novos rumos, tanto na investigação como no tratamento, admitindo diversos sistemas de valores que só podem enriquecer uma doutrina que se caracterizou, desde o início, por uma criatividade genial. As contribuições da sociologia, da antropologia, da psicologia social e da comunicação social não podem ser desprezadas. Influenciaram a psicanálise, mas quando esta já as havia fortemente motivado.

Do ponto de vista médico, o que importa é modificar favoravelmente o paciente para que alcance bem-estar e adaptação ao meio social. E o psicoterapeuta terá atingido seu objetivo, mesmo quando conseguir apenas tornar a existência do enfermo menos tormentosa.

Tentativas de avaliação, em institutos psiquiátricos, nos Estados Unidos, comparando diferentes técnicas de psicoterapia, manifestaram que todas podem ser eficazes, mas que 'só o bom psicoterapeuta tem sucesso, com qualquer método, em 40 a 60% dos casos.

Psicoterapias Sintomáticas

Nestas modalidades menores, não explorativas, semidiretivas ou diretivas e heterogêneas, utilizam-se, sobretudo, dos recursos da sugestão e da educação, ajudando a fortalecer o ego fraco e ensinando o paciente a ajustar-se às dificuldades. Propõem-se suprimir sintomas. O médico procura identificar-se com o pai bom e usa de sua autoridade para neutralizar os efeitos atuais conflituosos,

além de assumir o papel de ideal do ego e de superego tolerante. Prestígio e carisma conferem força no combate às pressões neuróticas. A ação terapêutica é diretiva, por apoiar, orientar e insinuar solução para as dificuldades. O paciente sente-se protegido, mas corre o risco de ficar dependente e não reagir no sentido da própria individuação. Progressivamente, adquire hábitos e atitudes mais compatíveis com a fraqueza do ego, através de aprovações que lhe imprimem alguma autoconfiança. Alcança seguir determinadas aspirações e renunciar ao pessimismo dos fracassos. Estas técnicas emprestam algum vigor ao ego e melhoram o relacionamento pessoal, mas não proporcionam a segurança e a autonomia das terapias de profundidade.

Citarei algumas destas práticas que encontram apreciável aceitação em alguns países. Na "terapia centrada" de Rogers, o médico é impessoal e leva o paciente a encontrar-se, a ver-se, de modo a criar um estilo de vida com o qual possa ser aceito por si e pelos outros. Nos exercícios mentais de Vittoz, há concentração e relaxamento e treinamento para a readaptação psíquica do enfermo, até aprender a dirigir o raciocínio e a vontade. Ajuriaguerra joga com a resolução das tensões mentais e corporais, utilizando descondicionamento e aprendizagem; o indivíduo é preparado para dominar a impulsividade e a emotividade na vida social, procurando desenvolver a palavra, o sensorio, o sistema motor e a inteligência. Por sua vez, Bekherev descondiciona mecanismos patológicos e condiciona, pela sugestão, novos estímulos, a fim de o paciente fazer investimentos favoráveis, no meio em que vive; o descondicionamento é conseguido com diferentes atividades produtivas, recreação e mudança de ambiente; são perqueridas as causas da enfermidade e a terapia toma rumo pedagógico. Há médicos que recomendam leitura, música, artes plásticas e lazeres para promover emoções e reflexões salutares.

Técnicas que empregam sugestão, hipnose, condicionamento da conduta, treinamento autógeno e narcoanálise têm efeito pouco duradouro, porque apenas dão alento ao ego ou libertam sentimentos reprimidos, menos conflituosos. São aproveitáveis em perturbações instáveis e em jovens.

Psicoterapias Finalistas

Para encontrar bem-estar, o homem tem de estudar o desenvolvimento da personalidade e tentar entender a própria conduta. Remodelará sua imagem e a que tem do mundo, esforçando-se por juntar tendências, sentimentos e pensamentos benéficos, visando a um objetivo prático ou ideológico que encerre coesão e produtividade, em acordo com os pendores pessoais. Mobilizará forças instintivas, no sentido de uma sublimação defensiva. O terapeuta, procurando conhecer inclinações e interesses do paciente, desvia a energia interior para atividades compensadoras. Dar um objetivo ao indivíduo alivia a angústia. O paciente apóia-se no médico, buscando identificação com ele, para afirmar-se e alcançar harmonia interior e adaptação exterior.

As palavras embaladoras da persuasão apresentam um mundo agradável, digno de se viver. A pregação é cativante, moralizante e espiritualizante, oferecendo rumos novos e atraentes que estimulam a atividade e a expectativa da bem-

aventurança. Os recursos do tratamento são a simpatia, a confiança e a promessa de que as forças do Bem sobrepujarão as do Mal.

Na concepção existencialista, o homem, por um ato de liberdade, é o criador de seus fins. Desenganos da infância podem enfraquecer o ser humano e, então, ele encontrará angústia no curso da existência. Não há vantagem em analisar as causas dos conflitos, mas situá-los num plano filosófico, onde a reflexão o levará a admitir uma finalidade. Pela inteligência e pelo arbítrio livre, o homem sente responsabilidade em suas decisões, libertando-se do determinismo instintivo. Não obedece cegamente à natureza, pois tem de viver e agir por conta própria. O terapeuta esclarece que a vida é uma atividade organizadora, que os instintos têm uma firmeza que a consciência não tem, mas que a reflexão pode influenciar a organização interior, detendo o instinto e o sentimento. Há uma escala de valores que permite ao indivíduo se situar no mundo, como um ser humano. Nos momentos difíceis, a vontade de lutar manifesta-se e domina as emoções perigosas. Não há transferência psicanalítica, pois o terapeuta procura situar o paciente como "ser no mundo". A psicoterapia existencial tende a negar o inconsciente, por admitir a indivisibilidade do ser.

Estas psicoterapias que apelam para a vontade, para a reflexão e para a moral, são finalistas. Ajudam momentaneamente e são aceitas como bombons de licor por pessoas que não apresentam conflitos graves e que buscam apoio ocasional. Bem aceita por pessoas idosas. O médico, como nas terapias sintomáticas, funciona como ego ideal ou superego tolerante, porém apaga sua realidade humana.

Psicoterapia de Crianças e Adolescentes

A criança não dispõe dos recursos do adulto para a expressão verbal, daí a inviabilidade de aplicar a associação livre e a interpretação de sonhos do tratamento psicanalítico. Com a técnica lúdica de Melanie Klein, a terapia profunda tornou-se acessível à infância, com resultados surpreendentes. Via de regra, a criança é levada ao psiquiatra porque está perturbando o ambiente familiar. Cria problemas e exige atenção e amor. Age por atos, mais do que por palavras, e a conduta pode tornar-se alarmante. A presença do médico pode deixá-la constrangida e inibida, daí a importância da atitude serena e tolerante, nos primeiros contatos. O comportamento do menor, ao brincar, lembra-a associação livre dos adultos, e a manifestação de sentimentos recalcados traduz-se por gestos intempestivos. O jogo, o desenho, o teatro de fantoches, as histórias, os devaneios e fantasias constituem linguagem simbólica que será interpretada. Ansiedades, sentimentos de frustração, amor, ódio, culpa e defesas ressaltam da conduta, geralmente agressiva. Estando em evolução, a criança é muito dependente e está limitada à educação parental que lhe confere hábitos e atitudes. Porque os pais opõem obstáculos e fazem recriminações, ela teme perder o amor deles. Os genitores, estarão preparados para a compreensão do tratamento, com suas oscilações, bem como a atitude a assumir em relação à criança e ao médico que não revelará o que lhe foi confiado. A terapia não

consiste em pregações morais e não irá substituir a imprescindível educação doméstica que prosseguirá. O objetivo é tornar o menor mais feliz e mais ajustado à família e à sociedade. Nesta técnica, utilizam-se brinquedos simples, não-mecânicos, bonecos de figuras humanas, canecas e copos, colheres e atividades livres, incluindo brincar com água.

O adolescente enfrenta a psicoterapia de modo particular. Atingiu a maturidade sexual; tem um pensamento lógico; consciência de muitas capacidades e, acima de tudo, um clamante desejo de libertação. Guarda, ainda, agressividade infantil e pouco domínio sobre os impulsos instintivos, bem como acentuada dependência dos pais, que, combate tenazmente para alcançar mais autonomia. Nesta etapa de insegurança, os adultos opõem dificuldades, seja porque a conduta do jovem foge aos padrões sócio-culturais, seja porque receiam o perigo de temeridades.

Aceitará o médico como confidente neutro, com quem poderá abrir-se ou por curiosidade, já que o consideram destrambelhado, mas oporá total resistência, se admitir ser imposição arbitrária dos pais. Em circunstância alguma os familiares farão intromissão no tratamento, particularmente, solicitando informações do terapeuta sobre as condições do paciente: isto será interpretado como traição do médico e o tratamento abandonado, com descrença na honestidade dos adultos, e revolta. A terapia terá moldes flexíveis, diversa da feição psicanalítica rigorosa, pois a instabilidade emocional é incompatível com a imobilidade e o silêncio. Rebeldia, afastamento e retorno põem em prova a contratransferência do médico e, não raro, a terapia seguirá rumo semidiretivo. O psicodrama, substituindo a expressão verbal pela representação, é aceito com relativa facilidade. O jovem pretende organizar a personalidade, livremente, sem ajuda do pai ou do médico.

O manejo terapêutico é difícil com anti-sociais, sociopatas, pois, na comunicação, recorrem a ardis, fugas, ataques e provocações freqüentes, além de ser explorada, como vantagem, a condição mórbida. Se é tido como louco, pode fazer o que bem entende.

Psicoterapias de Grupo

As terapias de grupo estão, hoje, bastante difundidas, sendo empregadas em consultórios privados, ambulatórios, hospitais, famílias, escolas e empresas, para atender aos mais variados problemas: resolver conflitos neuróticos, proteger a saúde mental ou melhorar o desempenho em atividades escolares e profissionais. Destacam-se duas tendências, a psicanalítica e a sociológica, acontecendo que, por vezes, as duas se associam.

Pratt, um fisiologista, foi o pioneiro da terapêutica de grupo. Partindo da observação de que pacientes de seu ambulatório trocavam idéias e expressavam sentimentos, com resultados favoráveis, decidiu-se pelo tratamento psicológico de grupo, como técnica auxiliar, e foi bem sucedido, utilizando a sugestão e a reeducação.

. Cogitarei, apenas, de grupos terapêuticos usuais e eticamente aceitáveis, porquanto existem práticas espetaculares que implicam em violência mental, empregadas por pessoas sem qualificações para orientar ou tratar portadores de distúrbios psíquicos.

Admitia-se que as resistências do paciente diminuam, na técnica grupal, porque ele percebia que os outros também tinham conflitos. A conversação começava em nível intelectual e levava a experiências da vida, porém logo percebeu-se que a psicodinâmica do grupo era tão complexa, quanto a verificada em tratamentos individuais. Na realidade o grupo comunica-se em níveis diferentes, ao mesmo tempo, através de expressão verbal franca, mas encerrando conteúdo de significado inconsciente que é interpretado e aproveitado com objetivo terapêutico. Há conflitos interpessoais e pessoais, a medida que a comunicação progride e o terapeuta observa o comportamento.

Formam-se grupos de seis ou oito pessoas, em sessões de hora ou hora e meia de duração, uma ou duas vezes na semana. Os honorários são fixados para o grupo ou fracionados entre os integrantes e as despesas pessoais ficam módicas. As sessões se realizam numa sala comum com cadeiras e uma mesa.

Nos grupos de orientação psicanalítica, há entrevistas individuais, preliminares, antes de entrarem no grupo, que pode ser homogêneo, isto é, somente de homens, mulheres, jovens ou adultos, ou pacientes com distúrbios da mesma categoria; ou ser heterogêneo, não respeitando discriminações. Os grupos serão abertos ou fechados, na circunstância de aceitarem, ou não, novos membros, quando alguém se retira. Na primeira reunião, terapeuta faz a apresentação dos componentes e explica as regras do jogo, adiantando que falem sobre seus sentimentos, pensamentos, sonhos, fantasias, sensações corporais, produções inconscientes, enfim tudo o que ocorrer, mas que ninguém é forçado a falar. O médico ajudará na verbalização das emoções e estará atento ao constrangimento, exercendo papel diretivo por algum tempo, participando cordialmente, mas detendo a função de líder. A identificação com o terapeuta é equilibrada com a identificação simultânea com o grupo. Problemas suscitados pela situação grupal são examinados e discutidos por todos. O líder procura estabelecer coesão do grupo, agindo como moderador para evitar atritos maiores. Em acordo com os acontecimentos estará dentro ou fora. Organiza um processo dinâmico no qual os membros do grupo possam ajudar-se mutuamente e expressar emoções, provocar transferências e analisar resistências. Relacionamento e interpretações conduzem à autocompreensão. É feita a avaliação psicodinâmica dos problemas dos pacientes.

Embora o médico procure manter equilíbrio entre os componentes, e fácil presumir que surgirão, de quando em vez, reações próprias da situação grupal. Considerem-se os problemas individuais e a interação de uns, e outros, despejando um torvelinho de sentimentos que vão do amor ao ódio, da agressão a submissão, da aceitação ao rechaço, da indiferença ao ciúme. Surgem transferências afetivas primárias para o terapeuta e múltiplas para as outras pessoas: manter silêncio, falar dos outros para evitar de falar de si mesmo, tentar sedução ou destruição de um ou mais integrantes, assumir atitude de conformismo, de ataque ao líder, de formação de subgrupos e de repulsa a um novo paciente. Estas reações devem ser manejadas com habilidade pelo psicoterapeuta para manter coesão do grupo.

Esta modalidade de psicoterapia é recomendável para pessoas que tenham satisfatório contato com a realidade exterior, que sejam emocionalmente capazes de relacionamento pessoal e possuam maleabilidade de suportar tensões. Não é

indicada para personalidades infantis, regressivas, pessoas com distúrbios sexuais intensos e pacientes de relações primárias inadequadas e de narcisismo exagerado.

Jacob Moreno concebeu o psicodrama, tipo de psicoterapia que combina as técnicas grupal, individual e teatral. Na expressão dramática, o paciente pode representar seus conflitos, expulsar núcleos de condensação intoleráveis e libertar a criatividade. Para a apresentação do drama, o script, redigido pelo médico ou um enfermo, diz respeito a um tema geral ou um caso clínico. O ator é o paciente que deve representar com toda espontaneidade possível, sendo admitidas improvisações. Entram em cena os egos auxiliares que são ajudantes do terapeuta, treinados para desempenhar o papel de pessoas com as quais o doente teve dificuldades passadas ou presentes. Os novos atores terão de representar o que o ator principal programou. Como diretor, o médico incita à dramatização, provocando situações emocionantes. O palco seria uma continuação da vida real, sendo distribuído em três planos: protagonista, outros atores e diretor, no mais alto; parentes e amigos que podem participar do drama, no médio, e no plano inferior, os novos pacientes. Toca ao público reagir francamente para que a manifestação dramática seja coletiva e consonante à do ator. Se este for bem sucedido, alcançam algum efeito terapêutico. Tudo tem de ser planejado para que não haja fracasso. É uma técnica bastante difundida, embora complexa e modificada por diferentes terapeutas. Indicado, de início, para egressos de hospitais que encontravam dificuldades domésticas. No psicodrama, o paciente torna-se agente de sua cura e de seus companheiros. O sociodrama, outra técnica de Moreno, conta com a participação do público.

Psicoterapia da Família

Psiquiatras, com experiência no tratamento de crianças e adolescentes, preocupam-se com a família, considerando que esta possa perturbar a ação terapêutica. Mudança de ambiente em determinadas circunstâncias tem se mostrado favorável. Neuróticos e psicóticos, tratados com sucesso, ao retornar ao lar, apresentam recaídas. Sucede que o meio familiar, estando alterado, afeta um ou mais de seus membros.

Há mais de um decênio, vêm sendo feitos estudos regulares sobre tratamento da família, com resultados proveitosos. Nathan Ackerman, patrocinado pelo Family Institute, de Nova Iorque, trouxe farta contribuição, com técnica de bases psicanalíticas, porém dotada de especial flexibilidade, adequada ao grupo familiar. O psicoterapeuta terá como objetivo resolver conflitos e despertar forças que se orientem para a saúde mental da família. Será amigo, observador participante e orientador, a fim de que o lar se reorganize em bons padrões de relacionamento. Envolvido pelas emoções da família, tentará, com paciência e habilidade, aproximação de todos, através da empatia e da comunicação. Tem a oportunidade de correlacionar processos intrapsíquicos e interpessoais, sem assumir atitude formal e tampouco exigir históricos individuais, pois, na luta terapêutica, são revelados antecedentes e influências mórbidas. Comunica-se espontaneamente e compartilha dos sentimentos do grupo. Investigação, diagnóstico e tratamento correm paralelos. Tenta equilibrar semelhanças e discrepâncias para manter

união, tornando-se figura parental que dá apoio emocional, contorna perigos e procura educar emoções e atitudes.

A ajuda do médico é solicitada, porque a família está perturbada ou porque um dos seus elementos a está molestando. As entrevistas são feitas no consultório ou em casa, uma vez por semana. O terapeuta observa os papéis desempenhados e a adaptação dos familiares, através das manifestações de amor, ódio, medo e frustração. O que um dos pais ou filhos omite, é denunciado. Temas que despertam grande ansiedade trazem silêncio inicial. Dirigindo sua influência em ambos os lados, o terapeuta segue o núcleo mais destrutivo. Age diretamente nos conflitos para mobilizar o inter-relacionamento e brotam forças sãs e enfermas. Transferência e contratransferência são ventiladas abertamente por todos: o jogo deve ser aberto.

O psicoterapeuta vai conhecendo a linguagem peculiar da família e procura dismantlar negações, deslocamentos, racionalizações e demais mecanismos de defesa, estimulando revelações sinceras. Na família há partidos e membros expiatórios que são atacados para ocultar ansiedades e o médico os desmascara para garantir a união. Se surgem discussões estereis sobre assuntos rotineiros, estes são afastados, bem como explosões nos momentos perigosos. Dá compreensão, apoio emocional, estima e segurança, protegendo os fracos. Proporciona também gratificações, revelando qualidades. Age como educador, com relação aos problemas da família e abre novas vias para que se desenvolva um relacionamento integrador do conjunto. Os familiares cooperam oferecendo soluções.

Ackerman diz que transferência e contra transferência se unem na interação de duas pessoas para que haja compreensão mútua das emoções. O paciente quer ser compreendido e não teme tanto ser descoberto, pois não há trauma, ao enfrentar abertamente problemas pessoais, quando se busca alívio para o sofrimento. A culpa e o medo que alimentam as resistências são destruídos. A terapia da família não é superficial, pois atinge, pouco e pouco, em profundidade, as raízes genéticas dos conflitos. Desempenha papel importante na cura o choque entre a imagem que a família tem de si mesma e aquela que o psicoterapeuta revela.

A psicoterapia da família encontra indicação em fases críticas de relações familiares, na fase final do tratamento individual de um dos membros e em casos de neurose, sociopatia e psicose, mostrando-se favorável em todas as idades. É contra-indicada se há insinceridade dos pais, progenitor paranóide, dissolução do matrimônio por desamor, fortes prejuízos culturais e doenças orgânicas graves.

Grupos de Orientação

Os denominados grupos de orientação têm como finalidade melhorar as condições de vida do indivíduo, em diferentes planos de atividade. Escolares são esclarecidos e motivados para um melhor desempenho escolar e, educadores, sobre a psicologia do menor e a possibilidade de bom relacionamento com alunos, a fim de emprestarem mais rendimento e não se desgastarem na árdua tarefa do ensino. Pais de filhos defeituosos sentem-se aliviados em suas angústias e

conseguem colaborar nas tentativas de reabilitação dos enfermos. Nas empresas, psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras e outros profissionais logram elevar condições de trabalho, relacionamento entre empregadores e empregados, e acréscimo de produção.

Psicoterapias de grupo e grupos de orientação vêm se desdobrando numa profusão de técnicas, buscando recursos freudianos, culturalistas e outros, dentro de métodos científicos, com resultados positivos, tanto para indivíduos como para grupos operacionais, nos mais diversos ramos da atividade humana. Mesmo entre as psicoterapias sintomáticas, encontra-se a intenção sadia de proporcionar ao homem o benefício da saúde mental. Mas à medida em que se tentam aprimorar técnicas, tornando-as mais eficientes e acessíveis, aventureiros da psicologia espalham práticas drásticas de cura, com subterfúgios científicos. São maratonas de simulacros de psicoterapia e outros atentados à pessoa humana, feitos em países evoluídos, onde o exercício da medicina é eticamente rigoroso.

o Paciente, o Médico e a Família

Uma engenhosa e delicada tarefa da psicoterapia é aproveitar conhecimentos científicos e aplicá-los numa técnica, a arte de curar, com recursos psicológicos. Nos meios universitários, a ciência é ensinada sem oferecer maiores dificuldades em ser assimilada, porém a arte pode ser percebida, mas nem sempre integrada, porque depende de verve natural, que é dotação personalíssima. Muitos estudam arte, porém poucos são artistas.

Todos estão interessados na saúde mental e nos seus artífices. O Governo tem o compromisso moral e o interesse sócio-econômico de que a população goze de saúde e a Comunidade, estruturada em famílias, alimenta, afetivamente, a esperança do bem-estar geral e pessoal.

A doença traz alarme, perigo e ansiedade, no meio familiar. Se a moléstia é física, o paciente não faz, em geral, objeção ao tratamento, mas se for psíquica surgem resistências. O paciente enfrenta com naturalidade o homem comum, mas submeter-se a orientação do médico é, para alguns, uma diminuição da liberdade individual. Ocorre-lhe que possa superar o mal com recursos próprios ou simplesmente não se ache doente. Os familiares ficam indecisos e sofrem, mas quando a doença se agrava, procuram a ajuda médica. E restam duas alternativas: o enfermo, concorda em ir ou é levado para o atendimento. No primeiro caso, será entrevistado, examinado e tratado e, no segundo, irá opor dificuldade e acabará se submetendo, mas com resultado menos favorável.

Muito influirá a personalidade do médico. A simples presença poderá trazer aceitação ou rechaço da parte do paciente, porém a atitude assumida, a competência profissional e a concepção de vida do terapeuta possibilitam uma comunicação entre médico e paciente que perdura. A cura dependerá da habilidade do psiquiatra em manejar o relacionamento que se estabelece, num jogo de autoridade e tolerância e, naturalmente, da natureza da enfermidade. E, nesta altura, os familiares terão de se esforçar, evitando intromissões inoportunas que o psiquiatra sabe ser conseqüência de ansiedades naturais, mas que prejudicarão a confiança do paciente no médico. Aceitando o psiquiatra, como um confidente fiel, irá ventilar abertamente seus problemas íntimos, porém não

suportara delações. A fortaleza de uma pessoa reside na própria intimidade e, se esta for devassada, a integridade já periclitante do ego corre o risco de desmantelar-se.

São tristes experiências do psicoterapeuta, ver pacientes que fizeram progressos na recuperação, retirarem-se, porque os familiares insistem em conversar com o médico, não somente para se informar do andamento da cura, como para recomendar mais energia, queixar-se de não observar melhora ou contar segredos que o paciente não revelará. A ansiedade e a prepotência, sobretudo dos pais, traem algumas das causas da doença e perturbam o complexo trabalho do restabelecimento.

Tratamentos individuais, intensivos, demandam tempo, até que haja distanciamento progressivo das entrevistas e retirada, numa situação que alguns autores qualificam de desmame. Nas terapias de grupo, o término é assegurado, em determinados casos, com sessões individuais. Sempre que possível, empregam-se técnicas abreviadas.

Psicoterapias, bem manejadas, ajudam as pessoas a encontrar a própria unidade, libertando, as energias organizadoras da vida, bloqueadas numa das etapas anteriores do desenvolvimento da personalidade. A cura tem lugar, quando o paciente, com o ego fortalecido, dispensa espontaneamente a dependência terapêutica. Os termos de saúde mental são: harmonia interior, incorporação na família, no trabalho e na sociedade, satisfação nos lazeres e disposição à criatividade. Diz Hanna Segal:

"Curar é devolver ao doente a possibilidade de utilizar os recursos de sua própria personalidade, inclusive a capacidade de avaliar com exatidão a realidade interna e externa".

Técnicas Sociais

Técnicas sociais complementam a psicoterapia nos hospitais casas de saúde e ambulatorios, não somente para tirar os pacientes do insulamento da doença, como também proporcionar-lhes recreação e ambiente mais adequado à recuperação. Algumas destas práticas são recomendadas a clientes de consultórios privados, porém na intenção de cultivarem lazeres, pois trabalham ou estudam e convivem na família e na sociedade.

Em regime hospitalar, tornam-se indispensáveis para combater o "vegetar corporal" e o embrutecimento de outrora, contra os quais Hermann Simon (1867-1947) rebelou-se, introduzindo a laborterapia, logo aceita mundialmente, mesmo em humildes estabelecimentos psiquiátricos. Consiste em trabalhos diversos, recreação e adaptação à comunidade hospitalar, preparando a reabilitação do enfermo para a vida profissional e social.

Desde então, técnicas sociais difundiram-se e refinaram. Surgiu a praxiterapia ou terapêutica ocupacional, empregando atividades de modelagem, desenho, pintura, música, dança, esportes, passeios e recreação em geral. A ambientoterapia estabelece um clima propício ao relacionamento interpessoal, com ocupações, divertimentos, além de entrevistas com médicos e assistentes sociais que facilitam entendimentos com familiares e empregadores. Nos hospitais, dia ou noite, o paciente continua sua vida rotineira, mas fica vinculado ao hospital para

psicoterapia de grupo ou recreação em "clubes sociais", sendo facultada a possibilidade de permanecer na clínica, nos fins de semana. A musicoterapia encontra franca aceitação, tanto da parte de pacientes, como de médicos e auxiliares, numa participação contagiosa de alegria. Di Pancaro, professora do Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez prodígios no Hospital Psiquiátrico São Pedro, motivando esquizofrênicos solitários e negativistas, com música e leitura adequadas.

O ponto alto destas técnicas foi alcançado por Maxwell Jones, quando mostrou que a estrutura social de um estabelecimento psiquiátrico influi no sucesso do tratamento. As situações sociais originadas no complexo hospitalar provocam manifestações de sentimentos, conflitos pessoais, percepção de condutas inadequadas e crises grupais que constituem elementos favoráveis para o tratamento. Os problemas do hospital são discutidos, em reuniões, pelo psiquiatra e sua equipe, com pacientes e familiares e funcionários administrativos: Decisões são tomadas pelo consenso geral dos que vivem ou trabalham na instituição e, ainda, de pessoas interessadas no bem-estar dos doentes e no bom funcionamento do nosocômio. O conceito da "comunidade terapêutica" reside na necessidade de se utilizar, no máximo, o potencial representado pela equipe psiquiátrica, pacientes e voluntários, com o objetivo de atingir melhor nível de assistência e recuperação. É importante que se associem aos tratamentos psicológico e físico as "negligenciadas dimensões sociais". A psicanálise e a psicologia do ego trazem valiosa contribuição ao social learning e ao processo terapêutico visado. A comunidade terapêutica conquistou os meios psiquiátricos.

APÍTULO 14

PSICOFÁRMACOS. TRATAMENTOS BIOLÓGICOS. PSICOCIRURGIA

PSICOFÁRMACOS

Psicofármacos são substâncias medicamentosas que, empregadas adequadamente, agem de modo favorável sobre o psiquismo. Psicotrópicos são medicamentos ou tóxicos, de origem natural ou artificial, que têm ação eletiva sobre o psiquismo, exercendo efeito ora normalizador ora perturbador. Psicotrópico é conceito genérico de qualquer produto que tenha marcado tropismo pela psique.

Perde-se na Antiguidade o uso de tóxicos com a finalidade de provocar euforia, torpor e, dobrar a vontade do homem. Em tempos bíblicos, a embriaguez alcoólica era motivo de escândalo. Povos de raça amarela sentiam as musas na beatitude do ópio e os egípcios dançavam de alegria. Jogando grãos de maconha nas fogueiras festivas. Os haxixins iam mais longe, induzindo seus adeptos, sob o efeito do haxixe, ao assassinato. Venerando mestres, como Hipócrates e Averroes, ministravam ervas venenosas, de virtudes terapêuticas, em diversas

doenças. Tóxicos e remédios foram aproveitados, em todas as eras, para atender a apetites vicioso e tratar enfermidades. Bebidas alcoólicas, opiáceos e folhas de coca continuam sendo utilizadas livremente, em culturas atuais como hábitos sociais gratificantes, porém há quem se surpreende por terem surgido menores, desprovidos de ação farmacoterápica confundindo-se com medicamentos.

Com a quimioterapia, a imunoterapia e os antibióticos, os avanços terapêuticos foram recebidos dos com entusiasmo, tanto pela medicina, como pelo povo, pois agiram debelando pestes e reduzindo infecções a uma pequena expressão. Outro tanto não está ocorrendo com os modernos e valiosos psicofármacos, consagrados em duas décadas. A cautela inicial dos médicos foi compreensível, até que confiassem na eficácia de novos e revolucionários produtos. Mas houve um fracasso, com a malsinada talidomida, e jovens desajustados passaram a consumir psicotr6picos. Por falta de esclarecimento, profissionais e leigos qualificaram psicofármacos indispensáveis de nocivos.

A psicofarmacologia surgiu no decênio de 1950, de laboratórios de reconhecida idoneidade científica que ensaiaram a ação farmacológica dos novos produtos, depois de meticulosas experiências de toxidez nos animais, indo da investigação fisiológica à anatômica e à celular, observando-se até a possibilidade de alterações cromossômicas. Comprovada a baixa toxidez ou a inocuidade, chegava-se à experiência clínica, hospitalar e, então, eram estabelecidas as doses de medicamento para o homem, com recomendações específicas. Há psicofármacos, cuja dose letal é 100 ou 200 e mesmo 1.000 vezes maior do que a usada na prática médica. A validade de um pronunciamento, com bases científicas, cabe, apenas, àqueles que adquiriram experiência no uso clínico destes produtos, sob controle severo em hospitais e, somente depois da aprovação, prescritos ao público.

Os velhos sedativos, calmantes e estimulantes, de efeitos imprecisos, foram sendo substituídos por psicofármacos de ação específica no tratamento de doenças mentais. A eficácia traduziu-se, de imediato, pelo clima de tranqüilidade que se manifestou nos hospitais psiquiátricos. Houve reintegração no lar, no trabalho e na sociedade de pacientes considerados crônicos, bem como redução de entradas. A população hospitalar diminuiu, quando a geral está crescendo.

Aumentou a demanda destes medicamentos a tal ponto que, em países altamente industrializados, a pesquisa e a produção somente são superadas por atividades nucleares, eletrônicas, espaciais e alimentares.

Ultimamente, a experimentação em animais está sendo feita, sobretudo, com tranqüilizantes e antidepressivos, mas procura-se maior especificidade, ensaiando novos reguladores do humor, antialucinat6rios, antidelirantes, anti-senilizantes, preventivos para psicoses e até socializantes. Porque, ainda, desconhecemos a origem orgânica, bioquímica ou enzimática das psicoses que se beneficiam com psicofármacos, a farmacologia especializa-se e entra na investigação molecular.

Laborit, em fevereiro de 1952, apurou os primeiros resultados clínicos da clorpromazina, como potencializador de anestésicos. Delay e Deniker iniciaram, então, demorada investigação do psicofármaco que se tornou pioneiro no tratamento das doenças mentais.

Classificação dos Psicotr6picos

Segue a classificação dos psicotrópicos, segundo uma conceituada autoridade na matéria, Jean Delay, para que nela se possa situar a posição das diversas séries de psicofármacos, com os representantes mais usados, no momento, dando os respectivos efeitos.

1. Psicolépticos ou sedativos psíquicos	Hipnóticos:	Cloral barbitúricos
	Neurolépticos	- Fenotiazinas - Reserpina Butirofenas
2. Psicoanalépticos ou estimulantes psíquicos	Tranqüilizantes	- Meprobamato - benzodiazepinas
	Estimulantes da vigília	- Anfetamina
	Estimulantes do humor	- Inibidores da monoaminooxidase - Imipramina e sucêdaneos
3. Psicodislépticos ou perturbadores psíquicos:	Outros estimulantes Alucinógenos ou Despersonalizantes:	- Vitamina C - Mescalina - Lisergamina - Psilocibina

Psicofármacos e Indicações

Os grandes medicamentos psiquiátricos são os tranqüilizantes, os antidepressivos e os reguladores do humor que não levam ao abuso e tampouco à dependência. Na dose adequada e, em acordo com a compleição, idade, sexo, condição fisiológica e psíquica e particularidades individuais, são bem tolerados, trazendo resultados favoráveis, segundo a natureza da enfermidade, dentro de minutos, horas, dias ou semanas. Os pacientes são instruídos sobre reações possíveis e recomendados de tomar as doses na hora das refeições ou ao deitar para não se escravizarem ao relógio. A medicação é ministrada na vigência de psicoterapia e de outras prescrições.

Tranqüilizantes maiores, neurolépticos, não encontram precedentes nos remédios do passado e são empregados na excitação ou agitação psicomotora de esquizofrênicos, maníacos, alcoólatras psicóticos, ansiosos em desespero, retardados eréticos, turbulentos senis e nas curas de impregnação ou sono. Os produtos pertencem a várias famílias químicas: fenotiazinas (amplictil, neozime, fenergan, neuleptil, stelazine, anatensol, tementil); butirofenonas (haldol, triperidol) e tioxantenos (navane). Reserpínicos caíram em desuso na prática psiquiátrica, embora tenham sido largamente aplicados, quando foi lançado o amplictil; derivados da rauwolfia serpentina foram estudados e introduzidos pelos indianos, Ganneth Sen e Katrick Rose, para combater a hipertensão arterial e excitação das psicoses. Utilizando neurolépticos, é contra-indicado dirigir veículos automotores, pois induzem sonolência e diminuem a rapidez dos reflexos, em doses altas. Bebidas alcoólicas potencializam, aumentam o efeito.

Antidepressivos estabilizam o humor no plano do bem-estar e da alegria, afastando a tristeza e o derrotismo, porém não servem como euforizantes para pessoas poupadas pela depressão. Agem em uma, duas ou três semanas, nas depressões psicóticas, simples e periódicas, nas formas de melancolia da involução e nas depressões neuróticas. São representados por compostos químicos, tricíclicos, cujo protótipo é a imipramina, contando escassos riscos e trazendo efeitos secundários leves (tofranil, anafranil, tryptanol, evadyne, mutabon, limbitrol: os dois últimos associados a ansiolíticos). Outras substâncias antidepressivas são as hidrazidas, inibidoras da monoaminoxidase, cuja sigla é IMAO, utilizadas se os tricíclicos falharem, mas que exigem dieta, isenta de tiramina, complexo encontrado no queijo, iogurte, coalhada, requeijão, mozzarella, no doce ambrosia, vinho, cerveja e banana. Podem provocar dor de cabeça e hipertensão arterial passageira, se não se obedecer à dieta. Baixam, por vezes, a tensão arterial em hipotensos. Os resultados terapêuticos, no entanto, são mais rápidos e, particularmente, só trouxeram benefício aos meus pacientes. A sulpiride, produto aparentado com a procainamida, é antidepressivo, desinibidor e ansiolítico (modulan).

Entre os reguladores do humor, utiliza-se com freqüência o protótipo, carbonato de lítio, que age favoravelmente na excitação maníaca e, como preventivo, nos surtos periódicos da psicose maníaco-depressiva, sobretudo nas formas bipolares; é bem tolerado e não traz reações dignas de nota. Tem sido usado, por anos, sem interrupção e sem reações desagradáveis. Maníaco-depressivos, de internações repetidas, com o carbonato de lítio vivem normalmente. Este medicamento constitui o primeiro passo na prevenção de uma doença mental, por meio químico. Os ansiolíticos, considerados pequenos tranquilizantes, são mais recentes, e substituem os superados sedativos. Eliminam a ansiedade e a intranquilidade, sem carrear sonolência; dão bem-estar e discreta lassitude, não comprometendo o rendimento intelectual. Há larga difusão pela margem de segurança que oferecem, pois desconhecem contra-indicações. Agem em 15 ou 30 minutos e o efeito dura muitas horas. São levemente potencializados por bebidas alcoólicas. Representados pelo grupo das benzodiazepinas (dienpax, diazepam, relaxil, librium, valium, lorax, psicopax, nebrum). Alguns derivados da benzodiazepina têm ação sonífera leve, induzindo sono, de molde fisiológico (nitrenpax, serenex e mogadon). Estão deixando o mercado brasileiro compostos do grupo propanediol, qualificados pelos norte-americanos de "comprimidos da felicidade", e por eles ingeridos quase tão largamente como a generosa aspirina; eficientes e praticamente inócuos, apenas irritam a mucosa gástrica, se tomados fora das refeições e abusivamente (equanil, sedavier, miltown, hartol). Ansiolíticos têm emprego nos estados ansiosos histéricos, hipocondríacos, obsessivo-compulsivos, doenças físicas des: confortáveis e nas reações vivenciais de angústia.

Particularizando indicações. Grandes tranquilizantes ou, neurolépticos têm preferência na agitação psicomotora ou, genericamente como antipsicótico: fenotiazinas e butirofenonas. Na esquizofrenia delirante: butirofenonas e fenotiazinas. Nos delírios alucinatórios, as butirofenonas são quase específicas. Nas esquizofrenias simples: tioxanteno, butirofenona e fenotiazina. Desde que o paciente não tenha cardiopatia grave ou glaucoma, nas depressões recorre-se aos diferentes tricíclicos, optando pelo mais adequado ao caso. Como segunda linha, e

na contra-indicação dos tricíclicos, entram os inibidores da monoaminoxidase. Embora a maioria dos psiquiatras tenham associado hidrazinas e tricíclicos os britânicos o fazem.

Utilizam-se associações medicamentosas: sinérgicas, de tranqüilizantes maiores e menores; antidepressivos e ansiolíticos; neurolépticos com reguladores do humor; dois tricíclicos; antidepressivos com neurolépticos e neurolépticos com antialucinatórios. Empregam-se associações cronológicas: curas de lítio, substituídas por neurolépticos; antidepressivos por tranqüilizantes; quimioterápicos por eletroterapia. Para corrigir efeitos secundários, juntam-se antiparkinsonianos a neurolépticos, vasopressores a antidepressivos, e estimulantes e antidepressivos, e estimulantes e antiparkinsonianos a neurolépticos. Em casos de agitação psicomotora severa, associam-se tranqüilizantes maiores, buscando reforço de efeito, em coquetéis de vários produtos, v. g.: neozine, haldol e fenegan. São práticas hospitalares, alcançando graus progressivos de impregnação, até debelar a agitação, pois esta pode exaurir o paciente. No Sanatório São José, em Porto Alegre, a impregnação, nos graus que exigem controle dos sinais vitais, é assistida por um artífice da anestesiologia, Flávio Kroeff Pires, proporcionando total segurança e resultados eficazes.

As mulheres, por serem portadoras de maior labilidade vegetativa, reagem com doses menores ou simplesmente com ansiolíticos, ao se tratar de excitação. Velhos podem ter hipotensão brusca com neurolépticos: São contraindicados tranqüilizantes maiores para crianças, visando a evitar interferência no crescimento; recorrer às benzodiazepinas ou ao velho e inofensivo fenobarbital, em doses indicadas pelo pediatra (gardenahna, luminaleta). Alguns autores estadunidenses admitem que a dosagem e os efeitos secundários obedecem a variações étnicas, alegando que europeus continentais e asiáticos exigem doses menos elevadas.

Reações Secundárias e Toxidez

Psicofármacos têm pouca toxidez e não trazem riscos vitais, a não ser com doses elevadíssimas. Casos de tentativa de suicídio com doses maciças, redundam em fiasco, desagradáveis lavagens do estômago e muitas picadas de estimulantes. Reações secundárias são passageiras e atenuam reduzindo a dose, sem prejuízo do efeito terapêutico. Havendo intolerância invencível a uma droga, existe o recurso de substituição por sucedâneos bem tolerados. Associações corretivas resolvem dificuldades. Problemas de sensibilidade ou idiosincrasia de algumas pessoas são contornados pelo médico.

Neurolépticos podem trazer secura da boca e sonolência e, poucas vezes, taquicardia, palidez e tremor, sem conseqüências; apenas reduzir a dose e dar um corretivo. Em doses altas ou em indivíduos sensíveis existe a possibilidade de ocorrerem abalos musculares, hipotensão arterial ortostática e tendência à inércia. Jacques Boissier, titular da farmacologia, da Faculdade de Medicina de Paris, afirma que neurolépticos e antidepressivos usados por gestantes não trazem malformações, com os produtos, atualmente, comprovados.

Antidepressivos, tricíclicos, ocasionam, por vezes, secura na boca, obstipação (prisão de ventre), suores no tronco (num terço dos casos), e, raramente,

taquicardia, perturbação da convergência ocular, retenção da urina e distúrbios da condução nervosa do coração. Proscritos no glaucoma e cardiopatias graves. Os inibidores da monoaminoxidase baixam a pressão arterial em hipotensos e, em alguns casos, trazem insônia, aumento do apetite e discreta euforia. Boissier põe em dúvida a incompatibilidade da IMAO com a tiramina, depois de manter ratos, durante dez dias, com dieta exclusiva de queijo Camembert e hidrazina, nada verificando de anormal.

Tranqüilizantes menores ou ansiolíticos, como as benzodiazepinas, induzem sonolência se associados ao álcool, enquanto os meprabamatos, do grupo propanediol, ocasionam gastrite, em altas doses.

Mecanismos de Ação

A atividade dos psicofármacos difere nas pessoas, porque o processo de metabolização no organismo é determinado por fatores constitucionais. Dosagem igual traz diferenças apreciáveis na concentração sanguínea. Efeitos psicofarmacológicos são, de um modo geral, moderadores ou ativadores. A repercussão sobre as funções psíquicas e somáticas implica numa ação bioquímica, caracterizada por interação de ácidos aminados, aminas biógenas e polipeptídeos hipotalâmicos. Investiga-se se os psicotrópicos agem sobre o metabolismo dos neurônios ou por mecanismo neuro-humoral, de transmissão química, nas sinapses ou, ainda, de libertação de fatores afetivos hipotalâmicos.

Psicodinâmica

Tanto nos hospitais, como na clínica privada, é inquestionável a melhora que os psicofármacos trouxeram no comportamento dos pacientes.

Jean Guyotat, de Lyon, admite que os psicofármacos modificam pulsões agressivas e sexuais, bem como o humor dos pacientes, e que os medicamentos, por sua ação biológica ou psíquica, trazem alterações na distribuição dos investimentos sobre a própria pessoa e objetos exteriores. Outrora, em regime hospitalar, os investimentos eram administrativos, segregativos e, também, feitos nas curas biológicas, na laborterapia e nos outros doentes. Os psicofármacos trouxeram situação mais complexa, pois o medicamento investiria no psiquiatra, e este no paciente, através do ritual terapêutico. Na relação médico-paciente, há um sistema de troca de economias narcisistas. E Balint adianta que o médico é a droga principal, com tudo o que ele representa de não significativo individualmente, por oposição à representação social que nos mostra a relação médico-paciente como um disfarce da encenação edípica. Na clínica privada, volta Guyotat, a situação é diversa, o médico e o paciente escolhem-se, segundo características de semelhança e de complementação

Conquista Terapêutica

Os psicofármacos marcaram nova era na assistência ao doente mental. Quando olhamos para trás, os obsoletos, ineficientes e desumanos métodos empregados, até meados do século passado, são vistos como pesadelos dantescos. O doente

do grilhão, da cela, da palha em que dormia, espalhada no chão, da sordícia nauseante, do alimento dado pela gateira de porta couraçada, numa condição de animal feroz, malgrado a campanha redentora de Pinel, os protestos de Clifford Beers e da laborterapia de Hermann Simon, melhorou na condição de vida. Mas continuou, num grande número de hospitais públicos, em regime de assistência sub-humana, pela excitação, pela hostilidade ou pela passividade e negativismo trabalhosos que passavam sobre sacrificados e mal remunerados enfermeiros e auxiliares. A orientação introduzida com a psiquiatria dinâmica, em alguns hospitais evoluídos, trouxe condição humana ao doente mental, porém este continuou exigindo sacrifício daqueles que o assistiam, por turbulência e falta de cooperação.

Mas os círculos do inferno transformaram-se num clima de serenidade e de dignidade hospitalar, com o emprego de drogas, pequenas no tamanho, porém grandes no efeito. Relacionamento cordial entre enfermeiros e pacientes, técnicas sociais, com trabalhos e lazeres, e a psicoterapia, apenas acessível a determinados doentes, tornaram-se realidades animadoras. Casos agudos começaram a ter pronto restabelecimento, subagudos tiveram recuperação abreviada e os qualificados de crônicos surpreenderam com melhoras, a ponto de deixarem, em proporção apreciável, o hospital e retornarem à família, ao trabalho e à sociedade, com defeito mental tolerável. O repúdio popular ao enfermo mental e ao hospital psiquiátrico está cedendo.

Tornou-se possível a comunidade terapêutica, onde, na complexidade social da instituição psiquiátrica, todos se ajudam. A reabilitação do enfermo entrou em regime revolucionário, com a instauração da coterapia, da interação de diversas técnicas terapêuticas. E o psicofármaco, além de sua grande cooperação no tratamento, entrou no campo da prevenção. Nos consultórios privados e nos postos de saúde, a doença é combatida nas suas primeiras manifestações, com medicamentos que, em poucas semanas, trazem alívio dos sintomas mais perturbadores, permitindo que o paciente continue em assistência ambulatoria, colhendo os benefícios da psicoterapia. Psiquiatras com vinte ou mais anos de experiência sentem-se mais tranquilos, pois manejam os casos, sem ter de enfrentar, tantas vezes, o recurso extremo da hospitalização, penoso para o cliente e oneroso para a família.

O atual estilo de vida, de ritmo acelerado e de tensões dos novos compromissos, traz, em todas as faixas etárias, mais ansiedades, fobias, insônias, terrores e condutas anômalas que podem ser atenuadas com medicamentos de pronto efeito, até que o psiquiatra tenha tempo de investigar a personalidade do paciente e levá-la, por meios psicológicos, ao equilíbrio emocional. Nenhum método terapêutico, de eficácia comprovada, será abandonado. A meta é apressar a recuperação, deixando de lado preconceitos que não se ajustem à atitude imparcial, científica e humana do médico. A habilidade profissional estará sempre em prova, tratando cada caso com recursos adequados, sejam psicológicos, sociais, químicos ou biológicos. O argumento levantado, insinuando que a psicoterapia possa ser prejudicada pelo uso de psicofármacos, não é sustentável. Na psicoterapia há tanto ou mais investimento afetivo do que na farmacoterapia, e as drogas não ocultam o mecanismo psicológico do indivíduo, mais do que as

resistências psicoterápicas, que são perseguidas, combatidas e desmanteladas, através de processos que se arrastam no tempo.

Perspectivas

Com o progresso da bioquímica, a farmacologia clínica está em foco e nela o acento recai nos psicofármacos, sempre mais ensaiados e empregados na medicina geral. Apesar do considerável avanço na terapia as doenças mentais, uma parcela do público e das autoridades sanitárias, que não tem experiência clínica, combate os psicofármacos, como se fossem psicotrópicos nocivos, semeando preconceitos, resistências a abstenções prejudiciais. Alarmam-se com as toxicomanias modernas que buscam fontes em alterações sócio-culturais e pretendem explicá-las simplesmente pela difusão de tóxicos que não são medicamentos. Estes existiram, desde tempos imemoriais e bem mais deletérios do que os atuais. As bebidas alcoólicas, promotoras de um dos mais desagregadores males sociais, permanecem incólumes, acessíveis a todos, admiradas em artísticas embalagens, sem etiquetas que alertem perigo para a saúde.

Medicamentos são tóxicos como alimentos, basta que se exagere o uso. E os toxicômanos não consomem remédios, a não ser em situações extremas de carência, mas, então, a cândida e familiar aspirina, veiculada em comprimidos de talco, é injetada na veia.

As autoridades de fiscalização sanitária exigem do paciente receita médica para psicofármacos. Correto. Medicamentos devem ser prescritos por médicos, porque têm indicações precisas. Nesta circunstância, seria obrigatória receita de todos os medicamentos. É costume em muitos países, onde uma seringa ou uma agulha são prescritas. A parcialidade dos postos de controle farmacêutico é arbitrária. Intoxicações voluntárias ocorrem com inúmeras utilidades domésticas. Os psicofármacos não se assemelham aos opiáceos, anfetaminas, lisergaminas e à maconha e constituem uma série de produtos elaborados com estrita finalidade terapêutica, sem provocar dependência física. O hábito vicioso não depende da droga, mas de circunstâncias culturais e fatores constitucionais. Médicos, tratando pacientes, modificam a medicação, constantemente ou a suspendem bruscamente, em acordo com as exigências do momento, e o cliente não manifesta sintomas de abstinência do psicofármaco. A retirada súbita ou substituição de tóxicos viciosos é acompanhada de sofrimento insuportável, com risco de colapso e morte. Os psicofármacos têm vinte anos de existência, trazem valiosa contribuição terapêutica nas doenças mentais e prometem resultados positivos, imprevisíveis, considerando a especialidade que os pesquisadores vem apurando.

A psiquiatria experimental, alicerçada na bioquímica e na neurofisiologia, tem feito progressos no esclarecimento da natureza das enfermidades psíquicas. Psicotrópicos alucinógenos e despersonalizantes, gerando quadros esquizofrênicos, fornecem dados para estudo, e as anfetaminas, em uso prolongado, despertam delírios de referência e perseguição.

Há na série dos novos medicamentos, uma crescente marcha para indicações mais específicas. Existem, já, tranquilizantes de ação retardada que injetados em

doses pequenas agem favoravelmente por duas e três semanas, enquanto, por via oral, exercem efeito com doses mais elevadas.

Reações secundárias reduzem com doses de ação prolongada e doses úteis diminuem com uso arrastado. Um novo estabilizador do humor, a dipropilacetamida, está sendo investigado, sugerindo ser preventivo para surtos maníaco-depressivos.

Existem pesquisadores que cogitam e realizam explorações biológicas e, em particular, cromossômicas, que nos levariam à psicofarmacologia preventiva. A grande meta é o psicofármaco específico de uma doença mental endógena.

TRATAMENTOS BIOLÓGICOS

Em conclusão, tranqüilizantes e antidepressivos funcionam como contribuição energética à economia narcisista do paciente. Os primeiros dão ao enfermo a possibilidade de refazer-se, restaurando o narcisismo primário, enquanto os segundos permitem novamente o investimento no exterior, num objeto que o leva à imagem satisfatória de si mesmo.

Os tratamentos biológicos remontam a Wagner-Jauregg, quando começou a tratar a paralisia geral, forma grave de sífilis nervosa, pela malarioterapia (1917). A doença, também conhecida por demência paralítica, é caracterizada por enfraquecimento psíquico, megalomania e distúrbios neurológicos. Levavam à morte, em meses ou poucos anos, antes desta terapia. Era inacessível ao tratamento antilúético daquele tempo. A remissão ocorria depois de vários surtos febris provocados pela inoculação do plasmódio da malária benigna. Método de manejo difícil e arriscado, era todavia, posto em prática, por trazer cura radical na maioria dos pacientes que não estivessem severamente afetados. A malarioterapia fez sucesso e Wagner-Jauregg recebeu o Prêmio Nobel de Medicina, por ter encontrado o primeiro recurso terapêutico específico para uma doença mental. Posteriormente, a malarioterapia foi substituída pela eletropirexia e, mais adiante, pela penicilinoterapia que trouxe curas, sem o perigo da infestação palúdica. Considerada um flagelo, a sífilis passou a ser combatida pela penicilina e foi quase totalmente extinta. Hoje, são raríssimos os casos de paralisia geral.

Manfred Sakel, em Berlim, tratando morfinômanos, admitiu que a excitação da abstinência era causada pela atividade excessiva do sistema adrenotireóideo e decidiu tratá-la com hormônio antagônico, a insulina. Começou a utilizar insulina em doses altas, em doentes excitados, mormente esquizofrênicos. Em 1930, referiu remissão de surtos e esquizofrenia através do coma insulínico. Depois de cuidadosa e longa experimentação, observou que os doentes se beneficiavam repetindo o coma três vezes na semana e em séries de 20 a 40 sessões. Houve casos de remissão total, nos dois primeiros anos de enfermidade, e parciais, nas formas demoradas, e o método de Sakel foi mundialmente aceito, com entusiasmo científico. O coma durava quatro horas, controlado rigorosamente por médicos e enfermeiros e interrompido por soluções de açúcar, ministradas por sonda nasal ou por injeções venosas de glicose. Em pouco, o paciente despertava lúcido e ingeria chá com açúcar ou xaropes aromatizados, para neutralizar o efeito da insulina, cujas doses variavam de 40 a 100 ou mais unidades, injetadas numa

picada muscular. A terapêutica psiquiátrica passou a agir com sucesso nas psicoses endógenas e o método foi aperfeiçoado de modo a trazer pequeno risco, quando aplicado com rigor. Empregada largamente nas esquizofrenias e nas modalidades da psicose maníaco-depressiva, bem como nas desintoxicações de morfinômanos que não sofriam na fase crítica e muito penosa da brusca abstenção do tóxico. Contra-indicada nos portadores de infecções agudas e nos tuberculosos. A ação curativa da insulina far-se-ia pela redução do açúcar no sangue e pela anoxemia que, afetando as células da córtex cerebral, libertariam os centros nervosos inferiores da função frenadora superior. O cérebro regressaria a níveis baixos de adaptação e a energia vital reparadora abalaria os padrões mórbidos, forçando-os a uma remodelação em níveis regulares, até atingir a normalidade. Na década de 1950, por constituir método trabalhoso e contar com riscos, e sobretudo por surgirem outras terapias mais práticas, foi sendo abandonada. Em grande hospitais psiquiátricos, quando falham todas as terapias usuais, a insulino-terapia, associada ao eletrochoque, dá alguns resultados favoráveis. É considerado tratamento em desuso.

. Em 1933, Ladislaus von Meduna, de Budapeste, partindo do antagonismo que admitia entre esquizofrenia e epilepsia, provocava crises convulsivas em esquizofrênicos com cânfora e, posteriormente com cânfora sintética, cardiazol, por via venosa, em doses de 3 a 8 cm³. Obtendo bons e até espetaculares resultados, tanto em esquizofrênicos como em maníaco-depressivos. Nas depressões psicóticas, o sucesso ocorria nas primeiras sessões e o paciente normalizava. Se resistiam ao tratamento os doentes. eram submetidos. a seis e até dezenas de aplicações, bi ou tri-semanais. Os esquizofrênicos exigiam terapêutica mais prolongada. Contra-indicada em cardiopatias severas, pneumopatias e fragilidade óssea: Risco temível eram fraturas, embora pouco freqüentes, dos membros inferiores e corpos vertebrais. A reação imediata provocada pelo cardiazol, no paciente, era de pânico, logo seguida de perda da consciência e momentâneas mas violentas crises convulsivas, tônico-clônicas, de toda musculatura estriada. Seguia-se coma estertoroso passageiro e fase de sonolência variável, de trinta ou mais minutos. Método penoso para o paciente, médico e enfermeiros que procuravam proteger o enfermo das contrações musculares perigosas, usando contenção manual para os membros inferiores e bucha de gaze na boca, para evitar mordedura da língua e luxação do maxilar. Técnica de aspecto dramático, desagradável, mas de efeitos terapêuticos surpreendentes. Caiu no abandono, tendo prestado relevante serviço em um lustro, com o advento da eletroconvulsoterapia de Cerletti.

Quando Ugo Cerletti, em 1938, obteve a cura de um esquizofrênico anônimo, encontrado num vagão de uma ferrovia de Roma, utilizando eletricidade, houve grande repercussão nos meios científicos. Cerletti fizera estudos em animais e verificara que correntes elétricas que atravessavam o cérebro traziam perda do conhecimento e convulsões sem outras conseqüências. Aplicou no homem correntes transcerebrais de menos de 100 volts, inferiores à necessária para acender uma lâmpada comum. Com seu assistente Bini, aprimorou a técnica, utilizando eletródios colocados nas têmporas, que permitiam a passagem da eletricidade, durante décimos de segundo. Entre 70 e 100 volts, privavam o paciente de imediato da consciência, provocando menos ansiedade e convulsões

mais brandas que as do cardiazol. O número de sessões obedecia ao critério da cardiazoloterapia, seis ou mais, três vezes na semana. Em casos de agitação psicomotora ou angústia intensas, eram feitas duas ou três e mais sessões em dias consecutivos.

A ansiedade inicial e o rigor das convulsões foram suprimidos, com anestesia prévia pelo pentotal venoso ou similares, associados a miorrelaxantes à base de curare. Tornou-se exigência a cooperação do anestesiológico, para o eletrochoque modificado: é diminuída a secreção da mucosa nasal para desobstruir as vias respiratórias, os pulmões são oxigenados e estimulados com gases e a musculatura relaxada com derivados do curare, associados ao anestésico. Afastou-se o risco de fraturas e também da asfixia passageira que ocorre por contração do diafragma. O paciente não sofre, por estar anestesiado; quando passa a corrente elétrica. A reação traduz-se por perda da consciência, enrijamento muscular, pequeno tremor das extremidades e pálpebras e coma de breve duração, seguido de sonolência. Desperta um tanto confuso para logo alcançar lucidez e aceitar o desjejum, com apetite natural. O tratamento é feito em regime de hospital, hospital-dia e ambulatório. Jacintho Godoy Filho, com larga experiência de psicóticos, considera-o método seguro e eficaz como diretor do Sanatório São José, em Porto Alegre.

o eletrochoque modificado superou as outras medicações biológicas, desde a década de 1940, declinando fortemente, na aplicação, com a introdução dos psicofármacos. No entanto, é mundialmente aceito, como recurso indispensável, nas formas graves de esquizofrenia e psicose maníaco-depressiva, e formalmente indicado na melancolia acompanhada de idéias de suicídio, na agitação psicomotora extrema de esquizofrênicos e em casos rebeldes de psicose epilética, quando a, confusão mental e a turbulência de dias cede com uma ou duas sessões. Contra-indicado em infecções agudas, cardiopatias graves e pneumopatias.

É considerada técnica agressiva por alguns médicos, porém os pacientes a aceitam como modalidade de sonoterapia, dada a narcose inicial e o fato de não sofrerem. Os sintomas perturbadores esbatem-se rapidamente, o que nem sempre ocorre com os psicofármacos o comprometimento temporário da memória de fixação é desagradável, nas primeiras semanas que seguem a terapia, mas é compensado pelo pronto alívio do sofrimento e a segurança contra o perigo do suicídio e da agitação. Houve preocupação ao pensar que a corrente elétrica trouxesse danos cerebrais, porém estudos minuciosos chegaram à conclusão de que as alterações são discretas e reversíveis. Exames eletroencefalográficos confirmam o caráter temporário dos desvios bioelétricos. Direi que é uma terapêutica heróica, como tantas outras, mas justificada pela gravidade da situação mórbida. A gravidade de uma doença exige ação enérgica e decisiva, não permitindo contemporizações com, recursos demorados que levarão à agravação, à cronicidade ou à morte. Doenças mentais, como doenças físicas, devem ser tratadas precocemente e com o máximo de eficiência, para que não deixem defeitos inamovíveis.

. Eletrochoque, com anestesia e curarização prévias, pode ser associado aos psicofármacos, às psicoterapias e às técnicas sociais. Coterapia, no sentido de participação de recursos úteis à cura, é atitude científica e racional. Combater

qualquer terapêutica, consagrada pela eficiência, implica em rechaço passional, oriundo de preconceitos incompatíveis com o espírito científico que deve reger a medicina.

O psiquiatra, em acordo com pendores pessoais, especializa-se no largo campo da saúde mental, em psicoterapia, psicofarmacologia, ambientoterapia, reflexologia, psiquiatria social, psiquiatria infantil ou investigação molecular do cérebro. Todos os conhecimentos colhidos destas especializações se integram e são indispensáveis ao desenvolvimento da psiquiatria, cujas descobertas significam conquistas para o bem-estar do homem.

Foram aventadas diferentes hipóteses para explicar o mecanismo de ação do eletrochoque. São todas discutíveis. Darei a do próprio Cerletti. Admite o autor que o eletrochoque leva o indivíduo ao limiar da morte e, neste momento, surgiria uma reação extrema, desesperada de sobrevivência, com formação de aminas de grande atividade reparadora que denominou acroagoninas (ápice da agonia). Estas agiriam rompendo padrões mórbidos e impelindo o organismo a voltar ao plano do equilíbrio psíquico. A concepção lembra uma fantasia, mas surgiu de um fato comprovado. Injetando soro sanguíneo de ratos submetidos ao eletrochoque, em ratos esquizofrenizados com psicotrópicos, os últimos reagiram prontamente, tornando-se alertas, ativos e denotando comportamento normal.

PSICOCIRURGIA

Experiências em animais, observações clínicas de tumores cerebrais e a ablação cirúrgica de um ou dois lobos frontais levaram Egas Moniz, professor de neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, a ensaiar a cirurgia nas doenças mentais funcionais.

Todo organismo contribui para a elaboração dos fenômenos psíquicos, em particular o sistema nervoso, porém cabe ao cérebro uma relação mais direta com a atividade mental. As áreas frontais são a estação convergente de todas as energias. Basta que se considerem suas amplas conexões com o diencéfalo, metencéfalo e istmo. Sugeriu Moniz a teoria das constelações neuronais, decidindo intervir, cirurgicamente, nas psicoses endógenas, com o propósito de romper moldes estereotipados que se haviam estabelecido nos centros de associação cortical. Preferiu atingir fibras nervosas de associação para não destruir campos celulares iniciou tentativas operatórias com injeções de álcool e cortes diretos no centro oval, até chegar à leucotomia frontal, bilateral. Em 1935, com Almeida Lima, submeteu vinte pacientes (melancólicos, neuróticos obsessivos, maníacos e esquizofrênicos) à leucotomia, logrando sete curas e sete melhoras. Este sucesso foi bastante debatido e logo ensaiado nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Brasil, com resultados comparáveis aos de Egas Moniz.

A técnica original consistia na abertura de pequeno orifício, diante da sutura coronária, junto aos ossos parietais do crânio, para a introdução de uma cânula que rompesse as fibras de associação fronto-talâmicas. A fim de reduzir riscos, a técnica da lobotomia sofreu posteriores modificações. Maltos Pimenta, em São Paulo, e Almir Alves e Elyseu Paglioli, em porto Alegre, no decênio de 1940, operaram mais de mil casos, o primeiro, e mais de trezentos, os segundos. No Hospital Psiquiátrico São Pedro, os resultados foram considerados bons em

24,6% dos pacientes, satisfatórios em 18, sofríveis em 18 nulos em 39,4%. Deixaram o hospital 36,6% dos lobotomizados, sendo que 24% retornaram ao trabalho. Um dos pacientes contava dezesseis anos de reclusão. Somente praticada em doentes crônicos em situações extremas, quando as outras terapias tinham falhado e os pacientes corressem risco de suicídio ou apresentassem perigo de causar graves agressões. Depressões psicóticas irreversíveis, incluindo a evolutiva, mania crônica com agitação, esquizofrenias com turbulência e também neuroses obsessivas severas. Os obsessivos operados aceitaram espontaneamente a cirurgia, porque eram considerados incuráveis e desejavam liberta-se do mal insuportável.

O ato cirúrgico é seguido de uma fase de confusão mental e sonolência que se dissipa em uma semana. Nos bons resultados, cedem os distúrbios psicóticos, manifestando-se um estado peculiar, caracterizado por fleuma ou discreta euforia, pensamento lerdo, menor espontaneidade, certo descaso pelas convenções sociais, ociosidade, complacência e melhor ajustamento familiar e social. Não há apoucamento da inteligência. A personalidade modifica para melhor, pois da condição de morbidez, com agitação ou ansiedade, passa para a de tranquilidade e serenidade, porém diversa da situação pré-mórbida.

Segundo W. Freemann, de Washington, com grande experiência em leucotomia frontal, o benefício cirúrgico decorre da rotura das associações fronto-talâmicas, dificultando o acesso de impulsos afetivos do tálamo ao campo da ideação as áreas frontais.

Com relação ao psiquismo do leucotomizado diz o eminente psiquiatra português, Barahoma Fernandes, que nos operados dominam as reações de conduta dependentes de ações externas sobre as da vida interior e individual, havendo simplificação das reações sociais e diminuição da diferenciação intrínseca da personalidade. Haveria um retorno a formas mais elementares de integração com leucotomizados.

O sucesso dos psicofármacos trouxe descrédito para a psicocirurgia, hoje esporadicamente empregada em afecções mentais rebeldes às outras terapias, mas utilizada por neurocirurgiões para eliminar a dor insuportável de alguns portadores de câncer que não respondem aos analgésicos.

CAPÍTULO 15

SAÚDE MENTAL, GOVERNO E COMUNIDADE

O Homem, desde os seus primórdios, vem manejando a Natureza e nesta atitude põe todo o seu engenho. Porque não se conforma com as leis biológicas dá-se ao luxo de querer coisas contrárias à própria índole. Exige satisfações que transcendem os instintos. Tem anseios específicos e angústias sem perigo real. Cogita de duas realidades, a objetiva, universal, e a subjetiva psíquica, que é exclusivamente sua individualíssima. Selvagem, bárbaro ou civilizado é sociável e

amoroso ou solitário e hostil. Alimenta sentimentos de vida e dominação e sentimentos de estranheza e destruição. Com o advento da Era Cristã, tentou atingir uma cultura calçada na fraternidade, na razão e na justiça, porém não abandonou os moldes atávicos de violência. Constrói uma sociedade confortável que se complica com novas conquistas e provoca crises econômicas, sociais, políticas e religiosas que procura superar com reformas unilaterais, radicais, beneficiando um grupo, mas raramente a humanidade.

Apenas começa a ser considerado como uma totalidade, sob seu aspecto multidimensional: biológico, psicológico, social, cultural, econômico, político e religioso.

O progresso científico o desenvolvimento tecnológico, o aumento da população e a comunicação de massa, distorcendo a estrutura social, modificaram profundamente a feição cultural do homem. É verdade que ele tem uma grande capacidade de adaptação e pode viver sob as mais variadas condições, mas se essas forem avessas à sua natureza e persistirem de modo demorado, entrará em protesto. Nenhuma das culturas antigas exigiu tantas qualidades no trabalho. Hoje, são desempenhadas tarefas altamente especializadas, exigindo energia, rapidez, perícia e disciplina. Identifica-se com a máquina e a produção, a mercadoria, não se apercebendo que está renunciado a seu posto de fulcro da criação. Moral e espiritualidade empobrece, porque sua consciência é técnica e utilitária. Não estando preparado para o mundo de suas próprias criações perturba-se e quebra a harmonia da própria personalidade. Homem e sociedade entram em conflito.

Estudos praticados por antropólogos, em comunidades isoladas, mostram que a saúde emocional alcança níveis elevados, enquanto os distúrbios mentais guardam proporções semelhantes às das populações evoluídas. Na civilização contemporânea, houve considerável aumento de protestos emocionais por ocorrer uma dependência maior das exigências perturbadoras do ambiente.

Diz Sivadon: La révolution démographique et industrielle gagne aujourd'hui la quasi-totalité du monde. Les groupes humains de plus en plus denses s'interpénètrent. Les techniques nouvelles se multiplient.

On a pu dire que chaque intervention technique engendre une mutation qui fait de l'homme une espèce nouvelles. En quelques décennies il a acquis les yeux du télescope l'ces oreilles du téléphone, les jambes de l' automobile, les ailes de l' avion, la vue de la télévision et chaque fois des nouvelles manières de relation se sont imposés à lui. Par ailleurs, les langages les coutumes les idéologies s' affrontent.

Saúde Mental

Saúde mental consiste no funcionamento harmonioso da personalidade que se traduz pela livre e adequada expressão dos dinamismos psíquicos, pela afirmação pessoal e pela boa adaptação à realidade exterior. Em outras palavras: amar construtivamente, ter consciência da própria dignidade e superar-se através de atividades criadoras, ajustando-se ao meio social.

Para preservar a saúde mental, devemos estudar as condições biológicas psicológicas e sociológicas mais favoráveis ao engajamento do homem no meio em que vive, pesquisar as causas perturbadoras da cultura atual e aplicar, métodos e técnicas capazes de assegurar o bem-estar psicossocial.

Como disciplina, a Saúde Mental tem, além de funções de preservação e prevenção a de tratar distúrbios emocionais e mentais. Assume, dentro de suas atribuições papéis investigativos, assistenciais e culturais. Os objetivos visados reclamam a ajuda conjugada do Governo e da Comunidade. A eficiência oficial depende da capacidade de seus técnicos, da riqueza do orçamento e de um amplo e eficiente plano de atendimento e assistência que não fique apenas programado, mas que seja executado. Essa deve ser complementada com a atividade dos líderes naturais dos agrupamentos humanos que participam da complexa tarefa, agindo pessoalmente, porém orientados por técnicos científicos. Ika Paul-Point, do Children's International Center, afirma: "Numa promoção de saúde mental é importante definir os valores que contribuem para o desenvolvimento do homem e da sociedade a que pertence. "As motivações encontram diferentes fontes: cívica como responsabilidade, desenvolvimento técnico, disciplina de trabalho e autoconfiança; sociológica, como solidariedade à família, ao grupo étnico, à cidade, ao país e ao trabalho, e também econômica e política, como economizar, investir, inovar, associar-se a corporação e recorrer à palavra, pela comunicação de massa.

Problemas Básicos

O atual estilo de vida vem aumentando, de modo alarmante, as reações emocionais das populações, a ponto de exigir prioridade, na política sanitária de países evoluídos, atenção aos menos privilegiados. A mensagem de John Kennedy, Acta de 1963, sobre Centros Comunitários de Saúde Mental ao Congresso dos Estados Unidos, foi a primeira e eficaz manifestação de alarme de um governante, no sentido de se combaterem intensamente os distúrbios mentais. Mobilizou centros psiquiátricos do país, incentivou políticos e administradores e sensibilizou o povo. As universidades reagiram, ampliando e intensificando programas de ensino em Saúde Mental. A curiosidade do público voltou-se pára a desconhecida natureza dos distúrbios psíquicos e tomou conhecimento da multiplicidade das causas encontradas no desenvolvimento da criança, nas relações familiares, nas exigências culturais e nas pressões sociais. Clamou-se por facilidades de assistência, pois houve interesse em conservar o bem-estar e combater a doença, até então descurada por mecanismos inconscientes de negação, tal o peso dos preconceitos do passado. Orientação, planejamento e execução partirão do governo e da universidade para os lares, as escolas e as empresas.

A defesa da doença mental reside na remoção das múltiplas causas dos distúrbios psíquicos e já contamos com o conhecimento de fatores psíquicos psicofamiliares e sócio-culturais maléficos que podem ser combatidos. Constituem problemas básicos da saúde mental:

- Desajustes na família, na escola e no trabalho.

- Doenças da gestante e da criança.
- Desenvolvimento inadequado da criança nas etapas da evolução pré-escolar.
- Preconceitos de doença mental.
- Descaso nos cuidados humanos ao enfermo.
- Atendimento demorado e tratamento insuficiente.
- Desinteresse na reabilitação do convalescente e do paciente considerado crônico.
- Pobreza de postos de saúde mental, ambulatórios, hospitais, lares adotivos e instituições médico-pedagógicas.
- Falta de equipes psiquiátricas.
- Ausência de comunicação específica para motivar e educar a comunidade
- Exigências conflituosas da cultura e da sociedade contemporâneas

É no ambiente familiar que a criança aprende a controlar os impulsos instintivos, ajustar-se ao meio em que vive e estabelecer as bases da estrutura da personalidade. Harmonia conjugal, atitude equilibrada dos pais, condições domésticas salubres e ausência de pessoas que perturbem a autoridade e o amor parentais são condições indispensáveis à boa formação da criança. Na escola, os mestres substituem os pais, instruem o menor e o iniciam no convívio social. A saúde emocional do educador é tão importante, quanto a instrução escolar por ele ministrada. Será proporcionado contato entre pais e mestres. Ambos, penetrando tão intimamente no mundo das crianças, assumem a delicada missão de protegê-las dos desmandos de pessoas menos responsáveis. Pais e mestres podem praticar a mais eficaz higiene mental, nos primeiros anos. As reações anti-sociais dos menores muito dependem da educação defeituosa. Mais tarde, no exercício do trabalho, terão bom desempenho, não somente se houver bem-estar e capacidade de suportar frustrações também motivo de satisfação.

A prevenção de alguns distúrbios mentais está ligada aos cuidados médicos dispensados à gestante. Alimentação equilibrada, exercícios físicos oportunos, combate a infecções e intoxicações, esclarecimentos sobre o parto e a gestação e amparo psicológico são cuidados elementares. Os nubentes devem ser informados dos riscos da herança similar dos cônjuges, com relação a afecções mentais e neurológicas, tais como a psicose maníaco-depressiva, esquizofrenia, epilepsia essencial e determinadas formas de oligofrenia e outras enfermidades heredo-familiares. Não se têm alertado os casais dos perigos da concepção, quando, no ato sexual, um ou os dois participantes estão alcoolizados, drogados ou acometidos de determinadas viroses. Médicos e enfermeiras serão lembrados das graves seqüelas da asfixia do recém-nascido, de grande responsabilidade nas temíveis disritmias paroxísticas. Infecções, intoxicações e traumas cranianos severos, nos menores, respondem por retardamentos mentais e demências infanto-juvenis.

O desenvolvimento normal da criança depende, sobretudo, do manejo adequado dos pais, nos seis primeiros anos, pois nas etapas pré-escolares se estabelecem as bases da personalidade, já consideradas nos capítulos três, quatro e cinco.

Crianças e jovens não são levados ao psiquiatra e adultos deixam de procura-lo por idéias errôneas sobre as psicopatias. Há preconceitos, opiniões e mitos que

devem ser afastados, mediante informações de fontes autorizadas. Pessoas e comunidades nutrem suspeitas e prejuízos com relação à consulta psiquiátrica, negando a evidência da enfermidade, por temor da hospitalização. Acreditam ficar com o estigma da loucura se recorrerem ao psiquiatra. Nossa cultura permite que se divulguem impressos e se apresentam cenas de toda a sorte de violências, porém procura ocultar os distúrbios psíquicos como sinais de aviltamento e, no entanto, celebra as façanhas dos desvios sociais dos anti-heróis. O atendimento precoce poderia evitar a evolução catastrófica de muitos males mentais.

É necessário que se dê ao doente mental uma assistência tão humana quanto a dispensada ao doente somático e em acordo com o seu habitual padrão de vida. Alimentação balanceada e de boa palatabilidade, roupas confortáveis, boas condições de asseio, trabalhos manuais, atividades artísticas e recreação são elementos indispensáveis para o bem estar de todo ser humano, mormente o desajustado. A observação, em hospitais psiquiátricos, mostra que doentes excitados, deprimidos, introvertido ou delirantes, recebendo um tratamento correto e afetuoso, participam da comunidade hospitalar, tanto nos trabalhos como nos lazeres. No hospital São Pedro, em 1961, doentes crônicos restauraram o velho e grande pavilhão Carlos Lisboa. Liderados por um epilético que publicava mensalmente a gazeta humorística "O Psicopata" taparam buracos, pintaram camas e móveis de madeira no ruinoso casarão que abrigava 400 pacientes. Era a vergonha do hospital. Limitaram-se a pedir material usado, argamassa, sobras de tinta e vidros planos. Três meses depois, convidaram o diretor e o administrador para apreciar a reforma. Promoveram uma festividade com tortas, refrigerantes e discursos, declarando que o trabalho realizado era simples cooperação pelos benefícios que vinham recebendo. A superpopulação tem de ser combatida com energia, pois gera promiscuidade e o seu terrível cortejo de conseqüências. Penrose declara que dois leitos no hospital suprimem uma cela no presídio. Com o maior interesse dos governos e com os modernos recursos terapêuticos, a lotação dos hospitais psiquiátricos diminui, em proporções apreciáveis. Não se justificam, hoje, grandes estabelecimentos, mas pequenos hospitais médios bem equipados para casos que exijam hospitalização demorada.

Familiares, educadores, assistentes sociais, psicólogos, médicos, enfermeiros, empregadores, párocos e agentes policiais são os primeiros a surpreender as manifestações da doença. Cabe a eles promover a consulta no posto de saúde mental mais aproximado da residência do enfermo e interessar a família no atendimento precoce. Acontece que, nos consultórios e hospitais, a demanda de assistência é, via de regra, maior do que a oferta de auxílio, pois os serviços são escassos e o número de técnicos insuficientes. Os novos pacientes, à exceção de casos urgentes, esperam semanas pela entrevista, o que traz angústia para o paciente e desespero para os parentes. Finalmente, pode ocorrer uma hospitalização que seria evitada numa consulta imediata. Há falta de postos de serviço, de equipamento, de psicofármacos e de equipes de profissionais especializados. Nos hospitais deveria ser facilitado o treinamento de agentes de saúde mental em todas as categorias, e para tanto é imprescindível o apoio oficial e a colaboração da universidade. Tratamento químico e biológicos são insuficientes se não houver suporte psicológico e social.

Em alguns Estados, existem depósitos de doentes e não hospitais e, noutros, um estabelecimento para atender populações densas. Nos Estados mais ricos há bons serviços, mas em número reduzido e mantidos com sacrifício do pessoal técnico e, em particular, da sempre sofrida e mal remunerada enfermagem.

A recuperação do paciente cabe ao psiquiatra e sua equipe, na qual desempenha papel importante o praxiterapeuta e o recreacionista, através dos trabalhos manuais, da expressão artística e da diversão. O convalescente é acompanhado pela equipe para que mantenha os benefícios da cura, não sendo desligado do hospital, por ocasião da saída, pois a reabilitação do egresso é garantida pela eficaz ação da assistente social psiquiátrica que promove o reajustamento do paciente na família, no trabalho e na sociedade. Mas também o doente de longa hospitalização, o crônico, é levado a participar da praxiterapia e do convívio da comunidade hospitalar, submetendo-se peridocamente à revisão médica e ao uso de psicofármacos. Considerável número de enfermos outrora tidos irreversíveis, deixam o hospital e retornam ao lar e, não raro, ao trabalho, embora com alguma deficiência.

Os departamentos de Saúde Pública distribuem postos e mesmo centros de saúde pelos municípios do Estado, para assegurar boas condições sanitárias à população, porém os departamentos de Saúde Mental, quando existem nem sempre dispõem de recursos humanos e materiais para instalar unidades especializadas em municípios de posição geográfica estratégica. Conclui-se que Governo e Comunidade ainda não têm consciência dessa necessidade. Oligofrênicos educáveis ou adestráveis ficam com suas possibilidades de aprendizado anuladas pela inexistência de instituições médico-pedagógicas oficiais. Existe a agravante de retardados permanecerem depositados, em condição vegetativa, em hospitais psiquiátricos comuns, sem dispor de educadores especializados.

Nos programas de Saúde Mental, relevância está nas já tradicionais equipes psiquiátricas, constituídas de psiquiatria, psicóloga, assistente social, enfermeira e praxiterapeuta. Na prevenção primária da doença, assistentes sociais, enfermeiras visitantes, psicólogos e voluntários desenvolvem eficiência maiôs junto à comunidade do que os médicos, cuja função se restringe ao ambiente clínico. Departamentos universitários de psiquiatria, psicologia, assistência social e enfermagem estão assumindo po compromisso de preparar estes profissionais para o campo de saúde mental, com cursos especiais de pós-graduação e residências. Passando da clínica individual para o atendimento comunitário, o profissional toma atitude diversa, pois agirá em plano mais modesto de recursos.

A consciência do estado de saúde mental é noção nova para muitas pessoas, mas poderá despertar nos bancos escolares, ao lado dos conceitos de higiene geral e de saúde física. Educadores, psicólogos, assistentes sociais e médicos têm possibilidade de ministrar ensinamentos de psicologia elementar, numa tentativa de educação emocional, em escolas, agremiações e empresas. Informação sistemática, orientada por técnicos científicos, através da imprensa, do cinema, de emissoras de televisão e rádio, cala fundo no espírito do público. A comunicação de massa influencia poderosamente crianças, adolescentes e adultos, cuja cultura está sendo facilmente estandardizada.

Os dados comparativos mais seguros para se avaliar a saúde mental da comunidade são o suicídio e o alcoolismo. O homicídio é menos expressivo, enquanto o pauperismo tem sido pouco estudado. Países prósperos têm índices de suicídio e etilismo mais elevados do que países de menores recursos econômicos, o que leva à conclusão de que a riqueza material não contribui para a saúde mental. A natureza humana e a sociedade hodierna em conflito. Além de cuidar do desenvolvimento emocional do homem, é necessário que se procure adapta-lo às exigências da cultura industrial. As necessidades primárias de ar, comida, água, sono excreção, agressividade e contato sexual dizem respeito à sobrevivência e à perpetuação da espécie, porém os sentimentos especificamente humanos, que o levam a procurar o bem, a verdade e a beleza, fazem no transcender da condição animal e assumir uma atitude singular, de novas necessidades, de ordem cultural. Toda conquista que o homem vem fazendo na tecnologia reclama uma brusca adaptação e a manifestação de potencialidades. O equilíbrio emocional que não é estagnação, mas dinamismo, torna-se, por vezes, problemático e protesta por solução. Daí, a maior incidência de conflitos existenciais que se revestem de aspectos neuróticos, sociopáticos e até psicóticos. Exigências da atual sociedade industrial estão atuando no sentido de comprometer a saúde mental da comunidade. Onde buscar as causas desse sofrimento? Na automação, nas estruturas sócio-econômicas, nos regimes políticos ou nas correntes filosóficas e teorias psicológicas reinantes?

Função do Governo

Num programa preventivo de Saúde Mental, o Governo agirá, tanto no plano social como no individual, para atingir a comunidade e a pessoa humana. O processo de planejamento terá de surgir da política de saúde governamental, nos níveis federal, estadual e local a fim de alcançar a administração pública, com o objetivo de instituir assistência à população. No planejar, intervêm políticos, juristas, administradores, economistas sociólogos, sanitaristas, arquitetos, engenheiros, urbanistas e especialistas em saúde mental, bem como psiquiatras, psicólogo, assistentes sociais e enfermeiras.

Serão debatidos recursos econômicos, integração de diferentes serviços, estrutura dos sistemas central e local, distribuição das unidades de assistência, a interação do governo e da comunidade, centros comunitários, construção de hospitais centrais e regionais, com regime de permanência ou apenas dia ou noite, postos de saúde, enfermarias psiquiátricas em hospitais gerais, estabelecimentos médico-pedagógicos, lares adotivos, colônias rurais, oficinas de trabalho, clubes sociais, equipamento adequado para admissão, tratamento e reabilitação e, em particular, o funcionamento das unidades de saúde, com equipes psiquiátricas e demais agentes da saúde mental, ora profissionais, ora voluntários, vindos da comunidade. Tive a oportunidade de ver no país e no estrangeiro boas instalações que não funcionavam por falta de pessoal especializado e de verbas para a devida manutenção.

Meios de comunicação serão utilizados, com regularidade, para sensibilizar, educar e motivar a demanda de serviços psiquiátricos. Considere-se a difícil tarefa de modificar crenças e hábitos de populações ignorantes e receosas, e chegar a

dissuadi-lás a procurar e aceitar assistência que pouco compreendem. Há duras realidades históricas que governantes e líderes da comunidade não conseguem resolver: pobreza, desemprego, vadiagem, abandono de menores, bairros de malocas e outras manifestações de desajustamento.

A necessidade distribuir os modernos recursos de proteção e prevenção a coletividade exige a oficialização da Saúde Mental no papel e principalmente da ação. Um órgão estatal confere benefícios, porque existe um grande interesse econômico em garantir a saúde do povo.

Unidades de saúde serão distribuídas pelos Estados, obedecendo á orientação do órgão central, de função política, técnica, administrativa e educativa, refletindo as normas estabelecidas. A localização estará na dependência de diferentes fatores: população, situação geográfica, importância econômica, natureza do trabalho costumes e morbidade. As equipes de especialistas serão tão numerosas quanto o volume e a natureza do trabalho exigirem. O acento da atividade oficial recairá sobre o esclarecimento do público na solução dos problemas da saúde mental, no tratamento imediato dos casos e na higiene mental mantêm clínicas itinerantes que utilizam hospitais gerais como base de operações, junto à população. Sob a forma de psiquiatria comunitária, a organização estatal alcança o estágio mais avançado da evolução do atendimento psiquiátrico, pois somente o Governo dispõe de meios para reunir técnicos científicos, oficiais administrativos e demais auxiliares para dirigir o complexo funcionamento de um organismo sanitário especializado. Pessoal equipamento e suficiente suporte financeiro, no Brasil, podem apenas ser garantidos pelos canais oficiais, porque não dispomos de sólidas fundações sustentadas por entidades particulares.

Queixas do público sugerem uma revisão do discutido problema do auxílio á doença. As autarquias previdenciárias não dispõem de recursos para atender a demanda de assistência, particularmente nos casos agudos que não comportam espera. Consultas comuns e tratamentos são fixados em datas remotas, depois de muitas horas de expectativa, em longas e deprimentes filas. Pessoas humildes, mediante pequena remuneração, aguardam desde a noite, a ficha destinada a doentes que não estão em condição de suportar o duro sacrifício da espera ao relento, em pé ou sentados em portais. E um ofício surgiu da dor humana. As filas são expressão de alguma forma de carência e, seguramente, de uma perda inglória de tempo.

Participação da Comunidade

O público deve participar também dos programas de Saúde Mental, pois conta com estudiosos de assuntos humanos e líderes naturais de grupos que, por caminhos diversos, procuram o bem-estar da coletividade. Os meios de comunicação de massa, orientados de modo conveniente, estarão regularmente fornecendo informações que são assimiladas prontamente pelo povo que confia nas fontes emissoras. Esta ajuda será estimulada para que a comunidade participe conscientemente do bem geral, pois há pessoas que alimentam uma dependência filial do Estado, seja por não haverem atingido suficiente a maturidade para operar, seja por viverem em tais condições de miséria que tudo esperam e pedem.

No início do século, Clifford Beers promoveu um movimento que visava a melhorar a assistência psiquiátrica e proteger a saúde mental do público. Alcançou repercussão mundial e personagens ilustres como William James e Adolf Meyer, associações científicas e governos, aceitaram, desenvolveram e programaram as idéias do pioneiro da higiene mental que foi “um espírito que se encontrou a si mesmo”, Depois de uma odisséia vivida nos depósitos de doentes mentais do seu tempo. A higiene mental avançou em superfície e profundidade, chegando a noções de preservação, cuidados humanos e tratamentos racionais. Comitês e sociedades foram fundados, por iniciativa privada, em localidades norte-americanas e européias, e os preceitos e noções da nova disciplina penetraram na massa popular. Realizaram-se, a partir de 1939, congressos internacionais, com a participação de psiquiatras, psicólogos, educadores, assistentes sociais, enfermeiras, sociólogos e filantropos. Num memorável encontro em Londres, em 1948, foi fundada a Federação Mundial de Saúde Mental, cuja presidência, no biênio 1960-1961, coube a Antônio Carlos Pacheco e Silva.

No Brasil, com o impulso de Gustavo Riedel, instalou-se, em 1922, a liga Brasileira de Higiene Mental, sediada NO Rio de Janeiro. O movimento teve a participação de Juliano Moreira, Henrique Roxo e Aduino Botelho.

No Rio Grande do Sul, representou-se-a Raimundo Vianna. A liga não seguiu repercussão pública por haver permanecido na cúpula psiquiátrica.

Educadores, psicólogos e assistentes sociais foram autênticos pioneiros da higiene mental, no extremo sul, quando há mais trinta anos, iniciaram uma inteligente e eficaz obra, com a criação de pelotões escolares de saúde, círculos de pais e mestres, clube de mães e, muito especialmente, centros e serviços de pesquisas e orientação educacional. A fundação da Associação de Saúde Mental do Rio grande do sul, em 30 de junho de 1962, procurou preencher uma lacuna e congrega médicos, educadores, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiras, jornalistas, juristas, dirigentes de empresas e pessoas que tinham interesse na causa. As finalidades da Associação eram de ordem cultural, investigativa, filantrópica e assistencial. Houve boa receptividade do público e valiosas e repetidas adesões de entidades culturais e científicas. As primeiras promoções compreenderam concorridas palestras para o público, artigos na imprensa, falas em escolas, agremiações e empresas e esclarecimento de especialistas nas emissoras de rádio e televisão. Por dois anos, atividade foi intensa e trouxe interesse popular que foi além de nossa expectativa. Lamentavelmente o movimento esmoreceu, ficando reduzido a palestras esporádicas em faculdades de medicina, colégios e cooperação à Secretária de Segurança, em campanhas contra o uso de drogas tóxicas, mas duas psicólogas ilustres mantiveram-se fiéis ao espírito do movimento, Yeda Roesch da Silva e Jurema. Alcides Cunha que publicam, semanalmente, no Correio do povo, artigos instrutivos sobre o tema.

Atualmente, em um dos centros comunitários de Porto Alegre, com assistência médico-social, há participação ativa de voluntários, ao lado de técnicos em saúde mental, com bons resultados por se tratar de pessoas que vivem na comunidade que ajudam.

Assistência Psiquiátrica no Rio Grande do Sul

A história da assistência psiquiátrica, no Rio Grande do Sul, está ligada ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, inaugurado em 1984, tendo como primeiro diretor Carlos Lisboa, que fora interno do Hospício Pedro II, do Rio de Janeiro. O hospital surgiu como fundação mantida pelo Governo da província, pela Intendência Municipal e contribuição de filantropos. Teve vários diretores e reconheceu fases de relativa organização e outras de abandono que convertia o nosocômio em mero depósito de doentes. Em 1926, assumiu a direção Jacintho Godoy que transformou o estabelecimento-caserna, em obras sucessivas, num hospital tecnicamente eficiente, praticando-se a laborterapia e possuindo uma seção aberta, Serviço de Profilaxia Mental, instalação em 1938. Durante a gestão de Jacintho Godoy, que se prolongou até a década de 50, foram introduzidas as terapias biológicas e as inovações do tempo, e psiquiatras e outros especialistas estagiaram no estrangeiro para efeito de aperfeiçoamento e aquisição de equipamento moderno que não havia no País.

Nas direções subseqüentes, houve sempre dificuldades, por serem escassas as verbas de manutenção. Mas os técnicos científicos, as religiosas que serviam na enfermagem e na administração, bem como enfermeiros e enfermeiras leigos, foram pessoas responsáveis, competentes e atualizadas nos recursos terapêuticos que iam sendo introduzidos. A psiquiatria sul-riograndense foi altamente conceituada e, em diversas ocasiões, pioneira no aproveitamento de novas técnicas que beneficiavam a recuperação dos enfermos. As cátedras de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e da Faculdade Católica de Medicina funcionam em dependências do Hospital, recebendo total apoio de todas as direções. Universidades e Hospital foram aliados constantes e juntos sofreram os revezes da escassez de verbas, mantida por autoridades superiores que alegavam abertamente ser o doente mental irrecuperável, quando a estatística acusava recuperação igual à dos bons hospitais congêneres. Foi também pioneiro, no País, em dar a orientação da psiquiatria dinâmica, na assistência ao doente mental, sob o impulso de Mario Martins, Avelino Costa, David Zimmermann e Isaac Pechanski. Falo não só pelos 26 anos em que lá trabalhei, no convívio de colegas de excelente formação profissional, mas ainda fazendo uma avaliação do que observei nos serviços mais reputados da América do Norte e da Europa, onde tive o privilégio de estagiar.

Se a assistência ao doente mental sido, por vezes, pouco confortável e menos humana, não cabe responsabilidade ao médicos e seus auxiliares, mas à incompreensão universal de alguns governos de não proporcionar verbas suficientes para hospitais psiquiátricos, presídios e instituições para menores e velhos abandonados.

Os problemas básicos da Saúde Mental que exigem solução urgente são em maiores ou menores proporções, encontrados em países evoluídos e não evoluídos. Numa das mais ricas cidades da América, o estudo prático, de campo, em matéria de Saúde Pública, é feito em bairros pobres, e o que se presencia no que diz respeito á saúde física e mental é desolador. Existem recursos monetários para sanar os males, porém estes são desviados, paradoxalmente, em medidas de prevenção de vida de uns e de extermínio de outros, em guerras que políticos intelectualmente bem dotados, mas emocionalmente desequilibrados, arquitetam, em competições regressivas que trariam nascias a meninos normais.

Mas somente funcionários públicos e motoristas são suspeitos de enfermidades mentais e se submetem a exame.

No Rio Grande do Sul florescem hospitais gerais em todos os municípios e, nas cidades maiores, existem boas casas de saúde para doentes mentais. São realizados de comunidades e de particulares.

No decênio que se arrastou de 1950 a 1960, a verba orçamentária destinada à assistência aos enfermos mentais foi irrisória e os diretores encontraram barreiras intransponíveis para tirar mais da metade da população do Hospital São Pedro da condição sub-humana em que viveram. Tinham sido construídos cinco grandes pavilhões novos, mas não conseguiram equipamentos, pessoal e tampouco numerário para o funcionamento das novas unidades. Em 1960, despertou a consciência governamental para humanizar os serviços psiquiátricos oficiais. Uma equipe multidisciplinar de técnicos, trabalhando intensivamente, durante um mês, fez o levantamento das necessidades e, em quinze dias, foi votada a verba para cobrir os gastos indispensáveis. Decorridos seis meses, o hospital tomou uma feição atualizada, asseada e eficiente. O velho casarão foi parcialmente restaurado e onze pavilhões equipados com bom material, recebendo mil leitos novos. Foram criados novos serviços: Admissão, com plantão permanente, Postos de Enfermagem, Psiquiatria Infantil, Anatomopatologia, Chefia de Enfermagem, com enfermeiras de alto padrão, Nutrologia, Auditório, Biblioteca, alojamento para as religiosas confortáveis instalações para a Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, refeitório para os funcionários em serviço, cozinhar auxiliar, parque infantil, pórtico de ingresso ao hospital, com alojamento para a guarda militar e um novo e amplo Serviço de Higiene Mental, de acesso fácil ao público: Restauram-se, recebendo equipamento adequado: unidades de fisiologia, toxicomania, praxiterapia, eletroencefalografia, radiologia, cozinha, lavanderia, obras e conservação, olaria e câmara mortuária. A escassez de água datava de quarenta anos, foi resolvida com uma grande cisterna e uma nova adutora que distava 600 metros do hospital. Os médicos foram agraciados com gabinetes próprios, quando antes trabalhavam nas enfermarias, em número apreciável.

Com melhoria dos serviços e a existente orientação da psiquiatria dinâmica, surgiram mais equipes psiquiátricas completas, imprimindo-se em várias divisões a feição de comunidade terapêutica. Mensalmente, no Auditório, realizavam-se sessões para debates de problemas hospitalares e apresentação de trabalhos científicos.

O Departamento de Saúde mental, diretamente ligado à Secretaria de Estado, órgão pioneiro do País, fora criado por Celso Papaleo. Transferindo-se este para o Rio de Janeiro, passou a ser dirigido por José de Barros Falcão, que planejou a assistência psiquiátrica do Estado, com postos de saúde mental, clínicas e hospitais regionais. Durante sua gestão, este absorvido, com o diretor do Hospital São Pedro, nas obras de construção, adaptação e funcionamento dos novos pavilhões, mantendo o atendimento preventivo no Serviço de Higiene Mental que funcionava com eficiência junto do Hospital.

Nos governos sucessivos, ocuparam a direção do Departamento de Saúde Mental, Luiz Carlos Meneghini e Fernando Luiz Guedes que criaram postos de saúde mental em centros e postos de saúde pública, estabelecendo convênios com hospitais psiquiátricos do Interior. Atualmente, há vinte postos com

assistência psiquiátrica esparsos pelo Estado, e duas de comunidades terapêuticas especializadas, subsidiadas pela Secretaria de Saúde: o Centro Psiquiátrico Melanie Klein, no hospital São Pedro, chefiado por David Zimmermann, titular de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, assistindo o bairro Partenon e adjacências e o Centro Comunitário Médico-Social São José do Murialdo, dirigido por Ellis Busnello que mantém, desde 1966, serviço psiquiátrico, em moldes promissores, pois proporciona atendimento a uma comunidade de 30.000 pessoas, contando com psiquiatras, auxiliares de saúde e voluntários. Mantém cursos de treinamento e estágios, em diferentes níveis, visando à formação de médico de comunidade e auxiliares. Trata-se da primeira organização do Gênero no País, merecendo não só maior apoio oficial, como servindo de exemplo a ser seguido noutras localidades.

O acento dado à psiquiatria preventiva, em seus três estágios, desde 1960, e prosseguindo nas administrações posteriores, vem trazendo resultados expressivos, pois, nesses 15 anos, a população do Hospital São Pedro baixou de 4.500 para 3.000 pacientes, malgrado a maior demanda de assistência. E a explicação está no atendimento precoce, na melhor ajuda ao doente internado, na expansão dos postos de saúde mental e nas modernas técnicas terapêuticas.

Prevenção Primária

No primeiro estágio, a prevenção visa a preservar a saúde mental da comunidade, afastando ou reduzindo os fatores determinantes ou desencadeadores da doença. Os programas baseiam-se em introduzir idéias e condições salutaras e combater forças malsãs e antinaturais que agem sobre a comunidade e o indivíduo, dentro de planos ordenados e com objetivos definidos.

Os seres humanos manifestam crises vivenciais, quando enfrentam problemas de modo inadequado e quando a pressão que eles exercem for intensa ou demorada. Se as crises ocorrem no curso do desenvolvimento da personalidade, podem trazer alterações graves e duradouras, porém as que sucedem mais tarde também afetam seriamente. Essas crises existenciais são geralmente superadas por mecanismos psicológicos equilibradores que defendem da ansiedade, do medo, da vergonha e da culpa. A capacidade ou dificuldade de contornar a situação depende da fortaleza da personalidade ao enfrentar as adversidades, vale dizer, suportar frustrações. Fatores precipitantes, ora estão relacionados com vivências penosas do passado, ora com situações atuais insuportáveis. O indivíduo carece, nessas ocasiões, de ajuda dos familiares, dos amigos e da comunidade, e esta será valiosa porque ele está desamparado, mas sensível a influências afetivas, asseguradoras.

Os agentes da saúde mental procuram proporcionar bem-estar, saúde e educação à comunidade, modificando sistemas operativos, sociais e políticos, e para tanto oferecem sugestões a legisladores, administradores e líderes naturais. Gerald Caplan, responsável pelo Programa de Saúde Mental da Comunidade, da Universidade de Harvard, apresenta três modalidades de contribuição que se pode dar ao público: física, psicossocial e sociocultural. Contribuições físicas são fornecidas ao controlar condições de alimentação, higiene e poluição dos bairros; ao conceder situações salutaras na gravidez e primeira infância; ao reduzir

privações materiais e habitacionais e ao melhorar condições de trabalho e recreação. Contribuições psicossociais dizem respeito à assistência nas relações familiares; à integridade do lar; ao trabalho das grávidas, crianças e enfermos; à educação dos pais; aos cuidados da infância e adolescência e ao amparo dos velhos, para que possam viver junto dos familiares. Como contribuições socioculturais, entende que velhos capazes devem trabalhar, ser defendidos do isolamento e protegidos pela previdência social; que crianças, e jovens tenham um sistema educacional adequado; que líderes da comunidade, educadores e especialistas em saúde mental esclareçam as autoridades; que se combata o desemprego e organize o lazer; que os psicólogos sejam ouvidos nas empresas e que a

administração pública e a política intervenham mais ativamente na demanda, adequação, relacionamento e aproveitamento do trabalho.

Nas crises inevitáveis, procurar-se-á ajustamento, registrando circunstâncias perigosas mais freqüentes em maternidades, hospitais, creches, tribunais, escolas, empresas, órgãos de previdência social, mortes e modificações urbanas. Caplan vai mais longe, estabelecendo assistência de especialistas em saúde mental, junto a indivíduos e grupos, com ajuda material, afetiva e social. Nessa ação pessoal destaca a importância do esclarecimento sobre pais e filhos, sobretudo mãe e filho, e, nas crises, o agente de saúde discute com a família, amigos e profissionais sobre doenças, morte, desemprego, problemas conjugais e dificuldades escolares e sociais. Recomenda apoio psicológico, orienta e facilita consulta e tratamento psicológicos.

Prevenção Secundária

Versando este livro sobre educação em saúde mental, o interesse estaria voltado para esclarecimentos, recomendações e práticas de conservação de saúde e prevenção de distúrbios psíquicos, mas devemos também considerar a prevenção secundária que cuida da abreviação do tratamento e das medidas que devem segui-lo e, ainda, a prevenção terciária que gira em torno da reabilitação do enfermo que permanece com defeito mental. Nos três estágios preventivos encontramos elementos que beneficiam a pessoa, a família e a sociedade.

Para abreviar o tratamento, o diagnóstico precoce e a eficiência terapêutica estarão ao alcance da comunidade. A rede social alerta os suspeitos de doença e proporciona facilidade de acesso aos consultórios. Através dos meios de comunicação, entidades especializadas dão informações sobre os primeiros sintomas de distúrbio psíquico. Serviços de relações humanas promovem o acesso imediato a postos de saúde mental, onde funciona a equipe psiquiátrica. O problema está no pronto atendimento, pois adiar a consulta ou remeter o paciente para outro serviço é desperdiçar tempo. A intervenção de agentes sociais poderá modificar favoravelmente o meio familiar e social, na demanda de assistência, se forem afastadas as tradicionais dificuldades de admissão em serviços psiquiátricos. Escolas, instituições militares e empresas podem cooperar, por contarem com pessoas cultas que encaminharão os suspeitos de doença. Na admissão, para observação e tratamento, cuidar-se-á que fiquem na comunidade em que vivem, recorrendo a hospitais dia ou noite ou hospitais próximos da

residência. O tratamento será logo iniciado, com os recursos disponíveis e de mais pronto efeito, como sejam psicofármacos, eletrochoque, psicoterapia de apoio ou grupo e técnicas sociais. Na assistência comunitária, não se cogita da orientação de "escolas psiquiátricas", mas da rapidez dos resultados terapêuticos. A psicoterapia é praticada em níveis modestos, pois o que importa é o retomo breve do paciente à família e ao trabalho.

Prevenção Terciária

O intento, no estágio terciário, é diminuir o defeito mental que pode ocorrer após tratamento de afecções mentais graves, pois a falha afetará o convívio familiar e social e o desempenho no trabalho. Programas de reabilitação serão executados com a finalidade de atenuar a seqüela ou ajustar o indivíduo deficitário ao ambiente. Cogita-se da reabilitação, ao formular o diagnóstico e durante e depois do tratamento. Assistentes sociais têm a missão de preparar a comunidade para a aceitação do egresso do hospital. A interrupção das relações do paciente com a família, a sociedade e o ambiente profissional, trará dificuldades de reintegração. No período do tratamento, o hospital, através dos diferentes profissionais da saúde mental, manterá comunicação com a família e a comunidade para combater o hospitalismo, isto é, o embotamento afetivo do paciente e conseqüente isolamento. Na comunidade terapêutica de Maxwell Jones é incentivado o relacionamento dentro e fora do hospital. A terapêutica ocupacional ampliou-se num complexo sistema de técnicas sociais que incluem artes plásticas, música, cinema, teatro, jogos e esportes. Clubes sociais psiquiátricos servem de transição do hospital para a sociedade. Assistentes sociais e psicólogos fazem acordo com firmas locais e pessoas que necessitam de empregados, assumindo responsabilidade de contornar embaraços.

Em casos crônicos, os enfermos ficarão em hospitais, colônias e lares adotivos, de preferência em zonas rurais, sendo medicados com psicofármacos que melhoram a conduta. Faz-se periodicamente a revisão dos egressos a fim de manter a reabilitação exterior, contando com a ajuda de assistentes sociais e enfermeiras visitantes.

Psiquiatria Comunitária

A psiquiatria preventiva tem como objetivo tanto a saúde como a doença em todas as idades e classes, e encontra sua maior expressão na psiquiatria da comunidade. Nesta modalidade, o auxílio é dispensado ao público em centros comunitários, contando com postos de saúde, ambulatórios e pequenos hospitais, em serviços diurnos e noturnos, de pronto atendimento. Médicos gerais e enfermeiras devem saber manejar, inicialmente, crises neuróticas e psicóticas, e agentes comunitários, não profissionais, também necessitam receber instrução com vistas à saúde mental. Em consultórios menores, um perito, assessorado por voluntários, presta boa ajuda, num atendimento urgente.

Evolução da Assistência Psiquiátrica

Quando Pinel rompeu os grilhões dos insanos, considerando-os doentes mentais, a assistência psiquiátrica deu o primeiro passo decisivo, e foi compreendido no mundo civilizado. Chiaruggi, Tuke e Dorotea Dix bateram-se e conseguiram que se desse tratamento humano aos alienados, mas o movimento de redenção, neste sentido, tomou vulto com a iniciativa de Clifford Beers que sensibilizou a elite e o homem comum. A Higiene Mental tomou foros de disciplina científica e as masmorras converteram-se em simulacros de hospital. Hermann Simon, com a laborterapia, tirou o doente mental do alheamento e do embrutecimento, vindos do abandono, introduzindo o trabalho e a recreação, o que modificou o aspecto asilar dos estabelecimentos existentes. O empirismo do passado foi substituído pela especulação científica de Emil Kraepelin, sendo feitos estudos intensivos sobre as causas das doenças psíquicas que passaram a ser consideradas ora como orgânicas, ora como funcionais, endógenas. Foi um considerável progresso, pois a descrição de quadros clínicos e a classificação das doenças mentais pôs ordem no caos psiquiátrico. Dupré e Morel trouxeram rica contribuição. Mas a compreensão dessas enfermidades tornou-se possível com a penetração psicológica de Freud que, abordando o aspecto instintivo-afetivo da natureza humana, instaurou a psicologia profunda que destacou as múltiplas facetas da personalidade. Explorando a intimidade da alma e interpretando seus mecanismos e dinamismos, Freud chegou à causalidade dos distúrbios psíquicos. As divergências da doutrina freudiana enriqueceram mais o conhecimento do psiquismo do homem. A incursão da Psicanálise noutras, ciências trouxe luzes sobre as tradições culturais e sobre os fatos sociais. Constituição e ambiente começaram a disputar a primazia entre os fatores etiológicos. Psiquiatras, psicólogos, antropólogos, sociólogos e biólogos, desde então, contribuíram com novos e valiosos elementos para a compreensão do homem e da sociedade. A psiquiatria, assimilando a psicanálise, tomou o rumo da psiquiatria dinâmica.

Tornaram-se objeto de estudo e de minuciosas pesquisas o crescimento e o desenvolvimento da criança e do adolescente, a interação de pais e filhos, a importância da maternidade, a relevância da constelação familiar, o relacionamento interpessoal e as modificações das estruturas sociais e dos valores tradicionais. Surgiram novas teorias e técnicas que foram debatidas, propagadas e aplicadas.

Os hospitais convertem-se em comunidades terapêuticas, onde os pacientes cooperam com os técnicos científicos. A psicoterapia, um luxo de elites, desdobrou-se em práticas acessíveis a grupos e famílias, em ambulatórios, hospitais dia ou noite, em serviços abertos ao público. Nos hospitais psiquiátricos, os pacientes beneficiaram-se com terapêutica ocupacional, recreação, tratamentos químicos e biológicos específicos, psicoterapia, e maior liberdade. Equipes especializadas discutem não só o tratamento dos pacientes, como o aspecto social e administrativo do hospital.

O ensino de psiquiatria até há pouco considerado secundário, apenas disciplina de frequência, passou a figurar, nas universidades, em dois ou três ciclos letivos, abordando a importância do psiquismo nas outras especialidades. A pós-graduação tornou-se exigência para o exercício da clínica psiquiátrica e, em grandes centros médicos, instalaram-se serviços de pesquisa, com boas dotações orçamentárias e profissionais trabalhando em tempo integral.

Todos esses fatores resultaram em melhor assistência ao enfermo, com bons resultados terapêuticos e altas precoces, pois a eficiência e a tranqüilidade nos hospitais instalou-se depois que as crises psicóticas começaram a ser debeladas com as modernas medicações que o tornaram acessível às técnicas psicológicas e sociais indispensáveis.

Quando iniciei minha atividade psiquiátrica, no Hospital São Pedro, em 1938, a agitação e a ansiedade dos pacientes era combatida com doses elevadas de barbitúricos, enfaixamento e banhos mornos prolongados, de resultados precários. Vi doentes morrerem de exaustão física, não por falta de assistência, mas por ineficácia terapêutica, e também vi enfermeiros e enfermeiras adoecerem mentalmente, perturbados pelas longas vigílias e o esforço de conter, horas e dias, enfermos agitados ou com idéias de suicídio. Hoje, um hospital psiquiátrico bem organizado tem a tranqüilidade de um hospital comum, pois o paciente inicia o tratamento de imediato e permanece calmo e, não raro, lúcido a ponto de aceitar a entrevista médica e relacionamento amigável com enfermeiros e pacientes.

O temível hospital superlotado cedeu lugar ao hospital lotado ou tendo vagas. Doentes crônicos, amparados por tratamento regular, deixam os hospitais para integrar-se no lar, na escola, no trabalho e na sociedade. Dez anos atrás, numa universidade local, em dia de exame vestibular, encontrei duas moças que tinham sido "doentes crônicas" do Hospital São Pedro. Foram aprovadas, formaram-se, e exercem a profissão que escolheram. Em serviços psiquiátricos modernos, o ambiente é agradável e oferece mais calor humano que um disciplinado e frio hospital de cirurgia. Existem clínicas de doentes mentais que lembram clubes sociais com salas de estar bem decoradas, cantinas, salas de recreação, bibliotecas, cabeleireiros, belos jardins, quadras de esportes e refeitórios comuns aos profissionais e pacientes.

Médicos e missionários, seguindo o exemplo de Albert Schweitzer, estão colhendo frutos da experiência corajosa do teólogo-médico. Decidiram sumeter-se às exigências culturais dos nativos africanos que não abandonam seus doentes, permitindo que os familiares acampem junto dos hospitais para consolar, alimentar e fazer a higiene corporal do enfermo. São instruídos sobre o regulamento tolerante do hospital, a maneira de atender o doente e a qualidade do alimento que podem dar. O resultado tem sido surpreendente, pois os hospitais economizam alimentos atendentes e serventes, além de contar com auxílio voluntário e decidido. Em alguns hospitais de países evoluídos, cogita-se "africanizar" serviços clínicos, tais são os benefícios materiais e afetivos que vêm da participação espontânea da família do enfermo.

Não se tem pensado suficientemente sobre o drama que vivem doentes e familiares, no momento da hospitalização: uns padecem com o isolamento afetivo e outros sofrem com sentimentos de abandono, rechaço e culpa, impostos por normas hospitalares severas e impessoais. Quando o paciente vai para a unidade de tratamento intensivo, em estado grave, a angústia aumenta com o afastamento das pessoas amadas, justamente na ocasião em que a presença delas dá serenidade e ânimo para enfrentar o sofrimento. Se pessoas humildes, de cultura primária, cooperam com técnicos altamente especializados, por que não tentar moldes de assistência hospitalar mais adequados aos sentimentos humanos?

Médicos e enfermeiras alimentam rituais esotéricos, em nome da ordem, da assepsia e do respeito à instituição e isso é interpretado como distanciamento e impiedade. O rigor profissional, por vezes, atende mais a racionalizações de conveniência própria do que a medidas realmente necessárias. Todo hospital tem seu regulamento interno e sua disciplina, mas estas não devem ser do estilo carcerário.

Se a Saúde Mental segue as pegadas da Saúde Pública, sensibilizando as populações para protegê-las de enfermidades físicas, é recomendável e favorável, na recuperação dos doentes físicos, que se ensaiem e empreguem técnicas psicológicas nos hospitais gerais. Empresas industriais utilizam psicólogos para melhorar o relacionamento de empregadores e empregados, conseguindo maior produção e evitando dissídios desagradáveis que prejudicam a todos.

Sobre Educação em Saúde Mental

A assistência ao enfermo mental destaca a ação realizadora dos agentes da saúde em todos os planos da prevenção, mas penso que não se tem acentuado o papel primacial da educação da comunidade no sentido da prevenção, que visa a conservar a saúde da mente e evitar as doenças. 1. D. Griffin acredita que os programas de higiene física e imunização funcionam bem, simplesmente porque o público é alertado e alarmado. Há reação quando se provoca um envolvimento pessoal profundo ou quando há identificação com problemas individuais, institucionais ou situações sociais. E por que não sensibilizar a população com vistas à saúde mental, fonte de tranqüilidade interior e exterior?

A Federação Mundial de Saúde Mental desde 1960 vem encarecendo a importância da educação para a saúde mental e este foi o tema central do Congresso de Londres, de 1968, quando se comemorava o vigésimo aniversário da fundação da entidade. Conferências e debates versaram sobre ensinamentos para preservar a integridade da mente, dar noções sobre o desenvolvimento da personalidade e permitir o reconhecimento das manifestações iniciais dos distúrbios psíquicos. O lema do congresso era expressivo: *Keys to Progress Mental Health Education*. Uma sociedade que amparava crianças pobres de Londres aproveitou a oportunidade para fazer um apelo dramático: *A community which cares about mental health does not leave a quarter of a million children below the poverty line. Help to make Britain a earning community by supporting the Child Poverty Action Group*.

Houve repercussão mundial das conclusões e recomendações que foram seguidas da publicação de uma coletânea de artigos magistras, intitulado *Progress in Mental Health*. E a Federação continuou a tarefa de propaganda, através de boletins que são enviados regularmente aos seus membros, em todos os continentes, porém o eco da repercussão foi abafando e poucos países põem em prática conhecimentos capazes de beneficiar comunidades conturbadas desta era de conquistas científicas e tecnológicas que se instalou, orgulhosamente, neste século.

A educação recomendada atingiria professores de escolas médicas, sanitaristas, educadores de saúde pública, professores de escolas primárias e secundárias, psicólogos da educação, assistentes sociais, administradores de escolas e

hospitais, clérigos e voluntários, para alcançar os escolares na fase de formação. Na Universidade de Berkeley, Califórnia, há cursos facultativos que compreendem psicologia educacional, desenvolvimento da criança e higiene mental, acessíveis a professores de colégios e universitários, Em Harvard, o Curso de Crescimento e Desenvolvimento é mais extenso e profundo e dá noções sobre o indivíduo normal, embiologia, genética, conduta normal, funcionamento psicológico, gênese dos mecanismos psíquicos anormais e fatores físicos e sociais perturbadores. Médicos e profissionais afins, com voluntários leigos, fundaram, nos Estados Unidos, a sociedade dos Educadores da Saúde Pública que trabalham nas cidades, na zona rural, em escolas, lares e empresas.

O Instituto da UNESCO para a Educação, com sede em Hamburgo, publicou, em 1964, um opúsculo intitulado "Educação para a Saúde, o Sexo e a Vida Familiar", organizado por 28 autoridades em saúde, educação e sociologia. Está em prática em países da Europa e Norte América, entre jovens de 14 a 16 anos, em programas de 80 a 160 horas. Educar, dizem os autores, não é só ensinar, mas, essencialmente, viver e adquirir experiência, e sugerem que se prepare o ser humano com noções físicas, psicológicas e morais, empreendendo tarefas e contatos com o ambiente, tendo como objetivo enfrentar os problemas sociais. Planejam o currículo escolar, métodos de avaliação e a função do mestre, da escola e da comunidade. Quanto ao método, adiantam que se ensinem fatos e proporcionem o desenvolvimento de habilidades, capacidades e hábitos práticos, num mínimo de classes orais, pois são mais proveitosos meios modernos áudio-visuais, experiências humanas e animais, investigações, visitas a museus e prática de esportes. O programa é realizado em horas livres, com suficiente motivação recreacional. Os mestres são profissionais do magistério, membros regulares da escola, que tenham cursos especiais de saúde feitos periodicamente, e com o concurso de especialistas convidados para determinados assuntos. A comunidade participará com a cooperação de famílias, associações de pais e mestres, imprensa, televisão, rádio, filmes, organizações juvenis e Cruz Vermelha. Instruindo sobre saúde, em geral, são ministrados exercícios físicos, noções sobre nutrição, saúde da comunidade, doenças contagiosas, primeiros socorros, manejo e cuidado de veículos, conhecimento da evolução pessoal, relacionamento familiar, herança e ação dos meios físico e social. Com relação à saúde mental, há esclarecimentos sobre a aceitação da realidade, com disciplina, determinação e independência, bem como para a formação de atitudes desejáveis, desenvolvimento de espírito, crítico e de julgamentos de valor. São respeitadas crenças éticas e religiosas. A instrução é dirigida para que os alunos formulem uma filosofia de vida salutar. Dependendo do nível cultural da comunidade, são feitas adaptações nos programas, assinalando-se aspectos positivos e negativos da vida social, particularmente os riscos dos tóxicos. Literatura, artes, pesquisas, passeios, filmes e meios maciços de comunicação são manejados em acordo com as circunstâncias.

A educação sexual é incluída na biologia, higiene, psicologia e sociologia, e dada gradualmente, atendendo a perguntas e interesses manifestados. São consideradas as diferenças dos sexos, as relações entre rapazes e moças, a vida matrimonial, a maternidade, o papel de pais e filhos na família, o planejamento familiar, abordando as conseqüências do ato sexual, o controle do nascimento, o

uso de pílulas anticoncepcionais, o aborto e a esterilidade e, ainda, esclarecimentos sobre desvios sexuais e doenças, finalizando com preparo para o adequado aproveitamento do lazer. Organizam-se reuniões grupais, dentro e fora da escola, sessões de pais e alunos e entrevistas de orientação individual.

Admite-se que todas as famílias são unidades sociais simples, com um interesse comum e orientadas pelo pai que se relaciona com a mãe e os filhos. É acentuada a importância do exemplo dos pais que têm a obrigação de se instruir sobre a proteção, preservação e melhora no desenvolvimento da estrutura familiar. Proporcionar conhecimentos para a formação de hábitos, idéias, normas de conduta e atitudes construtivas nas inter-relações da família. Pratica-se a coeducação de pais e filhos, em reuniões com debates e demonstrações, utilizando técnicas sociais, como o psicodrama e o sociodrama. Tarefas domésticas, dificuldades econômicas, condições de trabalho e contatos sociais entram em discussão.

Não há dúvida que nos vinte anos de crescimento e desenvolvimento, encontra-se o período preferencial para a promoção da saúde mental, mas o Instituto de Hamburgo limita a instrução específica à adolescência e omite o aspecto emocional, cujo ensino é assimilado em etapas anteriores e valioso para o equilíbrio da personalidade em formação. Froebel, Montessori e Piaget destacaram e demonstraram a relevância da fase pré-escolar, entre 2 e 6 anos, quando o crescimento é rápido e o desenvolvimento pode ser dirigido. Na etapa de relativa latência biológica, meninos e meninas, já na escola, conservam a maleabilidade infantil, porém possuem pensamento conceitual, têm grande curiosidade e são ávidos de novos conhecimentos. É ocasião propícia para toda sorte de aprendizado. A adolescência, marcada por conflitos de socialização, de imitação cultural da própria geração, de aquisição de maior autonomia e confusão de valores, deve estar preparada com antecedência.

CAPÍTULO 16

Na cultura brasileira dada a vastidão territorial do País, variações topográficas, étnicas, sócio-culturais e religiosas emprestam à população de cada Estado características que fazem distinguir o carioca, o paulista, o mineiro, o baiano, o pernambucano, o cearense, o gaúcho; sub-culturas, cuja coesão política é garantida pelo sistema governamental. Outrora dominante, o catolicismo integrador vem cedendo lugar a outras crenças, entre as quais algumas associam a magia a práticas lúdicas, mais atraentes as pessoas crédulas ou incultas. A língua portuguesa modificou-se a tal ponto que a denominam, agora, língua nacional e esta, por sua vez, está dividida de regionalismos de norte a sul. Hábitos, costumes, tradições e folclore guardam também diferenças locais que perduram malgrado os fáceis meios de comunicação social. Houve, no entanto, maior aproximação entre brasileiros das diversas regiões e dissipou-se o sentimento de surpresa e estranheza nos encontros pessoais de gente de outras plagas. Mas é no plano sócio-econômico que encontramos o maior número de dessemelhanças, pois, admitindo classes alta, média e baixa, teremos de aceitar na camada média

subdivisões considerando a diversidade das condições de vida. Acontece que existem, ainda, os desajustados, os panas, aqueles que vivem à margem da sociedade, pobres, flagelados pela fome, pela doença e pela ignorância. Constituem problema que desafia países não desenvolvidos ou em desenvolvimento. Menores abandonados, pedintes, enfermos físicos e mentais vadios simuladores, sociopatas e delinqüentes formam uma triste legião de indivíduos que se arrastam em situação sub-humana. Cada agrupamento tem sua própria Ideologia, porém há os que vivem em primarismo, no qual, existe apenas o interesse das necessidades vitais, que seguem mais as leis da natureza do que as ditadas pelo homem.

Vivem, assim, no século XX, populações fruindo a glória da ciência e da tecnologia, na supercivilização, ao lado de outras que permanecem no plano da selvageria ou da barbárie. Em passado remoto os homens, e mesmo hoje entre povos primitivos, tinham um vago sentimento telúrico da própria origem; confundiam-se com a mãe-terra e temiam as forças da natureza. Os ancestrais eram buscados em figuras totêmicas de vegetais e animais que simbolizavam o Clã, emblemas protetores. carismáticos, aos quais atribuíam obrigações, atendidas por tabus e rituais laudatórios. As idéias que alimentavam com relação ao ser e ao mundo seguiam um rumo terreno, geocêntrico. Mais tarde, com experiência e engenho, fabricaram instrumentos que lhes permitiram conquistar a natureza e assumiram atitudes arrogantes, acreditando descender de divindades ou refletir lampejos celestiais, As concepções tomaram a via do misticismo, do teocentrismo. Encontravam-se, todavia, na semi-obscuridade e os deuses eram respeitados, invocados e temidos.

Anseias de autonomia, afirmação e transcendência aumentavam e a crescente intelectualização levou-os à maior reflexão, a dobrar-se para o mundo interior e, aí, descobrir potencialidades e riquezas ilimitadas. Passaram a menosprezar li Natureza e afastar-se de Deus, e concepções de grandeza guindaram-nos ao vértice do Universo. A pobre Terra já não era o centro do mundo, pois, submissa, apenas seguia o padrão, o Sol. Deus, uma entidade paternal, distante, intocável, a quem se recorre inconscientemente, nos momentos de aflição, talvez exista, mas foge ao pragmatismo do estilo de vida atual. Poderoso, altamente civilizado, o homem encontrou o caminho do antropocentrismo nitzscheano. Surgiu a fantasia do super-homem, projetada na quadrinhologia das páginas infantis, bastante apreciada em todas as faixas etárias. Certa vez, visitando uma família ianque, num domingo, surpreendi pai e filhos menores, deitados no chão do living, disputando agressivamente as páginas ilustradas de estórias em quadrinhos dos massudos matutinos de Nova Iorque. O homo sapiens, no íntimo, abriga o homo ludens.

O homem atual encontra um número maior de satisfações que o do passado e tem novas necessidades que vêm das conquistas gratificantes da tecnologia. Em todas as sociedades hodiernas, a pessoa nutre sentimentos de auto-estima e autovalia que a levam a aspirar direitos de existência dignificante e condições de melhor nível de vida que devem ser assegurados como exigência de indiscutível prioridade.

A ideologia socialista, coibindo os abusos do velho capitalismo, deu nascimento à rigorosa legislação trabalhista e o operário, protegido pela lei, não pode ser

explorado pelo empregador, porém continua ressentido pela condição de inferioridade no trabalho humilde e pela distância da camada social refinada. O trabalhador tornou-se arrojado e reivindicador, por contar com a justiça do trabalho. As classes aproximam-se, mas nunca irão nivelar-se como pensava Karl Marx. Existindo igualdade de direitos e oportunidades, haverá concomitantemente dessemelhança nas pessoas, considerando a inteligência, a habilidade, a astúcia e a maneira de ser. Uma hipotética igualdade de classes é utopia, pois teria a duração de momentos: os mais capazes logo assumiriam a liderança, E real que a elevação de nível cultural trouxe, nos países evoluídos, uma dominância da classe média e menor desigualdade e isso ocorreu, sobretudo, em regime democrático. Entre nós, verifica-se o fenômeno da rápida transposição da classe baixa para a média, com o desejo de cultura que se apossou de jovens e adultos modestos, freqüentando cursos noturnos, compatíveis com trabalho remunerado. Aliás a consciência da dignidade pessoal, o desassombro e a combatividade dos que procuram afirmar-se, constituem, hoje, atitude universal. O espírito do tempo que vivemos desperta um novo humanismo, Auguste Etchverry diz que o humanismo, mais do que um estado de vida, é uma concepção, na qual o homem descobre em si um mundo de valores.

Não há um humanismo e sim humanismos que, historicamente, são qualificados de socrático, renascentista ou burguês, enquanto, no plano disciplinar de filosófico, literário ou científico. E, entre os mais modernos, existe uma série conflituosa, dos quais se destacam o existencialista, o marxista, o racionalista, o personalista e o cristão. Todos procuram acentuar, de diferentes ângulos, os valores do homem e sua posição no mundo, porém as idéias são aceitas em acordo com as afinidades ideológicas de cada um. Há, no entanto, um denominador comum, o reconhecimento da dignidade humana e de seus direitos inalienáveis, fundamentos da liberdade, da justiça e do bem-estar. Quando, em 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas adotou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, acabava de forjar um dos documentos mais belos e edificantes para a humanidade. Foi, fraternalmente, redigido por representantes de países em todos os graus de desenvolvimento, Recomendava-se que a declaração fosse divulgada urbe et orbe e em particular nas escolas, na ingênua intenção de esfriar a agressividade das crianças que já teriam atingido a idade da razão. E, paradoxalmente, esta mesma assembléia permitia que adultos continuassem se desrespeitando e massacrando em guerras e guerrilhas, em todos os recantos do mundo, Se partirmos do principio elementar de que o exemplo dos adultos é a melhor escola de moral para as crianças, a garotada deve ficar confusa, quando lê a nobre mensagem e as primeiras páginas de qualquer diário, noticiando que os pais de muitas crianças matam-se, com requintes de crueldade, por pedaços de terra.

A alta do padrão cultural e os fortes anseios libertários vêm dando ao homem um maior orgulho de si mesmo e a conseqüente valorização de seus dotes físicos e psíquicos. Retornou à prática ou à apreciação dos esportes, como no apogeu do Império Romano, tanto que os lazeres atuais implicam, em grande parte, em atividades físicas de feição lúdica, Apesar do sensacionalismo que se faz com o droguismo dos jovens, a realidade é outra, a maioria não fuma e toma bebidas alcoólicas, apenas socialmente. Não necessitam de tóxicos para afirmar o

machismo, pois mulheres fumam e bebem, Preferem coca-cola. Um ensaio de amostragem entre universitários, para apurar traços da personalidade, revelou que a abstenção de drogas e a prática de esportes garantem boa saúde, mais compatível com o exercício da sexualidade, afetada, como sabem, pelos tóxicos. Investigações ,posteriores, em ampla escala, confirmaram a veracidade do ensaio. E de lamentar que algumas mulheres acreditam que emancipar-se significa igualar-se aos homens e, com isso, renunciam aos encantos da graça feminina; a dessemelhança sexual é evidente, por ser dotação genética, e persiste apesar dos artifícios.

Milênios de criatividade e trabalho induziram à tecnologia atual, trazendo bens valiosos, ao lado de superfluidades agradáveis, Os engenhos inventados são extensões do corpo humano: o automóvel proporciona maior velocidade que as botas das sete léguas, o avião dá asas que nos permitem realizar as façanhas de Ícaro, a televisão rasgou um horizonte sem limites para a vista e as ondas hertzianas do rádio permitem que os ouvidos escutem os sons que atravessam as esferas que envolvem a Terra. O progresso das ciências diminuiu a mortalidade infantil, atenuou o sofrimento e prolongou a vida, e a saúde passou a ser concebida em termos mais amplos, físicos, psíquicos e sociais. A Medicina, aproveitando a rica contribuição da ciência e da tecnologia, debelou inúmeras enfermidades que flagelaram os séculos passados e iniciou, com bastante êxito, a luta pela prevenção das enfermidades do corpo e da mente. A Higiene Mental tornou-se obsoleta e cedeu lugar à Saúde Mental que, aceitando a contribuição multidisciplinar de tudo que a servisse, alargou o âmbito de sua ação benfazeja. A medicina comunitária é uma realidade em marcha.

O humanismo também assumirá um aspecto dinâmico, passando a considerar a pessoa humana, em todas as suas facetas, com o objetivo de esclarecê-la para uma existência digna, que atenda a suas aspirações de saúde, trabalho adequado, lazer gratificante, liberdade, justiça e posição social. E qual dos humanismos contemporâneos atende melhor as esperanças do homem?

Humanismo Existencialista

A corrente existencialista entrou na história como reação ao racionalismo. Em nome de existência concreta, levanta-se o protesto contra o espírito sistemático. Pregando flexibilidade na vida individual, o existencialismo opõe-se à rigidez do racionalismo de Hegel. Características gerais que constituem a essência devem ser substituídas pela situação própria de cada um, que define a existência. O eu, por sua originalidade e subjetividade, foge à definição rigorosa. Toda filosofia é oriunda das circunstâncias da existência individual e se desenvolve em função de uma situação concreta.

No início do movimento existencialista, encontra-se Kierkegaard que frisa a importância da razão, ligada às essências, mas incapazes de penetrar no sentido da vida. Seguem-no Heidegger, Sartre e Camus, para os quais o homem, através de sua soberana liberdade, domina o universo e dirige a história. O homem aparta-se do determinismo da matéria e define-se pela sua situação na natureza. A consciência que o distingue do "ser-em-si", eleva-o à dignidade do "ser-por-si". A existência não designa o fato banal de ser, mas a intimidade que só ele sente.

As coisas limitam-se, apenas, a ser. No âmago do sistema estão idéias de negação. Nadaificar significa: "pôr de lado, abstrair, rodear o ser de uma manga de nada", Liberdade não é somente uma fatalidade que pesa, mas uma força ativa, independente, criadora de valores espirituais; liberdade condicionada ao nascer, ao morrer, ao trabalhar, ao agir.

Sartre distribui os homens em duas categorias, sabujos e trapaceiros.

Sabujos escoram-se em preconceitos: crentes, responsáveis, conformistas, de mentalidade burguesa, acreditam em valores intelectuais e morais; e trapaceiros, livres, desassombrados, os que detêm a real criatividade. Arremessados num mundo de forças em luta, padecem de abandono, náusea e desespero. Nada reforça tanto o sentimento de existência como a angústia, mas para a solidão nem o suicídio constitui um desfecho lógico, porque implica em consentimento. E abandonar a vida, com o pretexto de que ela é ininteligível, é aceitar o fracasso definitivo. Camus admite que a revolta vem da reflexão do homem, acerca de sua situação infeliz.

A mensagem do existencialismo visa a despertar ressonâncias profundas, através de apelos e angústias que respondem à inquietação natural do homem. Malgrado tanto niilismo, pretende captar as riquezas da existência total, pois aborda o estudo do eu profundo que as exigências da vida quotidiana sufocam sob o eu superficial. Opõe-se ao idealismo, porque o mundo não é constituído de puras necessidades lógicas, destacando o caráter original da existência humana, com sua subjetividade profunda. O mundo é um contra-senso, pois não tem qualquer significado, nem razão de ser. As preferências são subjetivas e comunicáveis, mas os juízos de valor correspondem a uma realidade objetiva, a respeito dos quais pode se realizar um acordo. Não se afirma que tudo seja ilusão, pois não se desqualifica um conhecimento, senão relativo a um ideal de verdade. O niilismo é mais desesperador do que a náusea.

Humanismo Marxista

O marxismo, inicialmente, era considerado um sistema de economia política. O Capital encerra uma teoria de valor, uma técnica econômica e uma concepção de luta de classes: um programa social e político. Lenine necessitava de uma teoria revolucionária para o movimento que pegava e desentranhou as obras filosóficas da juventude de Marx, nelas vislumbrando um ideologia farta de concepções sobre o homem, a sociedade, a história, a natureza e Deus. Surgindo como doutrina complexa, o marxismo abrangia antropologia, sociologia e metafísica. Marx, que se abeberara em Hegel, considerou-o obsoleto, passou a inspirar-se em Feuerbach, porém o atualizou em acordo com as próprias idéias. A dialética saltou do plano dos conceitos para o dos fatos e o antagonismo das idéias foi considerado a fonte do progresso e a alavanca da história. Em nível superior, o conflito prepara a conciliação. O Estado foi elevado à categoria de ente supremo e o materialismo especulativo de Feuerbach transformou-se em doutrina revolucionária. No materialismo dialético a matéria é autodinâmica e a natureza um todo coerente, onde os fenômenos estão interligados e as modificações quantitativas transformam-se em qualitativas. O marxismo apresenta-se como uma doutrina de luta criadora: "A evolução está no âmago da natureza e da

história". Com suas necessidades materiais, o homem é o verdadeiro autor da história. Mais que uma sujeição à natureza, o trabalho corresponde à necessidade de expansão. Fatores econômicos condicionam sentimentos, pensamentos e ações e promovem a evolução social. Modificações nos métodos de trabalho transformam a maneira de viver e as formas sociais e conseqüentemente, as superestruturas, como as leis, a moral e a religião que são produtos históricos e transitórios.

Todas as ideologias são repercussões de fenômenos econômicos na consciência. A religião é uma mistificação que despoja o homem de suas qualidades, em benefício de Deus, além de paralisar qualquer aspiração revolucionária. A propriedade privada traz a confiscação do trabalho, o domínio do dinheiro e a corrupção. A história é o relato das lutas entre as classes, senhores e escravos. Lenine dá ao comunismo o rumo utópico traçado por Marx e promete uma humanidade unificada, uma sociedade sem classes, numa total igualdade, mas como o povo é incapaz de realizar a transição revolucionária, o "Partido" assumirá a autoridade. Interesses comuns abolirão o desentendimento e a exploração mútua das nações, e do reino das necessidades a humanidade chegará ao reino da liberdade, que é o fruto amadurecido da evolução histórica.

O trabalho tornar-se-á um serviço social. Vítima de uma alienação passageira, o homem, herdeiro natural da evolução cósmica, atingirá pelo comunismo o triunfo definitivo da espécie, a completa felicidade. Mas para alcançar essa bem-aventurança, o Estado, durante o período revolucionário que é permanente, exercerá poder absoluto e a pessoa não gozará de autonomia a fim de beneficiar a coletividade. Nenhuma instituição poderá antepor-se ao Estado, detentor do direito, da política e da religião. Escola e meios de comunicação cuidarão de alertar o povo contra os abusos e injustiças do capitalismo que despertou o sentimento da revolução. Doutrinados no espírito salvador da comunidade fraternal, os homens alcançarão a perfeita ordem social.

Humanismo Racionalista

Brunschvig, uma das mais destacadas expressões do racionalismo contemporâneo, diz que o homem não se considera um fragmento do universo, um composto orgânico ou uma substância espiritual, porém se coloca na origem e no centro de todas as coisas, porque é sobretudo pensamento. Enquanto o empirismo tende a reduzir tudo à experiência, o racionalismo reivindica a feição inteligível do real e nossa aptidão para pensar. A alma humana, essencialmente espiritual, revela-se como constante criação de valores inteligíveis.

O progresso científico resulta do conflito entre o dado experimental e a razão criadora. Mais do que um centro de atividade biológica, o ser humano é um foco de criação que tem acesso ao reino universal do espírito. Adianta Brunschvig que todas as religiões terminam no agnosticismo, pois: "Querer realizar Deus é humanizar a divindade ou divinizar o homem; de qualquer modo, "negá-lo. Deus é o verbo interior, a unidade para onde convergem todas as conquistas da ciência, da arte e da moral."

A objetividade do conhecimento irrompe, no protesto, contra o oportunismo metafísico e o subjetivismo compromete o futuro do racionalismo. Recusa a Deus

existência concreta, negando-lhe a qualidade de pessoa. "Pessoa quer dizer afirmação em si", mas também irradiação da inteligência e do coração. Fonte de atividade intelectual e voluntária, a pessoa humana revela-se igualmente foco de sentimentos convergentes e irradiantes. O ideal consiste em dedicar-se aos outros e atingir a "cidade dos espíritos".

Personalismo

Outra expressão do humanismo que tem como ponto de partida a dúvida, a inquietude, prova de que todo pensamento e toda ação humanos têm sua fonte na liberdade espiritual. Destaca a autonomia do espírito e a necessidade de se combater o isolamento que leva ao solipsismo e ao individualismo. A preocupação central do personalismo é estabelecer a responsabilidade da pessoa humana e exprimir sua situação na natureza e na história. Tem como representantes ilustres Jean Lacroix e Emmanuel Mounier, cuja concepção inclina-se para o racionalismo e para o neo-socratismo de Gabriel Marcel, distanciando-se do existencialismo que desconhece a transcendência e o marxismo que subestima a importância do sujeito. "O personalismo", diz Mounier, "é um esforço para compreender e superar a crise do homem do século XX". As idéias deste autor o aproximam da visão do mundo, segundo Teilhard de Chardin.

Personalismo

Outra expressão do humanismo que tem como ponto de partida a dúvida, a inquietude, prova de que todo pensamento e toda ação humanos têm sua fonte na liberdade espiritual. Destaca a autonomia do espírito e a necessidade de se combater o isolamento que leva ao solipsismo e ao individualismo. A preocupação central do personalismo é estabelecer a responsabilidade da pessoa humana e exprimir sua situação na natureza e na história. Tem como representantes ilustres Jean Lacroix e Emmanuel Mounier, cuja concepção inclina-se para o racionalismo e para o neo-socratismo de Gabriel Marcel, distanciando-se do existencialismo que desconhece a transcendência e o marxismo que subestima a importância do sujeito. "O personalismo", diz Mounier, "é um esforço para compreender e superar a crise do homem do século XX". As idéias deste autor o aproximam da visão do mundo, segundo Teilhard de Chardin.

Humanismo Cristão

Na Antigüidade, o conceito da pessoa humana era quantitativo e ela se perdia na multidão, como uma célula do corpo social. Com o cristianismo, o homem adquire elementos qualitativos: alma espiritual e imortal. A dignidade do pagão vem da posição social e a do cristão vem da condição moral. A personalidade é um

privilégio do homem livre, no paganismo. Na religião de Cristo, todos são iguais, independentemente da classe, cultura ou raça e a dignidade e o valor humanos estão relacionados com as características ~a pessoa e, em particular, sua espiritualidade. Existe igualdade substancial e desigualdades acidentais, pois a comunidade dos homens comporta hierarquias que se manifestam na diferenciação dos seres humanos. Respeito e honras são transferidos das coisas e instituições sociais para as pessoas. Diz Jacques Maritain: "Uma pessoa é um universo de natureza espiritual, dotado de liberdade de escolha e constituindo um todo independente em face do mundo". O bem é suporte substancial do homem, enquanto o mal tem caráter superficial. Um ato é mau quando entra em choque contra a natureza. O mal não deve ser negado, nem aprovado, mas enfrentado para remediá-lo. Todos têm consciência do bem e do mal, mas a força do bem sobrepuja pela atração dos valores, amor, justiça, solidariedade. Nossos desejos e nossas atividades tendem para a perfeição. A moral cristã constitui mais "fonte de saúde do que remédio para a doença". E tão grande a autoridade da razão que o homem deve seguir sua orientação na vida prática. Um humanismo autêntico assentará sobre a verdade e o bem. Enquanto a maioria dos humanismos seja antropocêntrico, o cristão orienta-se para uma apreciação teocêntrica do universo.

Humanismo Psicanalítico

Cyro Martins, em *Perspectivas de um Humanismo Psicanalítico*, refere-se aos pontos de contato da psicologia profunda com a linha evolutiva do homem, no anseio de afirmação e preservação de sua individualidade consciente. Através da psicanálise, o homem pode chegar a controlar seus impulsos instintivos e atingir um melhor conhecimento de sua natureza daí um mais satisfatório relacionamento interpessoal, com possibilidades de reduzir suas tendências depredatórias. Neste sentido, a psicanálise trouxe útil contribuição ao humanismo científico. Cyro insurge~se contra os humanismos generosos e poéticos de outrora, porque não consideram o aspecto mau da alma humana, pois a exaltação das qualidades positivas, até agora, não trouxe resultados favoráveis para a humanidade. O destino tem raízes nas nossas pulsões. A psicanálise rejeita os moldes arcaicos da história, aplicando conhecimentos do psiquismo que poderão melhorar as relações humanas e teve o desassombro de revelar a torpeza da experiência passada. Permitiu ao homem conhecer a si mesmo e fazer uma tomada de consciência de sua agressividade. Nesta condição, poderá esforçar-se em desviá-la, com os mecanismos da reparação e sublimação. A psicanálise proporciona também uma visão mais completa do indivíduo, do grupo, das sociedades e das nações.

Não resta dúvida de que a doutrina freudiana, desmascarando o lado mau da natureza humana, melindrou as velhas tradições e foi, inicialmente, repelida, porém conquistou o lugar que lhe cabia entre as ciências humanas mercê do extenso e profundo conhecimento que trouxe do psiquismo. Um humanismo que inclua o fundamento instintivo-afetivo do ser humano é admissível e necessário, desde que se considerem as características boas que também integrem a personalidade. Refiro-me aos planos mais elevados dos sentimentos e juízos de

valor que fazem do homem uma criatura singular, consciente de sua soberania e capaz de refrear seus impulsos depredatórios

Buscando um Rumo

Os humanismos, através dos tempos, vêm refletindo o espírito das diversas épocas, destacando a excelência das qualidades do homem, ora o situando no centro do universo, ora o divinizando, ora o elevando ao vértice da natureza. Procura-se elevar o homem, sob um e outro aspecto, mas não como um todo, um composto de elementos bons e maus, de um curioso perfeccionismo, tanto dirigido para as coisas construtivas, como as destrutivas. Surgiram até humanismos, como o marxista, reação aos desmandos da revolução industrial que promete completo bem-estar e o dilui no anonimato da coletividade. Esta desconsideração com a pessoa está fora da conceituação do humanismo. Outro tanto poder-se-á dizer da concepção sartreana que faz do homem um projeto abandonado e ininteligível que desperta ecos angustiantes e o atira, nauseado, num mundo sem destino.

As filosofias têm desprezado os dramas da vida real e, atualmente, enfrentam problemas mais difíceis, pois devem considerar seriamente as novas responsabilidades do homem que vem alcançando poderes ilimitados, com os avanços temerários da ciência e da tecnologia.. Ele domina a natureza e a humanidade e pode destruí-las num momento, mas não chegou a esta insânia por medo do desconhecido ou por amor á vida terrena. Apesar de tantas contestações e violências, decide-se egoistamente pela sobrevivência, menosprezando, no entanto, a dos outros. Se valoriza tanto a própria dignidade, deveria investi-la também no próximo. Embora constituam minoria, deficitários de saúde mental, paranóicos, com idéias delirantes de governança, andam soltos e não são recolhidos para tratamento adequado. Autoridade e responsabilidade estão em crise, o que, psicologicamente, se traduz por falhas de formação moral no meio familiar e desenvolvimento emocional imaturo. A história mostra que o destino de muitos povos foi traçado por personalidades mórbidas que encontraram seguidores. Sabiamente, dizia Dupré: "Un sot trouve toujours un plus sot que l'admire".

Entendo que a psiquiatria, além de suas funções atuais, terá, no futuro, de ser auscultada, não somente na educação, como também na política dos povos. A sociedade contemporânea tem sido avaliada através de índices de alcoolismo, suicídio, delinqüência, prostituição, pobreza e hostilidade, e a sociologia das doenças mentais proporciona preciosas indicações sobre os desvios sociais.

Temos fartos exemplos de sociedades que foram moldadas, na ação pacífica ou hostil, em acordo com os ensinamentos dos adultos. Com os recursos atuais das ciências humanas, não é utopia cogitar-se de uma educação mais conveniente às crianças, bem como a tomada de medidas preventivas e curativas de males pessoais e sociais do mundo atual. A natureza do homem não mudou, desde o seu aparecimento na Terra, porém ele é eminentemente cultural e passível de boa aprendizagem. Árvores bem cultivadas produzem melhores frutos que as abandonadas ao acaso, às agressões do ambiente. Cultivar o ser humano é mais complexo, mas, em muitas atividades, ele faz um aprendizado tão rápido e

eficiente que desperta esperanças de ser motivado e educado, dentro de moldes mais construtivos.

O ensino é proporcionado em moldes amáveis, porém está exigindo maior vinculação entre mestres e alunos, participação mais ativa em trabalhos de pesquisa e variações suficientes para tirar o aspecto monótono de algumas disciplinas. As solicitações do lazer são constantes e trazem novas necessidades de satisfação. Os adolescentes querem viver intensamente, aproveitando prazeres e rejeitando responsabilidades. pois o curso da vida é rápido, tudo é transitório. Temem perder oportunidades de se divertir, pois logo virão os compromissos da idade adulta. Agem livremente, com aparente autonomia, mas conservam forte dependência parental, porque esta proporciona facilidades monetárias e dispensa obrigações de trabalho, sentido como atividade frustradora.

Intelectuais protestam contra o número de formandos nas universidades que, não dispendo de docentes e equipamento, produzirão maus profissionais e num excesso que irá além das exigências do País. Argumento válido quanto às deficiências escolares, mas não válido quanto à incompetência e a plethora, pois recém-formados vão para o Interior por muitas motivações, inclusive a experiência do Projeto Rondon. Mas há uma realidade a considerar: os programas de estudo são extensos, os estágios severos e as provas de rendimento rigorosas, e os rapazes deixam as faculdades com mais preparo do que no passado. Constituem uma elite, selecionada em vestibulares de alta competição. Encontrarão dificuldade na especialização e estas devem e podem ser contornadas,. porque as universidades particulares cobrarão anuidades capazes de mantê-las e as oficiais darão o conveniente suporte financeiro ou elevarão as taxas de matrícula. Em países de bom ensino superior, os cursos são caros e custeados pelos estudantes que trabalham ou recebem bolsas ou são amparados pelos pais. Uma de nossas universidades locais, de excelente reputação, é considerada dispendiosa e, no entanto, tem uma anuidade igual à mais modesta universidade norte-americana, e isso considerando a correção cambial. Professores competentes não faltam, apenas devem receber o melhor equipamento de ensino e ser remunerados na altura do cargo que exercem. A missão da universidade tomou um vulto maior do que previra Ortega y Gasset, pois o bem-estar da comunidade depende, cada vez mais, do estreitamento de relações entre Governo e Universidade.

Vinculado à criação artística, o artesanato laborioso e motivador foi substituído pela máquina e pela automação que, simplificando as tarefas, deram menor importância ao trabalho manual e intelectual. Livros, considerando o maior índice de alfabetização, são menos procurados, e a leitura dinâmica descarta a possibilidade da serena reflexão. A comunicação de massa beneficia a população em todas as camadas, porém vem nivelando a cultura num grau apenas satisfatório.

Foram repudiados valores tradicionais, alguns irracionais, hipócritas ou calcados em falso pudor que resistiram durante milênios, e substituídos por novos valores agradáveis, permissivos, mas não raro perigosos, fruto da ideologia industrial. As conquistas e modificações, em todos os planos da atividade humana, nesta fase construtiva e demolidora, são rápidas, pois o que acontecia em séculos, agora ocorre em anos, meses ou dias. E essa nova ordem foi criada pelos adultos que protestam contra os jovens, apressados em aproveitar tantas dádivas. Nações,

sociedades e famílias insurgem-se contra a liberalidade juvenil, com incompreensão e hostilidade e, como resposta, vem a contestação, a revolta, a omissão e a fuga. A criatura voltou-se contra o criador que não se prepara para efeitos imprevisíveis.

Nunca houve transformações de tantas estruturas, em tão pouco tempo e nossas sólidas instituições ficaram abaladas pelo impacto. Com a surpresa, veio o alarme, a crise e a reação. O aturdimento será seguido de um compasso de espera, de uma pausa para reflexão e, seguramente, da tarefa de restauração de equilíbrio, diferente do anterior, mas num plano mais elevado, quando soubermos aproveitar a riqueza de nossas conquistas.

Também as superestruturas foram abaladas. Moral e religião sofreram revezos. Não se desmantelaram, mas procuram restaurar-se em outros parâmetros que poderão ser bons, pois o homem possui uma instância espiritual perfeccionista.

Surgirá uma nova ética, ligada à existência humana, como disciplina normativa, e o dever tomará posição, porque as pessoas tendem naturalmente para a ordem social. É uma constante de todo processo evolutivo, a complexidade busca a organização.

Bem ou mal a consciência moral estrutura-se, buscando equilíbrio, harmonia e felicidade, bases das crenças religiosas que estabelecem mandamentos para reger a conduta ética do homem. Mandamentos que, devidamente considerados, constituem normas de saúde física, mental e social. Embora a maioria siga religiões monoteístas, aceitando a idéia de uma energia, um espírito superior, Deus, há os que se inclinam para místicas de substituição e aceitam cultos diversos: razão, liberdade, classe, raça, ciência e outros mais modestos, sincréticos, representados por uma associação de crenças de diferentes origens, mas ajustadas à subjetividade individual. Diz Malraux que há "uma paixão de homem que toma dentro de si o lugar que dava a Deus".

Se, em todos os tempos, o homem buscou a felicidade, este é o momento histórico em que ele poderá fruir os bens que a natureza lhe oferece e os instrumentos que o seu engenho concebeu para melhorar a existência. Mas somente alcançará sua grandeza original no exercício de suas responsabilidades. Afirmção pessoal, amor, liberdade individual, trabalho dignificante, lazer, saúde e criatividade, podem ser atingidos, se souber valorizar a própria dignidade e utilizar a fonte inesgotável de potencialidades que possui.



Tendo escrito um livro culturalmente bem situado, numa linguagem adequada, expondo pensamentos bem definidos dentro do possível nesta esfera, o psiquiatra rio-grandense acaba de prestar um serviço excelente ao nosso ensino médico, pois seu texto servirá, sem lugar a dúvidas, para dar aos estudantes de medicina uma visão da complexidade dos quadros mentais mórbidos como raramente se encontra e como não temos em língua portuguesa.

Cyro Martins